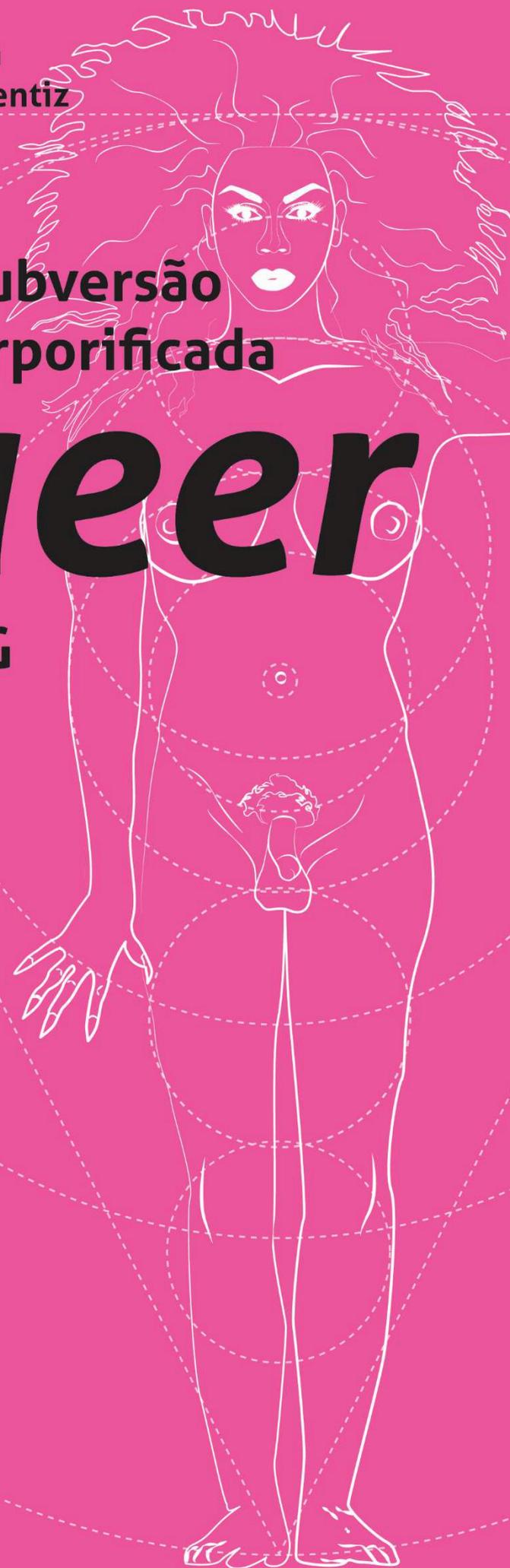


Cássio Henrique Naves Mota
Prof. Dr. Luiz Carlos de Laurentiz

Espaço urbano e subversão
pela existência corporificada

Queer

em Uberlândia/MG



Cássio Henrique Naves Mota

Espaço urbano e subversão pela existência corporificada
***Queer* em Uberlândia/MG.**

Área de Concentração: Cultura urbana na situação construída contemporânea

Linha de Pesquisa 1: Arquitetura e Cidade: teoria, história e conservação.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos de Laurentiz

Uberlândia

2019

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

M917 Mota, Cássio Henrique Naves, 1994-
2019 Espaço urbano e subversão pela existência corporificada Queer
em Uberlândia/MG [recurso eletrônico] / Cássio Henrique Naves
Mota. - 2019.

Orientador: Luiz Carlos de Laurentiz.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.2251>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Arquitetura. I. Laurentiz, Luiz Carlos de, 1956-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em
Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

CDU: 72

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Arquitetura e Urbanismo				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico PPGAU				
Data:	dezenove de setembro de 2019	Hora de início:	14:30	Hora de encerramento:	16:30
Matrícula do Discente:	11722ARQ004				
Nome do Discente:	Cássio Henrique Naves Mota				
Título do Trabalho:	Espaço Urbano e subversão pela existência corporificada <i>queer</i> em Uberlândia/MG				
Área de concentração:	Projeto, Espaço e Cultura				
Linha de pesquisa:	Arquitetura e cidade: teoria, história e conservação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Espaços da Cultura Urbana Contemporânea				

Reuniu-se na sala 300, do bloco 3 P - Reitoria, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, assim composta: Professores Doutores: Joseli Maria Silva - IFPB; Adriano Tomitão Canas - PPGAU/UFU e Luiz Carlos de Laurentiz - PPGAU/UFU orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Luiz Carlos de Laurentiz, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Adriano Tomitão Canas, Professor(a) do Magistério Superior**, em 20/09/2019, às 11:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cássio Henrique Naves Mota, Usuário Externo**, em 20/09/2019, às 12:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Joseli Maria Silva, Usuário Externo**, em 23/09/2019, às 18:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Carlos de Laurentiz, Professor(a) do Magistério Superior**, em 24/09/2019, às 13:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1469808** e o código CRC **D010D44E**.

**A quem existe e resiste na cidade,
esse trabalho é pra você**

Agradecimentos

Dois anos de trabalho nunca são construídos sozinho. Sem a ajuda e apoio de todos aqueles que passaram em minha vida e me marcaram de alguma forma, não teria conseguido chegar até esse resultado. Obrigado então meu mestre, companheiro de pesquisa e orientador Lu de Laurentiz, que deu um voto de confiança na minha loucura, me adotou e adotou minha pesquisa como sua e nesses anos de parceria se tornou um amigo além de inspiração. Agradeço também aos professores Adriano Canas e Joseli Silva por aceitarem participar e contribuírem zelosamente com o desenvolvimento da minha pesquisa e guiarem os caminhos subversivos a serem tomados.

Agradeço muito à minha família, meus pais Natal e Marluce por sempre acreditarem em mim, me apoiarem em minhas ideias e rumos de vida, por me aceitarem e celebrarem comigo o corpo dissidente que me deram. Obrigado também por serem minhas instituições de fomento por muito tempo, minha Capes, minha Fapemig. À minha irmã Carolina (Didite), pela paciência de aguentar meus desabafos, por ser sempre a primeira a torcer pelo meu sucesso e servir de inspiração para mim todos os dias. A meu namorado, companheiro e melhor amigo, Tiago (o Nê), que também é meu primeiro leitor, editor e ombro para as lamúrias e para as comemorações. Esse trabalho também é seu. Obrigado por me ajudar a enxergar todos os dias como nossos corpos importam e merecem ser felizes na cidade. Obrigado também à minha cunhada Carolina (Carolzinha) por estar sempre disposta a ouvir e interessada nos caminhos que eu tomo. Vocês são minhas maiores inspirações, muito obrigado pela paciência de me aguentarem “grávido” por esses dois anos.

Aos meus amigos e colegas que me encorajaram e ajudaram a achar os caminhos certos na vida acadêmica, Dani Monteiro, Gabriel Bordignon (Salgado), Gabriela Garcia (Gabi), Giovanna Merli (Gi), Guilherme Graciano (GG), Izabel Sousa (Bebel), Isabela Giorgiano (Isa), Priscila Neves (Pris), além de todos os meus colegas de turma do mestrado, em especial aos amigos da Linha 01. Agradeço também aos amigos de fora, que me ajudaram nas válvulas de escape para não surtar durante esse tempo. João Marcos, Bárbara Borges, Thiago Rodrigues Ricardo Saráchaga, Amanda Oliveira e todos os outros que não estão presentes aqui em nome, mas estão marcados em meu coração. Também a Guilherme Batista e Márton Carneiro, do Farândola, pela paciência e presteza que tiveram comigo, tirando um tempo para contribuir com minha pesquisa.

Por último, gostaria de agradecer a meus outros mestres, professores que ajudaram a achar os melhores trilhos pra escrita desse trabalho. São eles Ângela Aparecida Teles, Antônio Carlos Lopes Petean, Emerson Rasera, Helder Thiago Cordeiro Maia, Luciano Senna Peres Barbosa, Mônica Chaves Abdala, Jarbas Siqueira e Jeremias Brasileiro.

‘Só tem bicha na cidade?’

A cena aconteceu segunda passada, no Bob's do Largo do Machado. Um senhor se recusou a ser atendido por um funcionário transsexual. No que o gerente, gay, pôs as mãos na cintura e disse: "Homofobia é crime!". A polícia foi chamada e, para a surpresa do senhor, o PM também era homossexual. "Só tem bicha nessa cidade?", soltou. O homem acabou sendo levado à 10ª DP, em Botafogo, onde foi autuado por desacato à autoridade e crime de homofobia.

Fonte: SCARPA, G. 2014. Matéria do Jornal O Globo.

Resumo

Essa pesquisa tem como objetivo compreender o espaço urbano pela lógica subvertida pela experiência *queer* em Uberlândia/MG, especialmente as que se espacializam na centralidade da Praça do Rosário, no bairro Fundinho. A cidade em que vivemos hoje é produzida e planejada por elites que além de manter o poder econômico nas suas mãos, criam a partir de ideologias, normas a serem seguidas pelo resto da população para garantir que o controle seja efetivo e o poder mantido. Esses poderes são representados na maioria das vezes por homens ricos, brancos, heterossexuais e cisgêneros que se utilizam do discurso de neutralidade de ciências como arquitetura e urbanismo pra construir espaços de disciplina e vigilância dos corpos. A cidade brasileira é construída nessa lógica desde seus primeiros assentamentos, como é o caso de Uberlândia/MG, onde desde sua constituição como município lida com embates de apropriação espacial entre a elite e a parcela marginalizada das cidades. Minorias como negros e prostitutas sofrem com a produção de segregação das elites e como contravenção, se apropriam de espaços da cidade enquanto podem, para manifestarem suas necessidades, vontades e intenções culturais. O poder então tem traços de machismo, misoginia e patriarcalismo que reverberam na sociedade e produção espacial, a exemplo de corpos *queer*, que desde a colonização do Brasil sofreram com os mecanismos de controle criados para conter suas manifestações no espaço. Após a rebelião de Stonewall e surgimento das Paradas de Orgulho foi possível perceber o surgimento de novas espacialidades, que são aqui estudadas na contemporaneidade. Espaços como clubes, saunas, *dark rooms*, banheiros públicos são apropriados para a realização de sociabilidades dissidentes na centralidade de Uberlândia, especialmente por homens homossexuais, revelando como o consumo e poder hegemônico podem reverter a forma como os espaços são subvertidos. Espaços para corpos assumidamente *queer*, espaços de luta e união de corpos de diferentes naturezas para a marcha à igualdade e espaços sigilosos, anônimos, apropriados por grupos *queer* de acordo com lógicas estabelecidas entre seus participantes. A partir da análise espacial e registro etnográfico de algumas espacialidades na região ao redor da Praça do Rosário é possível perceber como o espaço, mesmo aquele subvertido, é predominantemente masculino e facilita dinâmicas para homens, independente da sexualidade. Isso denota a importância de estudar como essas apropriações surgem, quais são seus atores sociais para que assim possamos, como arquitetos e urbanistas, além de cidadãos, entender um pouco mais sobre como “cidades invisíveis” são construídas e devem ser preservadas.

Palavras-Chave: Espaço Público; Sexualidade; Gênero; *Queer*; Ocupação Espacial;

Abstract

This research has the meaning of comprehending urban space by the subverted logic of queer experiences in Uberlândia/MG, especially those that spatialized in Rosários square centrality, in Fundinho. The city that we live today is produced and planned by social elites that keep economic power in their hands and creates from ideologies, standards to be followed by the rest of the population to achieve that the control is effective and power is granted. These powers can be represented by rich, white, heterosexual, cisgender men that uses neutrality discourses in architecture to build discipline and surveillance spaces. The Brazilian city is built this way since its first settlements, like Uberlândia/MG, that since recognized as a city deals with spatial appropriation conflicts between marginalized communities and the elite. Minorities like black people and prostitutes suffer with the making of segregated spaces and fight back taking city spaces while they can to show their needs and cultural intentions. Power, then, has traces of misogyny and patriarchy that echoes on society and spatial production, taking example from queer bodies that since Brazil's colonization have suffered with control mechanisms created to restrain their spatial expressions. After the Stonewall riot and the first Pride Parades, it's possible to perceive the uprising of new queer spaces that are studied here nowadays. Spaces such as clubs, saunas, dark rooms, cruising spaces that are taken to perform dissidents sociabilities in Uberlândia's central area, especially by gay men, showing how consumption and the hegemonic power can reverse the way these spaces are subverted. Spaces to bodies *out of the closet*, made for fighting to equality or anonymous ones, appropriated by queer groups and their logic. By spatial analysis and ethnographic writing from some central spaces near Rosários square, it's possible to perceive that even those subverted spaces are mostly masculine and eases men dynamics, regardless the sexuality. This shows the importance of studying how these occupancies show up, who are their social actors, so that we could, as architects and citizens, understand a little more about how "invisible cities" are being built and must be preserved.

Keywords: Public Space; Sexuality; Gender; Queer; Spatial Occupancy;

Sumário

Notas Iniciais.....	16
1.1 Ode à Escada de Incêndio	16
1.2 Por que estudar o espaço urbano pelas subversões de corpos (e por que) <i>queer</i> ? 18	
1.3 Do corpo para a casa, da casa para a cidade e da cidade para o corpo: Desenvolvimento e Metodologia	25
Capítulo 1 - O espaço urbano para além das formas e funções: um registro de existências <i>queer</i> e subversão das normas em Uberlândia como no Brasil da colônia à contemporaneidade	32
1.1 A cidade contemporânea: caos, espetacularização e segregação.....	32
1.1.1 A constituição da cidade na construção de estruturas de poder.....	32
1.1.2 Da cidade para a casa: Corpos monitorados, ideologia e arquitetura	33
1.1.3 Da casa para a cidade: A extensão do corpo, os perigos da rua e a culturalização dos centros urbanos	38
1.1.4 Uberlândia: cidade de muitos, casa de alguns.....	41
1.1.5 A cidade e o centro: O corpo masculino e elitista e o corpo subversivo na produção e apropriação das centralidades	44
1.2 Boemia da jovem Uberabinha à senhora Uberlândia: Recortes de racismo e misoginia e seus rebatimentos no espaço urbano de 1940 a 1960	48
1.2.1 <i>As filhas de Eva, as mães de família</i> , seus maridos e os negros recém-libertos nos entornos da Praça do Rosário.....	48
1.2.2 O bordel, o cinema, a procissão e a caminhada boêmia: Manchas, pedaços, circuitos e heterotopias	52
1.2.3 Preconceito racial, misoginia, patriarcado: Estruturas que modificam a experiência urbana	55
1.3 Cidades brasileiras e corpos <i>queer</i> de 1500 até a década de 1970: Os lugares de relações subversivas em gênero, sexo e sexualidade no Brasil	57
1.3.1 O corpo <i>queer</i> da oca e da igreja: a liberdade sexual e de gênero, o pecado e o sigilo no Brasil colônia.....	57

1.3.2 A Moral Brasileira e o <i>cruising</i>	61
1.3.3 A prisão e o hospital: Desvios <i>queer</i> e seus espaços de contenção no Brasil pós golpe de 1964	63
1.3.4 Novos ares: O movimento homossexual/LGBT e os novos espaços de convívio <i>queer</i> depois da década de 1960	69
Capítulo 2 – Uberlândia e centralidades: a constituição da imagem <i>queer</i>	73
2.1 Armários da cidade: A diversidade de espacialidades <i>queer</i> e a reafirmação de masculinidades em ocupações do espaço público e estabelecimentos comerciais de Uberlândia	73
2.2 Armários fechados: Ambientes de anonimato e apropriações sexuais do espaço público uberlandense.....	77
2.3 Armários pretos em embalagens coloridas: Os clubes LGBT e a construção de uma imagem <i>queer</i>	86
2.4 Armários móveis: As paradas LGBT e seus circuitos	102
2.5 Armários ampliados e eletrônicos: internet e aplicativos sociais.....	107
Capítulo 3 - Ocupações <i>queer</i>, poder e as experiências de sujeitos dissidentes da hetero-cis- normatividade.	112
3.1 Arquitetura de/para pessoas <i>queer</i> : O registro etnográfico como metodologia de pesquisa em arquitetura, urbanismo e sociabilidades em sexo, sexualidade e gênero em Uberlândia	112
3.2 A munição de Tubal, o manto de Rosário: Uma viagem pelo folclore <i>queer</i> do centro de Uberlândia	120
3.3 Cidade de homens e país dos espelhos: Distopia/Heterotopia das saunas.	138
Considerações Intermediárias	147
Referências Bibliográficas	157
Apêndices	166
1.1 Entrevista Oral - Estúdio Farândola	166
1.2 Entrevista Escrita - Estúdio Farândola	168
1.3 Levantamento de Dados – Aplicativo <i>Grindr</i>	171

Notas Iniciais

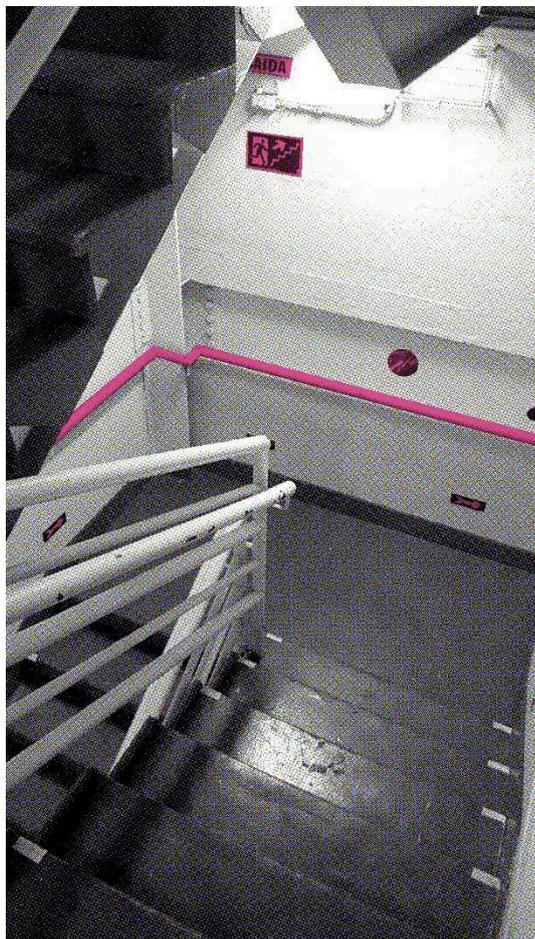
1.1 Ode à Escada de Incêndio

Figura 1: Corredor e acesso à escada de incêndio (Center Shopping)



Figura 2: Escadas de Incêndio (Center Shopping)

Fonte: Autor, 2019



Fonte: Autor, 2019

Tenho para mim que o contato com meu corpo foi percebido quase ao mesmo tempo em que eu me percebi em um espaço. Enquanto não havia ainda um corpo formado, havia minha primeira casa. O útero de minha mãe. Depois veio meu corpo, e depois minha casa, que antes era toda rosa, com os portões amarelos. Daí veio minha cidade, pacata e pequena, até então eu me mudar de novo. Primeiro, aprendi que eu existia. Depois, que existo em um corpo, e logo que existo também em algum lugar e por último, estou aprendendo que nosso corpo também é nosso lugar. De fala, de abrigo, de repulsa e subversão.

Me mudar para Uberlândia me ensinou muito isso. Minha quinta casa, depois do útero, do corpo, da casa rosa, e de Monte Carmelo. Uma casa grande demais, com moradores demais para alguém que veio de um lugar onde todos se conhecem. Às vezes dava medo, mas na maioria das vezes a possibilidade de conhecer minha casa nova me fazia ter vontade de explorar a outra, meu próprio corpo. Ir para lugares onde nunca havia ido, desacompanhado, tentando entender qual dali era meu lugar também, e qual era a casa do outro. Uberlândia é pra mim isso, o símbolo da casa que não te deixa sempre confortável, mas que te faz crescer e expandir os horizontes. Minha história com a cidade é um namoro longo, de infância, das viagens do fim de semana, primeiras vezes no cinema, em um *shopping center*, e também em uma praça lotada de gente. Primeira vez que comprei um livro só pra mim, primeira vez que viajei sozinho, primeiro beijo em um menino. Em um *shopping center*.

E foi aqui que essa pesquisa começou. Em Uberlândia, agora minha casa, no meu corpo, mas também no corpo daquele primeiro menino, dentro do *shopping*, nas escadas de incêndio depois de todos cheiros e vapores da praça de alimentação. Esse trabalho nada mais é que um “Ode à Escada de Incêndio”, à todas escadas de incêndio, a todos banheiros, becos e clubes que já permitiram a tantos corpos a liberdade de se subverter. De sentir que está sendo vigiado, julgado por quase todos os outros corpos, mas também de se sentir em casa, exatamente assim, naquele corpo. Uma poesia também para aqueles corpos que não se sentem em casa, que não conformam com suas paredes, que às pintam, demolem, reconstroem, restauram como os próprios arquitetos de suas moradas. Às esquinas, aos bordeis, aos parques mal iluminados.

Aos poucos então, fui perdendo a farsa que construí que estaria estudando o outro em seu espaço, dos fenômenos da cidade e da cultura urbana, sendo o pesquisador observador, uma imitação de antropólogo estranho no ninho. Passei a perceber como esse trabalho é tudo sobre mim e minha história. É resultado de um primeiro beijo, da minha identificação sexual e reconhecimento de gênero, do meu fazer cidade desde quando entrei na faculdade de Arquitetura e Urbanismo, pensando que iria aprender a fazer apenas casas bonitas para pessoas ricas. Foi construída também na minha primeira vez em uma boate, fora da lei, antes dos dezoito anos, da primeira vez que vi homens beijando homens, mulheres beijando mulheres, travestis trabalhando na rua e pessoas que

estavam no meio de muitos rótulos, ou rótulo nenhum. No meio disso uma formatura, alguns empregos, muitos outros corpos amigos, amantes, irmãos, noites de *drag*, afirmações do meu espectro masculino, dois (quase) assaltos, a transformação e polarização de um país em dois extremos irreconciliáveis e o triunfo de uma política que me exclui e inviabiliza toda letrinha digitada por entre esses espaços em branco. Esse trabalho é feito de medo. De morrer, de perder meus espaços, de ser inferiorizado. Mas é muito mais, e tem muita mais vontade de ser, resistência, afronta e visibilidade.

Visibilidade porque em muito tempo não enxerguei minha casa na cidade. Não percebi pessoas falando do meu lugar, compreendi que para muitos esses lugares não existiam nem importavam. E nessa vida, se não nos colocamos no nosso lugar, não somos enxergados. Nem eu, nem você, nem os outros. Esse trabalho também é meu pois não consigo me transportar para o corpo do outro. Porque apesar de ver, perceber e me empatizar, não consigo viver a dor de cada corpo. As dores que ser uma mulher me traz, as dores em ser trans, em ser negro, pobre, marginalizado, sem os privilégios que meu corpo carrega. É de um corpo de homem gay, branco, de classe média e com todos seus privilégios, e que se dispõe a entender o lugar dos outros corpos invisíveis na cidade, porque estudar a minha casa como meu corpo e minha cidade é estudar também a casa dos outros, de pessoas que se parecem comigo, e de outras que nem tanto. Que estão ficando sem casa, que estão tomando a casa dos outros para si. Quero entender e entrar em alguma dessas casas, e mostrar para arquitetos como eu sou, e como todos são de suas próprias casas, de seus corpos, que esses espaços existem sim e importam. Conseguir que outros entendam que esses outros corpos invisíveis também importam. Que mais escadas de incêndio sejam tomadas por pessoas *gays*, clubes e bares apropriados por lésbicas, parques e banheiros públicos subvertidos por bissexuais, das esquinas aos palcos iluminados por travestis ou *drags*. O que é casa, o que é armário e o que ainda infelizmente é caixão para as pessoas *queer* de Uberlândia. De forma mais sisuda e acadêmica, **o objetivo geral desse trabalho é compreender o espaço urbano subvertido pela experiência *queer* em Uberlândia/MG.**

1.2 Por que estudar o espaço urbano pelas subversões de corpos (e por que) *queer*?

Vivemos em uma cidade subjugada ao poder e ideologia construída em que as pessoas com maior privilégio financeiro, de gênero, sexualidade, raça e etnia, idade e demais condições do corpo dominam o mundo e transformam o espaço urbano para melhor atendê-los. Dessa forma, a segregação e as diferenças sociais são produzidas e espacializadas pois, segundo o geógrafo Flávio Villaça (2001), as elites necessitam da segregação para a manutenção de seu poder. A arquitetura e o urbanismo são disciplinas utilizadas como ferramentas de controle com eficiência pela elite, pois, segundo o historiador José Miguel García Cortés (2008), ao longo do tempo e com a modernidade

foram muito tratadas como ciências neutras e apolíticas, como se o espaço urbano fosse projetado atendendo a necessidade de todos cidadãos de uma forma igualitária. São instrumentos que ajudam a produzir instituições que domesticam os corpos, como as escolas, hospícios e prisões, e também produzem segregações por meio de processos como a gentrificação ou o próprio zoneamento urbano aliado à especulação imobiliária.

Perceber que o espaço construído não é neutro e ausente de significados, é perceber também que o mesmo é produzido em sua maioria por e para a hegemonia, ou seja, homens ricos, brancos, heterossexuais, cisgêneros e de poder. Ao analisar a evolução histórica de Uberlândia, seus loteamentos e os gestores da cidade, é possível traçar padrões que identifique como a cidade foi e ainda é desenhada de acordo com a necessidade de seus políticos, assim como de seus semelhantes.

Cidades como Uberlândia então, são construídas com *shopping centers* em megaestruturas, bairros planejados, condomínios fechados e outros tipos de projeto que evidenciam uma cidade “do espetáculo”, do fomento de uma indústria cultural vazia que toma o espaço de manifestações genuínas da cultura da cidade como as festas de Congado, o carnaval, as Paradas LGBT, o que a arquiteta e urbanista Paola Berenstein Jacques (2006) trata como um processo de “culturalização” das cidades. Se tornam espaços de acesso controlado a corpos específicos, da vigilância por meio de grandes painéis de vidro e câmeras de segurança, de estruturas que repelem e afastam seres indesejados como mendigos, prostitutas, camelôs e todos aqueles que resistem à sua privatização. O espaço público é território de conflitos, barganhas e convivência de pessoas diversas, o que faz a experiência na cidade mais rica e diversa.

Dessa forma, por mais que a cidade de hoje não seja feita em grande parte para esses indivíduos, são eles os principais a resistir à lógica e atribuir um outro significado aos espaços urbanos. Uberlândia desde o início de sua ocupação mantém uma relação complexa entre poder e subversões, pela apropriação da periferia da cidade pela população negra e posteriormente, com o surgimento de bordeis, no que hoje é a centralidade da Praça do Rosário, além da contraposição de poderes com a gentrificação espacial e criação de políticas que visam excluir o que não é programado pela elite espacialmente. É possível perceber então como ao mesmo tempo em que a hegemonia constrói estruturas que institucionalizam a misoginia, o machismo e o poder do patriarcado, as pessoas marginalizadas subvertem e se apropriam de *pedaços* e *manchas* no urbano, de acordo com as denominações do antropólogo José Guilherme C. Magnani (2005), para anular ou invisibilizar essa lógica por determinadas temporalidades.

A ideologia dominante também impões normas a serem seguidas em relação ao sexo, gênero e sexualidade das pessoas, do espaço da casa até chegar nas praças, parques, e banheiros das cidades. São das pessoas que subvertem essas normas no espaço urbano então que se refere esse trabalho, aqui reunidas e descritas por identidades “*Queer*”. A necessidade de estudar

sociabilidades *queer* que subvertem a lógica que o espaço é construído é a de visibilizar e entender a importância da construção espacial por pessoas marginalizadas e não compreendidas em projeto dos espaços públicos e coletivos de nossas cidades.

O teórico cultural Stuart Hall (2006), que investiga a construção de identidades depois do mundo moderno, afirma que uma série de mudanças estruturais na sociedade estão fragmentando as paisagens culturais de gênero, sexualidade, raça, etnia, classe e nacionalidade. Antes de evoluções tecnológicas, revoluções industriais e o surgimento da modernidade, as identidades das pessoas eram construídas de forma concreta e estanque, enquanto no mundo de hoje o reconhecimento de “si próprio” tende a mudar de uma forma estável, produzindo o que ele chama de “descentração do sujeito”. Esse câmbio de identidades afeta diretamente como é possível enxergar comportamentos sexuais e de gênero performados por pessoas de diferentes planos de fundo ao redor de todo o mundo. No passo em que mais identidades são em parte reconhecidas para a sociedade, com a garantia de direitos para pessoas LGBT (Lésbicas, Gays Bissexuais e Transexuais) por exemplo, também são mais discutidas e negadas por pessoas que ignoram a legitimidade das mesmas.

O desenvolvimento das ciências e fortalecimento da ideologia dominante por meio do controle político legitimaram modelos anatômicos de corpos que variam entre dois sexos e dois gêneros a priori indissociáveis, reafirmando a lógica cartesiana binária enquanto o sujeito passou por um estado de latência, até ocorrer as rupturas do mundo moderno como ele é e surgirem novas perspectivas sobre a identidade. O Estado criou normas para corpos específicos a seguirem e divide a sociedade entre certo/errado, norte/sul, homem/mulher, sagrado/profano, heterossexual/homossexual, notando-se então uma polaridade (bom/ruim, sadio/doente) diretamente relacionada à representação de poder vigente. Enquanto isso, seus atores sociais que não se encaixam em suas normas e categorias binárias impõem sua existência de variadas formas, desfragmentando então como as identidades são enxergadas.

Com a descoberta do inconsciente e pesquisas complexas de psicanalistas como Sigmund Freud e Jacques Lacan, as discussões de sexo e o gênero, assim como a sexualidade, começaram a ser aprofundadas, até o surgimento e fortalecimento dos novos movimentos sociais como o feminismo e o movimento homossexual. Estruturas biológicas classificadas e patologizadas como parte de um sistema binário em que um é a regra e o outro é a subversão começaram a ser rediscutidas principalmente a partir das décadas de 1960 e 1970, por ativistas e estudiosos como o filósofo Michel Foucault.

Foucault (2007) em seus ensaios sobre a sexualidade, considera que a sexualidade é histórica, cultural e socialmente construída, inclusive as categorias como “masculino” e “feminino”, por meio das relações de poder. Avalia ainda como essas diferenciações então são mecanismos do

próprio biopoder para regulamentar a sociedade, desconsiderando a heterogeneidade humana. A partir desse ponto de discussão então, surgem os estudos *queer*, uma convergência dos estudos culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, relacionando então o que Hall e Foucault decifram sobre as concepções clássicas do sujeito, identidades e a norma a elas impostas e criando um discurso sobre sexo, gênero e demais performatividades sexuais. O termo *queer*, em inglês significa “estranho”, “esquisito”, e também era um dos termos utilizados para diminuir a imagem de quem fugia do padrão heterossexual e cisgênero.

Em uma tomada de poder pelo uso da palavra que tem um histórico de utilização para ridicularizar, os estudos *queer* se apoderam do termo para identificar corpos e ações que estão fora do padrão. Tem como base fundamental a crítica ao modelo sexual binário, seja ele biológico, cultural ou social. Busca o fim da classificação em identidades sexuais, combate a heteronormatividade e a desnaturalização do sexo. Para os estudos *queer*, a sexualidade e o gênero são performances realizadas por corpos diversos adaptados a diferentes situações, e essas ações são fluidas e transitórias. Dessa forma, corpo *queer* é aquele que diverge da norma culturalmente e politicamente forjada em que as pessoas cisgênero e heterossexuais são naturalizadas.

O filósofo Zygmunt Bauman (2004) define que as identidades surgem e se formam pela exposição dos indivíduos a comunidades fundidas por ideias ou princípios compartilhados, e da presença de múltiplas comunidades que são unidas por muitos ideais e princípios, criando aí essa relação de diferença. Porém, segundo o autor, na contemporaneidade líquida, o sujeito está sempre exposto a mais de uma comunidade, e assim se identifica com alguns pontos de uma comunidade e outros pontos de outra, mantendo uma identidade fluida e deslocada. É uma situação de contraste que acontece quando se trata de corpos *queer*, que não se enquadram nos moldes heterossexuais e cisgêneros e se enxergam em diferentes grupos, que mantêm suas especificidades e diferenças entre si.

Há atualmente para a discussão de gêneros e sexualidade em diversos espaços, a delimitação de grupos de pessoas aqui considerados *queer*, sob o nome de “Comunidade LGBT”. A própria utilização do termo LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais) é um desdobramento na luta para o reconhecimento de outras identidades. Na década de 1970, antes da evolução das discussões dos estudos *queer*, surgiu o movimento homossexual, que abarcava não apenas as questões de sexualidade mas também de gênero, amparados pelo estandarte da identidade *gay*, até se transformar no que foi conhecido como sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), também GLB (Gays, Lésbicas e Bissexuais), até a atual utilização do “LGBT”. Atualmente, no que pode ser considerado uma “sopa de letras”, há tentativas maiores de reconhecimento e visibilidade de outras identidades dissidentes, propondo siglas como LGBTQI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers e Intersexuais) ou até mesmo LGBTQ+, em uma tentativa de arredondar as denominações de

sexualidades e gêneros à margem do padrão cisgênero e heterossexual. Dentro desse grupo considerado “comunidade”, há múltiplos outros grupos que se unem pela militância ou por outras naturezas. O Movimento Trans que foca seu ativismo político na valorização da vida de pessoas trans e travestis, os homens gays e suas subculturas como os *ursos*¹ ou a cultura *BDSM*², por exemplo, que podem manter uma natureza dissidente semelhante entre si, mas que tem no geral necessidades e pautas muito diferentes umas das outras.

Por essa reflexão, entendo como as identidades são complexas e, dessa forma, o estudo de espacialidades focadas em uma “comunidade LGBT” não sustentaria totalmente as discussões aqui abordadas. No entanto, todos esses corpos, ou atores sociais, se identificam como fora do padrão imposto por realizarem sociabilidades, sendo definidos assim pela sociedade. Sociabilidades estranhas à norma, *queer*. Ações realizadas também por parte de atores sociais que não se sentem integrados ou contemplados pela denominação de “comunidade LGBT”. Sujeitos não-binários³, homens que se consideram heterossexuais e realizam sociabilidades afetivo-sexuais com outros homens, *gOys*⁴ ou *demissexuais*⁵, destacando ainda mais o que Stuart Hall nomeou como a “descentração do sujeito”.

Procuo em meu trabalho então, focar em algumas sociabilidades de natureza *queer*, produzidas, subvertidas e executadas no espaço urbano de Uberlândia, em especial na centralidade da Praça do Rosário, por corpos diversos, que se distinguem em determinadas temporalidades em suas ações em relação ao gênero, sexo e sexualidade. Pretendo com isso desamararr algumas limitações que poderiam simplificar complexas relações de pessoas com o espaço urbano e com outras pessoas. É uma tentativa multicultural de trabalhar com ações dissidentes e os corpos que as praticam em vez de focar a pesquisa em pessoas classificadas por rótulos estanques, divididos utilizando a mesma lógica binária de oposição que aqui critico. É um estudo da experiência *queer* e da transformação espacial como resistência às arquiteturas construídas no coração de minha própria casa. Em uma centralidade que é historicamente reconhecida por ser apropriada por seres dissidentes e subjugada pelo poder político segundo as vontades da elite.

O processo de pesquisa muitas vezes toma rumos diferentes do início até o seu fim, e provavelmente tomaria mais outros rumos com o desenvolvimento das questões observadas ao

¹ Ursos são a denominação atribuída a uma subcultura gay, de homens homossexuais peludos e muitas vezes grandes e/ou gordos.

² *BDSM* é um acrônimo para a expressão “*bondage, disciplina, submissão, sadismo e masoquismo*”, e tem relação a um padrão específico de preferências e comportamentos sexuais.

³ A identidade de gênero não-binária é aquela em que as pessoas não se reconhecem como homens nem como mulheres de acordo com a categorização em gênero na sociedade em que vivemos.

⁴ Termo reivindicado por homens que se relacionam com outros homens e que não se consideram homossexuais ou bissexuais.

⁵ Demissexual é o termo utilizado por pessoas que só sentem atração sexual por pessoas que tem ligações emocionais.

longo de uma temporalidade maior. Comecei meu projeto de pesquisa com a ambição de estudar sociabilidades dissidentes de pessoas *queer* (na época, ainda pela ótica da “comunidade LGBT”) por toda Uberlândia, e após algum tempo de discussão e aceitação, percebi que para realizar tal feito com o mínimo de qualidade, necessitaria de um tempo não disposto no momento dentro do programa de mestrado. A definição da centralidade da Praça do Rosário para focar meus estudos então, tem relação com a visibilidade e vitalidade que ela tem em Uberlândia, e também pelo acesso de informações e conhecimento que fariam da minha pesquisa mais completa, além de ser um local de identificação tanto para mim, como autor *queer*, como para outros corpos, sejam eles *queer* ou não.

Embora também desde o início de minha pesquisa, procurei contemplar a camada mais ampla possível de sociabilidades e experiências *queer* encontradas na centralidade que estudo, a complexidade das relações e sociabilidades fora do padrão heterossexual e cisgênero é de grande proporção, o que faz com que este trabalho seja um recorte temporal (em fluxos que vão da contemporaneidade até o Brasil colônia), espacial e também de ações e ocupações específicas em Uberlândia.

O aprofundamento de questões como a relação do espaço público e mulheres, prostituição de travestis e transexuais, da militância e suas espacialidades ou do espaço público e crimes de ódio não é realizado por se tratarem de questões de grande complexidade que merecem ser visibilizadas com mais detalhe e propriedade. Essas discussões, no entanto, estão presentes sob outras perspectivas em trabalhos como o da arquiteta Giovanna Merli⁶ sobre o acesso das mulheres no espaço urbano, os estudos do historiador Edmar Henrique Dairell Davi⁷ que aborda temas como os crimes de ódio e a corporalidade travesti em Uberlândia, dos historiadores Gilson Goulart Carrijo⁸, Flávio Rezende Fagundes⁹ e da psicóloga Rita Martins Godoy Rocha¹⁰ que abordam as relações de

⁶ Para maiores detalhes, ver trabalho completo da arquiteta Giovanna Merli:

MERLI, Giovanna Augusto. Lugar de mulher é na cidade: desenho urbano para inclusão de gênero na cidade de Uberlândia. 2018. 167 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.1440>

⁷ Para maiores detalhes, ver trabalhos completos do historiador Edmar Henrique Dairell Davi:

DAVI, Edmar Henrique Dairell. *Homofobia: intolerância, medo e ódio em Uberlândia - 1988/2001*. 2004. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004;

DAVI, Edmar Henrique Dairell. *Belíssima: um estudo merleau-pontyano da corporalidade travesti*. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013;

⁸ Para maiores detalhes, ver trabalho completo do historiador Gilson Goulart Carrijo:

CARRIJO, Gilson Goulart. *(Re)apresentações do outro: travestilidades e estética fotográfica*. 2012. 315 f. Tese (Doutorado) - Curso de Artes Visuais - Multimeios, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

⁹ Para maiores detalhes, ver trabalho completo do historiador Flávio Rezende Fagundes: FAGUNDES, Flávio Rezende. Av. João Naves de Ávila, um duplo sentido para a tolerância. 1998. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1998.

¹⁰ Para maiores detalhes, ver trabalho completo da psicóloga Rita Martins Godoy Rocha:

prostituição, travestis e transexuais, além de sociabilidades que transcendem ao tema, e do geógrafo Bruno de Freitas¹¹, que se dispõe a discutir sobre a atuação das ONGs em defesa do movimento LGBT em Uberlândia, além de diversos outros trabalhos apresentados aqui como referências bibliográficas de suporte para minha escrita.

Além disso, algumas outras questões importantes como aquelas relacionadas a corpos lésbicos ou bissexuais não terão o mesmo aprofundamento que outras, pela própria estrutura que a cidade e seus espaços mantêm, assim como a política e ideologia constroem estruturas e mecanismos para invisibilizar alguns corpos e suas subversões urbanas. No entanto, a ausência dessas questões é abordada e interpretada como condições de pesquisa e considerações a serem observadas nas reflexões finais desse trabalho. Se faz então, de extrema importância declarar que, eu como pesquisador, e todos os atores sociais envolvidos nessa pesquisa, não consideramos que as sociabilidades e subversões aqui descritas e aprofundadas sejam os únicos e legítimos possíveis tipos de apropriações espaciais. Não é, de forma alguma, a intenção do trabalho destacar e privilegiar algumas identidades consideradas *queer* em detrimento de outras. Essa distância na compreensão, estudo e registro de alguns corpos *queer* em contextos que se distanciem da prostituição, da violência e de outros lugares no entanto, demonstra como essas identidades são desprivilegiadas em relação ao corpo do pesquisador aqui presente, como marco antes e reitero várias vezes entre esses caracteres: e um homem gay, branco e de classe média.

Considero que todas identidades de atores sociais que são perseguidos, invisibilizados, violentados e mortos são de extrema importância para a sociedade e merecem seu papel destacado na apropriação da cidade, sendo visibilizados em pesquisas como a minha, como a de Edmar Davi, Gilson Carrijo, Rita Rocha, Bruno de Freitas e de muitos outros pesquisadores que se dedicaram ao tema, além de outros muitos que deverão vir posterior a mim. Pela impossibilidade de abordar com propriedade a maior parte de algumas questões que se relacionam às sociabilidades *queer*, esse trabalho é também uma forma de convocação a outros pesquisadores, *queer* ou não, a se aprofundarem e especializarem no que toca à subversão do espaço urbano pela existência corporificada *queer*. Campos como a antropologia, psicologia, geografia, história e também arquitetura e urbanismo necessitam de perspectivas dissidentes para que a cidade seja construída

ROCHA, Rita Martins Godoy. Entre o estranho e o afeto: construção de sentidos sobre as relações de amizade entre travestis. 2011. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

¹¹ Para maiores detalhes, ver trabalho completo do geógrafo Bruno de Freitas: FREITAS, Bruno. *CIDADE, GÊNERO E SEXUALIDADE: Territorialidades LGBT em Uberlândia*, MG. 2016. 192 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Geografia, UFU: Uberlândia, 2016.

de forma mais inclusiva, dando visibilidade e/ou atendendo às necessidades específicas de atores que estão na margem de sexualidade, sexo e gênero na atualidade.

Ao longo de meu objetivo principal com essa dissertação, pretendo desenvolver estudos que me auxiliem na chegada de conclusões sobre espaço, sexualidade, sexo e gênero, além de qual a da arquitetura e do urbanismo nessas esferas. O desenvolvimento e estrutura da pesquisa foram construídos de forma a atender tais objetivos específicos, divididos em três capítulos tecidos por análises, revisões bibliográficas e experiências urbanas.

1.3 Do corpo para a casa, da casa para a cidade e da cidade para o corpo: Desenvolvimento e Metodologia

A dissertação foi dividida em três capítulos que apresentam e desenvolvem componentes importantes para o entendimento das experiências *queer* aqui registradas em Uberlândia, assim como no Brasil. O texto foi pensado como uma longa volta pela cidade, pelo tempo e pelo próprio corpo, (se) descobrindo novas estruturas que imperam no espaço urbano, suas resistências e também os espaços já desapropriados pelo poder hegemônico.

O primeiro capítulo, sob o (extenso) título de *O espaço urbano para além das formas e funções: um registro de existências queer e subversão das normas em Uberlândia como no Brasil da colônia à contemporaneidade* tem como principal objetivo estudar a cidade contemporânea subjugada ao poder neoliberal e entender os processos de centralidade do espaço urbano de Uberlândia, especificamente nos arredores da Praça do Rosário ao longo de sua construção. A principal metodologia utilizada é a ampla revisão bibliográfica que vai da construção política das cidades, evolução urbana de Uberlândia e relação de pessoas fora do padrão sexual e de gênero com o espaço urbano em uma elaboração histórica auxiliada por mapeamentos de formas e funções materiais da cidade.

O texto começa com uma contextualização de como a cidade contemporânea foi formada, a partir de conceitos e discussões levantados por pesquisadores do espaço urbano como os geógrafos Henri Lefebvre (2008) e Milton Santos (1998). A partir da construção do que é ideologia segundo a filósofa Marilena Chauí (1981) tracei considerações de como a elite econômica se utiliza da ideologia para a produção de uma segregação espacial que auxilia na manutenção de poder no Brasil, conforme explica o geógrafo Flávio Villaça (2001). Segundo o geógrafo, a elite assim o realiza tomando controle por meio da própria ideologia produzida, e dos poderes econômicos e políticos. A cidade então é criada de uma forma que reprima, vigie e subjugue determinados corpos, como analisa Foucault (2014) no caso de escolas, prisões e hospícios.

Essa cidade é produzida com o auxílio da arquitetura e urbanismo, que principalmente com o surgimento do iluminismo e depois, da modernidade são muitas vezes enxergadas como ciências neutras, técnicas e apolíticas. Desde as metrificações padronizadas dos corpos para referência em projeto, propostas por arquitetos como Ernst Neufert (2013), até a construção da cidade baseada no “HOMEM racional” da cidade moderna, o Modulor de Le Corbusier (1973), que são enxergados em primeiro momento no movimento moderno como a ruptura com o passado e o caminho para o progresso geral.

Cortés (2008) considera que o discurso tecnicista e racionalista atribuído à arquitetura e urbanismo criam “geometrias autoritárias”, cidades à primeira vista reconhecidas como assépticas, neutras e feitas para um denominador comum. No entanto, o poder na mão de homens heterossexuais e cisgêneros auxilia para que a cidade seja construída da forma de seus governantes, eliminando de sua lógica aquilo que não condiz com o que a ideologia dominante enxerga como saudável ou produtivo para a cidade. O espaço urbano é enxergado muitas vezes então como um corpo doente a ser curado e tratado. Problemas de saúde público e saneamento básico são abordados na remodelagem dos centros urbanos como na reforma Pereira Passos no fim do século XIX no Rio de Janeiro. Enquanto bulevares são construídos e cortiços são demolidos e desapropriados pelo bem da saúde dos cidadãos, é possível perceber a autonomia política que tem os gestores urbanos e a classe hegemônica por trás dos mesmos, ao redefinir espaços e vidas na cidade.

Enquanto a cidade é regida por políticos e suas vontades específicas, o espaço da casa, muito associado à segurança para alguns e repressão para outros indivíduos é visto cada vez mais como território privado, fruto de conquistas capitalistas, significando também acesso a lazer, cultura e serviços com a criação de estruturas como bairros planejados e loteamentos fechados que prometem uma vida plena sem a necessidade de sair para fora de altos muros vigiados por câmeras de segurança e guaritas. Espaço como o *shopping center* também são valorizados para a produção de cultura, enquanto as próprias manifestações culturais genuínas da cidade são desencorajadas. É o que Jacques (2006) define como culturalização das cidades.

A revisão bibliográfica sobre produções urbanas então é tipificada pelo exemplo de Uberlândia e como seu espaço urbano é projetado e produzido pela elite econômica desde seus primeiros assentamentos. Muitos loteamentos foram construídos estrategicamente por empresas imobiliárias e de construção civil de gestores da cidade, mantendo em seu histórico variadas situações de ofertas habitacionais consideravelmente maiores que o número de habitantes. Atualmente, a popularidade de lugares como condomínios fechados, bairros planejados e *shopping centers* para a socialização, confirma os processos estudados por Paola Jacques (2006) sobre a “culturalização” das cidades e valorização de uma dinâmica privada, vigada e de acesso controlado. Em contrapartida, há também em Uberlândia, manifestações culturais e apropriações espaciais que

estimulam a diversidade dos espaços urbanos, especialmente em suas centralidades, fazendo com que a cidade seja legitimada por seus atores sociais e que dentro de si mesma existam várias outras cidades ocultas ou invisíveis, acessadas apenas por atores aptos a alcançá-las.

Na segunda parte do capítulo, abordo o histórico de subversão espacial em Uberlândia, assim como as decisões políticas que influenciam o crescimento urbano, que datam desde a consolidação do povoado de São Pedro do Uberabinha, antes de 1891. A centralidade da praça do Rosário foi constituída pela população negra, congadeira e marginalizada, expulsa para a periferia de São Pedro do Uberabinha para realização de suas festividades e assentamento no espaço urbano, representando como a ideologia dominante trás resquícios de uma política escravocrata, mesmo após a abolição da escravatura.

Estudo também, por meio do trabalho do historiador Júlio César de Oliveira (2012), como na década de 1930 os primeiros bordeis e bares começaram a despontar na periferia da cidade, fazendo com que além de território dos negros de Uberlândia, aos poucos o espaço foi se convertendo em uma zona de boemia, comandada por mulheres donas de bordeis. Desde a consolidação da cidade então, as relações de sigilo e sociabilidades vistas como marginais faziam parte do centro da vida urbana de Uberlândia. Homens casados e solteiros permeavam esses lugares, enquanto dividiam a vida com suas famílias em outros espaços.

Pela classificação de Magnani (2005), pode-se considerar então os bordeis como *pedaços* frequentados por grupos de homens na procura de prazer e realizar suas sociabilidades, reafirmando sua masculinidade, enquanto a centralidade da Praça/Igreja do Rosário se posiciona como uma *mancha* de lazer, com ofertas diferenciadas para atender tipos diferentes de usuários. Também constituem *pedaços* diferentes as prostitutas da cidade (filhas de Eva), não compartilhando dos mesmos espaços que as outras mulheres (aqui lidas como “mães de família”). Enquanto isso, o homem tem acesso e permeabilidade total nesses espaços, denotando claramente como desde as primeiras organizações da cidade, o poder masculino e heterossexual é subjugado às experiências do espaço. Assim como o espaço não dá acesso pleno às mulheres, homens negros também se inserem na mesma lógica, ao serem proibidos de frequentar determinados clubes ou até de utilizarem da mesma calçada que outros homens brancos andavam.

Fechando o passeio pela constituição de Uberlândia, das décadas de 1950 a 1960, é possível perceber também como o espaço urbano é modificado de acordo com as necessidades do poder hegemônico. Espaços antes marginalizados e de periferia como os da centralidade da praça do Rosário são desapropriados, com seus bordeis e bares desmantelados no intuito de construções que representavam o progresso em arranha-céus e hotéis que sobrepunham a imagem do homem branco e rico como superior à mulher e outros homens de planos de fundos diferentes. São os primeiros processos de gentrificação, isso é, a valorização econômica de alguns lugares da região que

faz com que o valor da especulação imobiliária aumente, assim como os serviços e comércios prestados ao redor, até que seus moradores mais antigos e pobres sejam retirados ou expulsos.

A terceira parte do primeiro capítulo é dedicada a um histórico de registros de ocupação *queer* em território brasileiro, desde antes da colonização até a década de 1970, após o desenvolvimento de militâncias e espacialidades específicas para pessoas que fogem da norma de gênero e sexualidade. Devido à dificuldade de encontrar fontes precisas que auxiliariam na construção de uma ocupação espacial de pessoas *queer* em Uberlândia, os registros aqui coletados foram feitos especialmente através da revisão bibliográfica de textos do jornalista José Guilherme Magnani (2018) para seu livro *Devassos no Paraíso*, do historiador James Green (2000) em seu livro *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do Século XX*, e de edições do jornal militante *Lampião da Esquina* (1978-1981) que representam a construção da sexualidade e espaço urbano em todo o país.

Há no Brasil muitos indícios de como a sexualidade e gênero eram enxergadas por diferentes tribos nativas de forma nada livre de tabus e da ortodoxia que aqui chegou com os portugueses. A Igreja Católica em seu papel de religião e Estado foi a primeira instituição a censurar corpos *queer* no Brasil, imputando-os o lugar da punição, seja por açoite em locais públicos, seja pelo degredo a outras colônias ou pela prisão. Com a proclamação da República Brasileira, o iluminismo e outras estratégias higienistas, a homossexualidade e a transexualidade passou a ser enxergada de pecado a doença, fazendo com que os espaços de pessoas que não se consideravam heterossexuais e/ou cisgêneros fossem os dos hospitais psiquiátricos, das terapias de conversão, principalmente depois do Golpe Militar de 1964. Aos poucos também a força do Estado começou a ser manifestado pelo cumprimento restrito de sua lei, que agora não aplicava diretas punições a corpos homossexuais/ “travestidos”, mas se aproveitavam de brechas como a lei da “moral e dos bons costumes” para encarcerar corpos que não eram adequados para o urbano.

Enquanto isso, espaços públicos como praças e parques começaram a ser ocupados por grupos específicos de pessoas que engajavam em sociabilidades *queer*, indo contra o que era funcionalizado para o espaço e considerado como legal e moral para a sociedade segundo a ideologia dominante. Após o período da Segunda Guerra Mundial, contudo, os movimentos de liberação da sexualidade e do gênero ficaram mais escassos, com exceção de algumas temporalidades mais permissivas, como os carnavais, ou também para algumas figuras de grande influência na sociedade, como é o caso do arquiteto Flávio de Carvalho, que realizou suas experiências de desafio do gênero e da sexualidade ao experimentar o urbano com trajes considerados impróprios para homens.

O momento divisor de águas para a articulação do movimento homossexual e, logo depois, dos demais movimentos em proclamação da visibilidade e pedido de direitos na sociedade para pessoas *queer* foi a Revolução de Stonewall, em 1969, quando pessoas de diferentes planos de fundo

se rebelaram contra as forças policiais que fechavam os bares de sociabilidade *gay* em Nova Iorque, dando início às Paradas de Orgulho e fomentando outros tipos de atividade no espaço das cidades do mundo todo. Sociabilidades essas que são aprofundadas no segundo capítulo da dissertação.

O segundo capítulo é destinado à descrição e discussão de diferentes tipos de espacialidades apropriados para sociabilidades *queer* no Brasil e, em especial, em Uberlândia, após Stonewall com enfoque na contemporaneidade. Tem como objetivo específico analisar de que forma as normas do espaço concebido são subvertidas pelas ações de sujeitos dissidentes da heteronormatividade na centralidade da Praça do Rosário em Uberlândia, recorte espacial da pesquisa. Me baseio principalmente das considerações feitas por pesquisadores como o historiador José Miguel García Cortés (2008) sobre como o espaço urbano é subvertido por aqueles marginais em relação ao sexo, sexualidade e gênero e na construção de mapas, análise de imagens e construção de plantas esquemáticas que auxiliem na visualização do que é subvertido na cidade por corpos *queer*.

Em primeiro plano, apresento a região da Praça do Rosário como uma mancha de lazer que atende variados grupos sociais, e especialmente, corpos *queer* e suas sociabilidades. Entendo o espaço urbano como parte de uma grande estrutura, através do que a teórica Eve Sedgwick (2007) diz a respeito dos “armários”, estruturas presentes para muitos homossexuais e transexuais, representando a condição de vida no anonimato, sigilo, sem poder “se assumir para o mundo”. Nessa lógica, muitos lugares de socialização *queer* surgem como uma necessidade em comum para esses atores sociais, cumprindo funções afetivo-sexuais que dentro da norma, estariam sendo realizadas em espaços privados entre apenas homens e mulheres, ambos cisgêneros.

Espaços como o banheiro público e as saunas tem a potencialidade de representar como os *pedaços* de pessoas *queer* são apropriados de forma sigilosa, em temporalidades difusas e difíceis de ser monitoradas, criadas por meio de códigos e do contato social direto entre aqueles que ali interagem com o espaço. Mesmo sendo dissidentes, também representam como a lógica urbana, mesmo quando subvertida, ainda privilegia os homens, mesmo que homossexuais ou bissexuais, na apropriação urbana. Enquanto a apropriação dos banheiros públicos é realizada em primeiro plano apenas por homens, as saunas são lugares segregadores onde as mulheres não são bem recebidas. A própria arquitetura dos banheiros, como identifica o filósofo Paul Beatriz Preciado (2002) transcende das funções fisiológicas, as quais eram a única função de projeto, para se tornarem instrumentos que corroboram e reafirmam o binarismo do sexo e do gênero, além de sugerir usos e comportamentos específicos de acordo com o gênero de seu público.

Em uma relação simbiótica entre imagem comercial e arquitetura, analiso também outros espaços, dos clubes, que já não podem ser considerados “armários fechados”, pois descendem de espacialidades “assumidas” e apropriadas por corpos *queer* também assumidos. A relação dos clubes de Uberlândia com o espaço urbano é explicitada, mostrando como a interação com a rua agrega

para a diversidade da mancha de lazer da Praça do Rosário, produzindo conflitos e tensões como afirma Jacques (2010) estar na riqueza de vivenciar o espaço público.

A imagem desses clubes também mantém com a rua uma relação de impacto, com a utilização de cores vibrantes em sua fachada, assim como no material de divulgação. As fachadas dos clubes tem as mesmas estruturas dos “galpões decorados” dos arquitetos Robert Venturi, Denise Scott-Brown e Steven Izenour (2003), onde a publicidade se sobrepõe à arquitetura, enquanto dentro dos próprios estabelecimentos, o que se consagra é a funcionalização dos espaços de forma racional que lembra como os espaços modernos eram pensados. Caixotes pretos, cheios de reentrâncias, para corpos *queer* dançarem, se socializarem e se conectarem afetivamente. Pela publicidade e presença massiva nas festas que acontecem durante os fins de semana, é de fácil percepção que, embora inclusivo e assumido, esses armários escancarados, pretos em embalagens coloridas, privilegiam também a apropriação de homens (gays e bissexuais) em sua lógica.

De forma breve, outro tipo de espacialidade abordado são as espacialidades móveis e transitórias das Paradas de Orgulho, que têm a potencialidade de agregar diferentes grupos de pessoas *queer* no que mais se aproxima da delimitação de uma “comunidade LGBT”. As paradas são formas de exigir visibilidade e respeito pela apropriação genuína dos espaços públicos, tomando as ruas do centro de Uberlândia e por elas marchando. Apesar do evento reunir pessoas de diferentes planos de fundo para a luta pelos mesmos direitos em comum, é possível perceber até o percurso da parada como alguns grupos não se misturam e mantêm sociabilidades de naturezas muito diferentes.

Por último, para desenvolver novas e complexas relações com o espaço, abordo a relação de corpos *queer* e aqueles espaços intermediários, digitais, que funcionam como catalisadores de relações que vão para o mundo físico, da cidade e do privado, mas também representam uma espacialidade capaz de comportar uma gama de pessoas variadas em suas identidades, desde subculturas *gays/queers* até aqueles que não são assumidos em outros espaços que convivem, o que o sociólogo Richard Miskolci (2009) identifica como o “armário ampliado”. Para a análise das identidades e suas relações com os espaços digitais, uma pesquisa e coleta de dados foi realizada, complementando a revisão bibliográfica, no intuito de entender como as pessoas que existem no digital pelo uso de redes sociais e aplicativos destinados a encontros afetivo-sexuais se relacionam entre si. As contradições identitárias explicitadas por Hall (2006) aparecem como resultado geral da pesquisa, além de reforçar como parte das pessoas que utilizam dos aplicativos para a expressão mais plena que conseguem de suas expressões sexuais e de gênero, enquanto outras, mesmo com as possibilidades de camuflagem das identidades, reproduzem discursos internalizados pela heterossexualidade e masculinidade compulsórias. São espaços também predominantemente masculinizados, sem a presença de mulheres, sejam elas cis ou transgêneros.

O terceiro capítulo foi desenvolvido como forma de explorar as espacialidades constituídas pelas experiências em pedaços *queer* em Uberlândia, validar a experiência de apropriação de corpos que fogem à norma. É no terceiro capítulo que algumas experiências aqui descritas são experienciadas pelo aporte de relatos etnográficos e construção de mapas que situem os leitores no que é visto e vivido enquanto eu como pesquisador observador-participante descrevo minhas impressões. Utilizo também de recursos estilísticos para atribuir à escrita uma linguagem de viés mais poético e lúdico, de forma a melhor representar como essas experiências podem ser sentidas ao se apropriar do urbano.

O primeiro relato é um passeio pelo centro da cidade em uma noite de sexta-feira, passando por muitas espacialidades aqui descritas como relacionadas a apropriações *queer*. Bares, boates, clubes, lugares que já não existem mais na malha urbana, dentre outros importantes endereços para entender como Uberlândia foi e é construída ao longo do tempo. Escolho utilizar da personificação de vias e logradouros para evidenciar como o espaço existente é predominantemente masculino, feito por homens para os homens.

O segundo relato tem a intenção de representar como é a experiência dentro de espaços exclusivos para a subversão de certos grupos *queer*, no caso uma sauna gay. A descrição do lugar, de seus atores sociais e suas dinâmicas tem primeiramente como função explicitar o papel do espaço físico e construído nas relações de afetividade, sexualidade e poder para as pessoas dissidentes, assim como desmitificar a norma que estabelece a hegemonia para a prática do sexo e manifestação da sexualidade. Como consequências de observação, percebe-se também a repetição fatorial de como especialmente as mulheres são excluídas dessa dinâmica espacial.

Capítulo 1 - O espaço urbano para além das formas e funções: um registro de existências *queer* e subversão das normas em Uberlândia como no Brasil da colônia à contemporaneidade

1.1 A cidade contemporânea: caos, espetacularização e segregação

1.1.1 A constituição da cidade na construção de estruturas de poder

O conjunto de pessoas, automóveis, animais domésticos, pragas, massas de concreto e aço, cacos de vidro, fiações, árvores, edifícios públicos, históricos, abandonados, subutilizados, apropriados e subvertidos; a junção coletiva de corpos em movimento, de emoções, prazeres, vontades, expectativas, medos, opressões, libertações, que estão aglomerados, delimitados e empilhados em um espaço denso e compacto pode ser reconhecido como cidade. Uma estrutura política de gestão própria, com nome próprio e culturas edificadas. Um complexo emaranhado de relações e sensações construídas por seres humanos na tentativa de se organizarem em um caos minimamente planejado.

Para o filósofo Henri Lefebvre (2008), a cidade que conhecemos hoje, fruto das revoluções industriais e do nascimento do capitalismo, é um centro de vida social e política onde riquezas, técnicas e obras são acumuladas. Através de uma corporação, ou seja, de um conjunto de pessoas que se aglomeram e organizam, na urbe ainda prospera a vida comunitária, lapidada desde os tempos em que antepassados humanos deixaram de ser nômades e se fixaram na terra por meio da agricultura e da cooperação de corpos diversos a um fim comum. O geógrafo Milton Santos (1998) complementa que a mesma segue suas próprias leis, movimentos e razões específicas. É particular, concreta e tem sua realidade própria: como surgiu, quais são suas culturas e todas as estruturas que a compõe, desde seus cidadãos até suas ruas, dos lotes em processo de especulação imobiliária até as ocupações irregulares.

A grande maioria das cidades, segundo Benevolo, se desenvolveram de aldeias que após o período neolítico (X milênio a.C. – III milênio a.C.) diferenciaram seus meios de trabalho, quando para algumas pessoas a tarefa do cultivo deixou de ser uma obrigação e outras ocupações se tornaram um modo de subsistência, surgindo assim os primeiros serviços. O que se produzia e sobrava na terra por quem se ocupava da agricultura era trocado por outros produtos e trabalhos, iniciando o que ficou conhecido como “revolução urbana” (BENEVOLO, 1993). Desde o princípios dessas civilizações existia a concentração de poder na mão de líderes, que podiam representar divindades entre o povo, agrupando em suas mãos o que se acumulava de mercadoria para sua distribuição, delimitando

normas a serem seguidas pela sociedade de acordo com uma moral estabelecida e também defendendo aquela comunidade como um grupo de pessoas em união espacial e também ideológica.

A vida coletiva e organizada de acordo com um sistema de trabalho que distribuía recursos e criava novas relações sociais se tornou um padrão no desenvolvimento de muitas sociedades e já as primeiras civilizações, como as mesopotâmicas, pré-colombianas e as chinesas, tinham grandes populações urbanas, estruturas e tecnologias específicas de cada cultura, que faziam com que esse sistema se tornasse cada vez mais complexo (BENEVOLO, 1993). Ao longo dos tempos as cidades já se configuraram e reconfiguraram algumas diversas vezes, remontando estruturas de base camponesa e abandonando a sociedade tradicional no feudalismo ou dominando espaços já ocupados e estabelecidos, num conflito de povos e seus costumes e preceitos morais, nas colonizações. Atualmente, no entanto, a base de troca de mercadorias e serviços e centralização de poder guiada por ideologias impostas, permanece bastante similar a das primeiras grandes cidades antigas.

Quanto mais superpopulosas nossas cidades forem, maior será a disputa pelo domínio de seus espaços, e esse fato sempre foi de grande importância para a luta de classes segundo Harvey (1993). Sua supremacia desde o início dos tempos esteve nas mãos daqueles corpos que detinham o poder. Na apoteose do capitalismo, a cidade contemporânea é produzida, consumida e transformada em função do dinheiro e de quem o detém. As classes economicamente privilegiadas têm grande autonomia para intervir no espaço urbano e assim o fazem auxiliadas por três mecanismos: o controle do mercado imobiliário, o controle do Estado e a produção de ideologias que naturalizem a condição que seus cidadãos vivem e moram. Para a manutenção de poder, é necessário que exista a segregação, pois através dela o controle dos corpos, recursos e lucros é facilitada (VILLAÇA, 2001).

1.1.2 Da cidade para a casa: Corpos monitorados, ideologia e arquitetura

Uma cidade que seja extremamente setorizada, com seus centros abandonados, uma série de bairros e densos complexos de alto padrão em algumas posições geográficas definidas e grandes áreas de ocupação irregular, habitações sociais e favelas em outras é uma situação ideal para que exista uma condição de domínio. Essa perspectiva é uma imagem bastante fiel do que se passa nas grandes metrópoles e também em municípios de médio porte no Brasil de hoje. O que é produzido se enquadra na lógica do que as altas classes pretendem por ambiente construído, ou fazem parte de uma contracultura que se rebela às suas diretrizes e estabelece suas próprias regras, sendo sigilosas, oprimidas, silenciadas. Nosso espaço urbano então é o que acontece entre transações e desacordos, cercas e porteiros, vigilâncias e negligências, clarões e penumbras.

A filósofa Marilena Chauí define que o termo “ideologia” se refere à quando condições sociais de exploração e dominação são legitimadas e naturalizadas para a grande sociedade, sendo lidas como “inevitáveis”, ou parte de um sistema maior impossível de ser cambiado, ocultando assim uma realidade social que represente indivíduos diversos que se manifestam em instituições como a família, suas condições de trabalho e transmissão de costumes.(CHAUÍ, 1981). É o discurso lido como verdade absoluta dentro de contextos sociais diversos em opressão, a naturalização de situações patológicas para justificar a dominação como algo inerente às sociedades e suas culturas. A conformação de ideologias sobre a produção e vivência de espacialidades em nosso contexto atual se dá de modo cirúrgico, sem que o dominado perceba ou questione as complexas estruturas de dominação que o limitam e definem.

Constantemente mais pessoas muram suas casas e se voltam para dentro de seus lotes, inspiradas pelo sonho da propriedade privada e temerosas pela violência, grande protagonista dos programas de nuance jornalística no ar a qualquer hora do dia na televisão brasileira. Para Debord (1997) isso se configura como uma estratégia de isolamento da população mantida através do controle espacial e da utilização dos grandes meios de comunicação, facilitando pra que o poder de classe seja mantido nas mãos de quem é mais privilegiado para que assim a “ordem” na rua seja mantida. Em *Vigiar e Punir*, o filósofo Michel Foucault (2014) defende que a arquitetura é um mecanismo de domesticação dos corpos que representa a autoridade e ordem, um mecanismo que observa, vigia, fica à espreita. O urbano como um todo, assim como as escolas, prisões e outras estruturas disciplinares, é dividido em fragmentos fáceis de se controlar marcando a exclusão espacial e seus indivíduos classificados por oposições binárias como perigosos/inofensivos, normais/anormais, violentos/seguros, heteros/gays, ricos/pobres.

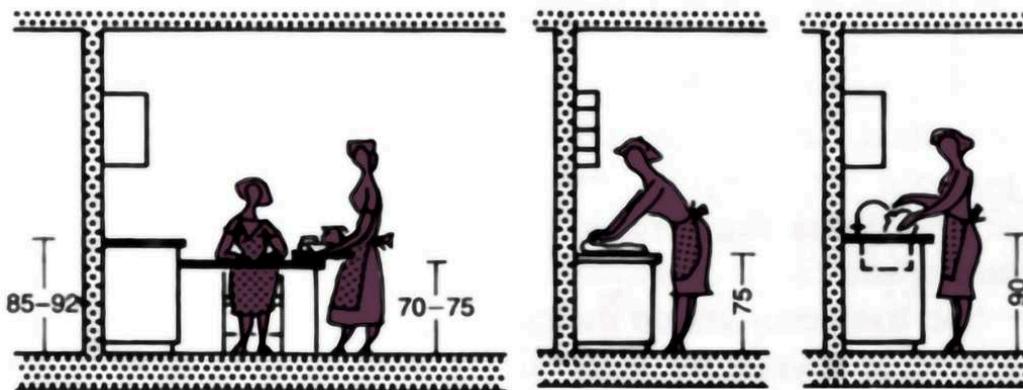
Esse mecanismo faz parte de um grande aparato ideológico de manutenção de ordem e dominância. A necessidade de funcionalizar espaços e definir os tipos de pessoas que vão os utilizar se configura como uma estrutura de poder tenaz e de grande impacto a todos que vivem em sítios urbanos, muitas vezes ignorada ou despercebida pela grande massa da população, pois há uma série de discursos de neutralidade por trás do que é planejado nesses lugares. Em primeiro plano existe um discurso de legitimidade da arquitetura e do urbanismo como detentores de qualidades apolíticas e extremamente técnicas, principalmente após a formulação teórica racionalista do movimento moderno.

A fundamentação do movimento moderno se deu na Europa em um período Pós-Guerra em que as disciplinas de arquitetura e urbanismo precisavam ser repensadas para a reconstrução de cidades inteiras bombardeadas. Construir no momento pós-guerra para os modernistas, significava repensar as cidades para uma realidade que fosse mais integrada e vivida para todos, porém, por meio da urgência de construir e impulsionada por avanços científicos e desenvolvimentos industriais

que se baseavam na superioridade da máquina e da metrópole diante da natureza, se elaborou uma tradição racionalista e mecanicista no movimento moderno na construção de espaços. Para os arquitetos racionalistas, o objetivo era a busca para a máxima funcionalidade, buscando na automatização e produção em série, formas que se opõem a coisas que sejam orgânicas, mutáveis, imprevisíveis e individuais. O edifício e a cidade moderna projetados no entre guerras acabaram sendo então heranças do pensamento cartesiano, idealizados como máquinas, com o foco de projeto na exatidão de medidas, ênfase no detalhe técnico, criação de protótipos, projetos modulares, etc (MONTANER, 2002).

É possível perceber o impacto do racionalismo na arquitetura moderna em projetos como no estudo sobre a medida feito por Ernst Neufert em seu livro *Arte de Projetar em Arquitetura* (2013), no qual o corpo humano é padronizado e metrificado de sua constituição biológica até a sua movimentação e gestos, no intuito de realizar projetos com essas medidas que serviriam a um homem “padrão”, ou “médio” (Figura 3). Le Corbusier, considerado o pai do Modernismo na arquitetura também concebeu a figura do Modulor (Figura 4), escala humana utilizada para indicar posições corporais usuais de seres humanos também no intuito de configurar medidas padrões para projeto.

Figura 3: Desenhos com medidas padrão para cozinhas



Fonte: Neufert, P. (2013)

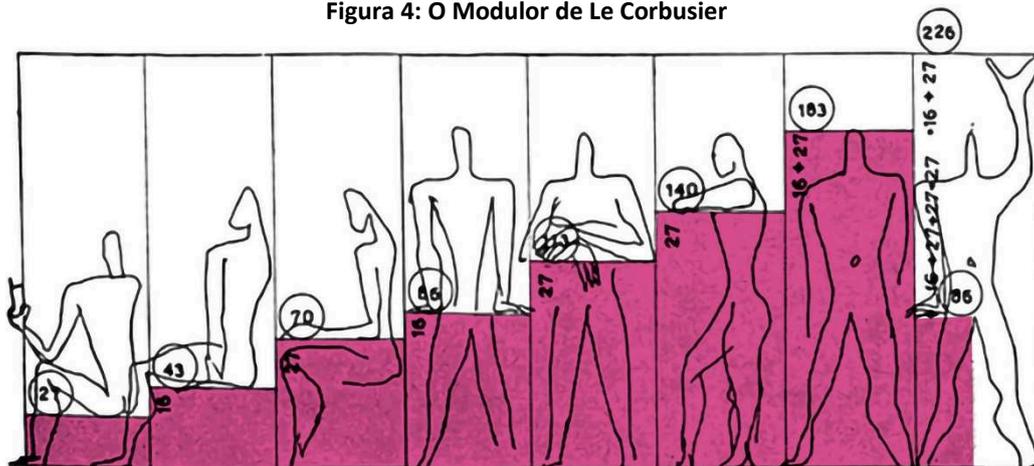
A construção encontrou seus meios, meios que, sozinhos, constituem uma libertação que os milênios anteriores tinham buscado inutilmente. Tudo é possível com o cálculo e a invenção quando se dispõe de um instrumental suficientemente perfeito, e esse instrumental existe.

O concreto, o ferro transformaram totalmente as organizações construtivas conhecidas até aqui e a exatidão com a qual esses materiais se adaptam à teoria e ao cálculo nos dá cada dia resultados encorajadores, primeiro pelo sucesso e depois por seu aspecto que lembra os fenômenos naturais, que reencontra constantemente as experiências realizadas na natureza. Se nos colocamos em face do passado, medimos então quantas fórmulas novas são encontradas que só esperam ser exploradas e que trarão, se soubermos romper com as rotinas, uma verdadeira libertação de pressões sofridas até aqui. [...]

Inquieto pelas reações que agem de toda parte sobre ele, o homem atual sente, de um lado, um mundo que se elabora regularmente, logicamente, claramente, que produz com pureza coisas úteis e utilizáveis, e, de outro lado, ele se encontra desconcertado em um velho quadro hostil. Esse quadro é a sua morada; sua cidade, sua rua, sua casa, seu apartamento se levantam contra ele e, inutilizáveis, o impedem de prosseguir no repouso o mesmo caminho espiritual que percorre no seu trabalho, o impedem de prosseguir no repouso o desenvolvimento orgânico de sua existência, o qual é de criar uma família e de viver, como todos os animais da terra e como todos os homens de todos os tempos, uma família organizada. A sociedade assiste assim à destruição da família e percebe, aterrorizada, que morrerá por causa disso.

(LE CORBUSIER, 1973, p. 203)

Figura 4: O Modulor de Le Corbusier



Fonte: Corbusier, L. (1900)

É possível perceber pela discussão e pelo trecho transcrito do artigo *Arquitetura ou revolução* em seu livro *Por uma arquitetura*, que para Le Corbusier (1973) as técnicas de racionalização do corpo e dos espaços serviam a uma ideologia específica, e poderiam ser utilizadas para a reconstrução de uma estrutura familiar, considerado por ele o “desenvolvimento orgânico do ser humano”, o que leva a desconsiderar outros tipos de corpos que fogem dessa estrutura familiar. As propostas de considerar o corpo humano como algo que pode ser metrificado, ao trabalhar a noção de um “corpo padrão”, desconsidera também a situação de vários tipos de corpos e suas necessidades de projeto, pois se cria uma imagem de que todos ou a maioria dos corpos seguem

aquelas medidas, faz aqueles gestos e usa a cidade de determinada forma. Mesmo com as vontades modernas de produzir realidades que serviam a todos nas cidades e construções, é possível perceber como o poder ideológico e político se apropriou do Modernismo para realizar seus mecanismos de controle. O progresso da arquitetura e do urbanismo como ciências racionais e apolíticas se propagou e criou raízes e a noção de que toda arquitetura é neutra e serve a um “homem comum”, sendo então pouco considerada na discussão do que é produzido em ideologias políticas e como instrumento de segregação.

O uso de linguagens universalistas em arquitetura, que se traduzem por códigos em uma suposta neutralidade técnica e descritiva, além de atuar nos processos de segregação da cidade, se transformam em uma “geometria autoritária” que dá base ao pensamento hegemônico, à subordinação do que é feminino e do que não é masculino, realça as diferenças sociais e nega espacialmente as minorias (CORTÉS, 2008). Isso acontece devido a ideologia de poder que se legitima ser diretamente relacionada a uma dominação cultural da masculinidade.

A figura do homem (em recortes brancos, heterossexuais, cisgêneros e/ou jovens) domina a sociedade, controla e vigia o espaço urbano fazendo com que seus interesses sejam lidos como interesses de toda a civilidade, evocando uma neutralidade, uma descorporificação dos espaços. Esse processo é então lido como legítimo: Se passa a impressão que só existe um corpo, uma sexualidade e um gênero, e por consequência os outros corpos e as necessidades e visibilidades de outras sexualidades, gêneros e planos de fundo em geral são negadas. (CORTÉS, 2008).

(...) a casa pode ser um lugar seguro, um espaço onde se esconder ou uma armadilha; as ruas e os parques são, para alguns espaços de libertação e da descoberta (os gays), ao passo que, para outros, podem ser lugares inacessíveis ou perigosos (as mulheres). Por isso devíamos ter consciência de que não vivem o espaço doméstico do mesmo modo um jovem desempregado e um empresário aposentado, um homem e uma mulher, um europeu e um imigrante, um casal com filhos e um gay ou uma lésbica. Cada um carrega consigo um conjunto de aspectos que condicionam suas vivências. Portanto, é a soma e a rivalidade entre todas essas cidades possíveis que conformam a “cidade” em que vivemos.

(CORTÉS, 2008, p. 143)

Se analisarmos a evolução de nossas cidades brasileiras, percebemos que há várias outras interferências e intersecções claras entre arquitetura e poder, mesmo que as mesmas sejam sutis e aparentemente apolíticas. Pierre Bordieu afirmava que “os efeitos ideológicos de maior sucesso são os que carecem de palavras e não exigem mais que um silêncio cúmplice”, ou seja, uma das formas mais efetivas de controle social que faz com que o poder seja executado sem revoltas, acontece quando a mesma faz passar por bem geral aquilo que é apenas a legitimação de seu próprio poder (CORTÉS, 2008).

Após a instauração da República do Brasil e adventos da revolução industrial no século XIX, os primeiros grandes municípios brasileiros, como o Rio de Janeiro tinham seus centros superlotados,

com pessoas de diferentes planos de fundo, pobres, ricos, negros, brancos, escravos recém abolidos, e demais personagens da história brasileira que em sua mistura e conflitos, atuaram ativamente na criação de grande parte do que a cultura brasileira é feita. No entanto, gestores como o engenheiro Pereira Passos que foi prefeito de Rio de Janeiro no início do século XX, instauraram uma série de reformas higienistas com o discurso de melhorar a situação sanitária da cidade e modernização dos espaços públicos para o progresso de todos. As obras foram muito inspiradas na reforma urbana de Paris, promulgada pelo Barão de Haussmann na segunda metade do século XIX e deram aberturas para que outros governantes se inspirassem em seu modelo de aplicação, a exemplo de Tubal Vilela, que no início dos anos 1950 realizou uma série de obras para o embelezamento e modernização de vias da cidade, visando também sua verticalização e especulação imobiliária (OLIVEIRA, 2012).

As obras de alargamentos de vias, arrasamento de quarteirões, cortiços e edifícios irregulares, a construção de bulevares e embelezamento das fachadas nos estilos de vanguardas europeias no entanto, fizeram com que a população mais pobre fosse expulsa dos centros tradicionais, desabrigada e obrigada a habitar os morros, as periferias, dando origem às primeiras favelas e ocupações. Por trás do discurso de infraestrutura e qualidade de vida, havia um público direcionado e mudanças a serem feitas na estrutura social e seus rebatimentos no espaço urbano, ou seja, serviam à produção de uma ideologia.

A forma de habitar na cidade está diretamente relacionada com a qualidade de vida, privilégios e expectativas que a população possui. Villaça (2001), ao demonstrar como as grandes elites controlam a produção do espaço urbano, expressa como as mesmas definem para si a melhor porção da cidade para se morar, com melhores infraestrutura, paisagem, mobilidade urbana, oferta de comércio e de serviços, enquanto as camadas mais pobres são cada vez mais empurradas pela especulação imobiliária e pelo interesse particular, para as periferias, em casas irregulares e insalubres.

1.1.3 Da casa para a cidade: A extensão do corpo, os perigos da rua e a culturalização dos centros urbanos

A importância do lar adequado é a atualização de uma necessidade básica de sobrevivência humana, o abrigo. O espaço da “casa” sempre existiu mediando situações de oposição como dentro/fora, seguro/perigoso, familiar/estranho, ordem/caos, privado/público, identidade/comunidade. É onde se garante a segurança e o conforto que o que há fora de suas paredes e muros não pode garantir. O lugar mais íntimo da cidade, onde as interações interpessoais acontecem dentro das normas estabelecidas, ou seja, dentro da família. Pode ser considerado uma segunda pele de seus habitantes, a membrana intransponível que faz divisão e seleciona o que entra

e o que sai do íntimo e do sagrado lugar. Entretanto, a casa também pode ser local onde o que não é adequado, o vergonhoso, o rejeitado, se manifesta. É o local onde as pessoas se sentem mais despidas de seus traquejos sociais e protocolos. Reflete nossa identidade social para a comunidade e, portanto, é o ponto de conexão entre a vida sexual e emocional com a política e econômica. Através da estrutura familiar, dos moldes prensados na sociedade, é dentro da casa onde os papéis políticos são manifestados sem pudor e sem o medo da repressão que poderia ocorrer no espaço público, que serve a todos e é cada vez mais vigiado e conduzido (CORTÉS, 2008). Isso significa que o lar pode ser lugar de libertação e manifestação social, sexual, identitária, sem o medo das repressões, onde indivíduos podem mostrar quem realmente são despidos e nus. Mas também significa que o lar pode ser lugar de amarras, repressão, autoritarismo, violência física e sexual, misoginia, opressão de gênero e feminicídio. A atualização da casa como propriedade privada, mercadoria e patrimônio aliada à essas questões pode fazer com que esse espaço se transforme na prisão mais sufocante em que os corpos podem se encontrar.

Para o professor de comunicação Josep Maria Catalá (2013), a partir do pós-moderno, a propriedade privada já não está mais apenas associada ao morar, mas também à possibilidade de interações e aproximação com tipos de sociabilidades limitadas pelas condições financeiras:

Uma vez que no mundo pós-moderno a vida é imaginária, não é preciso deixar a casa para viver plenamente. Na pós-modernidade, deixar a casa se não for para ir a outra casa, a outro edifício, tem cada vez menos sentido. A existência acontece literalmente no edifício: seja por estar no seu interior, enquanto a viagem de um a outro se experimenta como aventura, como anteriormente, mas se trata de uma aventura desprovida do valor ontológico. Não é qualquer um que se sente realizado saindo de casa, mas, pelo contrário, só em seu interior adquirem algum sentido as experiências que de algum modo tiveram fora. O espaço existente entre os edifícios, entre a casa, o lugar de trabalho e do ócio é uma paisagem incontrolável, um território que escapa, ou parece escapar do controle que a imagem exerce em outros âmbitos. A casa, o lugar de trabalho e o de ócio são os pontos limite de um jogo de coordenadas cuja confluência determina a posição do imaginário, um imaginário cuja localização coincide com a cidade.

(CATALÁ, 2013, p. 53)

A forma aprisionada que o espaço é produzido permite que a visão de que lugares públicos e livres, ao contrário do espaço da casa, sejam vistos como perigosos para se experienciar, devendo ser evitados e esvaziados. O medo da violência, do contato com o diverso e das adversidades que podem ser encontradas vivenciando a esfera pública tem apelo para aqueles de boa condição financeira, gerando assim mercadoria a ser consumida. Mercadoria que de tão consumida, se transforma em uma cultura do morar entre altos muros, protegidos contra o mundo exterior. Dessa forma, sociabilidades de lazer, cultura, afetividade e outras importantes para o desenvolvimento humano são privilegiadas em espaços cada vez mais fechados, segregados e elitizados, relacionados à vivência urbana fora dos “perigos da rua”. Existe a construção de uma ideia de que a diversidade na construção dos espaços públicos está relacionada diretamente com conflitos, e a lógica do poder

econômico em criar novas espacialidades que sejam diferentes ao espaço da rua e da praça por exemplo, é a de pacificar e neutralizar esses conflitos (JACQUES, 2010).

Essa vivência nova, asséptica, higiênica, extremamente controlada e desenhada para pessoas específicas, auxilia para que ocorra um processo de “culturalização” dos centros urbanos, onde as manifestações populares de cultura são desmotivadas ou invisibilizadas e, por outro lado, a indústria cultural é fortalecida, com suas estratégias que evocam a produção de mercadorias travestidas de culturas artificializadas. No mesmo tempo em que grandes empreendimentos vendidos em *outdoors* e propagandas como *shopping centers* e loteamentos financiados por grandes empresas são vistos como locais ideais de socialização, o que acontece fora dos muros é uma disputa territorial entre quem detêm o poder e quem é marginalizado, lutando pela sua assepsia, contra suas subversões culturais.

Isso tende a desencorajar a experiência de encontros como shows, procissões, paradas e demais sociabilidades genuínas da rua. Sociabilidades essas que só acontecem e são articuladas pela diversidade de pessoas que a vivência pública e coletiva tem o potencial de agregar. Os centros das cidades são cada vez mais esvaziados de sua cultura tradicional de aglomerações de pessoas de diferentes níveis sociais, por processos de gentrificação que retiram seus habitantes de lá e substituem por grandes empreendimentos e projetos de “revitalização” urbana, enquanto os condomínios fechados e bairros planejados nas periferias já nascem dentro desse processo de segregação, em construções e paisagens globalizadas que evocam uma cultura genérica, que agrade à elite, investidores e turistas, em vez de reforçar culturas regionais que nascem e se desenvolvem nesses espaços, da música à festa, da procissão à parada.

Jacques (2006) explica a *culturalização* das cidades quando, aliada a uma espetacularização, culturas são funcionalizadas e utilizadas para conseguir metas econômicas por meio de estratégias como o turismo e a revitalização de áreas ditas degradadas, sendo essas estratégias muitas vezes aliadas à iniciativa privada. Dessa forma, a verdadeira experiência cultural vivenciada pelos praticantes da cidade aí já não existe, já que ela é apropriada pelo “exterior”, onde o usuário não é o cidadão, mas as pessoas que se aproveitam daquela realidade como turistas e investidores, criando então lugares sem substância cultural relevante, por se originar de fatores externos e não da própria comunidade que ali vive. As estratégias de culturalização tendem a entender espaço como negócio e lucro, onde habitação é empreendimento e a vida pública um privilégio para a minoria e a cultura como mercadoria. As cidades então são produzidas de forma homogênea, agradando um tipo apenas de público alvo e desconsiderando os conflitos e embates que podem ser gerados com a diversidade de pessoas incluída em projeto.

Valorizar as diferenças não significa então valorizar as culturas diferentes em si, mas sim valorizar a tensão entre elas, as possibilidades de relação e de conflito entre elas. Para mim, o que legitima o caráter público de algo, por exemplo, do espaço público, ou ainda, das políticas públicas – sejam elas culturais ou urbanas, ou ambas – seria exatamente essa tensão entre diferenças, esse espaço de possibilidades, um espaço que não evita o conflito, não é pacificador, padronizado ou homogeneizado. Seriam espaços abertos, espaços em movimento, em transformação permanente. Os espaços espetacularizados ou privatizados que são espaços fixos, pacificados, onde se tenta a eliminação dos conflitos, das diferenças, onde se busca viver entre iguais, idênticos, como na proposta dos condomínios fechados, do new urbanism que está

sendo importado para cá, as “cidades disneylândia”, cidades que são feitas para uma mesma “identidade”, uma mesma etnia, uma mesma idade, uma mesma opção sexual... Cidades exclusivas para jovens, velhos, negros, gays etc., que é a “moda” dos empreendimentos nos EUA. Para mim, ao contrário, é exatamente a tensão entre as diferenças, ou seja, o próprio conflito de interesses e desejos que caracteriza o que a cidade e a cultura têm de mais precioso, que seria precisamente o seu caráter dissensual de construção pública e coletiva.

(JACQUES, 2010, p. 166)

1.1.4 Uberlândia: cidade de muitos, casa de alguns

Pode-se falar que essa é a realidade que acontece em Uberlândia, município de médio porte, o mais populoso da mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e segundo maior de Minas Gerais, com 683.247 habitantes (IBGE, 2018). Possui grande destaque nas dinâmicas socioeconômicas de seu entorno e cresceu devido a políticas de incentivo aos médios centros após 1960 no Brasil e por também se localizar em entroncamentos de vias que ligam Rio de Janeiro e São Paulo à região Centro-Oeste (SILVA, 2014). Devido sua posição econômica e geográfica estratégica no Brasil, se tornou um polo de atração regional, capitalizando recursos dos centros urbanos vizinhos e esvaziando seu entorno de suas funções tradicionais (SILVA, 2014).

Uberlândia então se localiza dentro da lógica da culturalização devido a megaestruturas desenvolvidas para atrair investimentos e esvaziadas de cultura local. Seja o terreno globalizado dos *shopping centers* e suas lojas franquizadas, sejam os bairros planejados e financiados com a iniciativa privada que prometem uma vida na cidade com segurança, cultura e lazer, densos condomínios fechados com áreas de lazer ou edifícios de alto padrão que venham a facilitar um processo de gentrificação de bairros de classe social mais baixa e com carga cultural ampla.

A relação simbiótica que o desenvolvimento econômico de Uberlândia mantém com o fomento do seu mercado imobiliário existe desde pelo menos 1938, menos de 50 anos desde sua fundação em 1891. No fim da década de 1930 a oferta de habitação pela primeira vez no município se tornou consideravelmente maior que a sua demanda (SOARES, 1997), chegando em tempos de ocupação de menos da metade de seus lotes, provando como a produção espacial já era vista como um nicho de mercado para as pessoas de poder que articulavam e tinham condições financeiras de estruturar o espaço urbano. Uberlândia então tem um grande histórico de gestão aliada ao mercado imobiliário, sendo os próprios especuladores a classe política que direciona e define sua legislação (PACHECO, 2015). Analisando pelo que o geógrafo Flávio Villaça entende de produção urbana brasileira em seu livro Espaço Intra-Urbano no Brasil (2001), a cidade segue os mesmos padrões de outros grandes centros onde, desde o século XIX, a elite econômica domina o planejamento das cidades e define sua ocupação, fazendo com que as populações menos privilegiadas sejam empurradas para outras áreas, com menor infraestrutura e qualidades espaciais.

Villaça (2001) também explica que a partir das últimas décadas do século XX as estratégias de segregação se intensificaram e evoluíram novos mecanismos para acontecer na metrópole. Quando os centros mudam de configuração, se tornam superlotados e com a população diversificada, a elite o abandona e cria, através do controle econômico, político e ideológico, novas centralidades com infraestrutura de qualidade e equipamentos comerciais e de serviço que a atenda. Essa articulação, inclusive, auxilia na degradação das espacialidades centrais e criação de novas periferias. Os setores Sul e Leste de Uberlândia são os mais bem servidos de infraestrutura e possuem grande quantidade de condomínios fechados, bairros planejados e demais empreendimentos fomentados pela iniciativa privada. Complexos comerciais como o Center Shopping no setor leste e o Uberlândia Shopping no setor sul auxiliaram para que novas centralidades fossem criadas, junto com equipamentos públicos de grande impacto como o Centro Administrativo de Uberlândia, a Universidade Federal de Uberlândia e demais instituições que agregam valor e trazem desenvolvimento a essas regiões.

Os condomínios horizontais e fechados em Uberlândia também são dados a ser considerados quando falamos de segregação. Espaços onde o acesso é extremamente controlado, em lugares afastados do centro, mas que possuem estruturas de lazer para seus moradores, de quadras esportivas a pequenos cinemas. Já em 2008 contavam-se 43 condomínios horizontais e grandes empreendimentos verticais que atendem a população rica uberlandense (MOURA, 2008), a maioria e os de mais alto padrão, implantados no setor sul. Loteamentos que atendem a população pobre, habitações sociais financiadas por programas governamentais como o *Minha Casa, Minha Vida*¹², apesar de serem geralmente locadas em regiões de periferia e sem infraestrutura ou qualidades urbanas, são projetadas replicando a lógica de viver dos empreendimentos de alto padrão: lugares murados, monitorados e, embora subdimensionados, com áreas de lazer que atendam aquela população sem a necessidade de vivenciar a cidade além dos muros.

Atualmente também, existe o investimento de grandes empresas como o Grupo Algar, um conjunto de empresas de Uberlândia criado em 1929 e que desde 1954 atua nos setores de Tecnologia da Informação, Telecomunicações, Agronegócios, Serviços e Turismo (KAPPEL, L., 2014). O bairro Granja Marileusa, implantado no setor Leste, próximo a um polo da empresa Algar e desenvolvido pelo grupo para um público de alto padrão aquisitivo é o primeiro bairro planejado da cidade. Seus planos de venda focam na possibilidade de viver e trabalhar com conforto e segurança, com acessibilidade à parques, praças, além de ser um micropolo de tecnologia. Entende-se pelo seu marketing então, que a cidade tradicional, não-planejada, em loteamentos destinados para pessoas de baixo poder aquisitivo, não apresenta tais atrativos e, se direcionando para um público específico,

¹² O programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV) é um programa federal de subsídio habitacional que foi lançado em 2009 pelo Governo Lula e que até 2018 já beneficiou um equivalente a 14,7 milhões de pessoas com moradia, equivalente a 7% da população nacional (FELLET, 2018).

sublinha as condições da elite em ter experiências espaciais de qualidade que só existem nesse tipo de lugar.

Em uma análise geral pelas formas de morar e viver a cidade aqui exemplificadas, a situação imobiliária de Uberlândia e do Brasil atualmente, direciona suas imagens publicitárias a uma vivência que contrasta e nega o discurso do que se vive nos ambientes públicos: espaços limpos, seguros, assépticos, higiênicos, estéreis, onde os males do mundo não conseguem chegar, enquanto o que é de fora - a esfera pública - é perigosa, suja, imprevisível e depravada. Andreas Husseyn, em seu livro *Seduzidos pela memória* (2004), entende o espaço urbano contemporâneo como cidade-sígnio, ou seja: a própria cidade é feita de símbolos e imagens que a representam e representam a contemporaneidade. Em seu discurso, explica como esse tipo de projeto é excludente à população que não tem acesso e permissão aos grandes empreendimentos, por serem feitos para pessoas específicas, e também como a produção de cultura é afetada por isso.

O discurso atual da cidade como imagem é o dos “pais da cidade”, empreendedores e políticos que tentam aumentar a receita com turismo de massa, convenções e aluguel de espaços comerciais. O que é central para este novo tipo de política urbana são os espaços estéticos para consumo cultural, megastores e megaeventos museicos, festivais e espetáculos de todo tipo, todos tentando atrair novos tipos de turista- desde o visitante de feriado até o incansável caminhador metropolitano, que vieram substituir o velho modelo do ocioso flâneur. O flâneur, mesmo sendo um outsider em sua própria cidade, sempre figurou como um habitante, em vez de um viajante sempre em movimento. Mas, hoje em dia é ao turista, mais que ao flâneur, que a nova cultura da cidade quer apelar, ao mesmo tempo que teme o indesejável duplo do turista: o migrante expatriado.

(HUYSEN, 2004, p. 91)

Os realces de exclusão e segregação de parte da população que é marginalizada e excluída em Uberlândia deixa evidente que pessoas como minorias sociais são preteridas no projeto urbano. Como retorno, outra cidade é edificada, aquela difícil de mapear, transitória, informal, que faz resistência à capitalização dos espaços. Seus indivíduos já não são públicos-alvo definidos por planos de estratégia em uma sala de marketing, são corpos plurais, rejeitados, cada qual com uma história de negação: pobres, negros, indígenas, gays, trans, pessoas com deficiência que se apropriam do que é público e o tomam como um todo, de diferentes maneiras. Aqui, o lugar anônimo, perigoso, sujo da rua que a classe alta se afasta também significa moradia, afetividade, trabalho, lazer e expressão cultural.

1.1.5 A cidade e o centro: O corpo masculino e elitista e o corpo subversivo na produção e apropriação das centralidades

Os centros tradicionais das cidades brasileiras possuem em sua maioria uma dinâmica particular, distinta da que acontece no restante da cidade contemporânea. Por suas ruas passaram seus primeiros moradores, sua variedade de traçados conta uma história sobre a evolução daquele lugar, de trens de ferro a automóveis, de executivos a donas de bordéis, além de muitas outras mudanças que ocorreram ao longo do tempo. A chegada dos desbravadores e suas famílias, as primeiras segregações espaciais, os deslocamentos das elites para outros subcentros, os discursos de degradação e revitalização, as culturas, os batuques, as procissões, os desfiles, o *footing* em suas praças, o caminho até os bares nas noites de sábado, o circuito até a igreja nas manhãs de domingos. Têm a potencialidade de representar a diversidade que o município apresenta, seus povos e suas histórias através do tempo, da forma mais equivalente possível e é também por excelência, local de apropriação de pessoas rejeitadas pela moral da sociedade, que flanam a esmo por suas ruas, praças e estabelecimentos.

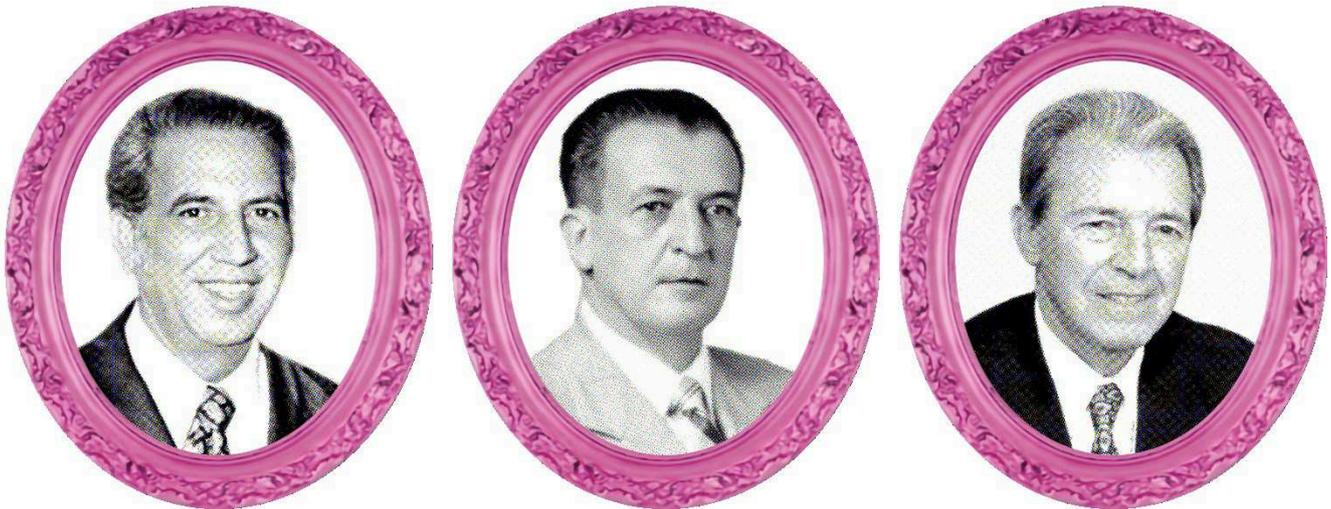
Os corpos sem grandes privilégios em nossa sociedade têm identidades múltiplas, heterogêneas, fluidas, e podem ser agrupados em classificações que se perpassam e conflitam. Os padrões de vida lidos e interpretados pela sociedade como normais são classificatórios, eliminatórios. No mundo globalizado em que vivemos, após grandes acontecimentos como as colonizações e popularização da internet, as paisagens culturais de gênero, sexualidade, raça, etnia, classe e nacionalidade, uma vez concretas, são hoje fluidas e negociáveis, o que o teórico cultural Stuart Hall (2006) chama de “descentração de sujeito”. Dessa forma, não há uma escala bem definida e racional que compare e classifique os corpos diversos que existem no urbano como mais privilegiados ou prejudicados.

No entanto, fazendo um caminho reverso, é possível atestar como a ideologia do poder dominante está diretamente atrelado à uma cultura da masculinidade como afirma Cortés (2008) ao analisar a história de ocupação espacial e fomento de especulação imobiliária em Uberlândia. Corpos masculinos, brancos, cisgêneros, heterossexuais e ricos representam grande parte do poder estrutural que governa as civilizações desde os primórdios, o que faz com que esses homens que detêm poder governem muitas vezes primordialmente para si mesmos, sob as suas próprias necessidades.

Muitos homens com essas características detiveram ao longo do tempo o poder político e econômico em suas mãos nas terras de Uberlândia, sendo governantes e/ou empresários de influência, fazendo com que a legislação beneficiasse seus próprios negócios. Uma série de ex-prefeitos uberlandenses em seus mandatos planejaram loteamentos afastados e fora de sintonia

com o planejamento urbano, como os bairros Luizote de Freitas e Segismundo Pereira, que a partir de sua construção, viabilizaram a infraestrutura e especulação imobiliária de grandes áreas contíguas de posse dos governantes e empresários (PACHECO, 2015). Ex-prefeitos como Virgílio Galassi, dono da empresa Viga Empreendimentos, Tubal Vilela da Imobiliária Tubal Vilela (atual ITV Empreendimentos), Renato de Freitas da R. Freitas Empreendimentos (PACHECO, 2015) (Figura 5).

Figura 5: Ex-Prefeitos de Uberlândia: (Esq. para Dir.) Renato de Freitas, Tubal Vilela e Virgílio Galassi

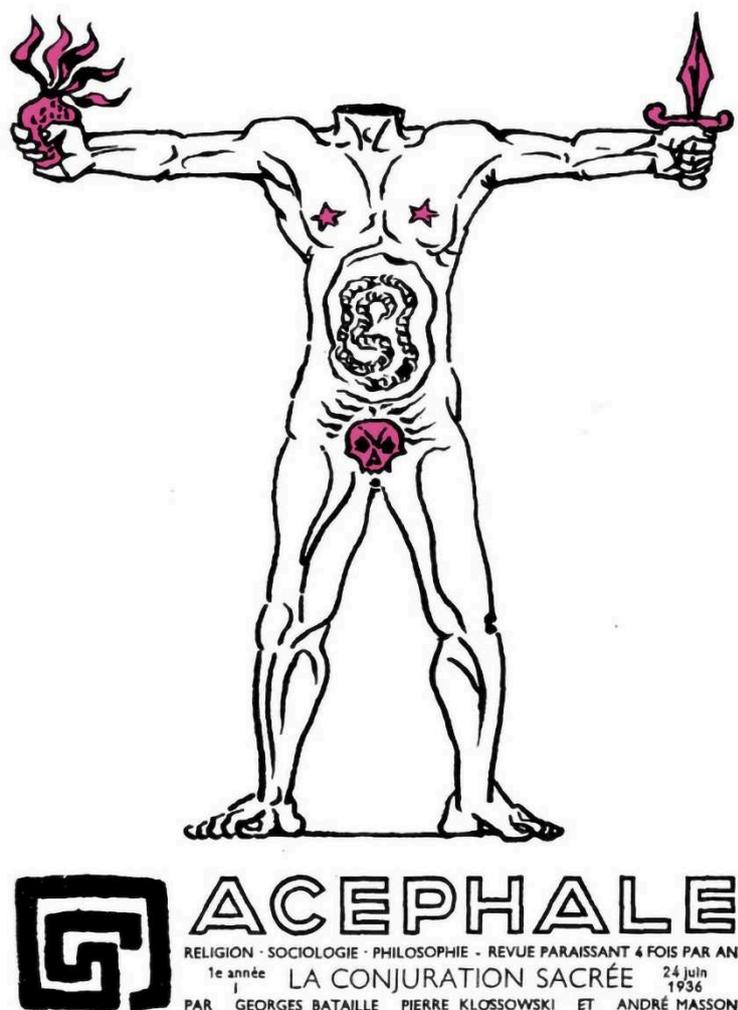


Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia, 2019.

Se tais homens podem ser indicados como símbolos de representação de uma classe dominante, quem seria a parcela subalterna da sociedade? Esses são os anônimos, a mistura, pessoas de baixo poder aquisitivo, excluídas do padrão de vida e classe social dominante, de outras raças e cores além da branca, gêneros e sexualidades transviadas, loucos de corpo, de mente, de corpos vendidos, de quem as únicas moradias são os próprios corpos. Às vezes pretos e pobres, às vezes brancos e loucos. Também corpos trans prostituídos e gays mendigos, em uma enorme variedade e afluência de identidades. Uma fração marginalizada que é negada e mal recebida na cidade espetacularizada, em *shopping centers*, condomínios fechados, e demais lugares controlados e vigiados por todos os cantos. A esses corpos não lhe servem o “homem racional”, metrificado, o modulator de Le Corbusier. São múltiplos, vêm em muitas cores, tamanhos, configurações, funções, órgãos e variedades e por isso não podem ser categorizados. São esses os corpos negados, invisibilizados e presentes na cidade, durante à noite, na penumbra, e em mais lugares onde a sociedade consegue melhor os esconder (Figura 6).

Como já citado, as classes dominantes usam da segregação como um instrumento de diferenciação para a manutenção do poder. Dessa forma, os espaços considerados de bom modelo na sociedade são negados a pessoas que não se enquadram em suas estruturas, já que os mesmos são projetados com as elites como principal e às vezes único público alvo. Enquanto isso, aqueles rejeitados se apropriam de outros lugares, criam outras formas alternativas de viver, alimentando um discurso de exclusão. As sociabilidades criadas por essas pessoas são invisibilizadas pela ideologia dominante, pelo discurso da ordem, do progresso, da *ordem e progresso*, da família, da moral e da tradição do Brasil, da família tradicional brasileira. É um processo retroalimentar que institucionaliza a separação de classes no Brasil e no restante do mundo capitalista.

Figura 6: Ilustração de André Masson para a publicação “Acephale”



Fonte: Bataille, G; Masson, A ; Klossowski P. (1936)

Como a cidade e seus centros são produzidos para poucos, os meios necessários encontrados por essas pessoas à margem para praticar a liberdade de forma plena são considerados atos de subversão. Formas de sobrevivência que não interferem ou impedem de maneira brusca o modo de viver de outras pessoas que estão contempladas no que é projetado e construído no urbano. As condenações são de ordem moral e são vindas de uma classe dominante que tem direitos de moradia, trabalho, lazer, intimidade e demais estruturas essenciais de subsistência humana garantidos e naturalizados. Por isso, o centro e coração das cidades, a noite e a madrugada, os espaços públicos e livres, são essenciais para que dos membros rejeitados do corpo da sociedade pulsem vida, e de suas vidas, sejam cada vez mais criadas resistências e visibilidades do avesso e da subversão.

Moradores de rua, camelôs, prostitutas, indigentes e outros personagens fazem parte dessa população mista que se apropria da cidade que é para todos, gerando novas funções e fluxos temporais, interrompendo a racionalidade e velocidade impostas a seus habitantes. Mapear seus traçados, medir suas ações, espacializar seus pedaços são diligências necessárias para compreender a cidade que vivemos além de um viés imposto, que vem do dominador para o dominado. Estudar a vitalidade urbana por óticas subversivas é entender outras faces das histórias e verdades do que acontece, como acontece e porque acontece nos espaços públicos do Brasil.

São sobretudo os habitantes das zonas opacas da cidade, dos “espaços do aproximativo e da criatividade”, como dizia Milton Santos, das zonas escondidas, ocultadas, apagadas, que se opõem às zonas luminosas, espetaculares, gentrificadas. Uma outra cidade, opaca, intensa e viva se insinua assim nas brechas, margens e desvios do espetáculo urbano pacificado. O Outro urbano e o homem ordinário que escapa – resiste e sobrevive – no cotidiano, da anestesia pacificadora. Como bem mostra Michel de Certeau, ele inventa seu cotidiano, reinventa modos de fazer, astúcias sutis e criativas, táticas de resistência e de sobrevivência pelas quais se apropria do espaço urbano e assim ocupa o espaço público de forma anônima e dissensual.

(JACQUES, 2012, p. 15)

É necessário compreender que a segregação de espaço e pessoas não surgiu na contemporaneidade, em um sistema capitalista e tecnocrático. Essa divisão foi construída desde pelo menos o período colonial, com o regime escravocrata e instrumentos de dominação de culturas, que durou quase quatro séculos no país. A separação em casa grande e senzala, a supremacia da moral católica como único modo de vida a ser seguido, o genocídio de indígenas e pessoas escravizadas do continente africano, o extrativismo e a exploração. Muito antes do muro do condomínio e do morro da favela, as pessoas já eram divididas entre corretas ou imorais para a sociedade, digna de direitos ou à mercê de suas condições, e essa separação já era claramente espacializada.

1.2 Boemia da jovem Uberabinha à senhora Uberlândia: Recortes de racismo e misoginia e seus rebatimentos no espaço urbano de 1940 a 1960

1.2.1 *As filhas de Eva, as mães de família, seus maridos e os negros recém-libertos nos entornos da Praça do Rosário*

Uberlândia tem sua história alinhada com a abolição da escravidão e proclamação da República, sendo elevada à município em 1891 pelo nome de Uberabinha (IBGE, 2013) e desde sua consolidação como município existem registros espaciais da segregação. O congado, grande manifestação da cultura negra brasileira, que mistura tradições da religião católica com outras afro-religiosas e dança, tem grande força na cidade graças à Irmandade do Rosário e de São Benedito (BRASILEIRO, 2012). A irmandade era composta por negros escravizados ou livres (BRASILEIRO, 2012) e dessa forma, após a abolição, o congado também era constituído por pessoas que já foram escravizadas e suas gerações futuras. Primeiramente, a manifestação ocorria na “Praça dos Bambus” (atual praça Tubal Vilela/Ismene Mendes¹³), local central da cidade, depois no “Largo do Comércio” (atual praça Clarimundo Carneiro) até, por pressão das elites, ficar decidido um local definitivo para as celebrações, mais alto, fora da cidade, onde atualmente é a Praça do Rosário no Bairro Fundinho

¹³ Dentro do que se cabe estudar sobre apropriações espaciais que subvertem a ordem patriarcal que a sociedade é construída, a disputa territorial sobre a praça Tubal Vilela/Ismene Mendes demarca uma importante reivindicação contemporânea de que os espaços sejam renomeados e ressignificados pela classe política para dar visibilidade a pessoas oprimidas.

Seu local, desde o assentamento de Uberlândia como cidade, no início do século XIX é destinado a uma praça. Nas décadas de 1940 e 1950 era conhecida como Praça dos Bambus, até ser oficializada primeiramente com o nome de Benedito Valadares, em 1938 e em 1941 a praça muda novamente de toponímia, passando a ser chamada de Praça da República. De 1959 até 1962, o espaço é remodelado pelo arquiteto modernista João Jorge Coury e, como forma de homenagem, é renomeada como Tubal Vilela (OLIVEIRA, 2002).

O ex-prefeito havia terminado seu mandato em 1955 e havia realizado obras de grande impacto com sua empresa imobiliária, como o edifício que também levava seu nome e o primeiro hotel três estrelas da cidade, ambos nas imediações da praça (OLIVEIRA, 2012). No entanto, em um processo de revisitar a história do município e seus atores, desde 2017 pelo menos tem-se divulgado em meio público trechos de um termo de declaração processual datados de 1926 que comprovam, por confissão própria do réu, que Tubal Vilela havia assassinado sua esposa, grávida e mãe de seus dois filhos, no dia 22 de maio de 1926 em um ato de feminicídio. Vilela na ocasião foi absolvido das acusações sob a justificativa de ter realizado o crime para impedir que sua honra fosse ofendida e por estar “privado de inteligência e sentidos” no momento do crime (BARROS, 2004), fato que possibilitou a candidatura e função de prefeito da cidade 24 anos mais tarde.

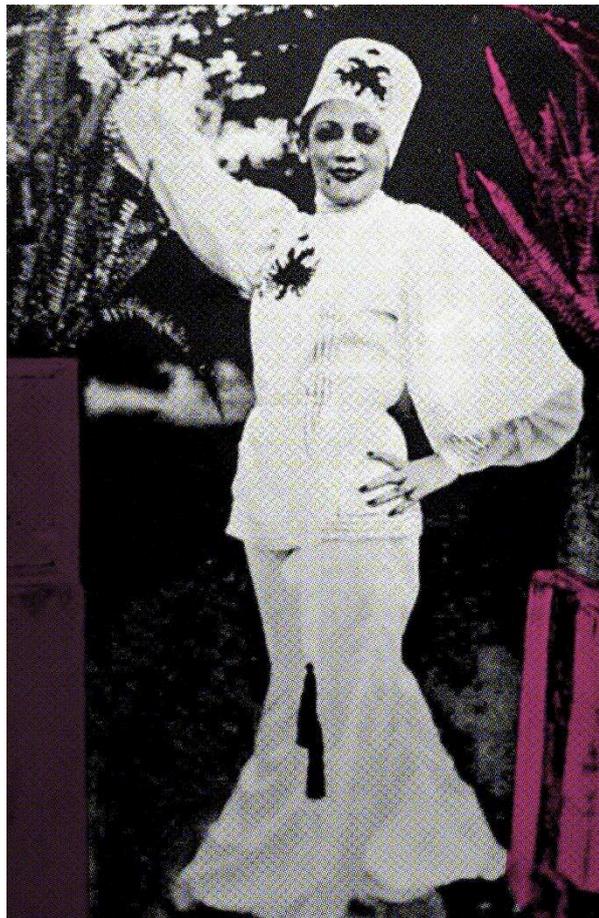
Em clamor à destituição da representação pública do poder de figuras políticas do passado que cometeram crimes atrozos e ainda são homenageados com nomes de vias, praças e demais logradouros,, a exemplo de alguns militares que contribuíram para o golpe de 1964, as mulheres de Uberlândia por meio de atos cívicos no dia 08 de março (Dia da Mulher), dentre outros espaços de discussão política, reivindicam a destituição do nome Tubal Vilela a ser relacionado à praça, e que essa medida seja implantada popularmente e institucionalmente (BRASIL DE FATO, 2018). A praça então é renomeada e reconhecida (apenas ainda em nível popular e não político) como Ismene Mendes.

Mendes, por sua vez, era natural de Patrocínio e dedicou parte de sua vida defendendo o direito de camponeses contra os abusos de seus patrões, recebendo ameaças de morte até ser estuprada, espancada e assassinada em 1985, que em relatório policial teria se autoflagelado, “auto-estuprado” e cometido suicídio, sem que seu caso fosse investigado a fundo e punido responsáveis pelo crime (MACEDO et. al, 2016).

(BRASILEIRO, 2012). Essa delimitação de lugares fez com que os entornos da praça fossem ocupados predominantemente por pessoas negras e/ou de classes sociais desprivilegiadas que participavam dessas festividades e também eram malvistas nas centralidades de Uberabinha, que tinham grande importância social e também infraestrutura e urbanização.

Dessa forma uma transformação espacial e social aconteceu. Houve a construção da Igreja do Rosário, instituindo aquele lugar então como o de direito a manifestações religiosas dos congadeiros e demais católicos que não eram permitidos a celebrar sua fé em outros espaços e aos poucos, além das casas, da igreja e da praça do Rosário, foram surgindo lugares destinados ao lazer de seus moradores, sendo que desde pelo menos os anos de 1930 a região já se constituía como um centro de boemia em Uberlândia, que atraía parte de seus moradores e fazendeiros da região a seus bordeis, cassinos e bares vistos como de reputação duvidosa, como explica o historiador Júlio César de Oliveira em seu livro *Ontem ao Luar* (2012).

Figura 7: Noca, dona de um dos bordeis de Uberlândia em 1940



Fonte: Oliveira, J. (2012)

O retrato da boemia que se estabelecia próximo à praça tem também uma moldura de segregação e relações de poder na sociedade, os cabarés eram espelhos de como a sociedade lidava com as figuras dos gêneros e do sexo. Eram lugares financiados pela prostituição feminina, e suas *filhas de Eva*, como eram chamadas as prostitutas de Uberlândia na determinada época (OLIVEIRA, 2012), chegavam muitas vezes a esses estabelecimentos como último recurso, vindas de cidades menores ou do campo, após serem abandonadas pela família ao violarem sua moral (a perda da virgindade ou gravidez, por exemplo). Chegando nos bordeis, essas moças eram acolhidas pela dona da casa, que oferecia lar, comida e salário em troca da atividade sexual com seus clientes. Casa da Cobra, da Noca (Figura 07) da Maria José, da Eliza Machado, da Nina Machado, da Josefa Santos e da Flauzina são exemplos de estabelecimentos que se localizavam naquela zona boêmia, sempre reconhecidos pelo nome de suas donas.

As casas eram frequentadas por homens da cidade de todos os espectros, dos mais pobres aos mais ricos, dos rejeitados aos poderosos, pois, segundo Oliveira (2012) era de costume que os homens uberlandenses, solteiros ou casados, participassem na vida social normalmente ao longo da semana e aos fins de semana e, após cumprirem suas obrigações familiares, como idas a bares considerados de bom convívio ou participações nos *footings* que aconteciam na Avenida Afonso Pena, continuassem a noite em direção aos bares e bordeis (Mapa 1). O *footing* era a atividade

Aconteciam nas praças e demais locais públicos específicos, onde em geral os homens caminhavam em uma direção e as mulheres em outras, realizando assim uma troca de olhares. Já o circuito até o prostíbulo se caracterizava como a subversão do que acontecia com o *footing* aos olhos da sociedade. Era confidencial, criando desculpas para as esposas ou o restante da família, por serem lugares considerados profanos e de mal prestígio, fora do ambiente familiar, criando assim relações de cumplicidade entre os amigos e frequentadores, que geralmente se encontravam na mesma situação .

O sigilo necessário para a manutenção dessas sociabilidades também dava poder às mãos das prostitutas e donas das casas, por compreenderem e participarem da vida daqueles sujeitos fora e depois do ambiente familiar, em uma perspectiva íntima, a do sexo, do contato corporal e de confidências secretas. Muitas vezes, eram essas mulheres as encarregadas de iniciar sexualmente os homens, representando sob elas também um papel quase sacerdotal em Uberlândia e em todas as cidades brasileiras na primeira metade do século XX. Enquanto dia, as mesmas deviam ser discretas, e passar despercebidas na cidade que os homens construía, governavam e habitavam com suas esposas e filhos. Já durante à noite e principalmente nos fins de semana, eram elas as detentoras do poder, da informação e do corpo daqueles homens, mesmo que por tempos mínimos e lugares delimitados (OLIVEIRA, 2012). Ao mesmo tempo, estavam presas em um sistema que as condicionavam a vender o corpo em troca da sobrevivência, sendo expostas a todos os tipos de abuso e violência. Quando reunido em um local específico, um grupo de pessoas marginalizadas pode deter parte do poder, por estar dentro de seu local (de fala e de convívio social), e outro grupo social de maior domínio na sociedade ao adentrar esses espaços precisa receber concessões e obedecer certas regras, mesmo estando ainda em uma posição mais privilegiada.

1.2.2 O bordel, o cinema, a procissão e a caminhada boêmia: Manchas, pedaços, circuitos e heterotopias

A interpolação entre tempo e lugar é de extrema importância para entender como a cidade é construída e vivenciada por pessoas diferentes. A sazonalidade das atividades noturnas e de lazer de Uberlândia por exemplo, fazia com que os espaços se transformassem e criassem atributos próprios. A zona boêmia e de bordéis era evitada por *mães de família* e suas filhas em situações como procissões, as mesmas se retiravam, para não se contaminarem com os “malefícios do sexo” que podiam emanar desses estabelecimentos. Da mesma forma, as *filhas de Eva* eram instruídas a serem discretas ao andar pela cidade e ao participar da vida pública, não se misturarem e pegarem a segunda sessão de cinema, por exemplo, quando as de família já o haviam abandonado (OLIVEIRA, 2012).

Analisando a dinâmica de Uberlândia e seu lazer noturno desde os anos 1930, é de fácil conclusão de que as negações e privilégios em uma sociedade baseada no controle, na posse, ocupação e apropriação, auxiliam para que o espaço urbano seja como um terreno de guerras, disputas e concessões entre diferentes grupos sociais que lutam por sua supremacia, enquanto outros sobrevivem para existir. Dos cabarés aos cinemas, do centro elitizado à periferia, esses lugares são trincheiras para diferentes grupos de pessoas. A disputa pelo lugar na sociedade é também a luta para se afirmar na cidade, e a apropriação espacial um instrumento bélico para garantir que seus corpos existam em liberdade entre seus semelhantes.

José Guilherme Magnani (2005) traça uma série de conceitos que auxilia na compreensão do espaço urbano e suas apropriações como estruturas complexas e extremamente particulares, independentemente do projeto e da função para ele definido. Em primeiro plano, o antropólogo define que a apropriação espacial existente fora do ambiente de casa, de lugares como comércios, bares, praças e demais locais em redes criadas por pessoas baseadas em afetos e atividades em comum podem ser denominadas como “pedaços”. Lugares onde as pessoas se encontram, criam laços e constituem relações sociais fora das configurações constituídas como as relações familiares. Sociabilidades amplas que não foram impostas pela sociedade e que estão diretamente relacionadas ao espaço físico em que se encontram, pois é através da cidade que esses grupos mantêm o contato e interação.

Os bordeis, bares malvistas, os restaurantes familiares, as praças onde se praticava *footing* e demais locais urbanos de Uberabinha podem ser considerados pedaços de diferentes grupos sociais e tribos urbanas que surgem com a estratificação da sociedade, como os aqui citados. As prostitutas por exemplo, não mantinham relações com as moças consideradas de respeito na sociedade, e isso se rebatia no espaço físico, no abandono da procissão pelas moças de família e preferência da última sessão de cinema do dia pelas prostitutas. Isso acontecia pois os dois grupos se aglutinavam com base em semelhanças na sociedade, de privilégios a negações e então constituíam pedaços diferentes entre si no espaço físico. O pedaço também, segundo Magnani (2005) está diretamente relacionado à temporalidade, pois ao espaço físico por si só é mutável ao longo dos tempos. Dessa forma, o cinema podia ser um pedaço para as moças de família em uma sessão, e obrigatoriamente, outro pedaço para as prostitutas na segunda sessão. As relações criadas, apropriadas e subvertidas ali se modificavam em questão de horas, da mesma forma que a rua dos bordeis em momentos de procissão era um pedaço de outro domínio, evitado por um grupo social (das *mães de família* e suas filhas) que ali não tinha representação.

Ao abordar essa relação de espaços e temporalidades, Magnani complementa uma lógica anterior estabelecida por Foucault (2013), que aborda a fluidez dos espaços na sociedade ao desenvolver o conceito de “heterotopias” (outros espaços), espaços que não são funcionalizados e

racionais, mas atendem a muitas funções, diferentes pessoas em determinadas temporalidades transponíveis (heterocromia). A noção de heterotopia devolve ao espaço sua possibilidade de ser transformador, capaz de possibilitar certas ações, sentimentos e fenômenos específicos em temporalidades diversas, além de caracterizar o que se imagina como um espaço como muitos espaços. Não se pode pensar em tempos e espaços como tipos neutros, ausentes de representação, já que tanto o tempo quanto os espaços podem ser leves, afetuosos, agressivos, dependendo da vivência e perspectiva do observador: ser múltiplo que pode ser representado por diferentes grupos.

À exemplo disso, as relações sociais construídas nos bordeis, lar e trabalho das prostitutas, eram vistas e experienciadas de diferentes formas para os homens que ali transitavam, pois não se localizavam entre estruturas impostas da sociedade. Não eram lugares de trabalho, de lar, não representavam seus compromissos com a estrutura da família. Eram pontos de encontro de amigos, onde entre si o sigilo e a camaradagem eram garantidos, e seus fins semelhantes, do sexo, da boemia, da intimidade e principalmente, da subversão dos valores da sociedade. Eram também específicos para cada grupo particular de homens, pois cada bordel e bar tinha uma expressão variada de frequentadores, alguns de homens de poder, outros que favoreciam os menos abastados.

De caráter mais amplo, a dinâmica entre estabelecimentos determinados pode também criar redes de pessoas de diferentes grupos sociais, que possam se incluir ou não em pedaços, que se interagem pela oferta de serviços e se apropria da imprevisibilidade de comportar diferentes tipos de pessoas. São lugares de convergência, onde não se sabe ao certo quem e que tipo de pessoa se encontra lá, o que é chamado por Magnani (2005) de manchas. Em exemplo, a quantidade de bordeis, bares e demais estabelecimentos de lazer que se denominam como zona de boemia ao redor da praça do Rosário podem ser considerados uma mancha, pois possuem uma grande oferta em lazer específico e ao mesmo tempo são amplas e abertas a mais de um grupo social. A região higienizada e idealizada da cidade, as praças pra o *footing*, os clubes de elite e restaurantes de família no centro nobre da antiga Uberlândia são outra mancha de lazer, com outras categorias e grupos pertencentes. É nessa mancha que se localizam os pedaços de esposas e mães, seus filhos e também seus maridos, em relações que em muito se diferenciam daquelas praticadas a poucos metros dali, no lado marginalizado.

Diferente das mulheres então, os homens da sociedade uberlandense tinham mais privilégios em transitar em diferentes manchas, criando pedaços diversos sem que haja um registro de considerável disputa espacial. O trânsito dos compromissos familiares para a vida noturna e libertina acontecia com a transposição de espaços físicos que não eram contíguos, e esse movimento entre os pedaços, as zonas de boemia e uma mancha de lazer familiar para outra, e o que acontecia nesse deslocamento, os amigos encontrados, os desvios tomados, as relações criadas com a cidade,

Magnani considera como circuito (MAGNANI, 2005), quando essas relações acontecem de forma mais independente do espaço físico, mas ainda assim de fácil identificação, descrição e localização.

1.2.3 Preconceito racial, misoginia, patriarcado: Estruturas que modificam a experiência urbana

Os diferentes pedaços clamados pelas mulheres de Uberabinha, divididas entre categorias que não se convergiam e em espaços não compartilhados, demonstram como a segregação espacial pode ter origem na estrutura patriarcal e misógina da sociedade, já que o circuito dos homens nas manchas de lazer, entre os variados pedaços eram livres, controlados e definidos por eles próprios, ainda que considerados fora do padrão aceitável para a sociedade. Da mesma forma, é possível também perceber com a história de desenvolvimento da centralidade do Rosário, o impacto do planejamento urbano nos corpos dissidentes, desde a definição de um lugar de pobre infraestrutura para a cultura marginalizada e negra florescer, desencadeando ao desenvolvimento de uma zona boemia, dando lar a mulheres sem recursos e representando uma subversão à moral cristã vivida. Uma subversão permitida e controlada pelos homens no poder.

Por estes exemplos é possível traçar um padrão histórico de supremacia masculina nas decisões de sociedade e espaço urbano ao longo do tempo. A questão, no entanto, se complica ainda mais quando racializamos o debate histórico. No início da década de 1950, mesmo após mais de 60 anos de abolição da escravatura, os direitos da população negra continuavam menores e o racismo era, como ainda é, uma forte estrutura de resquício do período escravocrata no Brasil. Há registros de que no espaço público de Uberlândia, representado pela avenida principal da cidade, negros caminhavam obrigatoriamente por um lado da calçada, enquanto os brancos transitavam pelo outro. Enquanto isso, o lugar de passagem dos pobres e de um subgrupo de negros considerados desclassificados se dava no meio da avenida, fora das calçadas (MOREIRA, 1990). Essa clara espacialização do racismo e da segregação social podia também ser encontrada em restaurantes, escolas e clubes. Lugares de lazer de prestígio como o Uberlândia Clube, por exemplo, não aceitavam a presença de negros que não estivessem ali a trabalho (OLIVEIRA, 2012).

Como alternativa, criavam-se então clubes dos próprios negros, como o Flor de Maio e o Independente (OLIVEIRA, 2012) que funcionavam como pedaços para esses grupos sociais, que se interagiam pela dança, pelo carnaval e folia. Esses clubes costumavam ser periféricos e tinha a presença absoluta de população negra, exceto em épocas de eleições, onde políticos brancos caminhavam pelo clube fazendo promessas e distribuindo bebidas. É o caso registrado do prefeito Tubal Vilela que em mais de uma ocasião visitava o clube José do Patrocínio, popularmente “Caba-Roupa”, prometendo uma nova sede do clube caso reeleito. Fora daqueles espaços e daquelas

circunstâncias, a cidade elitizada já era produzida pelos mesmos políticos em um viés embelezador onde, apoiados pela ditadura Vargas, modernizavam as grandes avenidas e centros, limpando assim do traçado da urbano o que fosse considerado feio ou imoral, de casas, estabelecimentos a pessoas. O uso da violência e da coerção eram ferramentas de controle para que cidadãos entrassem na norma de sociedade pretendida (OLIVEIRA, 2012).

Sob essa política então, em 1950, quando a região de bordeis próxima à praça do Rosário foi desmantelada de tempo a tempo através de decretos e força policial. O mesmo prefeito Tubal Vilela que buscava apoio nos clubes de pessoas negras, ordenou às donas das “casas de tolerância” que procurassem novos destinos, fora do que já era parte do centro, para que o “progresso seguisse à frente” (OLIVEIRA, 2012), num discurso de deixar as cidades limpas com habitantes em refinada moral que satisfazia às elites, e que visava se aproveitar da especulação imobiliária para construir grandes empreendimentos como o Edifício Tubal Vilela e o Hotel Presidente¹⁴. Nessa época, as zonas de boemia eram também habitualmente visitadas por batidas policiais violentas que prendiam dezenas de pessoas de uma vez por “atentados contra a boa moral”.

Apesar do discurso, a intenção da classe política ao mudar os bordeis e cabaré do centro não era de acabar com os prostíbulos do município, pois os mesmos eram reconhecidos como um “mal necessário” (OLIVEIRA, 2012), e frequentados por pessoas do mesmo nível societário que os expulsaram do centro. Como efeito, o estrangulamento dos bordeis fez com que os mesmos se pulverizassem pela cidade, e aumentassem de número a ponto de, segundo Oliveira (2012) pais de família tivessem que identificar suas casas como “residências familiares”. Aos poucos, por iniciativa

¹⁴ Em seu livro “Políticas do Espaço: Arquitetura, gênero e controle social” (2008), o historiador José Miguel G. Cortés aborda a origem dos arranha-céus das mais desenvolvidas metrópoles no início do Século XX, que inspiraram os sonhos modernos de edifícios menores, mais modestos mas de nenhuma forma menos imponentes nos gabaritos de paisagens de cidades como Uberlândia. O discurso da necessidade da verticalização das cidades se dava pela escassez de terrenos para construir, embora o primeiro arranha-céu tenha sido erigido em Chicago, cidade norte americana com vasto espaço livre natural para seu crescimento.

À essa contradição, o autor afirma que existe uma probabilidade de que o nascimento dos prédios altos se deu para a criação de símbolos, silhuetas que encontram o céu, representando a força da energia humana masculina. O eixo vertical corresponderia ao estado ereto do homem, condição primordial para sua sobrevivência. Na torre está resumida a autoridade absoluta, a independência e o individualismo, representando lugares de poder onde homem nenhum antes havia chegado. O topo do arranha-céu e dos altos prédios garantem a autoridade visual de quem o construiu e o encomendou (na figura do homem), enquanto a mulher é relegada a uma posição permissiva, objeto ao masculino.

Cortés (2008) também remete o projeto de empreendimentos verticais ao falocentrismo que é estudado por autores de diferentes áreas e tempos cronológicos como o psicanalista Jacques Lacan e o filósofo Paul Beatriz Preciado. O falocentrismo é estrutura integrante da ideologia de dominação masculina onde a supremacia do falo, como representação simbólica do pênis, demarca as diferenças de poder entre o que é lido na sociedade como masculino e feminino. Em suma, é uma performance da superioridade da masculinidade na civilização por meio simbólico do órgão sexual lido como masculino. Já o psicanalista Sigmund Freud evidenciou em seus estudos que a presença obsessiva do falo transviada da psique masculina para o mundo de representações poderia distinguir o medo de sua possível castração (CORTÉS, 2008).

de donos de cassinos, foram sendo criadas outras manchas de lazer noturno, como a da “Rua Sem Sol”, atual Rua Engenheiro Azelli, na periferia de Uberlândia. O próprio nome da rua tinha a intenção de indicar que a atividade noturna era de maior movimento que durante o dia. Bordeis também se localizavam próximo aos trilhos da Mogiana, onde atualmente ficam a Avenida João Naves de Ávila e a praça Sérgio Pacheco.

Pelos registros abordados, é possível perceber que sexo, gênero e cidade se emaranham de diversas formas, incluindo debates sobre raça, classe econômica e religião. Relações de poder que começavam no quarto do bordel podiam influenciar a outras que terminavam dentro dos gabinetes dos órgãos públicos e decisões políticas tomadas tinham o poder de reestruturar o espaço urbano, expulsar o sexo do centro urbano, dar abertura para o capital, o progresso. Substituir aqueles lugares comandados por mulheres por outros projetados por homens. A estratificação urbana e contraste entre os pedaços e manchas delimitam seus habitantes, sua raça, seu sexo e fazem com que os de menor privilégio sejam fáceis de ser classificados, remanejados e eliminados, expurgados da visão de progresso. A elite - a exemplo de Uberlândia desde a fundação de Uberabinha - decide os espaços e a vida das pessoas neles contidas.

1.3 Cidades brasileiras e corpos *queer* de 1500 até a década de 1970: Os lugares de relações subversivas em gênero, sexo e sexualidade no Brasil

1.3.1 O corpo *queer* da oca e da igreja: a liberdade sexual e de gênero, o pecado e o sigilo no Brasil colônia

Se o poder se manifesta no planejamento e utilização das cidades suprimindo manifestações de raça, gênero, sexo, religião e classe econômica por exemplo, é de fácil suposição que pessoas *queer*, por não se encaixarem na norma de sexo/gênero, também sejam subjugadas na produção e experiência urbana. Um indício de que isso acontece se dá pela pequena quantidade de registros formais que se atentam à utilização urbana para sociabilidades *queer* ao longo da história, em relação a outros tipos de usos. Em Uberlândia, concomitantemente à época das histórias boemias aqui analisadas, pouco se sabe da experiência *queer*, com exceção de fugazes sociabilidades que subvertiam como o gênero era visto e manifestado, nos bailes de carnavais, ou em notas da imprensa com caráter delator.

As pesquisas arqueológicas de um Brasil pré-colonial são de difícil codificação, devido à ausência de linguagem escrita e conservação de sítios pelas características de ocupação de tribos passadas. Isso prejudica o estudo de pessoas fora de um padrão de gênero e sexo com base no ocidente, além de como essas pessoas ocupavam os lugares. Porém, alguns registros feitos por

antropólogos, principalmente dos séculos XVI ao século XIX das atividades de tribos antigas do território brasileiro que até então mantinham pouco ou nenhum contato com o homem branco, demonstram as diferenças na vivência sexo/gênero dos indígenas para os colonizadores.

Ao abordar as diferenças culturais registradas pelos portugueses e demais estrangeiros a respeito de povos indígenas, é de extrema importância considerar que o discurso, a ideologia dominante e a linha de raciocínio desses povos eram de grande diferença das tribos que aqui viviam, se relacionavam e mantinham outros tipos de registro. Com a colonização e supremacia histórica da perspectiva do colonizador, os relatos feitos e que sobreviveram com relevância são extremamente pessoais e unilaterais, fazendo com que denominações, costumes e ideias de períodos passados aqui descritos se configurem como parte de uma base cultural ocidental, que divide termos como “homens” e “mulheres”, “masculino” e “feminino”, a definição de “sodomia”, “homossexuais”, “transsexuais”, “poligamia” e “pecado”. A interpretação de hábitos e costumes dos indígenas era realizada e traduzida para as línguas escritas e ocidentais por óticas enviesadas e categóricas que atendiam às culturas ocidentais que delas se utilizavam.

Os termos e formas de vida nesse texto e em outros assim categorizados não representam a realidade plena de como esses povos viviam e experienciavam suas relações, mas sim, como os mesmos foram traduzidos pela e para a lógica de outras civilizações que os observaram. Lógica essa que ainda predomina em partes nas linguagens e formas de comunicar que utilizamos, fazendo com que o entendimento pleno de como se davam essas relações seja impossível, por um obstáculo de linguagem, expressão e vivência. A intenção desse trabalho não é a de categorizar e classificar as sociedades indígenas em relação às experiências ocidentais e contemporâneas, mas sim de tentar compreendê-las se utilizando de linguagens e contextos que façam maior sentido para o leitor. Após a compreensão dessa barreira na codificação da informação, é possível destacar que há registros de tribos diversas onde a homossexualidade, a transexualidade e a performance subversiva dos gêneros, dos sexos e das atividades sexuais existiam sem tabus ou amarras morais que as desnaturalizassem, ao contrário do que acontecia na sociedade europeia.

A configuração espacial da tribo *Bororo*, conforme atestou Karl von den Steinen em 1894, refletia a organização social da tribo: Ao centro estava o *baíto* (casa dos homens), à frente o pátio que levava o mesmo nome da tribo, *bororo*, e as casas dos indígenas em disposição circular ao redor do *baíto* e do *bororo*. O espaço dos *baítos* era restringido aos homens da tribo e as mulheres não tinham acesso. Era no *baíto* também que, entre rituais, os jovens da tribo se relacionavam sexualmente com naturalidade e desenvolviam atividades comumente atribuídas às mulheres, como a confecção de ferramentas delicadas (STEINEN, 1940).

Quão elegante e nitidamente os homens trabalhavam, notava-se principalmente nos arranjos das flechas. Havia aí muitas habilidadezinhas que parecia mais natural devessem ser confiadas a delicadas mãos femininas. Por exemplo, o adorno feito de miúdas e variegadas penugens, que eram postas uma a uma no chão e meticulosamente arranjadas. E mesmo numa roda de fiandeiras não se podia tagarelar e rir mais do que aí no *baíto*! Certamente, era pouco feminino quando de repente, para variar, levantam-se dois dos trabalhadores e ofereciam o espetáculo de uma luta corporal que os demais acompanhavam com o maior interesse. Erguiam-se lutavam, derrubavam-se e depois continuavam seu trabalho, ou deitavam-se para o *dolce far niente*. Muitas vezes encontravam-se pares enamorados que se divertiam debaixo de um comum cobertor vermelho. Ninguém se incomodava com isso, excepto alguns amigos atormentados pelo ciúme e que haviam de contentar-se com o poderem sentar-se ao lado do casal e palestrar com esse.

(STEINEN, K., 1940, p. 622)

Além de práticas homossexuais, há relatos de antropólogos descrevendo tribos onde a experiência do gênero era mais fluida, como os *botocudos*, que segundo os registros do pesquisador Avé-Lallemant de 1859, eram descritos como homens-mulheres e mulheres-homens. A similaridade física entre os indígenas poderia inclusive ser um indicador que as diferenças sociais baseada em gênero seriam minimizadas e a graduação entre o que seria afeminado e masculinizado seria dissipado (TREVISAN, 2018). Mulheres *tupinambás* também foram registradas, em 1576 por Pero Magalhães Gândavo participando em atividades vistas como de papel masculino como na guerra e na caça, se caracterizando semelhante aos homens da tribo e mantendo relacionamentos com outras índias, no mesmo molde e obrigação matrimonial que os homens deviam obedecer (TREVISAN, 2018).

É possível perceber então, a diversidade de comportamentos sexuais e performances de gênero que existiam no que hoje é Brasil, antes de sua colonização, dos processos de evangelização, escravização e extermínio dos povos indígenas. Nos relatos coletados, há diversos casos em que indivíduos possíveis de serem lidos como *queer* pelo mundo ocidental, viviam em integração com a sociedade na configuração das tribos e aldeias, desempenhando as mesmas funções que os outros indígenas e utilizando os mesmos espaços. No entanto, esse quadro mudou após a dominação portuguesa acontecer, no século XVI.

A coroa portuguesa agia sobre grande influência da Igreja Católica Apostólica Romana (TREVISAN, 2018), sobrepondo funções e julgamentos legais entre poderes reais e eclesiásticos. A condenação de relações fora do padrão heteros-cis no Brasil aparece concomitante aos primeiros registros escritos sobre as paisagens brasileiras, na sua colonização, quando a povoação indígena se chocou com a europeia e o espaço foi assim, ocidentalizado. Os primeiros portugueses que aqui chegaram já condenavam a forma de viver dos indígenas, por seus costumes de não utilizarem roupas que cobriam todo o corpo, e hábitos lidos como poligamia, sodomia e o “pecado nefando¹⁵”

¹⁵ Pecado Nefando, *peccatum nefandum*, sujidade ou sodomia eram formas de denominar relações homossexuais desde pelo menos 1549 (TREVISAN, 2018). A sodomia na teologia medieval era

(TREVISAN, 2018). As condenações se relacionavam diretamente à inexistência de pudor ao corpo nu e à expressão de sexualidades diversas ocorrerem em lugares considerados de domínio público, no meio das aldeias, acontecendo não apenas nos espaços das ocas, e de diversas formas: para rituais, lazer, e vida diária. O espaço para os colonizadores não é apenas um delimitador de funções básicas como a de abrigo e ritualísticas no caso dos indígenas, mas também define um grau de moralidade permitida ou proibida. O espaço público é de todos, desde que todos se submetam às regras impostas por Deus, o papa e o rei, figuras masculinas que dominam Portugal e, por consequência, suas colônias.

Como resposta ao protestantismo que se alastrava na Europa, a contrarreforma católica instaurou ainda no século XVI a Santa Inquisição e o Tribunal do Santo Ofício, como forma de punir severamente pecados cometidos em territórios dominados pelo catolicismo (TREVISAN, 2018). Nessa época, a colônia passou por um grande período de evangelizações dos nativos e de pessoas de nações africanas que para cá vieram em regime de escravidão. Pelo tribunal eram julgados aqueles que haviam cometido atos de *sodomia*, *pecado nefando*, e demais desvios condenados pela lei divina. Para que as leis fossem obedecidas e os pecados punidos, houve o estabelecimento de uma forte política da denúncia e da confissão de pecados, onde quem confessava e delatava outros infratores tinham suas penas abrandadas, e outras pessoas que denunciasses seus vizinhos, companheiros e conhecidos ganhavam recompensas pelo seu trabalho, desde remuneração financeira pela coroa até parte das posses do denunciado (TREVISAN, 2018).

As penas iam de flagelações, penitências em espaços públicos, multas, confiscos de bens, exílio para as galés onde realizavam-se trabalhos forçados ou para outras colônias, prisão perpétua e morte na fogueira (TREVISAN, 2018), o que fazia com que sociabilidades *queer* acontecessem entre homens e mulheres sempre em sigilo, nos espaços cerrados das casas ou dos colégios jesuítas ou em espaços desertos como as matas e as ribeiras. A transgressão do gênero era também punida no código Filipino, quando homens andassem “em trajos de mulher” e mulheres em “trajos de homem”, com exceção de festas e jogos (TREVISAN, 2018). Isso evidencia ainda mais o papel do espaço público na delimitação da moral cristã, pois era através do mesmo e de espaços vigiados que ocorriam as denúncias.

Por meio disso, é fácil perceber que as sociabilidades *queer* em sociedades ocidentais sempre precisaram da dimensão *sigilosa* dos espaços para existir: da segurança da casa à reclusão das matas fechadas, o segredo sempre foi um atributo necessário para que subversões da norma acontecessem. Por isso, os locais mais adequados para encontros sexuais, de performance de gênero e de liberdade de expressão e ação para essas pessoas em si, desde o início da história brasileira

considerada um dos quatro *clamantia peccata* (“pecados que clamam aos céus”), considerados mais graves de se cometer e, sem seu perdão, a vida eterna era impedida.

foram aqueles que possibilitavam que o sigilo existisse. Isso pode ser reiterado quando analisamos os detalhes de registro de relações *queer* dessa época no Brasil. Há ciência de tais costumes sob uma fonte primordialmente penal, que descreviam as ações para punir os indivíduos. Atos esses capturados pelo reino e pela igreja no meio de muitos outros não delatados ou denunciados. A invisibilidade *queer* nos registros espaciais então, se constituía como um mecanismo necessário para que tais sociabilidades pudessem acontecer sem castigo ou pena.

Os únicos lugares em que a subversão do gênero não era invisibilizada ou sigilosa, eram nos palcos dos teatros, mesmo que fossem considerados espaços marginalizados e sem qualidade. Desde pelo menos o século XVI no Brasil, a presença de mulheres no palco era proibida, cabendo aos homens a performance artística travestidos de mulher. O teatro, além de espaço para manifestações subvertidas de gênero, era um ambiente masculino onde a permissividade sexual era mais tolerada que em outros ambientes da cidade (TREVISAN, 2018). Mesmo com a chegada da família real portuguesa no Brasil e a inclusão de mulheres nos ambientes teatrais, Trevisan (2018) atesta como a experiência com o gênero continuou presente no teatro brasileiro e foi incluída nos carnavais, onde a libertinagem e o desvio moral dos sexos e gêneros eram permitidas e aceitas como manifestações de festa e liberdade dos foliões brasileiros.

1.3.2 A Moral Brasileira e o *cruising*

O iluminismo e a Revolução Francesa inspiraram em ideais e meios legais na formação de um Brasil Imperial, após a independência de Portugal. Dessa forma, algumas leis que reprimiam atos condenados pela Igreja Católica foram revogadas, como é o caso da legislação que punia a sodomia. Quando exercida sem violência, sem “indecência pública”, a prática sexual não devia ser regulamentada por lei, no entanto, houve o surgimento de crime “por ofensa à moral e aos bons costumes” quando praticados em espaços públicos (TREVISAN, 2018), salientando mais uma vez que a necessidade do poder, dos espaços públicos serem neutros, apolíticos e estéreis.

Apesar do abrandamento da legislação na esfera particular da sociedade, mesmo com a proclamação da República, no cenário brasileiro poucos avanços aconteceram para pessoas *queer* assim como no caso das condições de vida das populações negras, indígenas e demais grupos marginalizados assim como citado aqui no caso das prostitutas e donas de bordéis. A legislação que pune atos que ofendem a “moral e aos bons costumes”, atualizada para os próximos códigos penais, dá abertura para que encontros sexuais desviantes da norma sejam considerados “atentados ao pudor”, fazendo com que homossexuais, transsexuais e demais pessoas que se envolvem em relações *queer* consigo mesmas e com outros corpos em praças, ruas e locais que muitas vezes são os únicos que permitem seus acessos, possam ser punidas de forma arbitrária.

O processo de higienização que modificou as configurações espaciais das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX teve sua influência projetada para além da produção urbana, ditando também a forma como os corpos deveriam ser e se comportar. Promovido por médicos sanitaristas, legistas e, posteriormente, psiquiatras, com o nascimento da República e a conscientização para uma alta mortalidade infantil e péssimas condições sanitárias dos lares brasileiros, um discurso de “fazer filhos mais sadios para a pátria” foi moldado (TREVISAN, 2018), conseguindo assim para o Estado, livre trânsito entre as famílias das elites às mais pobres.

A ideia de uma pátria sadia então, aos poucos foi se alinhando a uma série de imposições de comportamento sexual e de gênero que deviam ser seguidos. Os cidadãos deviam seguir uma ideologia moral sob as bases da heterossexualidade, do sistema patriarcal, matrimonial e cisgênero, pois a libertinagem e o celibato ambos enfraqueciam a saúde e a pátria. Sendo assim, o casal heterossexual em matrimônio, composto por uma mulher e um homem cisgêneros, sem casos extraconjugais com uma rotina sexual ativa seriam os únicos modelos a serem seguidos, pois apenas eles poderiam produzir filhos sadios para a pátria. Assim, quem não se encaixava nesses padrões de masculinidade e feminilidade, quem praticasse o sexo fora do matrimônio e não desempenhava suas funções de maternidade e paternidade eram considerados doentes (TREVISAN, 2018).

O desvio de sexualidade e gênero sempre foi velado, sigiloso e invisibilizado nos espaços brasileiros, mas esses discursos de políticos e pesquisadores higienistas no fim do século XIX e começo do século XX eram indícios de como a presença de pessoas que estavam em desconexão com a ideologia moral imposta de pátria e família era forte e incomodava. No Rio de Janeiro, então capital do Brasil, proliferavam-se os pedaços de sociabilidade *queer* no espaço público que a política higienista persistia em erradicar sem sucesso, como o Largo do Rossio (praça Tiradentes), que era conhecido como pedaço preferido para encontros homossexuais na cidade (TREVISAN, 2018). A praça teve as fachadas de seus prédios de entorno remodeladas na reforma urbana realizada por Pereira Passos com o intuito de remeter aos espaços públicos de metrópoles europeias e acabar com sociabilidades marginais que nela aconteciam desde pelo menos 1970 (GREEN, 2000), com seus portões fechados e a presença de guardas de vigilância. No entanto, mesmo após essas tentativas, era comum que, durante a noite, homens perambulassem a esmo na praça, na busca de encontros sexuais com outros homens de mesmo interesse.

A prática da deriva em busca de encontros sexuais em lugares públicos e delimitados, pedaços de prazer, é conhecida atualmente como *Cruising*. Sociabilidades afetivas realizadas em parques, praças, banheiros públicos, principalmente realizadas entre homens homossexuais, mas não limitadas aos mesmos. O *cruising* pode ser considerado o filho ilegítimo da moralidade higienista, irmão bastardo do *footing*, praticado nas praças iluminadas ao som das bandas municipais em seus coretos. É exilado ao reino da depravação, onde os banheiros feitos para a limpeza e os parques

feitos para a paz se transformam ao longo que a cidade é também transviada e desmantelada (CRUISING PAVILLION, 2018). É então, uma força contra os esforços higienistas que os gestores tentam manter a punhos de ferro.

Em Uberlândia há relatos de encontros sexuais entre casais que não podiam se encontrar em suas casas, e que, mesmo em uma perspectiva heterossexual e cisgênera, estavam à margem por sua cor e raça, ou então por não se enquadrarem no sistema matrimonial e patriarcal, que requeria casamento antes da violação da castidade feminina. Era o caso do “Motel Santo Ramo”, denominação dada às regiões de bordas da Avenida Rio de Janeiro (atual Getúlio Vargas) e nos terrenos baldios ao redor. Oliveira (2012) coleta relatos em que muitos casais se utilizavam da pouca iluminação e pouco interesse do poder público para se encontrar e realizar sociabilidades íntimas e sexuais, muito semelhante ao que é considerado como o *cruising*.

A prostituição nessa época se afluava também como mercado para os homens, no Rio de Janeiro por exemplo, que se caracterizavam por ser procurados por outros homens, nos cais e no setor comercial português. Os entremeios do Teatro São Pedro, do Largo do Rossio, do setor comercial português, os cais então eram regiões conhecidas de manifestações sexuais diversas, alvo dos higienistas que pretendiam acabar com esses “males” e “aberrações morais” (TREVISAN, 2018). Soluções como o patrulhamento do Largo do Rossio até a importação de prostitutas mulheres para a cidade foram utilizadas para que a moral fosse obedecida. A dominação também chegou aos corpos, por meio dos médicos e de tratamentos clínicos que patologizavam todos os corpos que não se enquadravam no que seriam identidades femininas e masculinas aceitáveis.

1.3.3 A prisão e o hospital: Desvios *queer* e seus espaços de contenção no Brasil pós golpe de 1964

Sob nomes clínicos criados para identificar aqueles que eram considerados anormais, os pederastas, uranistas, invertidos sexuais, eram corpos sem saúde, com disfunções hormonais e psiquiátricas. Dessa forma, penalizar tais pessoas era perda de tempo, pois os motivos dos desvios eram considerados inerentes às pessoas. A prisão então não era o lugar adequado a receber aqueles que resolviam sair do anonimato e se assumiam como *queer*, ou também os que eram forçadamente assim reconhecidos, pois eram corpos doentes que deviam ser estudados e tratados.

O lugar de pessoas com sexualidade desviante ou/e fluidez de gênero então, passou a ser mais amplo que o do sigilo e do anonimato dos pedaços de prazer e da punição das prisões, passando também a existir dentro dos consultórios, hospitais e manicômios, sob um discurso de curá-los, neutralizá-los e reintegrá-los à sociedade, Homens, mulheres e outros eram estudados, medicados, confinados e submetidos a terapias de conversão que os privavam da manifestação de sociabilidades

queer na tentativa de normalizar os corpos brasileiros, na maioria das vezes sem sua aprovada permissão (TREVISAN, 2018, 182).

Flávia - Eu vim para São Paulo, do interior, em 1973. Minha família não me aceitava mais em casa. Estava uma bichinha assim, meio-carnaval, entende? Daí minha mãe não podia mais comigo e me levou para Ibatiba, um internato; me deixou num hospital psiquiátrico, de recuperação, para ver se eu tirava isso da minha cabeça, se eu virava, homem. Eles me davam drogas, choques, medicação, e aí eu fiquei pirada.

Trevisan – Mas que hospital era esse?

Flávia – O Américo Barreto, conhece? Muito bom... Tanto que eu fiquei pior depois que entrei lá. Eu tomava impregnação, era uma injeção para me castigar, sei lá – cada vez que eu tomava queria morrer. Ficava num estado assim, meio sonolento. E o eletrochoque era pra eu perder a vontade de ser travesti. Só que com aquilo eu ficava mais amedrontada, quer dizer, mais mulher.

(TREVISAN, 1980, p. 7)¹⁶

Até o século XVIII é possível perceber a punição física, o castigo público, como grande mecanismo controlador de corpos, apelando para o suplício dos infratores em atos de tortura. A motivação era mostrar através do exemplo o que acontecia com os corpos que não estivessem dentro das leis, sejam elas divinas ou reais. Espaços como o do pelourinho, lugar de açoite de pessoas escravizadas no Brasil, é um exemplo disso. Com o Iluminismo e as novas repúblicas, o controle político sob os corpos tem que ser ressignificado para o contexto de liberdade que as ideologias ocidentais viviam, além do que, foi-se percebendo que o suplício do condenado tinha o poder de inverter os papéis no discurso de moralidade que era legitimado pelo cumprimento das penas: O condenado passava a ser visto como inocente, sofredor pela tortura enquanto o algoz, executor das penas podia ser visto com o malfeitor. As punições então necessitavam ser justificadas, executadas para a cura, reeducação e correção dos indivíduos antes de sua possível reinserção social (FOUCAULT, 2014). É nesse contexto que, segundo o filósofo Michel Foucault, surgem as estratégias para higienização das cidades, dos corpos, controle de natalidade, discursos de sexo e gênero normatizadores e demais ferramentas de poder para controle da vida humana em nível coletivo, como “biopoder”.

O cadafalso onde o corpo do supliciado era exposto à força ritualmente manifesta do soberano, o teatro punitivo onde a representação do castigo teria sido permanentemente dada ao corpo social, são substituídos por uma grande arquitetura fechada, complexa e hierarquizada que se integra no próprio corpo do aparelho do Estado. Uma materialidade totalmente diferente, uma física do poder totalmente diferente, uma maneira de investir o corpo do homem totalmente diferente. A partir da Restauração e sob a monarquia de julho, encontraremos, por pequenas diferenças, entre 40 e 43.000 detentos nas prisões francesas (mais ou menos um prisioneiro para cada 600 habitantes). O muro alto, não mais aquele que cerca e protege, não mais aquele que manifesta, por seu prestígio, o poder e a riqueza, mas o muro

¹⁶ A citação foi retirada de uma entrevista realizada em 1980 pelos escritores do jornal *Lampião da Esquina* com duas travestis (ou dois travestis, como anuncia o título) e uma advogada criminal sobre questões relacionadas à identidade de gênero, prostituição e conflitos das minorias com o espaço urbano em São Paulo.

cuidadosamente trancado, intransponível num sentido e no outro, e fechado sobre o trabalho agora misterioso da punição, será bem perto e às vezes mesmo no meio das cidades do século XIX, a figura monótona, ao mesmo tempo material e simbólica, do poder de punir.

(FOUCAULT, 2014, p. 135)

Em seus estudos sobre soberania, Foucault analisa instrumentos políticos utilizados para exercer o poder sobre os indivíduos, aqueles que tratam o corpo do ser humano como uma máquina e adestram para usar de instrumento útil em interesses econômicos, o que ele chama de “poder disciplinar”. Segundo Foucault, as institucionalizações de quartéis, hospitais, manicômios e escolas são realizadas para a construção de “corpos dóceis”, que aprendem a obedecer e não questionar o padrão que os que detêm poder necessitam que a sociedade tenha, para continuar no comando.

O câmbio de poderes e formas de dominação exemplificados por Foucault foram cada vez mais potencializados com a chegada da modernidade, que agora exigia um pensamento racional e fluxo rápido em pensamento e produção desde as linhas de montagem das fábricas até o modo de viver do trabalhador. No Brasil, a produção da Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922 foi um grande marco da ruptura com os movimentos de vanguarda que vinham do continente europeu e com ela, o rompimento também com velhos pensamentos ditados de instituições como a Igreja Católica.

Surgiram então múltiplos conflitos grandes entre uma produção e discussão de um internacionalismo (diretamente relacionado ao Estilo Internacional, desenvolvido por arquitetos modernos como Le Corbusier e Walter Gropius e considerado por muitos teóricos como a primeira fase do movimento moderno) contra o nacionalismo. Entre o estrangeiro e o nativo primitivo (JACQUES, 2012). Esses debates foram se confundindo ainda mais depois do que ficou conhecido como a *Antropofagia Cultural* de 1928, através da publicação do *Manifesto Antropófago* escrito por Oswald de Andrade, que se baseava na cultura de alguns povos indígenas brasileiros de rituais canibalistas para a apropriação de virtudes e qualidades de estrangeiros e inimigos. O manifesto pregava a assimilação da cultura internacional de vanguardas europeias, ruminação com motivos nativos e populares e enfim dar produto a uma arte antropofágica, tipicamente brasileira, mas com elementos internacionais. A antropofagia cultural foi uma reação contra a dominação artística dos colonizadores em que em vez de negar suas influências como os regionalistas, se apropriam delas para criar arte caracteristicamente brasileira.

Segundo MacRae (2011), após o período de repressão do nazismo e o stalinismo que tomaram poder em algumas nações e que resultou na Segunda Guerra Mundial, as discussões pro-homossexual e de outras políticas de sexualidade e gênero dissidentes, se dissiparam. A perseguição ao “homossexualismo”, a patologização de indivíduos *queer* se tornou mais presente e um contra-ataque de liberação sexual voltou a aparecer no cenário mundial apenas depois de 1948, com os

surgimentos de grupos que trabalhavam para a integração de homossexuais na sociedade e na década de 1950, o artista e arquiteto Flávio de Carvalho, considerado por muitos o único arquiteto relacionado à Antropofagia Cultural, foi um grande exemplo de como a ruptura e apropriação foi experimentada nos campos do urbanismo e subversões.

Seus experimentos tinham como principal foco a cidade e o espaço urbano e em suas produções, discutia sobre a experiência corporal e psicológica dos habitantes da cidade, e os tipos de roupas que utilizavam ao movimentar-se no urbano. Movido por essas questões, desenvolveu então o que chamou de *Experiência nº. 3*, um exercício que consistiu no próprio arquiteto em sair pelas ruas de São Paulo vestido com trajes de sua própria criação que seriam “mais adequados ao homem tropical”. O primeiro traje utilizado consistia em um blusão amarelo e um saiote verde que, segundo Flávio, favoreceriam a ventilação (2010). O fato do traje de Flávio consistir em um conjunto de blusão e saia, vestes lidas como exclusivamente femininas em seu contexto, causou grande estranhamento na sociedade paulista. As experiências realizadas por Flávio, segundo Jacques (2012), tinham a finalidade de instigar e provocar o que se passava no viver urbano e inserir no contexto uma contracultura que obriga os passantes a interagirem com ela, gerando conflitos e não apenas denotando a falta de representatividade dos excluídos no espaço urbano, mas também a incorporando e vivenciando. É necessário entender então que se tratando de normas impostas em sexualidade e gênero, desde a consolidação do moderno e suas atualizações como o Movimento Antropofágico, houveram resistências e contraculturas questionando a ordem natural do que se vivenciava no espaço urbano.

Apesar de atitudes de subversão como as de Flávio de Carvalho, assim como os corpos pobres, negros e femininos, os que mantinham relações *queer* ainda eram em sua maioria tratados com inferioridade e violência por todos os setores da sociedade. A reação à experiência urbana de Flávio são exemplos de como a sociedade brasileira em geral enxergava essas alteridades: As resistências eram reagidas exclusão, o choque e a patologização de corpos. Enquanto o espaço da medicina, dos hospitais, era controlador e ordenador, aqueles espaços diligentes, marginalizados, em que pessoas manifestavam suas sexualidades e gêneros com maior liberdade na cidade, assim como os clubes de pessoas negras e bordeis para as prostitutas, eram monitorados, reprimidos e desmantelados pela ordem policial. Em algumas sobreposições, é possível perceber esses efeitos em Uberlândia através de registros de abordagem espacial pela polícia. É o caso de pedaços e manchas de boemia como o descrito em jornal, no bairro Martins, na década de 1950, descritos como ambientes “carregados”, onde transgressores se alojavam. No que se caracteriza como transgressores, vemos a presença de “gigolôs” e invertidos sexuais (como eram conhecidos pela ordem sanitária as pessoas *queer*) (OLIVEIRA,2012).

A zona boêmia da cidade, conquanto consistia apenas num pequeno número de casas dispersas nas proximidades do Posto Araguaia oferece um campo vasto à proliferação de marginais, desocupados e desordeiros dos mais diferentes naipes. [...]. Quando há um crime de roubo, de morte ou de vigarismo, a polícia se dirige a um ponto só: à zona boêmia por saber constituir o 'ambiente carregado' um local predileto dos transgressores se homizar. Este fator, por si só, indica o quanto é pesado o ar respirável naquê local. Também a proliferação de "gigolôs", cafajestes, exploradores de mulheres, proxenêtas, traficantes de tóxicos e invertidos sexuais, dá ao ambiente uma sensação sempre presente de vizinhança de barulho. E barulho por lá é rotina, porque o lugar vai ficando cada vez mais quente.

(É PRECISO... 1957, p. 66)

As amarras sociais impostas para a sociedade brasileira, de ordem, higienização e formação de um discurso de pátria onde a imagem de uma "família tradicional", mononuclear, heterossexual e cristã começou a ser moldada eram fortes e agiam em todas as camadas sociais, seja pelo desmantelamento dos pedaços de prazer, pelas batidas policiais em clubes marginalizados ou regulamentação dos moldes de sexo e gênero então naturalizados e definição dos espaços em que esses deviam ocupar. A repressão à diferença no Brasil e aversão a experiências *queer* se agravou com o Golpe Militar de 1964, quando a censura foi instaurada e o ódio às minorias institucionalizado. Parte do Brasil tentava se alinhar com as agendas progressistas que afluíam no exterior e como resultado vários jornalistas e ativistas a causas de minorias, foram presos sob a lei da imprensa, com acusações de cometer a pena do artigo 17 da Lei nº 5.250 (Ofender a moral e os bons costumes), muitos inclusive sob a denúncia de "promover a licença de costumes e o homossexualismo especificamente", fazendo com que a prisão voltasse a ser um dos principais locais destinados a pessoas *queer* e desviantes da norma imposta.

Exceções ocorriam em situações específicas, como na época do carnaval, celebração brasileira de maior tradição pelo mundo que permitia uma inversão de valores que antropólogos consideraram como uma válvula de escape, uma rebelião comedida que auxiliava na manutenção da ordem durante o restante do ano. No carnaval, as performances de sexo e gênero são mais plurais, e permitidas além do que se podia fora de sua época (FRY, P. MACRAE, E., 1978). Homens vestidos como mulheres, mulheres como homens, travestis de baianas, baianas travestidas, afeto, sexo e sexualidade em plena rua, praças e demais espaços públicos onde passavam os trios elétricos, blocos e afoxés. Uberlândia, já em 1950, contava com grande parte da população marginalizada em seu carnaval, com escolas de samba vindas de bairros pobres e de origem negra para desfilar na avenida, e figuras fantasiadas, travestidas que aproveitavam da festa para liberar o que era repreendido. Houveram por parte do poder público, assim como no restante do país, tentativas de proibir o uso de fantasias e máscaras para inibir o carnaval, além da restrição de horários para que a festa acontecesse, porém suas aplicações nunca foram efetivas e a festa continuou com seu ritmo (OLIVEIRA, 2012). No entanto, é necessário que se saiba que mesmo com maior permissividade sexual e de gênero, as sociabilidades ainda eram delimitadas e os corpos *queer* eram ainda divididos,

segregados no meio da festa. Registros da ocupação da Escadaria da Fama em Salvador, por exemplo (FRY, P. MACRAE, E., 1978) exemplificam como mesmo até o fim dos anos 1970, quando a liberdade sexual era maior e a influência do governo militar ia se atenuando com a anistia, existia pedaços *queer*, não compartilhados por outros indivíduos.

Mas inversão há uma. E se dá na Praça Castro Alves. Lá, gente que normalmente se congrega fora dos lugares do poder, que transa às escondidas dos olhares dos respeitáveis, que arca com a ridicularização da maioria, toma conta do centro do Carnaval, pois a Praça Castro Alves fica na confluência das três ruas principais de Salvador, Avenida Sete, Rua Chile e Rua Calos Gomes. Encimando a praça fica o Palácio dos Desportes, um edifício sem grandes dotes arquitetônicos, mas possuindo uma escadaria que finaliza na Praça.

DIAS DE GLORIA - Durante os dias de sábado e domingo, os homens mais coloridos, fantasiados de vamp, de empregada doméstica (ou ambos ao mesmo tempo) sobem e descem a escada, recebendo aplausos entusiasmados da multidão. Alguns provenientes, muitas vezes, de cidadezinhas do interior, deslumbrados com a repentina fama e status de estrela, não cansam de subir e descer o dia todo - às vezes até, voltando para casa, para trocar de roupa e tornar a desfilar. [...]

Mas tem seu lado triste, este acontecimento de tanta euforia, pois no final das contas, apesar de tanta fantasia, deboche e sátira, acabam jogando o jogo do poder. "Gente que transa sexualmente com pessoas do mesmo sexo é diferente", diz o poder. "Gente que transa com pessoas do mesmo sexo é homossexual, é guei", diz o poder. E gente assim tem o seu devido lugar. Por 361 dias do ano deverão ou disfarçar ou ficar bem longe dos olhos dos cidadãos que não gostam de quem tem esse tipo de transa. Durante os quatro dias do carnaval devem, entretanto, ficar no centro do mundo para fazer do carnaval um carnaval.

(FRY, P; MACRAE, E., 1978, p. 03)

Figura 8 - Travesti no Carnaval de Salvador de 1978



Fonte: FRY, P; MACRAE, E. (1978)

1.3.4 Novos ares: O movimento homossexual/LGBT e os novos espaços de convívio *queer* depois da década de 1960

É possível perceber que do fim do século XIX até metade do século XX, um período de rupturas e conflitos na estrutura política e econômica do Brasil como no mundo movimentou discussões que ressignificavam as sociabilidades *queer* e seus espaços na cidade, ora condenando-os pelo poder disciplinar das instituições e da criação de leis, ora subvertendo-as, com experimentos urbanos e apropriações espaciais, que logo eram repreendidas pela polícia ou desmantelados pela política, recomeçando assim outro ciclo de subversão e repressão.

O fortalecimento de movimentos sociais das décadas de 1960 e 1970 como o feminismo e o movimento negro, aliado à uma vivência de maior liberdade nos espaços urbanos brasileiros após enfraquecimento das estruturas políticas ditatoriais e militares, possibilitou que corpos e experiências *queer* fossem registrados e destacados nas ruas, local público de manifestação política em maior número que anteriormente. A primeira manifestação de peso contra as repressões ao sexo, à sexualidade e ao gênero registrada foi em Nova York, EUA, a partir do dia 28 de junho 1969, nos arredores do bar Stonewall Inn, lugar que pode ser considerado como um pedaço *queer* da cidade, por aglomerar pessoas de sexualidade e gênero desviantes. Uma operação policial deu início a um motim generalizado em revolta aos abusos sofridos de pessoas *queer* pela polícia.

Homossexuais, *drag queens*¹⁷, travestis resistiram à violência e organizaram uma série de ações que visavam pressionar as autoridades a enxergar a sua luta, os abusos sofridos e se posicionarem, como lhes era de direito. A luta de pessoas desviantes se deu então pela ocupação de um pedaço predominantemente gay, transsexual e dissidente. O bar era um local de encontro para essas pessoas, um oásis de conforto e segurança no meio de um deserto heterossexual e cisgênero. A manifestação contrária à polícia então se deu para legitimar a ocupação espacial transviada de Nova York, mostrar que essas pessoas existem e aquele lugar pertencia a eles, longe dos assédios policiais. A revolta também começou pela edificação; o bar se chama Stonewall (Parede de Pedra), mas a arma utilizada não foi a pedra: Uma mulher trans, negra, *drag queen*, foi a primeira a atirar um tijolo contra os policiais.

A Rebelião de Stonewall então se consagrou como um marco de militância e revolta de pessoas desviadas das normas, instaurando o dia 28 de junho como o Dia do Orgulho Gay e dando início às primeiras marchas de orgulho, naquela época, com todas as bandeiras de identidades sintetizadas na identidade Gay. As paradas do orgulho gay então, começaram sobre vias públicas por direitos humanos e pela celebração de liberdade sexual (MATOS, 2015). A utilização dos espaços da

¹⁷ A palavra *Drag Queen* (Rainha do Arrasto) é utilizada para identificar pessoas que realizam performances artísticas com o corpo e vestuário desafiando as noções pré-concebidas de gênero.

rua por pessoas *queer*, começou a ter caráter militante e assumido, construindo barreiras em vias utilizadas por todos os cidadãos.

O ato de se apropriar do espaço urbano para manifestações políticas se dá por motivos diversos: As ruas são espaços visíveis, comum a todos, e por isso tem o poder de representar pessoas, mesmo que sejam minorias organizadas. São também lugares necessários para a movimentação urbana, para os deslocamentos de todos os cidadãos, principalmente quando em vias principais, no centro da cidade. Parar a lógica e função tradicional desses espaços é uma forma de chamar a atenção para as demais pessoas que aquele número de pessoas ali se manifestando por condições melhores de vida é significativo e importante a ponto de mudar as suas próprias realidades.

A existência do bar Stonewall Inn em Nova York confirma também que a partir dos anos 1960, pedaços e manchas direcionados ao lazer de pessoas *queer* foram especializados, com o surgimento de bares, a apropriação de cinemas, saunas e demais lugares onde a permissividade sexual e de manifestação de gênero e sexualidade era mais ampla do que acontecia nos outros espaços da cidade. O fortalecimento de estabelecimentos entendidos na época como gays, gls, ou sob demais nomenclaturas é uma resposta também às repressões policiais a apropriações públicas de lugares como banheiros públicos e parques utilizados para o *cruising*. Passaram a coexistir então duas dinâmicas que se complementavam e se diferenciavam: Os estabelecimentos privados e coletivos, que tinham caráter mais assumido, mesmo que funcionando sob determinado horário e sendo reconhecido apenas por membros de certa comunidade, e os espaços de sigilo, da infração penal e apropriação pública nos espaços de *cruising*.

Nas décadas de 1970 e 1980 então, os bares, clubes, discotecas e saunas que até então permaneciam escondidos, disfarçadas de lugares neutros, se assumiram e deram espaço para mais lugares como esses, em dinâmicas cada vez mais explícitas, voltadas para pessoas e sociabilidades *queer*, onde as mesmas criavam seus pedaços, estabeleciam seus circuitos. A conformação desses espaços, porém, também se deram de forma bastante complexa, sendo regida por políticas específicas para seu funcionamento e frequência. O surgimento de espacialidades brandas em relação a sociabilidades sexuais e de gêneros transviados nos anos 1970, apesar de ser considerada uma alternativa libertadora dos meios de opressão heterocentrado, surgiram ainda em sua grande maioria para o público homossexual masculino, que na ideologia dominante e cultura da masculinidade é socialmente privilegiada em relação a outros corpos *queer*, como os das mulheres trans e travestis, das lésbicas etc. A construção de lugares “entendidos”¹⁸ no Brasil e no mundo desde

¹⁸ Entendidos: Gíria utilizada para identificar o público homossexual. A expressão tem origem masculina, como se pode atestar por exemplo pelo jogo de palavras realizado por um grupo de mulheres que escreveram sobre a invisibilidade lésbica em maio de 1979, no 12º número da Revista Lampião, em matéria sob título “Só queremos ser entendidas”.

o início, como é registrado em meios de comunicação *queer* como o jornal O Lampião da Esquina¹⁹ fazem parte de uma contradição de poder e consumo: Lugares que subvertem a ordem heterossexual e de performatividades em gênero mas que ao mesmo tempo em sua maioria abarcam apenas públicos específicos, em gênero, raça e classe social.

A construção espacial das cidades brasileiras e, em consequência, de Uberlândia, é visivelmente realizada para alimentar uma ideologia que privilegia determinadas raças, gêneros, sexualidades em detrimento de outros. A supremacia de uma cultura de masculinidade faz com que o projeto espacial urbano seja feito como regra, baseado em uma suposta neutralidade, assepsia e tecnicismo, para atender a uma cultura da masculinidade, do falocentrismo e do patriarcado.

Os registros de ocupação da zona boemia ao redor da Praça do Rosário na década de 1940, que pode se configurar como uma mancha de lazer de acordo com os estudos de Magnani (2005), exemplifica bem como as subversões são realizadas pela concepção de lugares marginalizados e desviados da norma, com os prostíbulos regidos por mulheres. Entretanto, eles confirmam também como ainda assim, o corpo do homem em uma escala que considera recortes de raça e demais condições sociais, detém há muito tempo a supremacia no espaço urbano vivido, projetado e construído, ao transitar livremente entre pedaços de grupos que se opõem e não se interagem, como os das *filhas de Eva* e os das mães de família, mostrando como o espaço urbano é deliberadamente masculino.

O dismantelamento das zonas de prostituição para a gentrificação espacial e fomento da especulação imobiliária, realizada por homens de poder em Uberlândia também representam a supremacia da masculinidade no espaço, que tenta eliminar todo e qualquer signo ou resistência da presença feminina e subversiva nas cidades. No geral, para as pessoas que desviam das normas promulgadas pela ideologia dominante, o lugar na cidade sempre foi de eliminação, correção, renúncia ou marginalização. Os primeiros registros de corpos *queer* açoitados, explorados, exilados e exterminados no Brasil existem desde a colonização, que nega totalmente a mínima possibilidade de existência de lugares em que corpos fora da norma imposta pela Igreja Católica existissem.

Com a proclamação da República Brasileira e a difusão dos ideais iluministas, há a dissolução de Estado e Igreja que faz com que a nível aparente, a condenação de homossexuais, transexuais, travestis entre outras seja erradicada. No entanto, o que verdadeiramente acontece é a transição do poder da Igreja para as mãos das instituições policiais que tem o poder de prender todos aqueles que ofendam “a moral e os bons costumes”, e também para as instituições médicas, que com o

¹⁹ O jornal O Lampião da Esquina, também conhecido apenas como Lampião, foi um jornal homossexual brasileiro que atuou entre 1978 e 1981 no Brasil, sendo duramente repreendido e censurado pelo governo da ditadura militar brasileira. O jornal trazia, entre entrevistas e ensaios, enfoques políticos da população homossexual, transexual e travesti, discussões acerca de sexo, saúde e prostituição, além de discutir outros temas importantes para a discussão de identidade no mundo moderno, como a raça e a performatividades sexual.

progresso científico ganhavam poder para patologizar e tratar pessoas *queer* como corpos doentes a ser curados. No século XIX então, os espaços principais de pessoas não heterossexuais e/ou transgêneros, transformistas e outros, são a cadeia e o manicômio. As casas de prostituição, principalmente no caso de mulheres marginalizadas que fugiam do que era esperado a elas para a sociedade também são alguns desses lugares de resistência e conflito onde o gênero e a sexualidade podiam ser desafiados.

Apenas a partir da segunda metade do século XX manifestações espaciais e ocupações *queer* de relevância começaram a ser registradas e também visibilizadas no domínio do público e coletivo. No entanto, as paradas, os clubes, boates e saunas também se configuram no espaço atrelados a muitas questões de conflito e disputa espacial, inclusive dentro de pedaços *queer*, entre pessoas que se definem em um mesmo grupo social. As questões de diferença e dominação aumentam de complexidade quando esses grupos marginalizados tomam para si mais espaços de socialização. O espaço de homens gays não são o mesmo que o das travestis e a invisibilidade da mulher, seja a lésbica ou a trans inclusive nos estabelecimentos que subvertem a norma de gênero e sexualidade podem ser exemplos de como o surgimento de lugares inclusivos para corpos *queer* ainda podem se enquadrar no que a ideologia dominante das altas classes sociais e a cultura da masculinidade e do falocentrismo produzem em arquitetura e urbanismo.

Capítulo 2 – Uberlândia e centralidades: a constituição da imagem *queer*

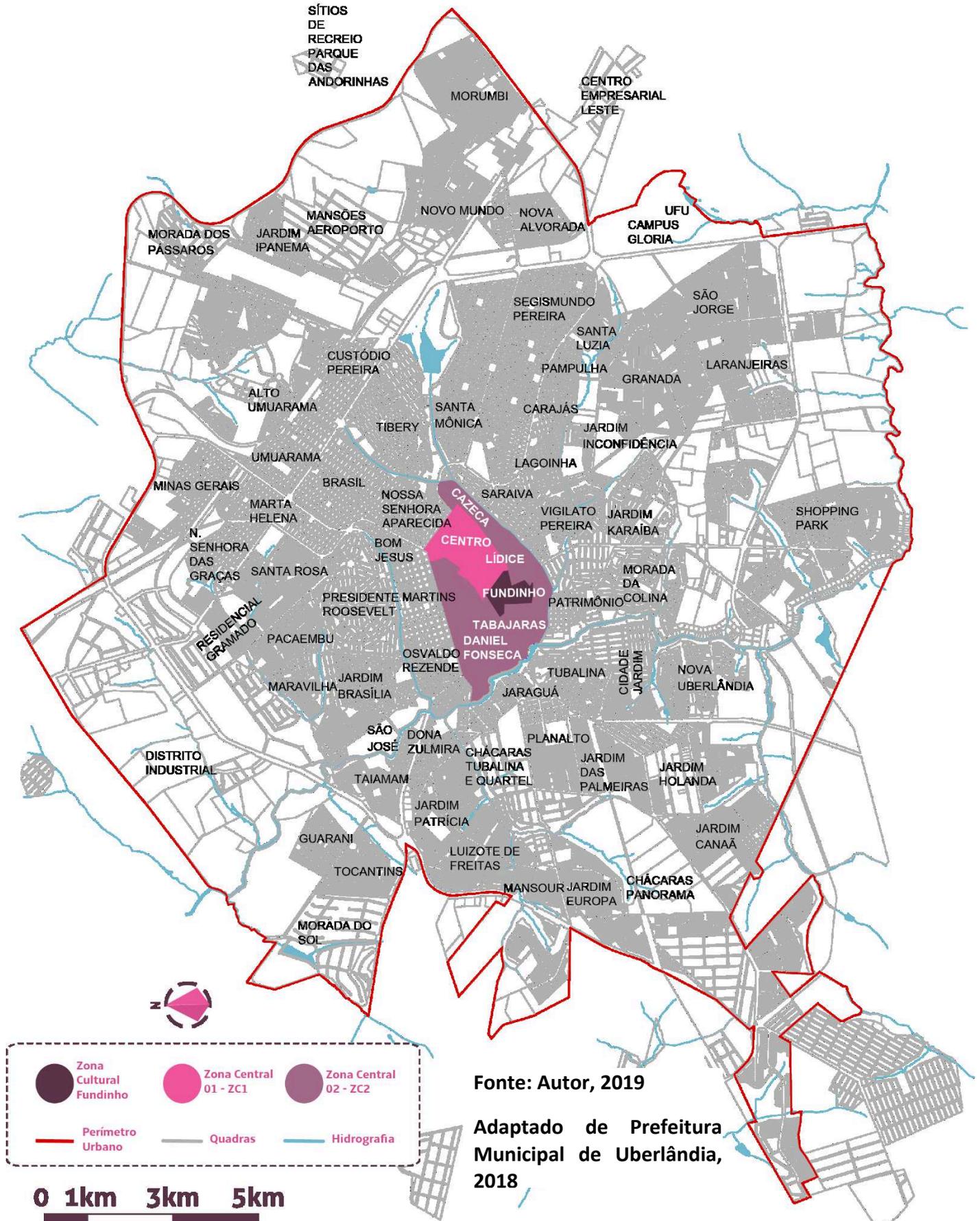
2.1 Armários da cidade: A diversidade de espacialidades *queer* e a reafirmação de masculinidades em ocupações do espaço público e estabelecimentos comerciais de Uberlândia

O processo de gentrificação da região central de Uberlândia após a década de 1950 aliado ao desenvolvimento da cidade, que muitas vezes como consequência foram espelhados na malha urbana, fez com que novos bairros surgissem em torno dos já consolidados, como o Fundinho e o próprio Centro, fazendo com que os arredores da Praça do Rosário deixassem cada vez mais de ser identificados como periferia e espaço marginalizado. Novos edifícios foram sendo erigidos após a construção do Ed. Tubal Vilela, como é o caso do Edifício Guiomar de Freitas Costa localizado na própria Praça do Rosário. Ao status de ser um edifício projetado para as pessoas ricas de Uberlândia, foi-lhe atribuído o apelido “Gaiola de Ouro” (GUIMARÃES; MOTA, 2018), evidenciando ainda mais como a gentrificação afetou a região da praça após o desmantelamento da zona boêmia.

É possível perceber como a cidade de Uberlândia foi articulada através do tempo, se expandindo e deixando vazios urbanos no solo e criando subcentros. O setor central da cidade então, além de ser historicamente o lugar por onde “a terra começou a ser fertilizada²⁰”, é também em posição geográfica o lugar que mais articula a cidade por meio de seus fluxos de trânsito (Mapa 2). Mesmo após o surgimento de subcentros em bairros consolidados e dotados de grande infraestrutura, grande parte da cidade ainda se articula a partir de seu setor Central além da estrutura viária, também com a distribuição de serviços e comércio, o que facilita para o não esvaziamento de seus espaços públicos e estabelecimentos coletivos. Embora haja um movimento das elites de se migrar do centro para setores planejados para atender as vontades de uma classe social mais alta da cidade semelhante ao atestado por Villaça (2001), o centro de Uberlândia ainda vive e pulsa pelas diversas atividades realizadas por vários setores e camadas sociais uberlandenses.

²⁰ O nome “Uberlândia” é uma junção das palavras “Ubere”, que do latim significa fértil, com “Land”, do inglês, terra.

Mapa 2: Zonas Centrais de Uberlândia (MG) – 2018



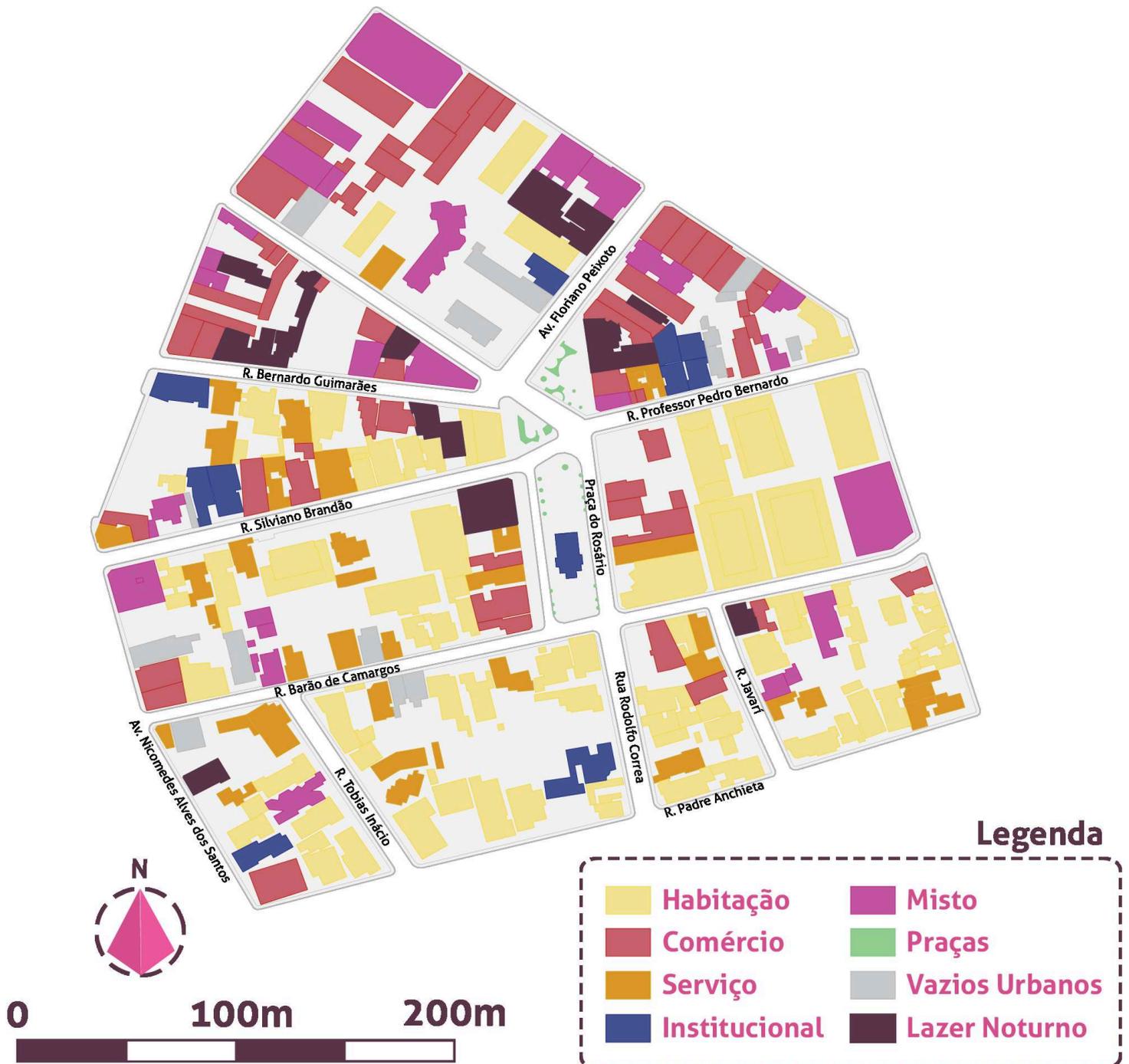
O lazer, especificamente o noturno, na cidade é muitas vezes invisibilizado e classificado como de pouca importância para o estudo das estruturas societárias, no entanto é necessário compreender que através do ócio pode-se reconhecer como se dão conhecimentos de valores, maneiras de pensar e modo de vida dos cidadãos (MAGNANI, 2008), dando aparato a uma compreensão generalizada da cultura daquele povo, e como os habitantes de determinada cidade interagem entre si quando as relações de poder ficam mais turvas que as determinadas pelo sistema de trabalho (como a relação patrão/empregado). Nos momentos de lazer, a cidade e seu povo criam várias alternativas para aproveitar o tempo livre, que atendem todas as classes sociais e culturas. A centralidade da Praça do Rosário pode ser reconhecida como uma mancha de lazer que abarca muitos atores sociais de diferentes classes sociais de Uberlândia e da região, pois é dotada de equipamentos que marcam seu limite e permitem que a vida noturna prevaleça, seja bares, restaurantes, casas noturnas (MAGNANI, 2008).

É possível perceber pelo mapa de uso e ocupação do solo do entorno imediato da centralidade da Praça do Rosário (Mapa 3) a grande predominância de estabelecimentos de serviço e comércio a edifícios residenciais, com destaque dos edifícios mistos (em que habitação e comércio se sobrepõem) e principalmente os bares e demais estabelecimentos de lazer noturno, como as boates por exemplo. Essa gama de estabelecimentos destinados ao lazer noturno é variada e atende a diferentes públicos, segmentados por faixa etária, tribo urbana ou classe social. A identificação das diferenças dos variados comércios pode ser feita pelo estilo musical que toca em determinados estabelecimentos, pelo acesso ao serviço e também pelo que a arquitetura e a identidade visual comunicam aos passantes.

Ao caminhar nos entornos da Praça do Rosário é fácil se deparar com filas de variados tipos de pessoas: de homens a mulheres, *agrobos* a roqueiros, de velhos a adolescentes, moradores do centro e da periferia, entre outros corpos plurais. A oferta de lazer no centro da cidade mantém variadas especialidades que auxiliam para que pessoas diversas se identifiquem com as atividades que ali ocorrem. Alguns desses estabelecimentos ativos hoje são direcionados a um público considerado “alternativo”, LGBT, ou, em suma, como aqui considerados, espaços em que pessoas e sociabilidades *queer* são compreendidos de forma mais plena que no geral da sociedade.

É então, como se o espaço físico mantivesse uma história e ancestralidade marcada em suas ruas e quadras. Como se a zona boêmia que nesses entornos existia e foi desmantelada na década de 1950 ainda estivesse ali, no que foi gentrificado, se manifestando de diferentes formas de ocupação. O espaço tem memória e os bares, boates LGBT e becos escuros da mancha de lazer da Praça do Rosário contam histórias de corpos marginalizados e subjugados pela ideologia masculina e heterocentrada, desenhadas e escritas em suas malhas viárias.

Mapa 3: Uso e Ocupação do Solo do entorno imediato da Praça do Rosário



Fonte: Autor, 2019. Adaptado de SOUSA, 2019.

Eve Sedgwick em *A epistemologia do armário* (2007) relata como em uma sociedade que a ideologia heterocentrada limita a gays e outros grupos de sexualidades desviantes uma vida de sigilo, onde a sexualidade não é assumida e deflagrada a priori e os espaços da cidade não são ocupados de forma assumida, o que podemos considerar como o peso do “armário²¹”. É uma forma de controlar sexualidades mantendo a divisão binária heterossexual/homossexual que existe na sociedade ocidental desde os fins do século XIX, uma condição estrutural e característica de vida dessas pessoas. Para grande parte, o armário ainda é fundamental para a manutenção da identidade sexual em suas vidas sociais, sendo poucos os indivíduos com estruturas o suficiente que façam com que ele não esteja mais presente em seu cotidiano. Para o mundo heterossexual, é sempre necessário se revelar como o ser desviante, pois a não declaração é lida como uma certeza que tal ser se configura dentro da norma.

Pelo histórico de repressão e condenação de corpos *fora do armário*, muitas pessoas *queer* decidem manter suas sociabilidades afetivo-sexuais no anonimato, ou realiza-las em espaços específicos, direcionados as mesmas. Como a casa pode ser ao mesmo tempo um lugar de fortaleza para alguns indivíduos e um calvário para outros (especialmente para aqueles seres *queer* que não são aceitos em seus grupos familiares), muitos buscam na cidade e seus espaços públicos, lugares que os contemplem e suas sociabilidades. Esses espaços então são aqui analisados sob uma analogia que os consideram tipos diferentes de *armários*. Em Uberlândia, o que antes se manifestava em sua centralidade como bordeis e cassinos, heterotopias do prazer, hoje se materializam lugares múltiplos de ocupação *queer*: armários com as portas abertas e escancaradas, outros fechados, lacrados e com senha para acesso. Pretos e coloridos, móveis, ampliados e fechados.

2.2 Armários fechados: Ambientes de anonimato e apropriações sexuais do espaço público uberlandense

Estudando a cidade de São Francisco nos EUA, que tem grande representatividade espacial em visibilidade *queer*, o sociólogo Manuel Castells (1983) cita que a aglomeração de grupos no espaço é um artifício para que haja a criação de comunidades seguras e isentas de preconceito para determinadas culturas. Dessa forma, ao longo do tempo foram também surgindo diversos tipos de lugares (públicos e privados) que atendem a população *queer* como as saunas, parques, e também os clubes, fazendo com que determinadas territorialidades sejam mais seguras e tenham mais identidade para intensificar sociabilidades que outras.

²¹ O “armário” é uma figura de linguagem muito evocada em expressões do vocabulário *queer* que tem sua origem no início do Século XX, do inglês “*Coming out of the closet*”, ou “Saindo do armário”. A expressão era utilizada por homens e mulheres homossexuais que se assumiam como gays e começavam a frequentar bares e estabelecimentos que possibilitavam sociabilidades *queer*. Já após Stonewall e os movimentos para direitos e visibilidade *queer*, a expressão passou a ser associada a se assumir publicamente para o mundo heterossexual (TAMASHIRO, 2014).

Os indivíduos territorializam os espaços fragmentados da cidade, projetando ali suas ações, cujos códigos simbólicos pautam-se em relações estabelecidas durante os eventos. [...] o território também é “objeto de operações simbólicas e é nele que os atores projetam suas concepções de mundo”. Portanto, considera-se que ao projetar suas ações em determinado espaço, o ator/atriz social manifesta suas ideologias, e o corpo é um instrumento intermediário para tais ações.

(MOREIRA, 2016, p. 20)

Nas redondezas da Praça Do Rosário, a dimensão das sociabilidades *queer* tende a ser branda e associada a um contexto comercial: as pessoas se agregam nas proximidades dos clubes que se voltam para abordagens específicas e diferentes entre si, voltadas muito para o que se pode reconhecer como um cliente que se identifique de alguma forma no espectro *queer*, mas no entanto há também a presença daqueles seres de “dentro do armário”, que necessitam de um ambiente de sigilo para realizar suas sociabilidades. Stonewall, as Paradas de Orgulho e o movimento de liberação gay dos anos 1970 auxiliaram para garantir visibilidades *queer* no espaço urbano, mas também ajudaram a legitimar a apropriação secular de espaços públicos como principal possibilidade de se relacionar afetivamente e sexualmente para gays e travestis, de parques a banheiros públicos, com linguagens e usos próprios, conhecidos pela comunidade e desconhecidos pela maioria heterocentrada da sociedade. Essa ocupação espacial baseada no anonimato e em grupos de pessoas que mantêm seus próprios códigos pode ser interpretada como a produção de uma cidade invisível dentro da cidade visível.

A ocupação de espacialidades públicas de maneira sigilosa e por temporalidades específicas visando o contato afetivo e sexual é, como já mencionado, tida por registro como o primeiro tipo de subversão espacial realizada por atores sociais da camada *queer* no mundo e no Brasil. Uberlândia, apesar das dificuldades de comprovação formal sobre como se davam essas relações até a década de 1990, também pode ser inserida na lógica do *cruising*.

Tratando-se das relações de espaço público, gênero e sexualidade, Cortés (2008) atribuiu aos homens gays principalmente a capacidade de dar usos muito específicos e conferir conteúdos bem determinados a espacialidades, ocupando e apropriando lugares públicos (praias, parques) e redirecionando-os para um uso privado (e sexual), especialmente no fim da década de 1960 e início de 1970. Além de ressignificar os espaços da cidade, a tomada de espaços públicos para um uso dissidente e não planejado tem como função “corporificar” necessidades que também não se encaixam na ideologia proposta pela elite, por exemplo a prática de relações sexuais impessoais, anônimas e contrárias aos conceitos de amor romântico e propriedade (Cortés, 2008). Dessa forma, para o autor, os gays podem ser considerados como as únicas minorias que criaram “cidades” próprias dentro da cidade padrão.

Esses lugares são então, assim como Foucault (2001) descreve o bordel, heterotopias do prazer, lugares desviatórios em que a noção de tempo não condiz também com o que se passa no mundo formal. As espacialidades se territorializam e se dissolvem quando seus ocupantes seguem seus caminhos. É o que que o filósofo se refere a “heterocronias”. A ocupação dos parques durante a noite, dos banheiros públicos em horários específicos e demais espacialidades são formas de legitimá-las, parte de códigos utilizados por comunidades fechadas, que a hegemonia de poder muitas vezes não consegue decifrar. A própria instabilidade dos lugares públicos são, para Cortés (2008) a própria característica que possibilita sua ocupação, pois por serem mais difíceis de ser controlados que os privados, mais possibilidades de burlar normas e escapar do controle são criadas:

Constantemente sujeitos à ameaça da vigilância e da denúncia, os homens gays inventaram estratégias que lhes permitem passar ou permanecer despercebidos para a maioria da sociedade, ao mesmo tempo que são capazes de se identificar e de comunicar com outros gays. É por meio do olhar, da comunicação visual, que se estabelece uma coreografia de contato sexual que lhes permite criar redes de comunicação e socialização em um ambiente hostil. Graças fundamentalmente ao olhar, mas também a determinados sinais, gestos ou códigos (desconhecidos para os não iniciados), cria-se um cenário *a priori* inexistente, e que possibilita áreas de liberdade e lugares de resistência para um grupo historicamente afastado da vida pública. Os gays souberam desenvolver uma variedade de estratégias com as quais negociavam sua presença nos lugares públicos. Criaram também certos códigos gestuais, visuais e de vestuário (aspectos subculturais próprios dos setores sociais não majoritários) distintos e paralelos aos da cultura dominante, por meios dos quais se estabelece uma presença uma visibilidade gay cada vez mais significativa.

(CORTÉS, 2008, p. 161-162)

A escolha desses lugares para estabelecer o *cruising* não é feita arbitrariamente. São lugares permeáveis com alto fluxo de circulação de pessoas, onde homens de todo tipo passam, aqueles que se consideram gays, héteros, bis, pais de família casados ou solteiros. Se utilizam do espaço de maneira rápida, sigilosa e sempre atenta a algum possível tipo de vigilância (Cortés, 2008), e são fixadas no espaço físico por meio de relatos boca a boca, blogs anônimos na internet ou pela própria experimentação errante da cidade, como colocaria Jacques (2012).

Para o presente estudo, que descreve espacialidades *queer* da centralidade de Uberlândia, foi determinado que esse tipo de apropriação seria abordado de forma mais generalizada e delicada do que os outros tipos de espacialidades, *pedaços*, *manchas* ou *circuitos*. Essa decisão foi tomada pois uma importante dimensão para que a dinâmica e vitalidade dessas apropriações continuassem vivas e acesas é o anonimato. É através do sigilo, do contato direto entre grupos específicos, que personagens *queer* de Uberlândia, e de outras cidades, mantêm suas sociabilidades. Aprofundar-se então em questões como onde são os lugares específicos de ocupação *queer*, qual data e horário essas subversões acontecem e como se dão os encontros, colocaria em risco a integridade desses encontros, de seus atores sociais e da própria espacialidade transviada, além de romper com a forma que esses espaços são divulgados entre grupos, subgrupos e comunidades específicas na qual eu, como pesquisador e vocês, como leitores, podemos não fazer parte.

Enquanto os gays como subgrupo marginalizado se apropriam do espaço público subvertendo-os, Cortés (2008) também destaca em sua obra como as relações de gênero e poder perpassam por essa lógica, assim como nos clubes e boates. Enquanto o espaço público noturno mantém condições ideais para a formação de *pedaços* gays masculinos, essa mesma cidade, sob essas mesmas configurações, como apontam estudos feministas, são ameaças de perigo para mulheres (no geral), onde o assédio e agressões sexuais são facilitados. Enquanto o espaço seguro da mulher é o experienciado durante o dia, possivelmente com menos relações de impessoalidade, o oposto acontece para os gays, que se apropriaram de lugares inóspitos, pouco frequentados e escuros, os “seus” espaços. Esse fato é mais uma comprovação de como o homem, mesmo que gay, em condição privilegiada pelo poder hegemônico, se apropria de espaços e reivindica para si a noite, enquanto há para as mulheres a necessidade de clamar a rua para si, para que mais atos de violência não ocorram.

Castells (1983) ao lidar com as estruturas de poder que se manifestam em nossa civilização indica que é preciso considerar que a cultura do machismo, da misoginia e da sociedade patriarcal são estruturas que vem antes, e geram ou intensificam os processos de homofobia e transfobia. Isso representa a necessidade de estudar como os homens gays e mulheres lésbicas se relacionam com o espaço primeiramente em suas condições de homens e mulheres e sua relação de desigualdade de gêneros, para depois entender o espectro da sexualidade. Dessa forma, por terem maiores privilégios na sociedade, homens gays têm mais facilidade de apropriar de espaços públicos para as reivindicações de seus direitos, enquanto mulheres lésbicas tendem a construir redes interpessoais e sociais para suas sociabilidades.

Talvez pelo fato de a subcultura lésbica ainda ser pouco desenvolvida, entre elas persiste com maior força a divisão de papéis ativo/passivo. A maior durabilidade dos seus casos de amor seria, segundo alguns, resultado desta apropriação mais completa do modelo heterossexual que enfatiza o caráter permanente do casamento. Entre homossexuais masculinos, os papéis mais igualitários levariam talvez os dois parceiros a se acharem com o direito de procurar satisfação sexual onde quiserem; existem menos regras de conduta e, portanto, maior instabilidade. Um fator que pesa nesta diferença é sem dúvida a já mencionada educação diferenciada, que enfatiza muito mais a natureza promíscua do homem que a da mulher.

(MACRAE, 1983, p. 58)

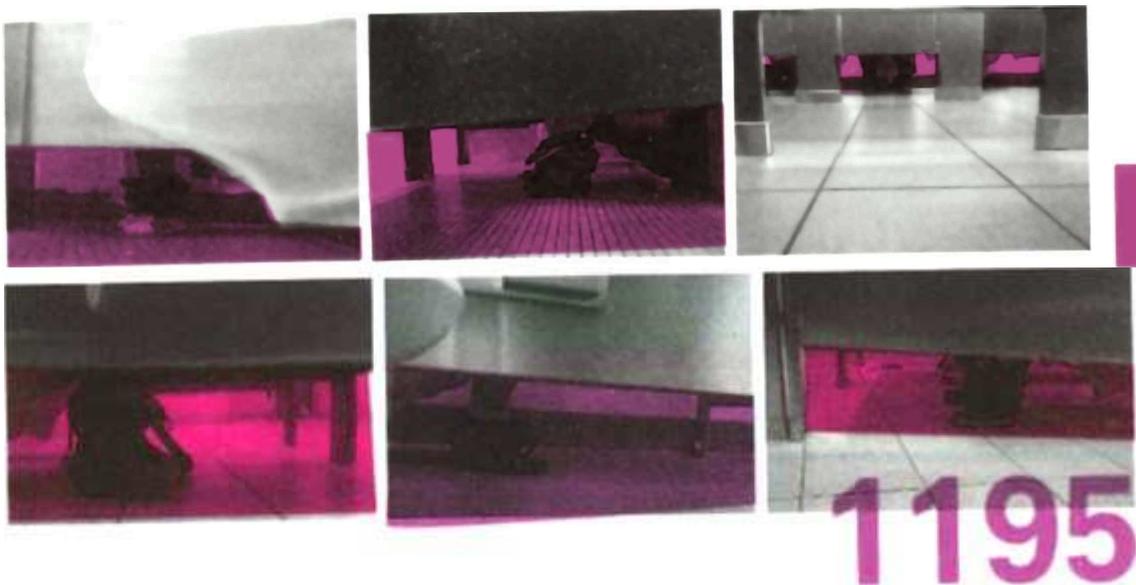
No dualismo do feminino e masculino, de opressões e tomada de lugares, talvez o objeto arquitetônico que mais representa as contradições e subversões de gênero, sexo e sexualidade são os banheiros públicos. Segundo Preciado (2002), os banheiros públicos são “instituições burguesas” que se generalizaram na Europa a partir do século XIX como um lugar que destinava a cumprir necessidades básicas mas que convertem-se progressivamente em cabines de vigilância do gênero, onde a principal preocupação de controle é o próprio gênero, separados por feminino/masculino.

A disposição espacial dos sanitários femininos simula ambientes domésticos, atribuídos ao longo da história a mulheres. Enquanto o espaço das necessidades fisiológicas é fechado em cabines sanitárias pois o corpo feminino deve obedecer a regras de recato. Fora da cabine o que existe muitas vezes é a presença de um grande espelho para retoques na aparência, auxiliando para que haja uma comparação de corpos que graduem em uma escala feminina cisgênera e heterossexual, sendo muitas vezes um ambiente de exclusão de corpos não lidos como femininos.

Do outro lado do corredor, no banheiro masculino, é fácil encontrar uma estrutura não presente no feminino: o mictório. Disposto em fileira ou moldado para servir a uso coletivo, o mictório faz companhia a cabines sanitárias que representam duas funções divididas: Urinar de pé, defecar sentado. Isso se caracteriza como outro tipo de vigilância de gênero, pois assume então que todos homens tem uma estrutura biológica que os possibilita urinar de pé, desconsiderando assim corpos de homens trans, *queers*, travestis, etc (PRECIADO, 2002).

Em uma outra nota, a divisão dos banheiros masculinos entre o espaço do mictório e da cabine afirmam ou desqualificam a masculinidade de acordo com o pênis e o ânus. Para Preciado (2012), o pênis a mostra em um ambiente coletivo como nos mictórios é uma forma de reforçar a masculinidade, enquanto o órgão que se utiliza para defecar é enclausurado nas cabines, pois a menor possibilidade de exposição denuncia uma masculinidade inferior, ou a ausência dela, além de potencializar performances homossexuais. Isso tem o poder de deflagrar como para a ideologia dominante e sua arquitetura, a representação fálica de poder existe para ser exposta a público (e repetida ou referenciada pelo formato de arranha-céus, obeliscos, colunas), enquanto a negação da masculinidade ou afirmação de uma feminilidade (e por consequência a ausência de poder) deve acontecer em lugar privado, oculto aos olhos, mesmo em espacialidades públicas.

Figura 9: Under the Stall Door



Fonte: KOOLHAAS, 2014

Nos *pedaços gays* que se convertem alguns banheiros públicos, no entanto, as performances e apropriações transcendem o uso da cabine e a performance íntima e privativa do sexo, fato que agrava e ocasiona a vigilância e punição do poder institucional sob esses corpos. O arquiteto Rem Koolhaas (2014) ao abordar a evolução dos toaletes fala da relação de repressão e vigilância de comportamentos sexuais dissidentes, exemplificando quando em 1962, os banheiros públicos de Nova York eram alvos de policiamento em que homossexuais eram constantemente presos pelas tentativas de encontros sexuais, em evidências gravadas por câmeras escondidas, desafiando então os conceitos de privacidade e liberdade. Koolhaas também aborda como o próprio design da divisória de banheiros públicos de padrão americano auxilia na vigilância e, subversivamente, no *voyeurismo* desses lugares. Por serem suspensas alguns centímetros do chão e com frestas entre as aberturas das portas, é possível identificar qual cubículo sanitário está ocupado e também identificar ações diferentes das fisiológicas dentro deles (Figura 9).

É possível perceber como a liberdade conferida a espaços de sigilo e anonimato marcam fisicamente as espacialidades. Anotações, recados, desenhos e uma espécie de classificados podem ser registrados nas portas dos banheiros masculinos ao longo de toda a cidade. Nos banheiros públicos de Uberlândia, é possível serem encontradas mensagens de vários tipos, como discursos de homofobia direcionados à masculinidade e religião, diálogos de encontros sexuais, manifestação de desejos heteronormativos, assim como observa Maia (2012) em seus estudos sobre os banheiros de Salvador, BA.

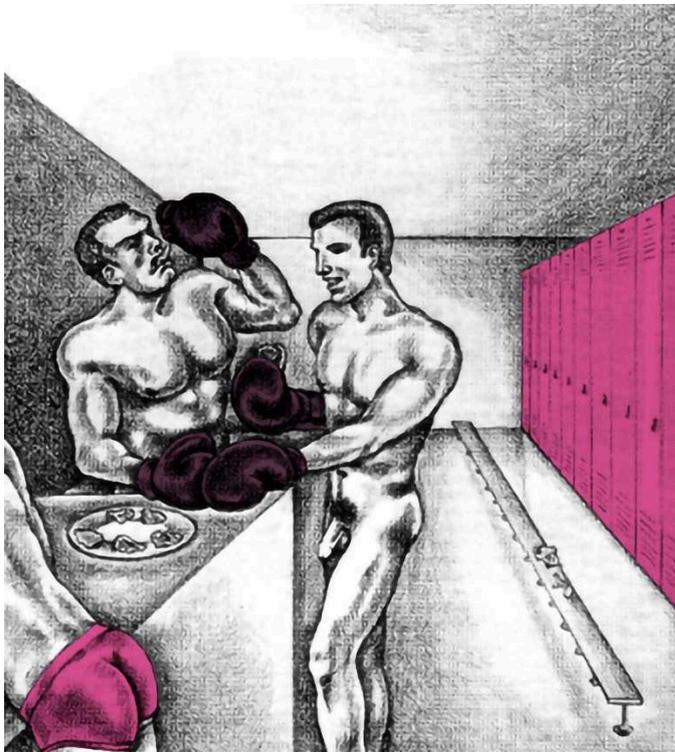
A masculinidade reforçada nos recados de banheiros públicos mostra como os lugares de apropriação gay que mantêm relações de sigilo e anonimato, apesar de poder serem considerados heterotopias do prazer, lugares que resistem à norma imposta em sexualidade, ainda assim reforçam comportamentos e espectros de masculinidade julgados como aceitáveis pela ideologia que domina a cultura ocidental contemporânea. Mesmo *dentro do armário*, com suas portas fechadas, ser homem tem relação a uma interpretação específica de masculinidade, enquanto outras performances sexuais e de gênero são descartadas.

A negação da feminilidade e do gênero feminino, além do reforço de tipos específicos de masculinidades podem ser verificadas de forma mais evidente quando analisamos espacialidades comerciais, “institucionalizadas”, mesmo que ainda baseadas nas relações de sigilo, como é o caso da sauna. O espaço para o banho e contato com o vapor nas cidades sempre teve muita relação com a saúde. Foucault (2001) em seus estudos considera o espaço da sauna como uma heterotopia de purificação, lugar direcionado à limpeza e do corpo, competindo a ela a mesma posição dentro das heterotopias de templos religiosos que cuidam da purificação da alma. Espaços direcionados à higiene na cidade, desde as termas romanas, são marcados também pelo compartimento de

gêneros, e com a hegemonia do masculino, como no caso das termas romanas, fazendo notar como até nas heterotopias de purificação de Foucault, as masculinidades são privilegiadas.

Koolhaas (1994) em seus estudos sobre Nova York entende processo similar ao analisar como o *Downtown Athletic Club* da cidade, arranha-céu foi construído em 1931. Seus primeiro doze andares são reservados apenas aos homens, o que considera como um território de cultura do corpo e uma “máquina de gerar e intensificar desejos de relações sexuais humanas” (Figura 10), reiterando a qualidade dos lugares em pouca luz natural e espaço mínimo, onde o homem realiza suas sociabilidades com outros homens apenas, em uma divisão clara de gênero e poder (KOOLHAAS, 1994).

Figura 10: O Downtown Athletic Club



Fonte: Koolhaas, 1994

A não aceitação da mulher, a rejeição da “bicha afeminada” e o isolamento imposto às travestis redirecionam o olhar e descobrem a reprodução das hierarquias de gênero que rondam as saunas. Nas saunas temos, portanto, a rejeição da representação do feminino, do gênero como performance que aparece nos corpos dos travestis e dos gays mais femininos. É um espaço exclusivo para homens que fazem sexo com homens. Trata-se, enfim, de um espaço ambíguo, com códigos e gestuais minuciosamente estudados, com corpos submetidos a um escrutínio de olhares.

(SANTOS; PEREIRA, 2016, p.140)

As saunas gays, ao olhar de Foucault (1982), no entanto, assim como outras espacialidades criadas e apropriadas por subculturas *queer* que são baseadas no sexo, transcendem a noção de desejo e de sua libertação e focam na satisfação de prazeres reprimidos pela sociedade hegemônica, podendo então também serem lidas como heterotopias do prazer. É, para o filósofo, através da criação de novos prazeres que os próprios desejos surgem.

Na centralidade de Uberlândia a presença de lugares heterotópicos como as saunas se constitui como minoria nos tipos de espacialidades contemplados. Próximo ao que um dia, entre as décadas de 1950 e 1960 se constituía uma zona de prostituição (OLIVEIRA, 2012), pode ser verificada pelo menos a presença de uma sauna idealizada para sociabilidades *queer* e, especificamente, de

homens gays. A sauna que existe desde a década de 1990 se localiza em uma região de baixa densidade populacional e presença do uso misto na ocupação dos solos, ao lado de edificações de serviço, alguns comércios e muitas residências. E é na mimetização de uma residência que o espaço externo se constrói. Sua identificação é feita através do nome, que também é o próprio número do logradouro onde se encontra a sauna, destacando assim como as espacialidades de sigilo e propensas ao ato sexual, mesmo em uma perspectiva comercial, transferem dos corpos que se interagem pelo anonimato, para a própria arquitetura desses lugares. Assim como grande parte de seus clientes, a sauna não é assumida para a cidade e para o passante desinformado, é apenas mais uma residência assobradada no meio da quadra.

Internamente, possui uma quantidade considerável de cômodos que se estruturam de forma setorizada e dividida entre dois polos e um espaço intermediário: O “claro”, de sociabilidades brandas e focadas no contato social, como o bar e a sala de tevê, onde os frequentadores mantem relações baseadas na amizade, o “escuro”, do *dark room*, com pequenas cabines e cinema erótico, onde as sociabilidades de sexo são realizadas, e o espaço “intermediário”, como o das próprias salas de vapor, ora de socialização, ora fazendo parte do jogo sexual e da nudez.

Embora haja uma divisão espacial das sociabilidades, é possível perceber como o espaço da sauna intensifica as relações interpessoais por meio do que é fisicamente construído. A instalação de espelhos em lugares estratégicos que forcem o contato visual, as estruturas residenciais adaptadas às necessidades da sauna, com seus quartos labirínticos e cômodos enclausurados auxiliam para que sociabilidades afetivo-sexuais sejam encorajadas. Desde os mais antigos *dark rooms* até os mais ordinários banheiros públicos, os lugares escolhidos para a apropriação de pessoas com intenções intimistas ou sexuais são em sua maioria encurralados, escuros e reservados. Pol Esteve e Marc Navarro Fornós em seu *Dark Room Atlas* (LOOZ, 2009) levantam as impressões arquitetônicas de quinze *dark rooms* de Barcelona e suas usabilidades (Figura 11). São espaços labirínticos, cheios de nichos. Não contêm também espacialidades complexas e poderiam ser confundidas com quaisquer outros galpões, se inter-relacionando a espaços projetados seguindo os códigos e fetiches da lógica moderna como a economia e a máxima funcionalização (LOOZ, 2009).

A relação de espaço e nudez também é amplificada nas saunas, pois logo ao entrar é necessário que os indivíduos troquem suas roupas, deixando-as em um armário, vestindo então apenas uma toalha. A configuração espacial e o trânsito de corpos despidos auxiliam então na percepção do tipo de grupo que ali frequenta. Homens de todos os planos de fundo, camadas sociais e etnias frequentam ali para realizar suas sociabilidades de forma segura e anônima. No entanto é de fácil percepção que os corpos mais velhos, “fora do mercado do sexo”, gordos, deficientes e ditos feios (POCAHY, 2017) estão presentes em maior número nessas espacialidades.

Esses corpos se encerram nas saunas, os lugares que mais se aproximam da organização contemporânea de um gueto, um lugar onde as pressões da sociedade heterossexista são temporariamente afastadas, fazendo com que corpos *gays* consigam testar diferentes configurações de suas identidades, recusas e negociações (MACRAE, 1983). Há, também nas saunas, complementando a dinâmica heterotópica do prazer, a presença de corpos jovens e de representações masculinas hegemônicas, aqueles que são consumíveis, de homens que se prostituem e fazem do seu próprio corpo um nicho de mercado (SANTOS, 2016). O espaço da sauna na contemporaneidade então é aquele que abarca corpos marginalizados dentro de subgrupos *queer* que já apresentam disputas e recusas. Isso acontece, pois, desenvolvimento de clubes, casas noturnas, e outras espacialidades comerciais fez com que espaços de sexo fossem abandonados por uma parcela da população gay, que busca entretenimento em lugares mais luxuosos ou de diferentes naturezas (PAIVA, 2009).

Figura 11: Barcelona Dark Rooms



Fonte: CASTELLO, FORNÓS; 2009.

Foucault, em 1978, com seus estudos posteriores a respeito de espaços de sociabilidade gay e representações de sexualidade já identificava um câmbio na representação do corpo *queer*, que cambiava de manifestações do efeminado (ou feminino) e do transgênero para um corpo que assumia uma masculinidade muito semelhante ao que o poder vigente considera como aceitável. Também discute a possibilidade de como o sucesso e a evolução desses novos estabelecimentos comerciais voltados para sociabilidades gays estariam relacionados ao triunfo do capitalismo e consumismo que se apropria da experiência homoerótica (HALPERIN, 2011).

Essas questões abordadas por Foucault estão presentes na realidade atual das saunas no Brasil, e também nas dinâmicas que acontecem na sauna que se localiza na centralidade de Uberlândia. A relação entre corpos privilegiados e acesso às espacialidades são verificadas pela prostituição e presença de pessoas marginalizadas em espaços de sociabilidades mais amplas e menos luxuosas como a sauna, enquanto é possível perceber a evolução da cultura capitalista e apropriação de espacialidades legitimamente *queer*, quando estudamos como são as dinâmicas de inclusão, segregação, publicidade e consumo nos clubes e boates gays/*queer*/LGBTs do século XXI no Brasil e, como amostragem, em Uberlândia.

2.3 Armários pretos em embalagens coloridas: Os clubes LGBT e a construção de uma imagem *queer*

No fim da década de 1980 e na década de 1990, a epidemia da AIDS e do HIV que deixou a comunidade gay/*queer* duramente estigmatizada, fez com que esses lugares se tornassem um tipo de arquitetura do medo (CORTÉS, 2008), associados agora não só ao desejo sexual, mas à doença e à morte. Com isso, outros tipos de espacialidades foram fortalecidos, aquelas que já não focavam no prazer e no sexo, mas sim no contato social. A ocupação *queer* dos espaços centrais de Uberlândia tem registro destacado desde pelo menos o início da década de 1990, em vestígios da prostituição de travestis (TRAVESTIS-PROSTITUTAS... 1990), enxergadas como consumo e marginalizadas, mas também com a construção de novas casas noturnas que atendessem aos homossexuais da cidade (HOMOSSEXUAIS... 1991).

Com a virada do milênio, como mostra o psicólogo Edmar Henrique Dairell Davi (2004), é possível perceber que a visibilidade desses espaços cresce com a divulgação de transformistas/*drag queens* que se apresentam em alguns bares e boates (Figura 12) e também no ativismo político, com protestos nas praças de Uberlândia contra a violência a travestis (Figura 13).

Figura 12: Show de transformista no bar Corda-Bamba em Uberlândia (2001)



Fonte: DAVI, 2004.

Figura 13: Manifestação de Travestis em Uberlândia, 2001



Fonte: DAVI, 2004.

Nota-se também que a construção desses espaços de sociabilidade *queer*, desde o início de seus registros, tem como característica principal a mutabilidade e inconstância. Muitos estabelecimentos que existiam e atendiam a parte da população *queer* fecharam, outros se relocaram. A gentrificação e verticalização do centro que fazem com que os lotes e edificações fiquem cada vez mais supervalorizados e por consequência, tornam os alugueis mais caros, acabam por expulsar do território urbano aqueles locais mais precários onde o público é mais marginalizado, seja frequentado por travestis, transformistas ou homossexuais pobres e negros. É de fácil identificação que os estabelecimentos que hoje perduram na mancha de lazer da Praça do Rosário, em oposição aos que já não existem (Mapa 4) estão em uma relação de proximidade e também possuem semelhanças em público e identidade, como analisado a seguir.

Também o preconceito, principalmente na década de 1990, é um grande catalisador de como esses lugares funcionam ou deixam de funcionar, pois estabelecimentos para pessoas *queer* muitas vezes são lidos como “antros de perdição”, gerando suspeitas da comunidade vizinha e da autoridade policial, além de denúncias de prostituição e tráfico de drogas que resultam em batidas policiais, acabando assim com a noite e clientela de bares, boates e saunas (DAVI, 2004).

A transitoriedade dos estabelecimentos é uma característica veemente registrada nessa pesquisa. Enquanto levantamentos eram feitos de lugares e ocupações *queer* na centralidade de Uberlândia, alguns espaços foram fechados, reabertos e fechados novamente, como a boate “Weekend” que se transformou em “Fênix” para fechar novamente em 2018, enquanto outros foram relocados, o caso do “Clube Belgrano” que é aqui abordado como estudo de caso em sua implantação anterior. O clube migrou para um novo endereço em novembro de 2018 e em seu lugar, desde março de 2019 funcionam dois outros estabelecimentos que também envolvem pessoas *queer* isolados um do outro, com públicos diferentes: A “Bug Club” e a “Velvet Club”, que por sua vez existia no mesmo lugar antes de uma expansão do “Clube Belgrano”. Para não comprometer a integridade dos resultados de pesquisa, algumas análises feitas de acordo com a ocupação anterior dos clubes serão mantidas, pois seus resultados são espelhados também em como a configuração espacial atual desses lugares é mantida.

MAPA 4: Estabelecimentos Queer no Centro de Uberlândia



LEGENDA

● Ativos

- 01 Sauna Um Sete Um
- 02 F5 Bar
- 03 Clube Belgrano
- 04 Banca Bar
- 05 OCulto Bar
- 06 BUG CLUB
- 07 Velvet Club
- 08 Santuário Bar

● Inativos

- 09 Heaven Club
- 10 Capella Bar e Casa
- 11 Weekend Club
- 12 Kiss Bar Show
- 13 Lou Lou Bar Café
- 14 Cinema Cine It
- 15 Clube 110
- 16 Flag Bar
- 17 Clube 185

Fonte: Autor, 2019

0 100m 500m



Das propostas de eventos, comunicação visual até a configuração das fachadas, esses lugares são preparados para recepcionar pessoas que não se identificam com o padrão cisgêneros e heterossexual imposto pela sociedade. A exemplo, podemos falar dos clubes *Belgrano*, *185* e *110*²² que mantinham eventos quase em sua totalidade com temáticas relacionadas a pessoas *queer*. É importante ressaltar também que, devido a pluralidade de pessoas que estabelecem o que no presente trabalho chamamos de *sociabilidades queer*, outros locais de lazer noturno também recebem esse público, enquanto algumas próprias casas noturnas mantêm em periodicidade menor eventos para o sujeito *queer*, como é o caso do *Ooze Bar*. Seja no *Clube Belgrano*, no *110 Club*, no *185 Club* ou nas ocasiões em que um público *queer* maior atende a outras casas, a apropriação espacial costuma a começar pela longa fila de entrada, fazendo com que aquela própria temporalidade se torne uma extensão da boate.

A palavra *club* ou clube segundo o dicionário de Cambridge em seu significado literal é “uma organização de pessoas com interesses ou propósitos em comum que se encontram regularmente e tomam parte em atividades variadas” (CLUB, 2018). Tomando esse significado, podemos inferir que os próprios estabelecimentos autodenominados clubes são lugares feitos para corpos específicos que tem interesses em comum, o que se encaixa muito na lógica de estabelecimentos voltados para um público *queer*, o caso do “Clube Belgrano”, “Clube 110” e “Clube 185”.

Cada casa noturna do circuito é minada por diversos *pedaços* de grupos distintos, que mantêm suas próprias normas de interagir com a cidade e enquanto alguns clubes possam ser considerados *pedaços queers*, em determinadas temporalidades, essas mesmas pessoas que fazem parte desse *pedaço* podem se apropriar e ocupar de outro estabelecimento (MAGNANI, 2005). Um espaço que auxilia especificamente na interação com o espaço público na centralidade são os fumódromos das casas noturnas. A partir de 2017, após o incêndio na “Boate Kiss”, em Santa Maria (RS) que fez 242 vítimas e mais 680 feridos (MORALES, 2016), uma nova lei para combate e prevenção de incêndio em estabelecimentos coletivos fez com que houvesse mais fiscalização e que então, existissem por obrigatoriedade saídas de emergência amplas e que os espaços para fumantes fossem ao ar livre.

O Clube 185 (Figura 14) assim como o Clube 110 (Figura 15) já mantinham seus fumódromos no espaço ladeado à calçada, enquanto o fumódromo do Clube Belgrano (Figura 16) se tornou a própria rua: O acesso controlado por meio de pulseiras garantiu que as pessoas tivessem acesso ao espaço público por um período de 15 minutos, ou mais dependendo da renovação de tempo. Esses

²² Os clubes “185” e “110” se mantiveram ativos apenas até a segunda metade de 2018 e permanecem fechados até a conclusão dessa pesquisa. Já o clube “Belgrano” que durante a construção desse capítulo se localizava no endereço r. Bernardo Guimarães, nº 100, se mudou para outro endereço em outubro de 2018, localizando-se agora na rua Goiás, nº 253, enquanto o “ponto” da r. Bernardo Guimarães é desde março de 2019, onde se localizam a “Bug Club” e a “Velvet Club”.

artifícios auxiliam para que a rua fosse incorporada nesses espaços de lazer e que assim mais pessoas, que se consideram *queer* ou não, pudessem interagir com os participantes dos eventos de uma determinada noite. A balada então se dissolve para fora de seu espaço e se torna uma experiência de apropriação pública. Os clubes, onde uma parte dos corpos *queer* de Uberlândia se sentem seguros e contemplados para realizar suas atividades então, são como “armários de portas abertas”: um espaço seguro para a manifestação da sexualidade e gênero sem o medo de repressão da supremacia e que ao mesmo tempo possibilitam a passagem de corpos *queer* de dentro do *armário* para fora, nas ruas da cidade.

Nos três clubes citados e em um representativo, nas casas noturnas vistas como LGBT em geral no Brasil, internamente são lugares pequenos, e escuros que se tornam apertados em sua lotação. No geral, um conjunto de luzes, uma mesa de dj, os banheiros e uma pista de dança já bastam para que o lugar exista. Essa característica espacial é o que leva aos clubes a denominações como a de um “caixote preto”, um “quadrado pequeno para dançar”, onde a preocupação do público é menor quanto à qualidade espacial e estética e maior ao que se refere no preço pago para entrar ou consumir (BATISTA; CARNEIRO, 2018). Uma caixa preta com as portas abertas. Um armário escancarado, de onde se dependuram muitas roupas coloridas e diversas.

No geral, por serem lugares que englobam parcela da população *queer*, a administração desses clubes é conivente com demonstrações de afeto plurais, desde que ocorram dentro da legalidade. Isso facilita para que as pessoas se sintam mais à vontade com seus corpos e que assim, as boates virem ponto de encontro e contato afetivo entre esse público. A vigilância do próprio clube, no entanto pode servir como reguladora do que se passa nesse espaço, fazendo com que as demonstrações de afeto mais íntimas tenham que acontecer de forma velada ou escondida, se enquadrando na regra dos encontros sexuais que acontecem nos banheiros públicos, parques e demais espaços livres (Figuras 17 e 18).

Figura 14: Clube 185



Fonte: Autor, 2017.

Figura 15: Clube 110



Fonte: Autor, 2017.

Figura 16: Clube Belgrano/Bug e suas alterações na fachada



Fonte: Autor, 2017, 2018 e 2019.

Figura 17: Clube Belgrano (Banheiros)



Fonte: Autor, 2018.

Figura 18: Clube Belgrano (Banheiros)



Fonte: Autor, 2018.

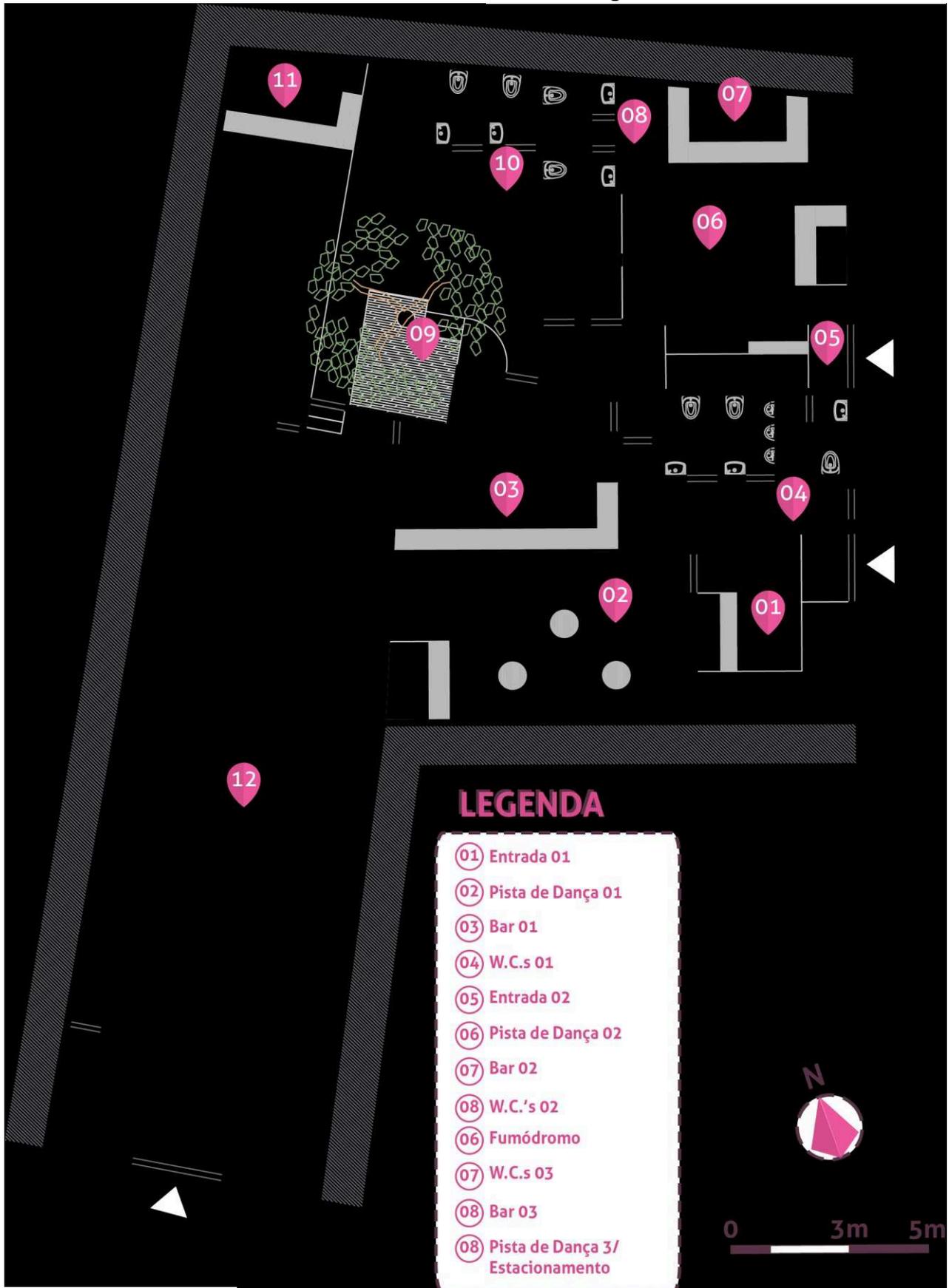
O clube então é um espaço privado, comercial e vigiado onde atos diligentes à norma são estimulados/repreendidos. Isso acontece porque as sociabilidades que os clubes possibilitam, as que tem uma relação muito mais de contato social do que de intimidade sexual, se enquadram muito na negação do sexo e da sexualidade na sociedade que a ideologia das classes dominantes promulga como respeito à moral e aos bons costumes. Serve também a uma parcela da população *queer* e em especial, da população *gay*, que segundo Cortés (2008), não sentem vontade de pôr em questão nenhum dos aspectos essenciais que mantêm a cidade formal, que é construída por setores heterossexistas majoritários, em funcionamento.

Embora a espacialidade dos clubes tem uma natureza diferente daqueles lugares projetados para o sexo, é possível perceber algumas interfaces entre ambos tipos de lugar. Assim como nas saunas e *dark rooms*, o próprio espaço contido e labiríntico da balada é um dos fatores a potencializar a experiência de seus usuários em gênero, sexualidade e sexo. De sua forma também, assim como os *dark rooms* descritos por Esteve e Fornós (2018), as casas noturnas como o Clube Belgrano também se relacionam muito à lógica funcional do programa moderno: espaços livres, econômicos e projetados para um programa mínimo e flexível. A cabine do dj, o bar, os banheiros e o fumódromo dão conta por si só das funções espaciais ali desempenhadas (Figura 19).

Se por dentro dos clubes o que predomina espacialmente é a lógica moderna, seus exteriores, volumetrias existem para contradizê-la. Ao contrário da configuração interna, sóbria, escura e contida, as fachadas e áreas externas dos clubes que se voltam para as ruas da cidade podem ser bem chamativas e adereçadas. A intenção arquitetônica do que veda o edifício é muitas vezes ser publicidade: Todos os três clubes aqui analisados mantinham o uso massivo da cor preta em sua fachada, indicando a usabilidade do estabelecimento para a vida noturna, facilitando para as pessoas na rua reconhecerem a função do edifício pela forma (e cor).

Ambos os clubes em sua posição geográfica na cidade estão em regiões antigas, remetidas ao início da ocupação da cidade, próximos ao Fundinho, primeiro bairro de Uberlândia, e à praça do Rosário, onde a população marginalizada um dia vivia. O adensamento da região ao longo do tempo fez com que essas construções antigas fossem readaptadas a novos usos e no processo muitas vezes perdendo características estilísticas do passado, seja uma platibanda *Art Déco* ou um portão Eclético. É possível perceber pelo gabarito e volumetria dos clubes que os mesmos se encaixam nessa lógica.

Figura 19: Planta Esquemática da antiga sede do Clube Belgrano

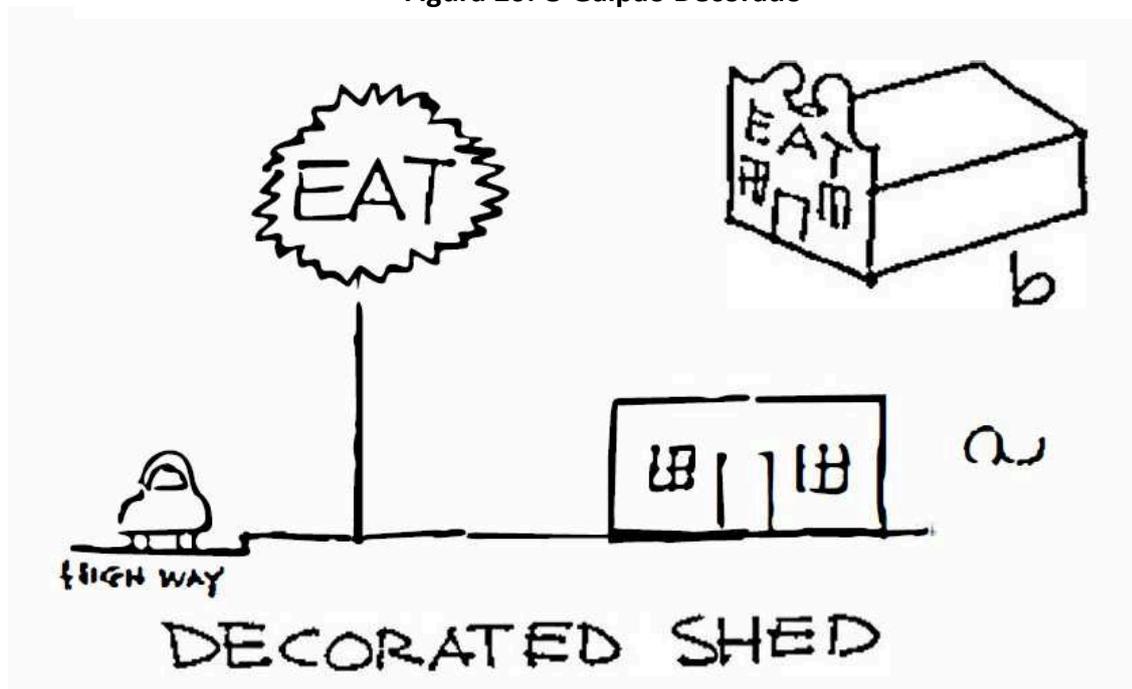


Fonte: Autor, 2018.

O clube Belgrano, além de manter um plano de fundo preto em sua fachada, conta com um mural pintado em grande parte de sua extensão, em temas que dialogam com seus eventos e publicidade. A intervenção no edifício é produzida pelo estúdio responsável da direção artística do próprio empreendimento, o Estúdio Farândola²³, e segundo os artistas, pretende de tempos em tempos ser remodelado para que a mensagem passada pela tela artística – no caso, a própria fachada – seja sempre atualizada e reciclada (BATISTA; CARNEIRO, 2018).

Assim, a experiência forma/função dos espaços no Clube Belgrano, existe em total contradição e também convívio pleno de metodologias e tempos distintos em arquitetura no permear dentro/fora desses edifícios: enquanto o espaço interno se dinamiza por uma ótica moderna - funcionalista e ausente de decorações em arquitetura - a sua fachada e embalagem descartável é minada com o pós-moderno de significâncias *pop*, funcionando como um “Galpão Decorado” de Venturi, Scott Brown e Izenour onde o ornamento se aplica sobre o próprio edifício (Figura 20), “um abrigo convencional a que se aplicam símbolos” (VENTURI; BROWN; IZENOUR, 2003), fazendo com que a própria forma indique sua função, um edifício com “uma frente retórica e os fundos convencionais” (FOSTER, 2017).

Figura 20: O Galpão Decorado



Fonte: VENTURI; BROWN; IZENOUR, 2003.

²³ Os dados sobre o Estúdio Farândola e sua atuação na produção visual dos clubes de Uberlândia foram coletados por meio de duas entrevistas, uma conduzida de forma oral e outra de forma escrita em julho de 2018. Ambas versões serão apresentadas nos Apêndices desse trabalho.

O “galpão decorado” tenta conciliar a contradição de imagem/função: o mural com uma mensagem explícita e heráldica é um ornamento simbólico na fachada do clube que, por si, é um simples galpão. No caso do clube Belgrano, é o mural em primeira instância que transmite à pessoa da rua o que é e o que se passa naquele edifício, de forma denotativa. O modelo foi elaborado no estudo dos arquitetos da cidade de Las Vegas, onde desde sua consolidação as construções são usadas como artifícios para captar a atenção do visitante na rodovia, em alta velocidade. Dessa forma, desde cassinos a postos de gasolinas são dotados de comunicação em neon ou outdoors no lugar da fachada convencional, chamando a atenção e ao mesmo tempo explicitando as funcionalidades daquele edifício para o passante (VENTURI; BROWN; IZENOUR, 2003).

Assim como os cassinos e postos de gasolina de Las Vegas analisados por Venturi, Scott Brown e Izenour, a fachada do clube é sua peça publicitária de maior escala e a que mais chama atenção direta ao público passante. Enquanto arquitetos modernos como Alison e Peter Smithson voltavam seu trabalho para a funcionalidade das coisas, os “novos celebrantes da cultura pop” se inspiraram no “objeto descartado e na embalagem pop” (FOSTER, 2017).

Dessa forma, a superficialidade consumista dos signos e a produção seriada de objetos afetou a produção de arquitetura e urbanismo assim como afetou a pintura e escultura. Esse processo faz com que surjam mais elementos a se pensar além da funcionalidade dos edifícios, mas também exclui o arquiteto do papel tradicional de gerar formas e transfere essa responsabilidade para o anúncio publicitário (FOSTER, 2017).

A publicidade é outra forma de reforçar a importância da comunicação e da imagem, por meio da divulgação gráfica de eventos, demonstrando a especificidade de público em que aquele lugar se centra e quais os objetivos dos estabelecimentos. Em análise isolada, é possível perceber que as peças publicitárias mostram propostas diferentes para cada evento em temas e artes coloridos. A utilização de cores vivas são abordagens claras destinadas ao público *queer* e a ilustração é uma forma bastante utilizada para a representação de tais eventos.

O estúdio Farândola como responsável pela direção de arte do clube Belgrano, além de ter autoria dos murais pintados também fica por conta dos anúncios publicitários da boate publicados semanalmente, nas sextas e sábados (Figura 21). O escritório tem feito peças publicitárias desde o seu início: por conhecerem pessoas que constroem a cena noturna *queer* de Uberlândia, a formação original do Farândola (os designers Guilherme Batista, Lucas Aion e Márlon Carneiro) começou seu trabalho com pôsteres feitos para eventos específicos do clube 185, em uma proposta mais artesanal e voltada também à publicação e impressão da arte. Já hoje em dia, segundo Batista e Carneiro, as artes criadas para os eventos no clube Belgrano são feitas de modo mais seriado, de rápida distribuição e estritamente no meio digital.

As artes dos eventos geralmente se relacionam com elementos da cultura *pop* contemporânea, acontecimentos da semana anterior, personagens da internet e demais motivos associados a uma cultura do agora, que se vincula em grande parte a um público majoritariamente jovem, entre os 18 aos 30 anos. O público-alvo também tende a ser gay e masculino (BATISTA; CARNEIRO, 2018).

Figura 21: Publicidade do Clube Belgrano



Fonte: Página Oficial do Clube Belgrano, 2017.

Já

a respeito dos murais, os artistas começaram o trabalho partindo de um ato de deprecação de sua própria sede: palavras depreciativas foram pixadas na fachada com o intuito de difamar a sexualidade dos integrantes do grupo, que desde seu início possui integrantes gays, e em resposta terminaram de pintar a fachada com imagens de cores vibrantes, o que posteriormente se transformou em uma outra vertente de trabalho do escritório. Os murais feitos nos interiores dos edifícios são geralmente artifícios que empresas utilizam para deixar os espaços mais descontraídos, enquanto as fachadas externas são muitas vezes uma maquiagem para construções degradadas e também “uma forma de grito dos edifícios para serem notados” (BATISTA; CARNEIRO, 2018).

Foster indica que Venturi aponta as causas de edifícios galpões decorados como a subversão do moderno devido à falta de inclusão do gosto popular e alusão à tradição arquitetônica que acontece no próprio moderno quando rejeita o “simbolismo ornamental” em favor do “expressionismo” formal. É uma forma de agregar valor popular reconhecível em arquitetura que fuja do funcionalismo puro (FOSTER, 2017). Funcionam como embalagens coloridas e vibrantes que cobrem os *armários pretos de portas abertas*, anunciando seus produtos: os clubes e também as suscetíveis sociabilidades a acontecer neles (Figura 22).

Figura 22: Detalhe do Mural na antiga sede do Clube Belgrano



Fonte: Página Oficial do Estúdio Farândola, 2018.

Dessa forma, a utilização de imagens *pop*, comerciais e instantâneas que se relacionam diretamente com um público específico, faz com que a fachada pintada no exterior do clube Belgrano que, como já citado, é sua extensão, se torne um lugar de amabilidade e reconhecimento dentro da cidade. As intervenções urbanas temporárias são capazes de catalisar relações de proximidade e intimidade, dos indivíduos entre si e com o espaço.

Essa dinâmica também se relaciona com o conceito de Fontes de *amabilidade* (2011). Seja por intervenções, apropriações públicas ou mesmo festas, é através da mesma que para a autora os espaços adquirem qualidades para que seus cidadãos aproveitem. Por meio do dinamismo e da temporalidade que se instaura na vida das pessoas e se reflete na cidade, da reversibilidade e do potencial elástico do espaço urbano de fazer-se voltar a algo similar ao que era antes, da flexibilidade e cambo aberto de transformação que o urbano detém, da imprevisibilidade onde rígidas regras já não cabem, muito menos uma programação fixa dos usos que a cidade pode ter, além da conexão dos atores sociais com o espaço e entre si, construindo algo novo.

Fontes (2011) destaca também a importância do entorno em definir espaços mutantes em movimento e acontecimentos, muito caracterizados pela variação de cenários constante e de suas configurações. A própria aceleração do tempo e instantaneidade interferem como a mobilidade urbana ocorre na cidade contemporânea. A presença dos fluxos e das intervenções espaciais são importantes então para que as pessoas se identifiquem com aqueles espaços.

Esses espaços são dinâmicos e efêmeros, começando com a noite de sexta-feira e cessando com o raiar do dia de domingo. A reversibilidade se dá por conta da própria rua e sua dinâmica com quem a pratica, sejam as pessoas que frequentam a boate, os passantes em seus automóveis, ou até mesmo os vendedores ambulantes que transformam as calçadas em lanchonetes, lojas de artesanato, entre outros estabelecimentos. Por se tratar de um lugar no centro da cidade, ladeado por edificações históricas de diferentes períodos, é de se perceber que a rua desses lugares foi utilizada de diferentes formas ao longo do tempo e são flexíveis às mudanças da própria sociedade.

O evento, o dia marcado e a programação tornam a apropriação espacial imprevisível enquanto pode haver uma multidão nas portas das baladas, também poderão haver um grupo pequeno de cinco pessoas. Multidão e pessoas essas de diferentes contextos e performances que se conectam, seja pela condição sexual ou de gênero, pela empatia, pela música, pelo afeto, pelo sexo.

A intervenção urbana na fachada do clube Belgrano solidifica a relação público *queer*/cidade representa a capacidade de edifícios na contemporaneidade em serem envelopados por comunicação e publicidade, atualizando o modelo de “galpão decorado” de Venturi para além da lógica do passageiro do carro na rodovia. Os galpões decorados da contemporaneidade também estão no centro da cidade para as pessoas que passam a menos de 50 km/h. As intervenções urbanas

como a pintura de murais pela cidade caracterizam mais uma vez o poder dos espaços em serem repletos de significâncias e identificações de grupos específicos de pessoas e seus *pedaços* e *manchas*.

Cortés (2008) faz uma comparação dos estabelecimentos de socialização *queer* que existiam antes e após a Rebelião de Stonewall. Bares que antes eram fechados e sem identificação externa, sendo necessária uma identificação prévia para acesso, hoje são visíveis na rua, com grandes vidraças para praças públicas, ou no caso do clube aqui analisado, uma grande embalagem colorida, um galpão decorado. Esse câmbio de atuação na cidade traz novas relações a serem analisadas criticamente: Por um lado, criam-se espaços onde parte da população *queer* pode se encontrar e socializar sem o medo da repressão e violência (GREEN, 2000) e por outro são também estabelecimentos privados, baseados em uma cultura de consumo onde o acesso é muitas vezes controlado, o que Foucault (1978) já havia previsto em seus estudos.

Para o filósofo István Mészáros (2006) em uma interpretação de Marx, a sociedade capitalista cria uma alienação humana, transformando todas as coisas e pessoas em “objetos alienáveis, vendáveis”, onde basicamente tudo vira mercadoria. É preciso então compreender que em uma sociedade subjugada pelo sistema capitalista e heterocentrado, as próprias estratégias transgressoras do sistema podem ser assimiladas pelo capital e transformadas em um nicho de mercado domesticado e facilmente controlado. A partir disso que surge a imagem de um “consumidor LGBT/*queer*”, fazendo com que estabelecimentos privados criados para a interação social de pessoas fora da norma de sexualidade e gênero, sejam formas de acumular capital. Tais espaços são muitas vezes idealizados para públicos específicos, como por exemplo homens, gays, brancos, jovens e de classe média alta, reforçando assim as próprias contradições e relações de poder e segregação dentro dessa comunidade, pois os mesmos mantêm um histórico de poder aquisitivo maior que outros subgrupos da população *queer*, por terem se estabelecido primeiro no mercado de trabalho e por estarem dentro da lógica hegemônica de reproduzir misoginia e fortalecer o patriarcado (Cortés, 2008). É o que se observa em relação aos clubes analisados e principalmente, se tratando do público alvo percebido pela equipe de direção artística de alguns clubes, como já mencionado, de gays homens entre 18 a 30 anos.

Essas relações de consumo e espaço privado realçam como o poder vigente auxilia na estratificação do que é considerada uma comunidade “LGBT” ou “*queer*”, avaliando algumas questões e corpos específicos como mais importantes do que outros. Existe mais aberturas para homens gays no comércio e lazer, pois o consumo homossexual masculino é mais visado, por um histórico de bons trabalhos e poucos encargos familiares (Cortés, 2008), enquanto ao mesmo tempo lésbicas e bissexuais são invisibilizados e parte da população trans e travesti ainda luta para a

conquista de espaços seguros e para ter suas próprias identidade reconhecidas, chegando a ser barrada em próprios lugares considerados LGBT/gay-friendly.

2.4 Armários móveis: As paradas LGBT e seus circuitos

Há ainda uma dinâmica de ocupação espacial realizada por pessoas *queer* que transcendem os significados aqui abordados de transitoriedade e efemeridade. As Paradas LGBT, que existem desde a Rebelião de Stonewall, são consideradas os maiores eventos de ativismo político e ocupação espacial do mundo *queer*. O Brasil é um país que mantém grande relevância na organização de paradas e a Parada LGBT de São Paulo é considerada a maior do mundo. Em 2019 reuniu mais de três milhões de pessoas e movimentou cerca de quatrocentos e três milhões de reais (PINHONI, 2019).

Já em Uberlândia, as Paradas de Orgulho LGBT tiveram início no ano de 2002 e ocorrem anualmente desde então representando uma das maiores manifestações reivindicatórias de cunho sociocultural de Uberlândia e região. O evento está incluído no calendário oficial de eventos do município desde 2015, instituído no terceiro domingo de setembro, porém não existe o efetivo cumprimento da regra desde sua instauração. A primeira e segunda Parada de Orgulho LGBT foram realizadas por artistas, comerciantes e pessoas diversas e a partir ano de 2004, o Grupo SHAMA (Associação Homossexual de Ajuda Mútua) tomou as rédeas do evento, fortalecendo seu cunho político e social. Já no ano de 2017, com a dissolução do SHAMA, a Parada de Orgulho LGBT e Semana de Visibilidade LGBT foram organizadas pela comunidade LGBT sem patrocínio da prefeitura. Até o momento dessa pesquisa já houveram 17 edições da parada.

Durante toda a semana da parada ocorrem atividades, constituídas pela Semana de Visibilidade LGBT. Debates, oficinas, documentários, esportes e festas preenchem o calendário, de acordo com o tema anual, que se altera em cada edição, sendo sempre finalizado pela passeata da Parada de Orgulho LGBT. Os eventos estão no eixo de visibilidade da Parada, contando com atividades como a “Gaymada” (Jogos de Queimada Gay) e o “Happy Lesbi” (Happy Hour Lésbico com Militantes Nacionais), que visa dar espaço para grupos *queer*/LGBT se sentirem representados e terem participação ativa durante toda a semana. A realização de esportes e variados tipos de encontro em espaço público na cidade auxilia na legitimação de pessoas *queer* como agentes transformadores e utilizadores da cidade.

A Parada sempre se concretiza a partir de uma passeata pela área central da cidade de Uberlândia. A concentração se dá na Praça Clarimundo Carneiro, no início da tarde do terceiro domingo de setembro, onde milhares de pessoas se encontram ao redor de trios elétricos, enquanto esperam o horário definido para que comecem a percorrer o trajeto por vias centrais da cidade. São

esses os momentos possíveis de perceber a diversidade que Uberlândia possui em manifestações de sexo, sexualidade e gênero. São em eventos como a Parada, que tem como motivo principal a luta pela visibilidade e direitos à parcela desprivilegiada, e que fazem disso uma celebração de estilos de vida alternativos, que grandes públicos se encontram. Gays, lésbicas, travestis, *drag queens*, *genderfluids*, dos mais diversos espectros em raça e classe econômica.

Pela apropriação do espaço público em massa, hoje institucionalizado, a sensação de segurança para alguns grupos é maior, o que possibilita para os mesmos sair no claro do dia, se impondo para a sociedade. Pela segurança e acessibilidade é também um dos únicos momentos de lazer para muitas pessoas desprivilegiadas, além de possibilitar uma expressão pessoal que em outros espaços seriam recriminados ou violentados (FREITAS, 2016).

É comum então que determinados lugares estejam minados de significações diferentes para certos grupos. É o caso do trecho central da Avenida Floriano Peixoto entre a praça Oswaldo Cruz, que abriga o antigo Fórum de Uberlândia Abelardo Penna, até a Praça Do Rosário. O espaço é permeado por estabelecimentos comerciais e de serviço que operam durante horário comercial e restaurantes e bares que abrem no período noturno e têm alto fluxo nos fins de semana. Por ser localizado no centro histórico da cidade, envolto por histórias de diferentes povos e camadas sociais agregados à utilização do espaço público, há uma gama variada de atividades que acontecem durante o ano nos seus entremeios. As ruas do centro também cedem espaço ao longo do tempo para várias manifestações de cunho social, cultural e político em Uberlândia, passando sempre por edifícios cívicos.

Mapa 5: Trajetos Cívicos na centralidade da Praça do Rosário



Fonte: Autor, 2017.

É nesse trecho entre duas praças importantes da cidade que ocorre a manifestação cívica de comemoração da Independência Brasileira, em 7 de setembro, com presença de escolas municipais e do batalhão de infantaria e onde se realiza o desfile da Congada até aos pés da Igreja do Rosário, localizada na praça Do Rosário. É também onde a caminhada da Parada LGBT da cidade passa. É possível entender a centralidade de Uberlândia então cada vez mais complexa, pois dentro de *manchas* de lazer, comércio e serviços, encontramos *pedaços* de grupos sociais diferentes, que se deslocam por entre as quadras do centro, formando *trajetos*, movimentos de um ponto a outro, ligando potencialidades espaciais.

O *trajeto* da Parada começa tradicionalmente pela concentração na Praça Clarimundo Carneiro, onde os trios são estacionados e músicas eletrônicas e *pop* tocam enquanto a praça vai se enchendo de pessoas vindas dos mais diversos lugares da cidade e da região. Após consistente manifestação de público, os trios começam seu caminho, passando pela Avenida Bernardo Guimarães em um dos caminhos mais estreitos do percurso, seguindo para a Avenida Floriano Peixoto até chegar à Praça do Rosário. No *trajeto* é comum perceber uma outra cidade seguindo seu fluxo, com religiosos indo para seus cultos de domingo, famílias tendo momentos de lazer. Há inclusive algumas interações entre a cidade que está lá todo domingo com aquela nova, brilhante e sonora que demanda respeito e espaço.

Durante o percurso, nos trios elétricos ocorrem diversas apresentações culturais e falas políticas com pessoas ligadas ao movimento LGBT. O comércio local é mobilizado a partir de vários vendedores ambulantes, além de movimentar os estabelecimentos físicos já presentes, comercializando principalmente bebidas, comidas, como também bandeiras e adornos relacionados à causa LGBT. Mesmo durante a Parada então, momento de celebração da diversidade e movimento político contra a homofobia, a transfobia e demais mazelas sociais que afetam a população *queer*, a expressão sexual e de gênero se tornam produtos de mercado. Diferentemente dos clubes e estabelecimentos fechados, porém, não tem público selecionado.

Os trios então seguem até a Praça Tubal Vilela continuando na Avenida Floriano Peixoto até chegar na Praça Prof. Jacy de Assis (Praça do antigo Fórum Municipal), fazendo então uma curva para a Avenida Américo Salvador Tangari (fim da Avenida João Naves de Ávila). Ao passar pelo Terminal Central, alguns participantes se apropriam do local, seja pelo uso dos banheiros ou pela ocupação de suas rampas, com bandeiras LGBTs e danças coreografadas. Outros passageiros também se juntam à parada em direção à Praça Sérgio Pacheco, onde o movimento se dispersa em um espaço público que não tem barreiras físicas tão duras como as vias. A praça toda então é tomada, são montados palcos, onde ocorrem apresentações culturais diversas, como danças, concursos, entre outros. Pessoas de Uberlândia, da região e até de outras localidades do país participam do evento, que tem como objetivo empoderar e dar visibilidade à população *queer* a partir da ocupação do espaço

público da cidade. A apropriação continua até a noite chegar, quando parte do movimento se dissolve e a cidade aos poucos retorna a suas características formais e assépticas, se preparando para começar a semana e retomar o ano. O único vestígio de que uma outra cidade ali existiu no domingo então é o glitter jogado no chão.

O espaço da Parada LGBT, como denota Moreira (2016) é um outro grande exemplo das heterotopias de Foucault (2001) por serem lugares efêmeros, que mudam de configuração, mas reais, que abarcam o que é considerado como errado e não aceito da sociedade e fazem resistência ao que é considerado “bons costumes” na sociedade. Por um momento breve, as ruas e avenidas pelas quais os trios e as milhares de pessoas passam, deixam de ser apenas um fluxo de veículos, rotas do trabalhador da casa para o trabalho, caminhos de comércio e serviço. São, além disso, palco para a celebração da vida *queer* e da denúncia dos descasos e mau tratos a corpos considerados doentes ou descartáveis para a sociedade. Enquanto corpos *queer* se manifestam na cidade, do alto dos prédios é possível perceber olhos curiosos, de *voyeur*²⁴, nos prédios ao lado da praça e das avenidas, acompanhando a Parada. Muitos em celebração, outros com olhar de reprovação.

A reprovação do olhar daquilo que não é natural para a cidade incita muitas vezes em tentativas de realocar a Parada de Uberlândia para lugares fechados ou fora do fluxo denso do centro da cidade, como o Parque do Sabiá, que se localiza no setor sul de Uberlândia, próximo à rodovia. Essas alternativas são formas de garantir que o espaço livre e público das ruas, o que é indomável e libertário, continue sendo asséptico, assexual, castrado. As próprias contenções, cones e cordões de isolamento do trajeto da Parada no centro da cidade podem ser lidas como um mecanismo de controle usado pelo poder institucional como forma de garantia que os corpos que ali se manifestam não expandam ou extrapolem os limites físicos dos trajetos previstos (MOREIRA, 2016).

Durante o percurso, a mistura de diferentes grupos sociais, de *pedaços* diferentes que se unem em um só fluxo, ou o que se pode considerar como uma *mancha* segundo a classificação de Magnani (2005), por ser frequentada por diferentes tipos de usuário, representa muito bem o que Hall (2006) e outros estudiosos tecem sobre a pluralidade de identidades no século XXI. Mesmo com objetivos semelhantes, caminhando para um mesmo trajeto pelo coro dos mesmos gritos de guerra, é possível perceber grupos isolados, de lésbicas, travestis, gays *ursos*, cada um levantando sua bandeira. É na Parada que se percebe a grande segmentação de uma cultura *queer* em subculturas baseadas no sexo, na sexualidade, do gênero, na aparência física, nas preferências sexuais,

²⁴ Voyeurismo é uma expressão em francês que descreve pessoas que engajam em práticas de observar outras pessoas em momentos íntimos, utilizada principalmente para pessoas que se sentem sexualmente atraídas a observar os comportamentos sexuais de outros. Aqui o termo utilizado se refere a pessoas fora do grupo denominado *queer* que observa a parada do alto de seus apartamentos.

interseccionados pelo padrão hegemônico da sociedade que já divide as pessoas por raça, classe econômica, dentre outras categorias.

Essa separação evidenciada pela união no evento anual de celebração e promoção de direitos LGBT/*queer* evidencia a contradição e dificuldades da delimitação da noção de uma “comunidade” *queer*/LGBT que contemple todas as necessidades desses indivíduos. São grupos diversos, com interesses que às vezes se conflitam, mas que em ocasiões como essa se unem dentro de suas diferenças para proclamar a liberdade no espaço público das cidades (Figura 23).

Figura 23: 17ª Parada LGBT de Uberlândia, 2018



Fonte: Autor, 2018.

2.5 Armários ampliados e eletrônicos: internet e aplicativos sociais

A evolução tecnológica da contemporaneidade possibilitou a expansão do que podem ser consideradas espacialidades e suas devidas ocupações na cidade. A internet e a popularização dos *smartphones* democratizaram o acesso a novos tipos de interação e sociabilidades *queer*, por meio das redes sociais e aplicativos codificados para cada vez mais atenderem melhor a demandas específicas de pessoas e seus nichos de mercado.

Miskolci (2015) destaca como desde o começo do Século XXI no Brasil, a partir da realização de Paradas LGBT, atos políticos como a legalização da união estável entre homossexuais e a rede de computadores, um novo regime de visibilidade começou a ser negociado, levando a aceitação de homossexuais pelo país. Em consequência desse novo regime, atualmente, através da internet, aplicativos que prometem conectar pessoas por seus interesses, vontades e características são cada vez mais utilizados, principalmente aqueles que se utilizam de geolocalização. Aplicativos como o *Tinder*, o *Grindr* e o *Her* são desenvolvidos levando em conta a localização de seus usuários e dessa forma, além das características específicas possíveis de serem analisadas para o engajamento em relações, as sociabilidades que começam pelo meio digital são marcadas por espacialidades cada vez mais precisas, onde pessoas *queer* se localizam a metros de distância e interagem até se sentirem aptos a estabelecer um contato mais direto, podendo então também serem considerados como espacialidades digitais, que através de sua apropriação, conectam indivíduos com base em suas experiências dissidentes em gênero, sexo e sexualidade.

Assim como acontece nos outros tipos de espacialidades, a criação de aplicativos e ocupação de espaços desmaterializados como os que proporcionam os aplicativos, é feita primeiramente por homens gays, pelos mesmos motivos da ocupação de espaços da cidade. O aplicativo *Grindr* foi o primeiro do tipo a ser desenvolvido, criado em 2009 e até hoje utilizado por homens gays na procura de relacionamentos afetivos e sexuais. Surgiu da necessidade de localizarem espacialmente outros indivíduos que se reconhecem em um mesmo grupo identitário, como é o caso dos homens gays. As redes sociais e aplicativos permitiram também a socialização de forma anônima e segura, para aquelas pessoas que não são assumidas e participam da ocupação dos mais diversos espaços públicos que subgrupos *queer* realizam (MISKOLCI, 2015).

A forma como esses aplicativos são utilizados pode ser percebida ao analisarmos como são as relações de sexualidade, ocupação espacial e meios digitais na centralidade de Uberlândia. Em uma pesquisa de coleta e análise de dados, verifiquei por meio do aplicativo *Grindr* quais são as características de usuários de aplicativos para realizar sociabilidades afetivo-sexuais na centralidade de Uberlândia. O *Grindr* foi escolhido para realizar a amostra por ser, além do primeiro aplicativo do tipo a utilizar de informações georreferenciadas para a localização de corpos *queer* ao redor de um

smartphone, também o mais utilizado para “conectar pessoas gays, bi, trans e *queer* no mundo inteiro” (GRINDR, 2019), atualmente com mais de dez milhões de usuários em todo o mundo (JAQUES, 2017).

A coleta de dados foi realizada na Praça do Rosário em uma sexta-feira, no período noturno, entre 22:00h e 23:00h, para que pudesse ser realizada uma análise concomitante ao funcionamento dos clubes aqui estudados²⁵. O serviço de geolocalização mapeou noventa e duas pessoas (próximo ao limite do aplicativo em sua versão gratuita) em um raio de aproximadamente um quilômetro da praça. É necessário destacar que no momento da coleta não foi realizada nenhuma operação que poderia colocar o sigilo, segurança e anonimato dessas pessoas em risco de exposição. Os dados coletados são de ordem classificativa, por base nos próprios atributos que o aplicativo permite informar na criação do perfil, como o gênero, etnia, tribo e porte físico. Dados que implicariam na identificação dos usuários, como redes sociais, nome ou comentários foram desconsiderados e não serão apresentados em qualquer versão publicada desse trabalho. O intuito da pesquisa é o de verificar como se identificam os usuários de aplicativos para sexo e encontros em uma sexta à noite, na centralidade aqui estudada.

A impessoalidade e sigilo nas relações que acontecem em espaços públicos apropriados para o sexo, nesse trabalho identificados como “armários fechados”, é transferida para a dimensão digital, onde a discrição e o anonimato estão presentes para a maioria dos usuários de aplicativos. Na centralidade da Praça do Rosário, cerca de 62% dos usuários escolheram não mostrar o próprio rosto em seus perfis, enquanto quase 45% daqueles que se identificam em alguma tribo²⁶ se consideram “discretos”. Expressões como “fora do meio” e “sexo no sigilo” também são evocadas para identificar que uma parte das pessoas que utilizam do aplicativos se identificam como e procuram relações com pessoas que não tem sua identidade *queer* assumida. A isso, Miskolci (2009) atribui a resquícios de uma cultura antes do advento da internet e uso de aplicativos, quando lugares de apropriação *queer* eram vistos ainda mais como marginalizados e estigmatizados que nos dias atuais, inclusive por parte das próprias pessoas que se engajam em sociabilidades desviantes da norma. O lugar “fora do meio” representa uma noção de “normalidade”, lida e interpretada como heterossexual.

As redes sociais e aplicativos então, permitem após anos de lutas por direitos sexuais e de gênero, um ambiente seguro e anonimato para aqueles que não assumem publicamente suas sexualidades, e até aqueles que não engajam em sociabilidades de sexo e afeto em ocupações como nos banheiros públicos ou saunas. São “armários expandidos” (MISKOLCI, 2009), o lugar do segredo

²⁵ Os resultados gerais da pesquisa serão apresentados no Apêndice do trabalho.

²⁶ As tribos, como identificadas no *Grindr*, são como grupos de pessoas se identificam, por meio da aparência, preferências sexuais, idade, dentre outros. Atualmente no aplicativo há a possibilidade de se escolher entre treze tribos: “Urso”, “Elegante”, “Papai”, “Discreto”, “Nerd”, “Barbie”, “Couro”, “Malhadinho”, “Soropositivo”, “Cafuçu”, “Trans”, “Garotos” e “Sóbrios”.

e da performance heterossexual compulsória na sociedade contemporânea. Heterotopias do prazer, mas também, aqui tomando parte de uma licença foucaultiana para a interpretação de comportamentos posteriores aos estudos do filósofo, “heterotopias do sigilo”.

No entanto, estar fora do espaço de ocupação *queer*, do “meio” estabelece um paradoxo, pois os próprios aplicativos e redes sociais podem ser considerados os “meios” de contato entre pessoas de sexualidade e gênero transviados, além do que a vontade de se deslocar desses lugares de apropriação *queer*, reforçam como um tipo de comportamento sexual, de identidade gênero e papéis dentro da masculinidade e feminilidade são desempenhados e historicamente reforçados pelo poder hegemônico a camadas sociais marginalizadas. O próprio corpo marginal na contemporaneidade se desloca para uma posição que simula e performa a identidade que a ideologia imposta ao mundo ocidente impõe a seus indivíduos. É o que Hall (2006) identifica como “descentração do sujeito”. Essa forma de negociar e revogar as próprias identidades (BAUMAN, 2014) também podem ser identificadas em uma análise sobre a etnia declarada dos usuários na pesquisa.

O Brasil é um país marcado por suas diferenças não só em sexualidade, gênero e comportamentos, mas também por suas etnias e variações, miscigenações frutos de quase quinhentos e vinte anos de exploração, colonização e mistura de povos. 51% da sua população se declara como negra ou parda, enquanto 48% se declara como branca (IBGE, 2010). No entanto, ao cruzar esses dados com os declarados na seção “Etnia²⁷” do perfil no *Grindr*, percebe-se que o aplicativo não representa uma amostragem proporcional ao restante da realidade brasileira. Cerca de 55% dos usuários que identificam sua etnia se consideram brancos, enquanto 33% se consideram latinos ou “mestiços” e apenas 9% se consideram negros.

Confirmando também a supremacia de corpos masculinos na ocupação dos espaços digitais, assim como os da cidade, de todos os usuários que se identificaram em gênero²⁸, 96% se consideram homens, dentro dos quais, 24% deles se enquadram como homens cis. Dentre essas características, os homens do aplicativo variam da idade de 18 a 35 anos em maioria absoluta, representando 92% daqueles com idades declaradas. Esse fato corrobora a estudos como o de Pocahy (2017) sobre a invisibilidade de corpos velhos em certas apropriações *queer* de espacialidades.

Os aplicativos são espaços apropriados que fazem mediação com outros espaços de interação posterior. É um espaço de *cruising*, de contato e seleção para o estabelecimento de

²⁷ A categoria Etnia no aplicativo do *Grindr* permite a escolha entre “Asiático”, “Branco”, “Latino”, “Mestiço”, “Negro”, “Outro”, “Sul Asiático”, “Árabe” ou “Índio”.

²⁸ Já a categoria Gênero oferece a possibilidade de se identificar como “Homem”, “Homem Cis”, “Homem Trans”, “Mulher”, “Mulher Cis”, “Mulher Trans”, “Não binário”, “Não conformista”, “*Queer*”, “Travesti”, além de três categorias dentro dos espectros “Homem”, “Mulher” e “Não conformista” que possibilitam ao usuário a inserção de termos que o melhor identificam em gênero.

relações pré-determinadas. Em muitas das interações, perguntas como “O que você procura?” ou “De onde fala?” servem para refinar o contato, aumentando as chances de sociabilidade baseado nos interesses compartilhados e na posição dos indivíduos na cidade. Enquanto perguntas como “De onde fala?” pretendem saber informações sobre o bairro ou vizinhança que as pessoas se encontram²⁹, outras perguntas como “Tem local?” tem a intenção de verificar se o interlocutor teria algum espaço privado onde seria possível realizar alguma sociabilidade de sexo. A pergunta muitas vezes vem pois, historicamente na comunidade *queer*, os espaços domésticos podem significar repressão e ausência da liberdade de expressão sexual. O convívio em família ou com inquilinos podem dificultar as relações e impedir que sociabilidades aconteçam. O “local” então é mais amplo, tem relação com o doméstico, mas tem também apelo a outros tipos de localidade que possam ser apropriadas.

Enquanto uma cidade visível apenas por telas iluminadas e coordenadas geográficas é construída, a cidade invisível criada e apropriada por subculturas *queer* para sua sobrevivência na cidade é esvaziada. Saunas, *dark rooms*, parques que costumavam ser espaços do *cruising* são esvaziados pela facilidade e segurança de não se expor aos riscos do espaço público, que os aplicativos proporcionam.

Se lugares (bares, clubes, saunas, lugares de *cruising*) costumavam ser o que produzia cenas LGBTQ, é agora a autoconstrução de sujeitos – pela edição e circulação online – que define a homossexualidade. Espaços de *cruising* e *dark rooms* pelo mundo viram a abrangência etária de seus públicos diminuir, na medida que gerações mais novas os abandonaram para *navegar* nos espaços digitais e negociar o sexo.

(JAQUES, 2017, p. 78³⁰)

Dessa forma, é possível perceber que no mesmo tempo que aplicativos auxiliam na construção de novas sociabilidades que fora de seus espaços não ocorreria, eles corroboram à lógica de que além da ocupação dos clubes, saunas, banheiros e das demais complexas espacialidades que prometem ambientes de segura performance em sexualidade, sexo e gênero, a grande maioria da ocupação espacial realizada nos aplicativos e redes sociais também são feitas por corpos de homens cisgêneros, jovens, que se identificam como brancos e que performam um tipo de masculinidade lida como aceitável na sociedade.

São armários ampliados, salvaguardando a identidade daqueles que não querem se expor nos espaços das ruas, passeatas, clubes ou *banheirões*³¹, mas também podem ser espaços de violência, de exclusão e de reflexos de poder, reproduzindo discursos de homofobia internalizada e

²⁹ A distância de alcance de aplicativos como o Grindr depende da quantidade de usuários existentes em determinado local. Uma localidade com alta densidade de usuários então, pode mostrar pessoas em um raio de 1km, enquanto um espaço rarefeito, como em cidades pequenas, pode mostrar um alcance de 45km por exemplo.

³⁰ Tradução livre do autor.

³¹ “Banheirão” é o nome popular dado a sociabilidades de sexo *queer* (mais especificamente, gay) realizadas pela apropriação e ocupação de banheiros públicos ou coletivos, como de shopping centers e supermercados.

ódio de classe, o que faz das espacialidades digitais uma verdadeira contradição: Enquanto homens “discretos” se utilizam do anonimato da rede para socializarem, podem se apropriar de discursos machistas, misóginos, homofóbicos e transfóbicos, fazendo com que esses lugares considerados “seguros”, desenvolvidos por códigos computacionais para pessoas *queer*, possam ser também sinônimo da repressão vivida na cidade visível, feita aos moldes de corpos heterossexuais e cisgêneros.

Capítulo 3 - Ocupações queer, poder e as experiências de sujeitos dissidentes da hetero-cis- normatividade.

3.1 Arquitetura de/para pessoas *queer*: O registro etnográfico como metodologia de pesquisa em arquitetura, urbanismo e sociabilidades em sexo, sexualidade e gênero em Uberlândia

Arquitetura e urbanismo são ciências desenvolvidas de pessoas para pessoas. Cidades são sempre construídas pelo labor e suor de muitos trabalhadores que vão de pedreiros a costureiras, de encanadores a padeiros. Sem o esforço de uma grande rede que alimenta a construção civil e seus operários, não há a casa de pau-a-pique nem o grande teatro moderno à beira da avenida. No entanto, por lidar com vários fatores externos e serem áreas responsáveis a atender grandes demandas ambientais, sociais e econômicas, é de fácil inferência que os usuários, clientes dos projetos, estejam em segundo plano no ato de projetar e ler projetos.

A disposição solar e dos ventos na edificação, o contraste entre forma e função, o orçamento, a plástica e a estética, o cálculo estrutural, além de muitos outros fatores que se relacionam a especificações de arquitetos urbanistas são de ordem técnica, mas existem para dar a devida qualidade ao produto final, garantindo que os alvos de projeto a serem atendidos sejam contemplados da melhor maneira possível. Enquanto arquitetura e urbanismo são enxergados pela sociedade e ensinados em alguns meios apenas como instrumentos de se chegar à beleza e técnica, o fator humano se distancia, fazendo com que o seu papel social não seja cumprido.

Se faz necessário também reiterar como as disciplinas são utilizadas por meio de uma ideologia construída que atende as classes altas da população. Espaços hostis são criados, mantendo a distância de parte dos cidadãos enquanto lugares de diversidade como centros urbanos são esvaziados ou gentrificados, excluindo assim a pluralidade de culturas no vivenciar das cidades como forma de assegurar vontades políticas e econômicas de um segmento social privilegiado. O papel de arquitetos urbanistas na construção desses lugares pode ser velado, invisível ao olho nu ou até mesmo naturalizado por ecos dos discursos racionalistas criados principalmente com o movimento moderno, assim como aqui discutido, mas como destaca o geógrafo Flávio Villaça (2001), a segregação é produzida no espaço urbano intencionalmente, e não existe como uma consequência do fazer cidade. A estrutura da sociedade capitalista atua na manutenção desse sistema.

No entanto, seria uma análise simplista e parcial se considerássemos que a produção de ensino e arquitetura em geral não consideram as pessoas e suas manifestações sociais. Existem diversas formas de contestação e produção alternativa de como as cidades são projetadas, desde pelo menos o início da modernidade, período que deixou de lado a relação corpo/cidade e as incorporações e apropriações do espaço público (JACQUES, 2012). Com essas discussões também

surgem muitas maneiras de enxergar o urbano pelo olho de sua população, buscando reanimar a experiência não planejada e desviatória do espaço.

A figura do *flâneur* que nos poemas de Charles Baudelaire experimenta a cidade de Paris de forma lenta, valorizando o ócio frente ao trabalho, perambulando pelo espaço sem motivo aparente é, segundo o filósofo Walter Benjamin, um contraste com a forma de vivenciar e produzir a modernidade no século XIX. Contrário ao homem *blasé* de George Simmel, o flâneur usa da experiência do choque com o Outro (JACQUES, 2012), buscando uma relação de anonimato na multidão das grandes cidades. É uma figura que através da nostalgia e da curiosidade pelo novo retrata as mudanças das cidades como o próprio Baudelaire registra em seu livro *As flores do mal* (1857) ao identificar as mudanças proferidas por Haussmann no centro da capital francesa.

É possível, para Jacques (2012) fazer um paralelo entre Baudelaire e o *flâneur* com o escritor carioca João do Rio, que escreve sobre a cidade em meio a reforma de Pereira Passos entre 1902 a 1906. João do Rio ainda eleva suas considerações e dá voz para os personagens da cidade que já não existem depois de Pereira Passos: trapeiros, marinheiros, mendigos, vagabundos, entre outros que perderam seu espaço com o processo de higienização das cidades. A presença de figuras como a do arquiteto antropofágico Flávio de Carvalho e suas experiências aqui já citadas, também são formas de resistência tanto à vivência racionalista do urbano quanto à discussão de gênero e sexualidade nas cidades.

Com a evolução da antropofagia cultural, a Tropicália foi um movimento brasileiro de grande agitação cultural que também discutiu e redefiniu a experiência dos espaços urbanos. O artista Hélio Oiticica andando com os seus *parangolés*³² pela cidade, em seu *delirium ambulatorium*, experimentava o espaço através do corpo e realiza uma cartografia urbana muito relacionada ao Surrealismo. O *delirium ambulatorium* de Oiticica se aproxima em contexto dos situacionistas que lutavam contra a cidade do espetáculo e das Derivas de Guy Debord, onde o próprio espaço dita o percurso, e o corpo é levado pelo espaço em que ele está contido. Diferentemente das flanâncias e deambulações, as derivas são experiências corpóreas que pretendem desencadear outras experiências (JACQUES, 2012). Está relacionada a construção de situações, de um imaginário das cidades através do andar sem buscar sentido, um exercício da liberdade em que exigia a participação do outro.

Jacques (2012) ainda ressalta que desde as flanâncias do século XIX até o *delirium ambulatorium* de Hélio Oiticica, os indivíduos que experimentam errâncias urbanas desde o início da

³² Os parangolés de Hélio Oiticica são vestimentas criadas pelo artista que consistia em tecidos coloridos que criavam movimentos de acordo com o andar ou dançar de quem o utilizava. Oiticica se refere às vestimentas como uma forma de "in(corpo)ração" do corpo na obra e da obra no corpo, se tornando um só. (OITICICA apud CARDOSO, 1985)

modernidade se aglomeram movidos por experiências de alteridade, gerando uma nova forma de enxergar o espaço público, onde a própria utilização da cidade em um momento de lazer e ócio, faz com que a lógica urbana e seu frenético ritmo de trabalho e consumo seja em partes subvertida, e dessa forma, seus participantes caminham e vivenciam as ruas, as praças, os parques, como indivíduos distintos àqueles que usam desses mesmos locais ao longo da semana, no caminho para o trabalho. As errâncias, além de serem subversivas, atualizam a lógica funcional na qual os espaços são projetados e utilizados por grande parte da população.

É por meio de um movimento baseado na *desorientação*, na *lentidão* e na *incorporação* que os indivíduos conseguem distanciar seu conhecimento do lugar para repensar uma nova forma de ocupação. É preciso se manter longe das experiências familiares ao experimentar a errâncias nas cidades. É a desorientação que irá guiar o observador, é ela que possibilita a ocupação dos espaços e produção de novos usos no espaço urbano.

A lentidão é importante para transgredir o fluxo das cidades e para que através dela, as relações com o espaço público sejam de caráter íntimo. Milton Santos afirma que são os homens lentos que têm apropriação da cidade, e por homens lentos ele cita os pobres e pessoas que não têm acesso à velocidade nos tempos atuais (SANTOS, M. 2001). É através da lentidão que se pode experimentar a cidade de uma forma viva e experimental.

A *desorientação* atua como guia para o ser errante, pois se realiza por experiências não programadas ou articuladas dentro do tecido urbano, dando abertura então para o acaso e a própria alteridade (JACQUES, 2012). É somente através do acaso e do ócio que surgem questões não antes percebidas na cidade, espaços novos a serem habitados, ocupados e reinventados, trajetos que não são calculáveis por aparelhos de GPS ou traçados em mapas cartesianos com rigidez e sentido lógico, racional.

Por fim, de forma mais crítica e evidente ao demonstrar como a cidade vivida é desencanada e espetacular em suas vivências cotidianas, por último a *incorporação* é o que legitima o próprio corpo, biológico e orgânico, a ser parte da cidade, sujeito corporificado se contrapondo ao corpo-máquina (*modular* e Le Corbusier). Assim, o sujeito corporificado resiste à lógica capitalista e do mercado em que pessoas se tornam apenas vetores na cidade-mercadoria/cidade máquina. Ao instigar a população que passa pelas ruas, ao se incorporar do espaço urbano, os errantes estão clamando para si o que é seu de direito: a cidade. É pela incorporação que arquitetos e urbanistas devem reter seu olhar para que o que seja construído não se alie a lógica de um capital ou empresa, mas que seja funcional para uma gama diversificada de pessoas, realizando uma *corpografia* (JACQUES, 2012).

É através da consideração da experiência dos verdadeiros praticantes da cidade de natureza diversa que arquitetos, urbanistas, engenheiros, dentre outros profissionais devem construir espaços, pois apesar dos mesmos profissionais atribuírem usos e funções à espaços públicos, são aqueles que os vivenciam que o atualizam e experimentam. São os improvisos e apropriações dos errantes que legitimam e dão valor ao que é projetado para as cidades (JACQUES, 2006).

A modernidade e desenvolvimento das grandes cidades tornou necessário que outras disciplinas tentem entender a complexidade do espaço urbano. É o caso da antropologia, que desenvolvida de forma clássica, era a ciência utilizada para a compreensão de culturas indígenas, em sociedades fechadas, aldeias, com um distanciamento grande entre pesquisador e atores sociais pesquisados. Após o golpe de 1964, segundo Magnani (2009), ocorreu uma reformulação desse segmento das ciências sociais promovido por partidos políticos para entender uma nova classe política que surgia no Brasil, os “moradores”, que agora se organizavam em sindicatos e associações para resistir aos problemas institucionais que a eles se projetavam. Para essas demandas, surgiu então o que ficou conhecido como a antropologia urbana, que tinha nos grandes centros e sua diversidade o foco principal de estudos.

Com o surgimento desses novos atores políticos, os temas tradicionalmente estudados pela antropologia começam a adquirir visibilidade porque agora reconhecidos em seu papel político: assim, o interesse se volta não apenas para as relações raciais, mas para o movimento negro; não só para a família, mas para o papel da mulher e a emergência do feminismo; não para o favelado enquanto portador de uma “cultura da pobreza”, mas como membro de associações reivindicativas, e assim por diante.

(MAGNANI, 2009, p. 131)

A contribuição da antropologia urbana complementa os estudos em arquitetura e urbanismo que lidam com as pessoas, os usuários ou público alvo, como um fator complexo e de força motriz para qualquer projeto. enxerga a cidade não como um cenário social, mas como o que se resulta da manipulação espacial de diferentes atores sociais, de classes sociais diversas, do poder público aos moradores, de sindicatos a guetos, que se interagem em redes de troca e conflitos (MAGNANI, 2009).

Após uma breve discussão de como são complexas as relações de poder que moldam o espaço urbano contemporâneo, levantar uma histografia que fala de gênero, raça, sexo e sexualidade no centro de Uberlândia e tentar evidenciar a evolução das ocupações espaciais em ambientes públicos e coletivos por pessoas e sociabilidades *queer* desde o Brasil colônia à Uberlândia contemporânea, percebo que o estudo aqui presente não teria sentido se alcançasse apenas registros históricos, críticas ao urbanismo e descrições técnicas de como são esses espaços. Permanecer nessa linha de trabalho deixaria minha pesquisa incompleta, além de contraditória sobre o que penso e defendo no experimentar a cidade e entender as pessoas e suas diversidades

como fator de maior importância e preciosidade no projetar do arquiteto urbanista. Fazer um levantamento histórico de apropriações espaciais que apesar de subversivas, são contadas apenas sob uma perspectiva racionalizada e linear, estaria colocando meu trabalho no mesmo patamar de como a cidade é produzida e que aqui critico: De forma exteriorizada, asséptica e distanciada das dinâmicas que descrevo.

Me aprofundando um pouco mais sobre as intersecções entre arquitetura e pessoas, pude conhecer pesquisas de enorme contribuição por esse entender o projeto na perspectiva de seus usuários e sua diversidade. Os estudos da arquiteta Paola Berenstein Jacques, professora da UFBA e do grupo de pesquisas Corpocidade, e o antropólogo urbano José Guilherme C. Magnani, professor da USP, e o NAU, núcleo de antropologia urbana da Universidade de São Paulo, foram essenciais para conseguir trilhar meus caminhos acadêmicos nesse trabalho e decidir que eu, como arquiteto urbanista, deveria experimentar esses espaços com o olhar de pessoa *queer*, pesquisador e, em suma, de um pesquisador *queer*.

A necessidade de explorar esses lugares e degustar como alguns espaços aqui descritos são vividos com o auxílio de aportes teóricos daqueles estudiosos que vieram antes de mim é o que falta para transmitir ao leitor de forma autoral e exemplificada parte das discussões aqui levantadas. Espaços esses que ora são desconhecidos para mim, ora são de familiaridade, por me contextualizar no meio da ponte entre um ator social e um pesquisador. O desafio então é tentar manter uma relação não distanciada do que acontece na cidade, mas também que os apontamentos da experiência não sejam pessoais e individuais a ponto de não serem reconhecidos como legítimos a uma mínima generalidade.

Em meus caminhos para sair da reta que os arquitetos se colocam como zona de conforto ou praticidade de trabalho, desenvolvi pela errantologia e pela antropologia urbana uma curiosidade que vem de um agente externo investigando novas ciências no meu universo. Estudando os relatos de antropólogos em comunidades na cidade, e principalmente estudando a metodologia de Magnani, que divide os seus estudos de lazer na metrópole por manchas, pedaços, circuitos, consegui entender que a antropologia urbana pode ser uma grande aliada da arquitetura e urbanismo em leituras espaciais, enquanto analisando as experiências de alteridade descritas por Jacques e como elas são importantes para a legitimação do usuário como foco de projeto em arquitetura e urbanismo, percebi como errar, trocar os passos na cidade, poderia me dar uma dimensão maior que a do arquiteto que sou, agente de projeto e transformador de espaços, e também do ator social que existe em mim, que experencia e conhece a cidade e sua centralidade, que aqui descrevo.

Enxerguei então a possibilidade de estabelecer um diálogo entre as duas disciplinas para produzir relatos de experiências *queer* que falassem do espaço e não fossem extremamente

peçoais. Antropologia urbana, errantologia, ciências sociais e arquitetura, perambulando pelos meus pedaços e pedaços do outro, em uma mancha de lazer que reconheço, fazendo trajetos e circuitos baseados na alteridade e no rumo que a própria noite me levaria, e tentando traduzir tais experiências de forma que ambas as teorias fossem minimamente contempladas.

O desafio metodológico principal nessa parte da pesquisa então era em como realizar o matrimônio de duas ciências diferentes, propostas por pesquisadores de diferentes áreas, uma das quais não faz parte da minha formação acadêmica, sem que deixasse de lado nenhuma importância de ambas. Conheci então a etnografia, técnica de registro que consiste em colocar no papel as experiências vividas no trabalho de campo. A etnografia é uma forma de deixar se atrair pelo outro, pela alteridade. É utilizar de experiências pessoais para registrar experiências humanas (URIARTE, 2012). Segundo Peirano (2014), a etnografia é mais que uma metodologia de trabalho em antropologia, é uma forma de viver a teoria. A união de teoria e etnografia então não começa no trabalho de campo, mas na sala de aula, na revisão bibliográfica, no dia-a-dia do pesquisador. O método etnográfico, tem como função familiarizar o leitor com o espaço do adverso e do novo e é *multifatorial*, ou seja, necessita de mais de uma técnica de coleta de dados para realizar uma triangulação dos resultados de pesquisa e assim apresentar resultados fortalecidos (ANGROSINO, 2009). Dessa forma, a revisão bibliográfica e contextualização teórica desenvolvidas em primeiro momento nesse trabalho sustentarão ou poderão gerar novos debates para as conclusões de pesquisa, e pretendo conseguir através de relatos etnográficos realizados por experiências urbanas minhas como pesquisador e ator social evidenciar convergências entre a antropologia urbana e a arquitetura e urbanismo, aqui pela perspectiva da errantologia.

Como exemplo de correntes teóricas que se utilizam do registro etnográfico como metodologia de trabalho, podem ser citados os estudos feministas, que buscam através do relato do outro, legitimar como todas as relações sociais são com base no gênero e na assimetria do mesmo em uma sociedade patriarcal e misógina, e o marxismo, que entende a sociedade segregada por classes sociais e divisões de trabalho. Enquanto o feminismo rejeita a visão do pesquisador como observador neutro, sem expressão própria em seus registros, além de considerar a vida social como desfragmentada, incompleta, desordenada e desigual socioculturalmente, o marxismo considera o conflito como intrínseco às relações humanas, e busca entender as desigualdades em uma relação primordialmente socioeconômica (ANGROSINO, 2009).

Se tratando de um trabalho sobre minorias sociais, sociabilidades em sexo, sexualidade e gênero que não se encaixam no que é descrito padrão para uma maioria política e quantitativa e sofrem influência dos recortes em classe social no mundo contemporâneo é necessário codificar os trabalhos de campo em perspectivas que se assemelhem à metodologia etnográfica de ambas correntes teóricas, espelhando a visão de que a organização societária tem base inerente em

contradições, disputas, barganhas, assimetrias e desigualdades em gênero e sexualidade, sendo necessário então deixar de lado o mito do observador neutro, apolítico e apático às situações que presencia em sua pesquisa. É necessário também que os pontos de vistas dos atores sociais aqui discutidos sejam visibilizados para que suas necessidades e vontades sejam reconhecidas e seus espaços devidamente ocupados. É, a meu ver, importante para a comunidade acadêmica se versar no que acontece fora das margens do legal, do moral e do socialmente aceito, para que haja uma discussão de como essas pessoas são tratadas na cidade.

Especificamente nesse estudo também, busco iluminar com minha pequena lamparina, o caminho para outros colegas arquitetos e urbanistas, que delegados à função de projetar a cidade e seus espaços, possam entender um pouco mais sobre uma perspectiva dissidente da utilização espacial, das ocupações, e negações do projeto. As estruturas de poder em nossa sociedade que se utilizam do projeto de arquitetura e urbanismo para se manter, em minha opinião, sempre existirão, no entanto também, formas de resistência e subversão sempre se atualizarão e reinterpretarão aquilo que foi projetado para atender demandas de atores sociais de alta classe ou facilitar a exclusão de determinadas pessoas. É dever do arquiteto urbanista cumprir a função social confiada a seu ofício e reconhecer a diversidade de pessoas e sociabilidades a serem contempladas em seus projetos.

Proponho então alguns registros etnográficos que teço nos momentos de absorção final do restante de minha pesquisa, entre a revisão bibliográfica e a execução de outras tarefas da dissertação. O registro etnográfico pode acontecer permeado por diversos artifícios, desde a produção de mídias, relatos, entrevistas, mas ganha corpo principalmente a partir da construção de narrativas que descrevam o que foi observado em campo. Em meus relatos feitos por meio de observação participante, escolhi aproveitar da liberdade que a etnografia permite e escrever relatos de forma confessional e às vezes, impressionista, como classifica Angrosino (2009), tentando manter o cuidado de não deslocar o leitor para um lugar onde os fatos relatados se tornem parte de uma mitologia fictícia. A decisão por um texto que ora mostra o pesquisador e suas opiniões e sentimentos, ora se usa de recursos artísticos e metáforas para representar o que enxerga tem como objetivo me posicionar como pesquisador e ator social perante meu objeto de estudo e destacar alguns fatos e informações que talvez sejam de difícil percepção sob uma escrita impessoal ou totalmente realística.

O primeiro relato etnográfico tem como objetivo principal apresentar uma viagem e experiência sensorial no campo de trabalho, os arredores da Praça do Rosário, em um trajeto executado por mim como ator social, pesquisador, e por muitos outros corpos *queer*. O registro foi feito e é apresentado com o auxílio de um mapa de percurso que destaca a posição geográfica de estabelecimentos e vias mencionados no texto, além de explicações necessárias para que as

metáforas ou expressões utilizadas não se tornem uma dificuldade de interpretação do conteúdo para o leitor. É, sobretudo, uma tentativa de apresentação dos lugares do centro de Uberlândia que nesse trabalho descrevo e estudo e suas dinâmicas de lazer noturno. É também a minha própria apresentação, e de meu plano de fundo, para que as motivações e necessidades desse estudo se façam notadas.

O antropomorfismo utilizado como figura de linguagem no relato tem como objetivo fazer uma relação direta com os corpos que habitam aqueles espaços, considerando que a cidade deve ser feita para pessoas e, dessa forma, deveria ser pensada e projetada sob perspectivas humanas. É também uma forma de destacar a masculinidade dos espaços, seja em suas toponímias oficiais, seja pela presença dos atores sociais e suas condições de existência e articulação no centro de Uberlândia. Serve também para evidenciar como os espaços das cidades ainda são construídos de uma lógica extremamente misógina, patriarcal e heterocentrada.

O segundo relato etnográfico acontece em uma sauna, estabelecimento comercial coletivo com o público exclusivamente masculino. Optei por traduzi-lo de forma mais literal, descrevendo os fatos enquanto eles acontecem para que o leitor consiga se enxergar em detalhes que talvez não conseguiria descrever caso utilizasse de uma linguagem mais figurativa. O resultado e objetivo da etnografia foi a investigação de um espaço da cidade, um lote residencial apropriado e subvertido para atender as sociabilidades afetivo-sexuais de homens de diferentes planos de fundo de Uberlândia.

Como já explicado anteriormente, a transitoriedade dos estabelecimentos voltados a um público *queer* em Uberlândia é constante, e o estabelecimento escolhido para a pesquisa é um dos únicos que se mantêm ativos, como sauna e também em suas imediações, próximo à praça Sérgio Pacheco. Por ser consolidado desde o fim da década de 1990, a sauna mantém características de espacialidades de lazer para *queer* de uma lógica aonde a internet, as mídias sociais e a velocidade de comunicação não estavam ainda presentes no cotidiano das pessoas, sendo assim um dos únicos espaços possíveis de serem experienciados para a busca de sexo e contato social entre homens gays na cidade de Uberlândia. Com o advento das redes sociais e aplicativos, a relação de sexo e espaço para pessoas *queer* ficou mais condicionada a espaços privados. O tipo de consumo que se encontra nas saunas é um consumo diferente do que se encontra nos clubes, por exemplo, pois as dinâmicas, os meios e fins são de naturezas diferentes.

O objetivo do relato é também perceber como as espacialidades de consumo *queer*, como afirma Cortés (2008) direcionam seu mercado principalmente para homens gays, pelo poder econômico e privilégios em uma cidade misógina e patriarcal. De toda forma, é necessário entender como acontece a produção e performance de masculinidade nesses espaços, e como as mesmas são influenciadas pelo espaço em que estão contidas.

3.2 A munição de Tubal, o manto de Rosário: Uma viagem pelo folclore *queer* do centro de Uberlândia

Bailam corujas e pirilampos
 Entre os sacis e as fadas.
 E lá no fundo azul
 Na noite da floresta.
 A lua iluminou
 A dança, a roda, a festa.
 Vira, vira, vira
 Vira, vira, vira homem, vira, vira
 Vira, vira, lobisomem
 (O Vira, Secos e Molhados, 1973)

Sexta-feira de lua cheia, segundo dia oficial do fim-de-semana uberlandense, que começa promissor até desacelerar nas segundas para um descanso merecido e mudança de rotina. São nove e meia da noite e saio de casa para pegar meu ônibus. Eu e alguns amigos decidimos nos encontrar no Terminal Central³³, local onde as linhas de ônibus da cidade se convergem e se distribuem, como agulhas de tricô que em seu enlaçar, trançam vias, novelos de lã de cores variadas formando uma grossa malha urbana multicolorida. Cada um de meus amigos tem seus roteiros diferentes, zigzagueando em ponto cruz até chegarmos todos no mesmo destino. Embora a condução passe exatamente na minha rua, é preciso chegar cedo no corredor de ônibus, pois se perder essa, teria que esperar mais tempo até conseguir embarcar na próxima.

“Boa noite, são quatro e trinta.” Entrego o dinheiro à cobradora, passo a catraca e me sento. O ônibus enfim vai apontando no fim da avenida. As portas de vidro do corredor se abrem e entro num pulo quando a Mercedes-Benz amarelinha para à minha frente. Me acomodo em um banco na sua traseira e vou observando o caminho aos meus lados... Para chegar ao centro da cidade geralmente não preciso me deslocar muito: pego o ônibus com João Naves de Ávila³⁴, perto da Universidade Federal de Uberlândia³⁵, onde estudo. Passamos pelo Centro Administrativo Virgílio Galassi, uma série de edifícios onde parte das decisões políticas são feitas para Uberlândia. Virgílio³⁶ e os outros são rígidos e sérios como se imaginam que os políticos devem se manter, brutos, brutalistas e a disposição em que ficam, próximos a João, faz com que praças vão sendo criadas entre

³³ Terminal Central e Pratic Center (Ver Item 1, Mapa 6).

³⁴ Avenida João Naves de Ávila (Ver Item 2, Mapa 6).

³⁵ Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica (Ver Item 3, Mapa 6).

³⁶ Centro Administrativo Virgílio Galassi (Ver Item 4, Mapa 6).

eles, ora com adolescentes fazendo manobras de *Le Parkour*, ora com escolas de samba ensaiando o batucar de seus tambores. Do outro lado, dividido por uma grande avenida que um dia já foi córrego aberto, um megacomplexo formado por um hipermercado, um *shopping center*, um hotel, um edifício de escritórios e mais outro residencial. O grande Center³⁷, o imponente Mercure³⁸, o elegante UBT³⁹ e o francês, monsieur Carrefour⁴⁰.

Ao passar próximo a esses senhores, uma sensação de nostalgia me toma em uma onda forte de emoção, me lembrando de quando passava por essas mesmas ruas quando criança, vindo da cidade pequena, passear com meus pais na cidade grande. Não era comum que viéssemos para Uberlândia, pois os dois sempre foram muito ocupados, então quando cumprimentávamos João Naves no início da cidade e começávamos nosso passeio, um frio na barriga sempre me tomava despercebido, de estar em uma cidade maior, onde o trânsito era caótico e novidades se revelavam a meu rosto a todo momento. O letreiro que girava para revelar uma outra propaganda, os viadutos, semáforos e até as lojas de piso eram motivo de empolgação. Sinto até hoje o cheiro de Uberlândia daquela época, e me lembro bem, em minha escala de criança, como tudo era ainda mais monumental.

João Naves parece se contagiar pela minha onda nostálgica pois comenta: *“Isso tudo, em uns vinte, vinte cinco anos atrás era um brejo... Olha hoje, o que virou.”* – Quem me conta isso é o próprio João Naves, me confidenciando também que nessa época, o próprio era uma vistosa Ferrovia que depois de algum tempo foi considerada ultrapassada, sem importância. Com os ares da modernidade, a linha férrea passou por algumas cirurgias (alarga-se um pouco aqui, corta-se um pouco ali) até se transformar enfim no que se reconhece como João Naves. Acho oportuno dividir, depois dessa confissão íntima, que também sou um dos Naves que hoje já não se impressionam tanto com os *outdoors* ou vias rápidas e estão perdidos por Uberlândia há algum tempo.

A paisagem monumental se completa por uma grande passarela de pedestres, que se eleva de um lado a outro da avenida e também um viaduto que suspende a via ao chegar próximo a Rondon Pacheco⁴¹, uma figura muito importante da cidade, pois por ele tudo passa. As pessoas entram e saem pelos corredores de ônibus e a cenografia que isso proporciona, os altos prédios envidraçados, o *shopping center* grande e espaçado horizontalmente, o vai e vem e sobe-desce do viaduto e da passarela, faz parecer que o ônibus é um simples carrinho de algum brinquedo de parque de diversão. Uma luz forte e rosa-choque se projeta contra o UBT anunciando: Estamos em outubro. Outubro rosa, mês da prevenção do câncer de mama, outubro rosa porque rosa é a cor da mulher.

³⁷ Center Shopping Uberlândia (Ver Item 5, Mapa 6).

³⁸ Hotel Mercure (Ver Item 6, Mapa 6).

³⁹ Uberlândia Business Tower (Ver Item 7, Mapa 6).

⁴⁰ Hipermercado Carrefour (Ver Item 8, Mapa 6).

⁴¹ Avenida Rondon Pacheco (Ver Item 9, Mapa 6).

O grande encontro de João Naves com o Governador Rondon Pacheco é sempre caótico e movimentado. Em uma manobra de alta velocidade, João sobe por cima de Rondon que pouco se altera, talvez acostumado com essa dança fluida e fugaz que acontece a todo tempo. O ambiente depois desse encontro é variado: as edificações que ladeiam a avenida, que um dia foram trilhos de uma locomotiva, são altos prédios de habitação, hotéis, escritórios, restaurantes, barbearias, um centro cultural e esportivo, igrejas evangélicas monumentais. Representa muito bem a diversidade que a cidade tem. Em muitas edificações, alguns anúncios: Aluga-se, passa-se ponto, vende-se. E portais, muitos portais como não podiam faltar na cidade que é considerada o Portal do Cerrado. Portais em arco nos hotéis, no *shopping*, nas igrejas. Em velocidade, me imagino como seria andar assim por La Vegas. Seria a roupagem neoclássica da Igreja Neopentecostal inspirada na do Caesars Pallace? E os letreiros em neon que um dia leram HOTEL APOLLO e hoje leem H E LL, como se enxergariam perto das luzes daquela cidade projetada para as velocidades automotivas?

Chegamos agora próximo ao centro, em uma das muitas avenidas retilíneas que o cortam como uma catana, encontrando então o Dr. Cesário Alvim⁴². Lembro bem que há cinco anos atrás, algumas travestis batiam ponto e se exibiam para Cesário e João Naves, pelo meio-fio, suas vitrines noturnas, enquanto os carros passavam e as avaliavam, numa espécie de *drive-in* de *fast food*. Já os garotos exibiam seus programas para outros, Floriano⁴³ ou Afonso Pena⁴⁴, que sempre ficam próximos dali. Onde estão essas pessoas hoje? Foram para Itália ganhar a vida? Estariam em novas vitrines, mais lustrosas e cheias de iluminação? Ainda estão vivas essas mulheres? Perto das garotas, o antigo Fórum Municipal de Abelardo Penna. Abelardo⁴⁵ é um monólito cinza, sem aberturas aparentes, imparcial como um juiz de quase meia-idade, lá nos seus quarenta e dois anos, ladeado pelas árvores de sua praça, num espaço todo gradeado, cercando a lembrança de um dia em que aquelas barreiras não existiam, os edifícios eram baixos, antigos e Uberlândia ainda um pouco menina. Durante aquelas noites de vitrine, tanto dr. Cesário, quanto João Naves e Abelardo faziam vista grossa à presença das travestis por ali. A iluminação era menor e a clientela grande.

Passando Abelardo, enfim chegamos no Terminal Central, lugar onde a cidade se encontra por seu fluxo rodoviário. Ônibus vermelhos, verdes, outros amarelos, cinzas. O Jaraguá⁴⁶, o Tubalina⁴⁷, o Luizote⁴⁸, o Umuarama⁴⁹ e o Saraiva⁵⁰, se encontrando em um outro mega-edifício vermelho e azul, com o nome de Pratic Center. Como licença poética que os projetos urbanos às

⁴² Avenida Cesário Alvim (Ver Item 10, Mapa 6).

⁴³ Avenida Floriano Peixoto (Ver Item 11, Mapa 6).

⁴⁴ Avenida Afonso Pena (Ver Item 12, Mapa 6).

⁴⁵ Fórum Abelardo Penna, antiga sede do Fórum Municipal (Ver Item 13, Mapa 6).

⁴⁶ Bairro Jaraguá.

⁴⁷ Bairro Tubalina.

⁴⁸ Bairro Luizote.

⁴⁹ Bairro Umuarama.

⁵⁰ Bairro Saraiva.

vezes tomam, o edifício do Terminal Central se localiza próximo aonde um dia se localizou a estação de trem de Uberlândia. *Era um lugar de chegadas e despedidas isso daqui* – e João me aponta aonde ficavam os armazéns, bordeis e bares da periferia – “E hoje continua sendo um lugar de carga, um ponto de encontro de povos diferentes, de diversos lugares de uma cidade muito dividida, cheia de culturas”. Hoje, o que era estação e linhas férreas é a Sérgio Pacheco⁵¹, em um projeto que já passou pelo paisagista Burle Marx.

A Sérgio é enorme e não tem vergonha disso, e é também para todos os gostos, nos mais variados tempos. Nas manhãs e noites dos dias de semana, tem o vai-e-vem dos conterrâneos que chegam aos montes à trabalho e à diversão, Araguari, Prata, Ituiutaba. À tarde, pessoas em situação de rua, jogadores de dama, atletas musculosos e famílias inteiras aproveitando do ócio. À noite, onde a iluminação é pouca e os espaços escuros, aqueles que não querem se identificar, por entre as árvores ou no banheiro público. Nas noites de sábado, próximo à Sérgio, outro neon piscava a tempos atrás em uma fachada que mais parecia um fusca que se chocou em alta velocidade com a parede. Lê-se: HEAVEN.

Heaven⁵² com dois E’s, e não A’s de HAVAN. Lá, onde corpos se misturavam no que já foi um desses galpões que João havia me falado. Noite das *drags*, com shows de artistas de Uberlândia, Uberaba, com direito à caravana de fãs. Pessoas do centro, Santa Mônica, São Jorge, meninos, meninas, meninos, mxnrxns. Casais, turma de amigos, pessoas sozinhas em seus cantos escuros, de tocaia. Hoje, no entanto, o neon já não brilha e uma fachada colorida e envidraçada anuncia: LOJA DOCE. Em algum lugar perto dali, descendo por Belo Horizonte⁵³, consigo sentir um vapor vindo do ar, acompanhado por um forte cheiro de eucalipto que emana de saunas como aquela. É um cheiro de resistência e luta para assegurar um lugar na cidade, ao mesmo tempo que cheira a corpos que precisam ou se acostumaram a ser discretos e irreconhecíveis. O cheiro e o vapor talvez só sejam sentidos então por aqueles que sabem do lugar, o que acontece ali e quem o frequenta, sendo essa parte muito importante, pois o sigilo devia fazer parte de seus integrantes, como num tipo de culto ou seita só para homens. Qualquer bisbilhoteiro, fofoqueiro ou Um Sete Um⁵⁴ que apare lá pode correr o risco de ser expulso a rajadas de vapor quente.

João se despede da Sérgio e entra comigo no Terminal, onde esperamos os outros chegarem. Um a um, meus amigos chegam e vamos esperando o ônibus para o centro passar. O sentimento no terminal é de grande expectativa, com pessoas saindo do culto para retornar a suas casas, casais se encontrando para comer em algum restaurante, pessoas indo trabalhar nas fábricas do Distrito Industrial. Muitos jovens também, arrumados para uma noite de festas, assim como nós. Alguém dá

⁵¹ Praça Sérgio Pacheco (Ver Item 14, Mapa 6).

⁵² Antiga sede da boate Heaven, Atual Loja Doce (Ver Item 15, Mapa 6).

⁵³ Rua Belo Horizonte (Ver Item 16, Mapa 6)

⁵⁴ Sauna Um Sete Um (Ver Item 17, Mapa 6)

a ideia então de andarmos até o centro, passando por Floriano Peixoto, já que os ônibus sempre demoram mais que deviam. Todos concordamos e seguimos nosso caminho para fora do terminal.

Nosso propósito nunca é evidente nessas flanâncias pelo centro. A expectativa é a alegria, o gozo, o prazer, e se deliciar com as derivas e surpresas que podem surgir nesse espaço. Mesmo que nada de extraordinário aconteça ou saia do padrão, sabemos que cada passeio pelas ruas do centro será marcante, e vamos encontrar amigos de longa data, paqueras, desafetos. O álcool, a música, o vai-e-vem pelas calçadas faz de cada experiência uma nova forma de ver a cidade e seus habitantes, aqueles animais noturnos que se preparam em um verdadeiro ritual antes de invadirem as ruas, perambulando como uma atualização do *footing* que acontecia em suas praças. Vez ou outra percebemos também uma casa que não estava lá, ou um novo clube ou boate, uma promessa de estender nossas noites e passeios.

Encontramos novamente Abelardo até chegar em Floriano, e a essas horas as ruas já estão escuras. Os comércios que durante o dia anunciam promoções em chips de celular, óculos de grau que ficam prontos em uma hora e coxinhas no copo, agora estão todos fechados, sendo substituídos por seus usuários noturnos, os trabalhadores que moram no segundo andar e retornam a suas casas em busca de um sossego. As fachadas *art-déco* e suas janelas são escondidas por anúncios e letreiros dos mais diversos tipos, competindo entre si quem chama mais a atenção do freguês. Floriano sabe que eu gosto de ser nostálgico e me mostra uma imagem do passado, quando em vez desses banners, letreiros neon indicavam toda a atividade ao redor: Aqui nessas ruas escuras funcionavam bares, cinemas, lojas e lanchonetes, que àquela hora estariam abertos. O caminho, apesar de escuro e silencioso, é tranquilo, sem grandes surpresas. Floriano, assim como dr. Cesário, divide as ruas do centro retilinearmente, e quanto mais andamos conseguimos avistar lá a frente, alguns senhores de importância para Uberlândia, reunidos em um lugar que a vida noturna começa a ser reestabelecida após a escuridão. Mais alto e chamativo, lá está o Chams⁵⁵, moderno e charmoso. Ninguém pode acusa-lo de ser quadrado. Ao lado dele, Tubal Vilela⁵⁶ e Tubal Vilela⁵⁷ novamente. Edifício e praça, além, é claro, do famoso Presidente⁵⁸, mais um dos filhos e feitos de quem? Tubal Vilela.

No entanto na praça, já se vê outra movimentação... Tubal não está mais muito aparecido, destacado. O tempo passou, as coisas mudaram e alguns cochichos foram ficando mais altos, e os cochichos viraram pesquisas, as pesquisas comprovaram fatos e a partir daí muitas pessoas começam a enxergar verdades que já não combinam mais nem devem ser toleradas nos tempos de hoje. Tubal, sem moral para ter espaço privilegiado naquela área de poder, já não guarda mais tantas munições em seu cartucho, enquanto uma mulher passa a aparecer mais, tomar seu lugar. A moça chama-se

⁵⁵ Edifício Chams (Ver Item 18, Mapas XX e YY).

⁵⁶ Edifício Tubal Vilela (Ver Item 19, Mapas XX e YY).

⁵⁷ Praça Tubal Vilela/Ismene Mendes (Ver Item 20, Mapas XX e YY).

⁵⁸ Hotel Presidente (Ver Item 21, Mapas XX e Y).

Ismene Mendes⁵⁹ e se impõe no clarão da praça, disputando espaços com aqueles monumentos da masculinidade (frágil), o hotel e o edifício, Presidente e Tubal. Ismene grita sempre, clamando por justiça. Dá palco e microfone para as novas lutas na cidade, do povo negro, *queer*, das mulheres, dos trabalhadores. Mas também ali estão as marcas de prestígio e poder que tentam se vender a todo momento para quem para por lá. O consumo durante os dias nessa região é contínuo, abastecendo as redes de *fastfood*, multinacionais, mas também o ambulante, o camelô, o vendedor dos pequis que sentimos o cheiro na metade do caminho de Abelardo até Ismene, mesmo quando o vendedor pega suas coisas e vai embora para sua casa.

Seguimos nosso caminho, agora já cercados de bares, restaurantes e mais estabelecimentos. Tubal era e Ismene continua sendo o início do caos, da confusão e balbúrdia, da Babilônia que existe no coração de Uberlândia. Carros de som passam em alta velocidade por Floriano, que já está acostumado com essa sinfonia. Mais prédios altos aparecem e com eles seus moradores nas sacadas, suas vontades de dormir drenadas pelo barulho da vizinhança. É pela vista de uma plateia *voyeur*, que as coisas acontecem. Já conseguimos enxergar as filas e filas de pessoas, para a bebida, para a entrada.

Uma iluminação colorida no segundo andar de um supermercado à esquina faz os passantes subir os olhos curiosos por aquela música que toca. Uma porta ao lado visitada uma hora ou outra por homens desconfiados, seus olhares denunciando que não deviam estar ali. Alguém entrega um cartão ao passar: “Central Villa⁶⁰: Entrada por R\$20,00 com consumação até as 23h”. Todo mundo entende, não precisamos de explicação que ali funcionava uma dessas “casas de tolerância”. Fico imaginando o passado daquele lugar, da zona boêmia da cidade e seus lupanares. Estariam os bordeis fechados há anos atrás por Tubal e seus amigos, orgulhosos de sua neta, que resistia aos tempos de hoje com suas luzes tremeluzindo estrategicamente em seu teto?

Uberlândia é uma cidade-rodoviária-aeroporto, onde as pessoas vêm de todos os lugares tentar a vida, passar o fim de semana, reunir à trabalho. De paulistas e goianos a muitos árabes tomando conta daqueles espaços. Em uma mesma rua encontramos uma barraca de cachorro-quente, uma lanchonete de *kebabs*, dois restaurantes de *fastfood*, uma sorveteria. Uma mistura de sabores, cheiros e línguas, corpos e culturas em um espaço menor que uma quadra. Adolescentes que ainda não tem idade para fazer muito além de comer e observar, crianças e seus pais reunidos depois de uma aula de balé, jovens se abastecendo para começar a noite, senhores vizinhos que saem de pijama para a rua para passar o tempo e ter um pouco de atenção. No meio de todas essas pessoas em lanchonetes, bares e filas lotadas eu esbarro sem querer, peço desculpas e recebo de

⁵⁹ Praça Tubal Vilela/Ismene Mendes (Ver Item 20, Mapas XX e YY).

⁶⁰ Casa Noturna Central Villa (Ver Item 22, Mapa 7).

volta: “*Sorry lad, english only!*”. Paro pra ler o letreiro e percebo que acabo de tropeçar no London⁶¹, um famoso uberlandense. Do outro lado, em contrapartida, está acontecendo uma *rave* ao ar livre em um rebuliço de pessoas que bebem, dançam e se paqueram. Mas com o respeito da família, apenas homem com mulher e mulher com homem para que as coisas não se misturem.

As ruas por aqui vão se abrindo como um fluxo d’água permitindo que mais se jorre por entre esses os edifícios. E carros, mais carros com suas músicas, de sertanejo a hino de louvores, do *funk* ao eletrônico. Me lembro de outros importantes personagens do passado da cidade que já passaram por lá. Uns voltaram, ficaram em outros lugares, outros foram esquecidos. O Ooze⁶² dos alternativos que foi dar uma volta em outra praça, o Rock n’ Beer⁶³, dos roqueiros. Hoje, ao lado da *rave*, há a Fábrica⁶⁴, mas o que ela fabrica, sinceramente, pra mim ainda é um mistério. Só me lembro que era companheira do cowboy Nash⁶⁵ que costumava ficar do outro lado da rua, aonde lê-se também: “Passa-se o ponto”. E, é claro, na praça que se faz de seu alpendre, com as cadeiras para fora de casa observando aquele caótico movimento noturno, sempre está lá, dona Bicota⁶⁶, com seus anos respeitosos de existência, com doçuras a distribuir.

Ficamos um pouco por aí, na praça de Dona Bicota, observando as pessoas, os taxistas já impacientes em seus postos, e comentamos como diversa era a cena em que a gente se encontrava. Sertanejos, *punks*, *pocs*⁶⁷, *rappers*, funkeiros, patricinhas, e demais personagens que à primeira vista se misturavam, mas que nós, frequentadores daquele lugar, depois de algum tempo percebíamos os grupos, isolados. A separação ficará mais clara ainda quando a polícia chegar mais tarde, separando os menores de idade do restante dos grupos. O interessante, percebemos um outro dia, é como os menores de idade que lá estão são sempre negros, da periferia e que gostam de rap e funk.

Tudo principalmente da sexta à noite até o domingo por esses lados dá uma vista boa de se olhar e perceber, mas quando nos afastamos de Dona Bicota, é indiscutível que nada naquele lugar se compara a ela e sua beleza singela, disputada por muitos congos e dioceses. Rosário⁶⁸, a nossa senhora que dá também o nome a praça, vestida de amarelo, sozinha em sua quadra, pois precisa de muito espaço para a dança e reza que por ora proporciona à Uberlândia. Lembrei do tempo em que havia companhia para ela ao lado, primeiramente de casais héteros, no lounge eletrônico com

⁶¹ London Pub (Ver Item 23, Mapa 7).

⁶² Antiga sede do Ooze Bar (Ver Item 24, Mapa 7).

⁶³ Antiga sede do bar Rock n’ Beer (Ver Item 25, Mapa 7).

⁶⁴ Fábrica Espetaria e Bar (Ver Item 26, Mapa 7).

⁶⁵ Antiga sede da Nash Pub (Ver Item 27, Mapa 7).

⁶⁶ Sorveteria da Bicota (Ver Item 28, Mapa 7).

⁶⁷ “Poc” é um termo que era utilizado para se referir a gays considerados mais afeminados de maneira pejorativa (“poc poc”, com alusão ao barulho de saltos-altos), podendo também fazer referência a gays com situação financeira desprivilegiada (uma evolução da gíria “Bicha pão com ovo”), sendo hoje apropriado por grupos *gays/queer* como forma de identificação própria (FRANK, 2019). Pode se referir também ao termo em inglês *People of Color* (POC), utilizado para descrever pessoas de cores, raças, etnias e origens que não à branca e europeia (SAFFIRE, 1988).

⁶⁸ Igreja do Rosário/Praça do Rosário (Ver Item 29, Mapa 7).

deck exclusivo que hoje era a morada de muitos andarilhos. Depois, um público diverso, majoritariamente gay que se dividia em festas de *pop* e *funk*, a casa de nº 110⁶⁹. Dos seus lados algumas casas e em sua esquina, uma enorme gaiola de ouro⁷⁰ que hoje já não tem mais todas as celas preenchidas.

Nos despedimos de Floriano e viramos à direita de Dona Bicota até darmos de cara com Professor Pedro Bernardo⁷¹, que a essas horas não dava mais aulas e estava só de passagem para chegar em outra clareira desses espaços de fim de semana. Uma casa aberta com pessoas jogando sinuca dentro e um aviso: *Open House*⁷², do lado uma fila já grande e aquele nosso velho conhecido, o Ooze⁷³, que ninguém entendia muito bem. O Ooze sempre foi sinônimo de bebedeira, músicas bregas, gente fantasiada. Desse tipo de gente alegre e bêbada que se apinhava nas suas filas: gays, héteros, homens e mulheres, todos se guiando pela bandeira “alternativa”, difícil de ser lida ou categorizada a olho nu. Do outro lado, um posto de combustível que pelo jeito consegue mais lucro vendendo álcool que gasolina, o famoso Tio Patinhas⁷⁴.

Pegando uma carona com Santos Dumont⁷⁵ pela ladeira, vamos de encontro ao Barão de Camargos⁷⁶, hoje em dia muito popular pela bebedeira. Me lembro de minha primeira experiência com o Barão, quando ainda não tinha nem 18 anos, na casa de nº 185⁷⁷, onde hoje também só há a sombra de um lugar que já foi muito movimentado. A ânsia de entrar em um lugar proibido, o medo de ser pego, a subversão de ver todas aquelas pessoas vivendo na noite, dançando, se pegando, desabrochando e exalando seus perfumes para quando o dia chegar, murchar novamente em busca de um descanso.

Uma luz estroboscópica, outra colorida, um som em um espaço que mais parecia ser uma garagem já era necessário para que as filas fossem enormes, os promoters perguntassem se seu nome estava na lista, se hoje você era VIP e conseguia furar a fila ou se tentaria ainda entrar depois de ficar duas horas esperando na fila. Mas ficar do lado de fora, na companhia do Barão, também era parte do programado. Quem logo entrava já tratava de ir ao fumódromo, muitas vezes não pra fumar naquela grade penitenciária, única abertura possível de ser lida e transpassada no edifício preto das paredes ao chão. Era ali que a conversa acontecia, pessoas se encontravam, beijavam pelas grades, compartilhavam secretamente suas bebidas. Hoje tudo isso é uma lembrança apenas na minha memória e de outros, pois as novas gerações já não se lembram de como esse espaço era. Do

⁶⁹ Antiga sede do Clube 110 (Ver Item 30, Mapa 7).

⁷⁰ Edifício Guiomar de Freitas Costa, popular “Gaiola de Ouro” (Ver Item 31, Mapa 7)

⁷¹ Rua Professor Pedro Bernardo (Ver Item 32, Mapa 7).

⁷² Open House Rock Bar (Ver Item 33, Mapa 7).

⁷³ Ooze Bar (Ver Item 34, Mapa 7).

⁷⁴ Posto Ipiranga “Tio Patinhas” (Ver Item 35, Mapa 7).

⁷⁵ Rua Santos Dumont (Ver Item 36, Mapa 7).

⁷⁶ Rua Barão de Camargos (Ver Item 37, Mapa 7).

⁷⁷ Antiga sede do clube 185 (Ver Item 38, Mapa 7).

outro lado, ainda vivo no presente, um Galpão⁷⁸ com andaimes e cavaletes, embora não haja nenhuma nova construção a ser edificada por lá e os únicos trabalhadores a vista são aqueles que já estão fora de seu expediente de trabalho, ouvindo uma banda cover de Tim Maia enquanto tomam sua cerveja.

Passamos o Galpão e estamos nos fundos de Rosário. Aqui, nos bastidores, onde ela fica de costas, andando pela rua em ladrilhos, o movimento parece ser ensaiado. Já não ouvimos a sinfonia de músicas e dialetos diferentes que agora se misturam em um ressonar confuso. Nosso andar dá outras indicações de que o passo por ali muda, agora que entramos com Barão por um caminho estreito e escuro. No início desse caminho, pode-se avistar um Santuário⁷⁹ que ali acolhe os perdidos na escuridão. Chegamos próximo a ele e fazemos o sinal da cruz, percebendo que o medo do escuro passa um pouco perto quando todos se calam instantaneamente. Medo de assalto, mas mais o medo de ser violentado, pela diferença de nossos corpos e hábitos. Embora talvez seja só a ausência da luz que nos convida a contemplar a quietude que aquele trajeto proporciona a menos de cem metros do coração que bate forte como a gunga⁸⁰ presa aos pés do congadeiro, um toque da sanfona e um grave eletrônico juntos, ensaiados para Rosário.

A iluminação logo retorna e com ela os sons do Barão, vindo debaixo, afastado de todos os outros, a Ovelha Negra⁸¹, com seu grafite estampado nas paredes, um velhinho barbudo que não é Papai Noel. O som do forró chama uberlandenses e uberlandinos⁸² para dentro do salão, e nas turmas de lá não existem muitas preocupações com divisão de grupos, embora quando juntos, todos se parecem um pouco. Pessoas na calçada bebem e conversa, alguns artesãos vendem sua arte e um menino ou menina ou não sei como prefere ser identificada a pessoa, anuncia: *“Brigadeiros mágicos! Brigadeiros mágicos!”*.

Subindo mais um pouco, agora estamos na presença de famílias que visitam a Alfaiataria⁸³, não à procura de novos trajes como poderia indicar aquela fachada, mas de bons momentos, música, bebida e comida, coisas que tanto Barão quanto Floriano e demais conterrâneos de Rosário estavam orgulhosos de oferecer. Logo estamos na porta do Palácio dos Leões, cumprimentando Clarimundo Carneiro⁸⁴. A região do coreto, onde a banda municipal tocava, agora lotada por outros sons. Jovens em uma competição de rimas de *rap*, desafiando um ao outro em uma briga de poesia, sendo aclamados a cada vitória de alguém. Clarimundo olha com desaprovação e nos fala mais uma vez de

⁷⁸ Galpão Café e Bar (Ver Item 39, Mapa 7).

⁷⁹ Santuário Bar (Ver Item 40, Mapa 7).

⁸⁰ Instrumento musical utilizado por congadeiros.

⁸¹ Ovelha Negra Pub Bar (Ver Item 41, Mapa 7).

⁸² “Uberlandino” é, popularmente, o nome atribuído a residentes de Uberlândia que não nasceram na cidade. Como a cidade recebe um grande fluxo de migrantes, o termo utilizado legitima parte da população residente da cidade como cidadãos também.

⁸³ Alfaiataria Pub (Ver Item 42, Mapa 7).

⁸⁴ Praça Clarimundo Carneiro (Ver Item 43, Mapa 7).

quando a praça era “bem frequentada”, por apenas jovens de boa índole e família, praticando lá o *footing* dos fins de semana, que nessa hora já estaria se cessando pelo bem da moral. Parece dizer: “*Hoje não, esses jovens continuam por aí durante a noite toda. E em alguns dias, especialmente um domingo do ano, esse lugar fica cheio de sujeitos degenerados. Homens e mulheres de todas cores e sabores que se reúnem em trios, se organizam em uma parada por letras, o G, o L, o B, o T, o Q e que mais letras podem soletrar. Posso não entender e a cem anos atrás quando meu palácio era construído, não imaginava como essas coisas aconteceriam, mas se é de vontade de Uberlândia, assim os tenho que permitir.*”. Embora seja conservadora, elitista, Uberlândia também consegue manter seus subterfúgios, e apesar das falas de Clarimundo, continuamos ali um pouco com os jovens rappers. Não consigo esquecer, no entanto, ao olhar para o (agora) vazio ao lado de Clarimundo, onde hoje são apenas escombros, aquele cinema misterioso, todo vermelho e fechado para a via pública. Um letreiro decadente anunciava: “Cine It⁸⁵” e outro também: “Cinema Adulto”. Funcionava durante o dia todo, e à noite apesar da pouca luz, tinha alguns sinais de vida por ali. Os corpos que ali entravam, por relatos recebidos, eram diversos, que se misturavam por entre as poltronas em uma experiência de sentidos que extrapolava o uso apenas da visão.

Logo à direita nos acena Bernardo Guimarães⁸⁶, chamando para uma novidade. De toda forma nos encontraríamos por sua rua estreita e movimentada que leva de volta à Rosário. Paramos na frente de um prédio e estranhamos. O que havia sido feito com aquela fachada colorida, os pés pisando em chicletes, o arco-íris em degrade, aquela bandeira da Argentina que em primeiro momento se confundiria com outra Loja Doce, mas que como entendidos, sabíamos que ali ficava o Belgrano⁸⁷, que veio de Buenos Aires e hoje prefere ser chamado apenas de Bel. Bernardo logo me explica que Bel se mudou e ali ocorreu um Bug⁸⁸, um erro e que aquele lugar onde várias filas ocupavam os arredores dos casarões neocoloniais que lá ainda persistem, se migraram também. Uma outra fila, mais modesta, de um espaço menor se configura onde ali não se cabia mais pessoas.

As filas e multidões que Bernardo me fala eram uma verdadeira festa de variedade em manifestações de gênero e sexualidade, lembro eu. Homens, mulheres, pessoas entre essa gradação, agêneros, *drag queens*, *queers*, seres místicos movidos por brigadeiros mágicos ou não, que aproveitavam da rua como seu fumódromo, como a extensão da balada, da bebida, dos beijos e encontros. Uma vez ou outra no dia um carro passa a buzinar, querendo dar o anúncio: *O lugar de vocês não é aqui*. Porém de nada adianta, pois a tomada de espaço é plena, e leva o carro outra buzinação de resposta de algumas dezenas ou até centenas de pessoas gritando alguns palavrões. O espaço é sim daquelas pessoas, e meu também, deixando o ar paranormal de pesquisador

⁸⁵ Antiga sede do cinema Cine It (Ver Item 44, Mapa 7).

⁸⁶ Rua Bernardo Guimarães (Ver Item 45, Mapa 7).

⁸⁷ Antiga sede do Clube Belgrano (Ver Item 46/47, Mapa 7).

⁸⁸ Atual sede da BUG CLUB (Ver Item 46, Mapa 7).

observador. A rua apinhada de pessoas e suas variedades era a maior expressão de proteção que sentimos desde chegar em Rosário. No entanto, de Belgrano a Bug, as novas configurações em um território que se modifica e reinventa em tempos bastante ligeiros, são mais sérias, discretas, ainda tímidas a convencer seus usuários. Ao lado, recém-renascida, uma dama de veludo que se reconhece como Velvet⁸⁹, tomando seu lugar que já foi e deixou de ser a algum tempo. Velvet já não monta filas e o seu público retorna a ser o mesmo de antes: Homens, gays, mais velhos, que descartam o pop que gruda como o chiclete no passado para tons mais eletrônicos.

Penso comigo, na minha lógica de menino do interior, que o tempo em Uberlândia passa mais rápido. No tempo que estive escrevendo esse texto mal pude me dar conta as diversas mudanças que aconteceram nesses lugares em que percorremos. A mudança, em si, é impossível de ser registrada fielmente, como uma pintura renascentista, pois os espaços de uma hora a outra já são outros, de meses a meses o que era Belgrano se transformou em Bug e retornou à Velvet, o que era 185, 110, fecharam-se para não abrir, o que era Ooze e “escorria” como quer dizer o verbo *ooze* em inglês, álcool e vômito, hoje reina um rei dos hambúrgueres. O próprio espaço do fim de semana muda quando a segunda chega, fica mais sério. Não tenho intenções de arremedar Michelangelo esculpindo a figura de seu menino Davi em perfeita mimetização da realidade, das veias saltadas aos músculos definidos. Prefiro ser cubista ou surrealista, estabelecer um diálogo Salvador-da-Lina ou PiCássio em minha escrita que hora vai aos bordéis de 1940, ora caminha por hoje entre as ruas do centro.

Resolvemos visitar então a nova casa de Bel, que se mudou para Goiás⁹⁰. Chegando lá já conseguimos ver uma movimentação na porta e pelo jeito Bel⁹¹ tem mais visitas e continua sendo popular. Me lembro que lá também já foi a casa de alguns outros conhecidos como o Groove e a Augusta, que não retornaram a Uberlândia. Duas grandes filas se dividem de cada lado de sua fachada, enquanto outras pessoas que já entraram circulam entre elas, cumprimentando os amigos, fumando seus cigarros e investigando potenciais paqueras. Na rua, além de alguns carros estacionados servindo de encosto para quem ficava por ali, um senhor vendia seus sanduíches logo ao lado das filas, esperando pela madrugada quando as visitas ao Belgrano pouco a pouco fossem para a casa, fazendo de sua barraquinha um último ponto de abastecimento.

Lá dentro vemos um grande deck e alpendre que faz a transição entre o espaço da rua e o fechado, da própria balada e seus dois ambientes. De um lado a música que combina com o tema da festa daquele dia, do outro toca sempre *funk*. É possível observar como as pessoas vão e vem de um lado para outro, saindo de um ambiente e entrando em outro, passando da rua para o deck, do deck

⁸⁹ Atual sede da Boate Velvet (Ver Item 47, Mapa 7).

⁹⁰ Rua Goiás (Ver Item 48, Mapa 7).

⁹¹ Atual sede do Clube Belgrano / Sedes antigas do Clube Augusta e Groove Pub (Ver Item 49, Mapa 7).

para dentro da casa. O movimento, percebo, permanece contínuo e fluido como costumava ser em sua outra casa onde hoje se abrigam Velvet e Bug. O pouco da fachada que é parede já recebe um grande mural colorido que remete à identidade visual do próprio clube. Reparo também como a diversidade em gênero e sexualidade ainda pode ser explorada naquele ambiente, embora quem esteja na fila sejam em sua maioria meninos igual eu: cisgêneros, gays, brancos e de uma classe social que permitia entrar e aproveitar daqueles espaços sem serem importunados pelos seguranças do local.

Depois de algum tempo conversando com os colegas que estavam na fila ou dentro do clube, seguimos nosso circuito descendo Goiás e encontrando outro personagem importante do centro Uberlandense, o sr. João Pinheiro⁹². Pela esquerda admiramos a beleza de uma grande árvore Sibipiruna que a calçada abraça e protege, um marco patrimonial da cidade. Logo à frente, um pouco mais de multidão, que invade as ruas e a construção de escadas que a essas horas, com a quantidade de pessoas, viram arquibancadas. Chegamos botando Banca⁹³, em um lugar que de um tempo pra cá foi tomado, balburdiado e apropriado por jovens *queer* e todo seu folclore de seres místicos. Uma música toca enquanto luzes coloridas iluminam a rua e todo o espaço externo das escadas e banquinhos apinhados de gente. O espaço de bar é pequeno e filas e mais filas tomam seu espaço para comprar fichas e cervejas.

Do seu lado direito, um corredor onde mesas ficam dispostas para aqueles que preferem uma interação mais íntima e calma, enquanto do outro lado se localiza uma rampa que leva a uma porta discreta ao lado do bar. Um segurança em sua porta controlando a passagem das pessoas indica que o que está ali é OCulto⁹⁴, outro daqueles lugares místicos que seres *queer* se reúnem a dançar e expulsar seus demônios. As pessoas nos informam que hoje é possível entrar n'OCulto de forma livre, sem precisar pagar pela passagem, porém, não é ali nosso destino final.

Voltamos então para a Ovelha Negra, onde encontramos outras pessoas que antes não estavam lá. Fazemos esse roteiro e iremos repeti-lo mais algumas vezes durante a noite, em uma romaria sem promessas a pagar. A cada vez que circulamos por essas ruas cada lugar se torna diferente. Encontramos novas pessoas, a fila que ali estava já se desfez, o clube que estava cheio se esvaziou, enquanto o outro agora está lotado. A noite nos arredores de Rosário é imprevisível, e para os meus olhos interioranos, cheios de convites. Uma cerveja ali, outro papo por aqui, percebo que já se passaram das três da manhã e ainda estamos em nossa segunda volta.

No fim da noite percebo que minhas companhias já não são as mesmas. Saí para o centro com muitos amigos e conhecidos homens e muitos perdi. Alguns ficaram em algum clube ou bar,

⁹² Avenida João Pinheiro (Ver Item 50, Mapa 7).

⁹³ Banca Bar (Ver Item 51, Mapa 7).

⁹⁴ OCulto Bar (Ver Item 52, Mapa 7).

outros já se foram dormir, enquanto novos chegaram. Aqueles também que ao meu lado permaneceram e lá continuam perambulando pelo centro da cidade, permitindo a passagem dos outros, como João Naves, Floriano, Cesário ou Abelardo, todas essas figuras. Algumas mulheres também, amigas, figuras importantes. Rosário, Ismene, que gritam tão forte para permanecer onde estão: *“Esse é o meu lugar SIM!”*.

Enquanto retorno para minha casa, passo pelo Terminal Central para pegar minha condução, em um rito de passagem que completa minha noite nos arredores de Rosário. Encontro alguns dos amigos perdidos e é nesse momento também que consigo perceber uma gama maior de diversidade da noite uberlandense. Idosos voltando do baile sertanejo, travestis com os seus saltos altos na mão, aqueles mesmos trabalhadores do Distrito Industrial, voltando para suas casas enquanto outros chegam para tomar seus postos. Olho essa paisagem e tomo conclusão de que aquilo pra mim é o que há mais de Uberlândia e seus personagens, despidos de qualquer roupa ou máscara que possam sair armados na noite anterior. Pessoas cruas, (quase) nuas em pelo, com sono, maquiagem borrada, sem a animação ou expectativas do que a noite prometia. A diversidade me instiga e sinto que estou terminando meu registro com mais dúvidas desde que comecei. E as dúvidas talvez sejam mais importantes que as certezas aqui escritas.

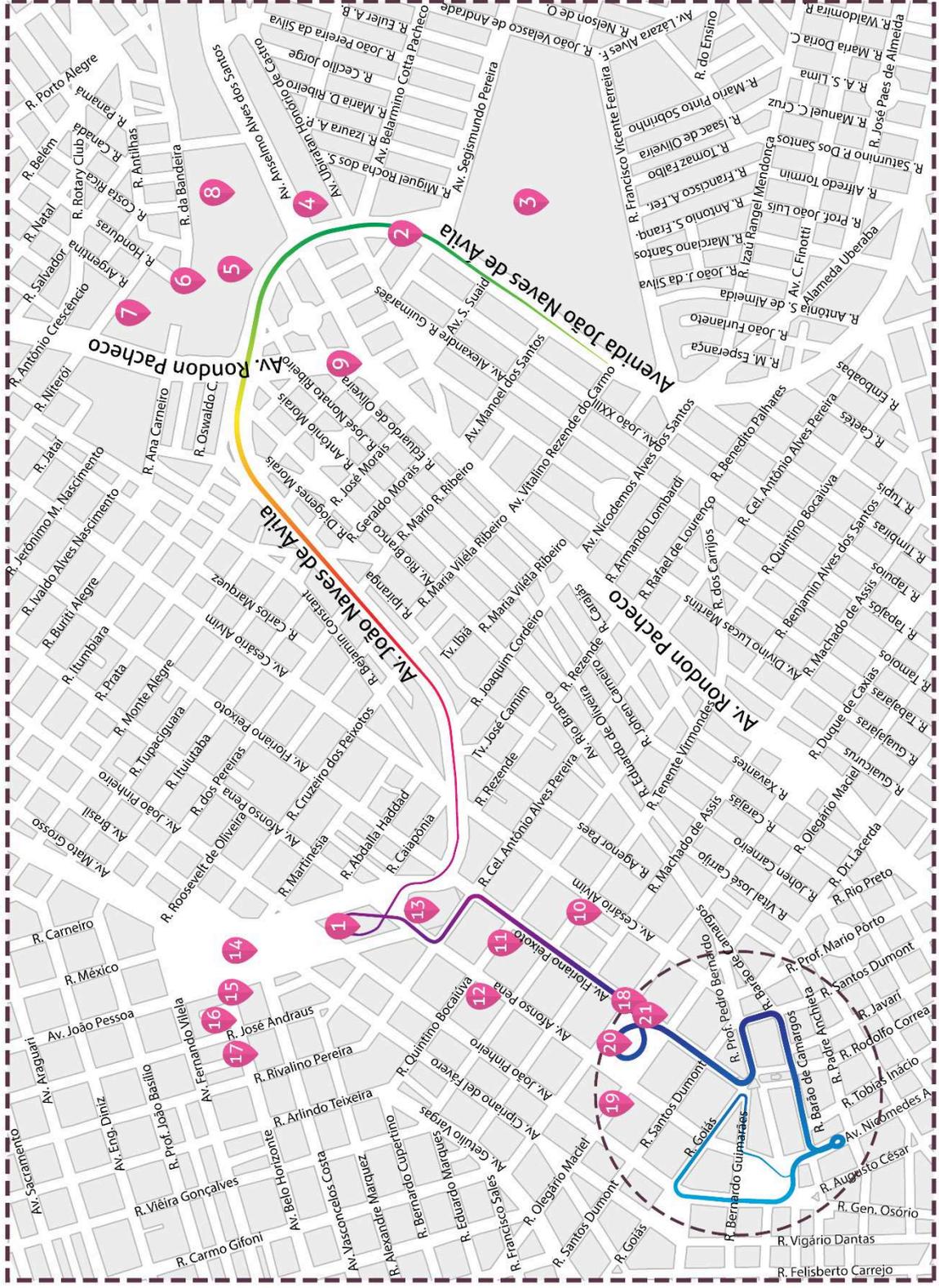
Onde estavam esses personagens que agora apinham o Terminal Central? E aquelas criaturas místicas, seres de todos os gêneros, performances e sexualidades? O que tem em seu poder para fazer quando a buzina passar novamente, denunciando-os: *O lugar de vocês não é aqui?* Por quanto tempo terão que gritar de volta que são sim, deles e nossos! E que apesar de muito fugazes, mutantes, essas apropriações também importam. O que falar então dos que não se encontravam no centro e que se foram? Os jovens negros levados pelas viaturas, as travestis que hoje já não visitam João e Cesário, homens e mulheres mais velhos que não se encontram em nenhuma casa das que perambulamos? Quais seus pedaços? Por onde mancham o tecido de Uberlândia? As figuras anônimas, sigilosas que se ocupam dos banheiros das praças, dos lugares escuros por entre as árvores, nas ruelas e becos por entre Rosário. Desejam elas serem expostas? Existe um lado B(i) da cidade em que eu, pesquisador, eu, ator social, gay, que desmunheca, performa, bebe, dança, caminha, não conhece? Até quando a cidade que vejo, continuará a ser feita para os Tubais, pelos Tubais e em homenagem a eles? Qual o espaço das Ismenes, Rosários, ovelhas negras que refletem sua luz (também negra) no centro e no resto da cidade? Como posso querer entender a cidade das travestis, dos gays, dos bis, dos *queers*, se para as mulheres ela ainda não existe de forma plena?

Movido apenas pelo sono, sujo do suor que desceu no meu corpo durante essas andanças e contatos com outros corpos, percebo que o centro ainda é uma incógnita para mim, mesmo me considerando parte dele. Talvez falte em mim um olhar mais forasteiro, menos participante, ou talvez as relações que lá acontecem são muito complexas para um relato, um pesquisador só. Rosário

consegue envolver Uberlândia sob seu manto em relações de diversidade e segregação, uma mancha de lazer noturno, de celebrações religiosas e cívicas, um conjunto de vários pedaços de diversos grupos, de *agroboys* da *rave* a *drag queens* do congado. É a manifestação da potência que os centros urbanos tem de agregar a multiplicidade de pessoas em seu espaço, com seus conflitos, formações de cultura e tomada de lugares. Rosário é a dona daquilo tudo, e não dorme ou sente sono como seus usuários e pesquisadores.

MAPA 6: UBERLÂNDIA (MG) - TRAJETO UFU-PRÇA DO ROSÁRIO

UBERLÂNDIA (MG) - DÉCADAS DE 1940 e 1950



LEGENDA

- 1 Terminal Central/Pratic Shopping
- 2 Av. João Naves de Ávila
- 3 Universidade Federal de Uberlândia
- 4 Centro Administrativo de Uberlândia
- 5 Center Shopping Uberlândia
- 6 Hotel Mercure
- 7 Ubelândia Business Tower
- 8 Hipermercado Carrefour
- 9 Av. Rondon Pacheco
- 10 Av. Cesário Alvim
- 11 Av. Floriano Peixoto
- 12 Av. Afonso Pena
- 13 Fórum Abelardo Perna
- 14 Praça Sérgio Pacheco
- 15 Antiga sede da Boate Heaven
- 16 Rua Belo Horizonte
- 17 Sauna Um Sete Um
- 18 Edifício Chams
- 19 Edifício Tubal Vilela
- 20 Praça Tubal Vilela/Ismene Mendes
- 21 Hotel Presidente



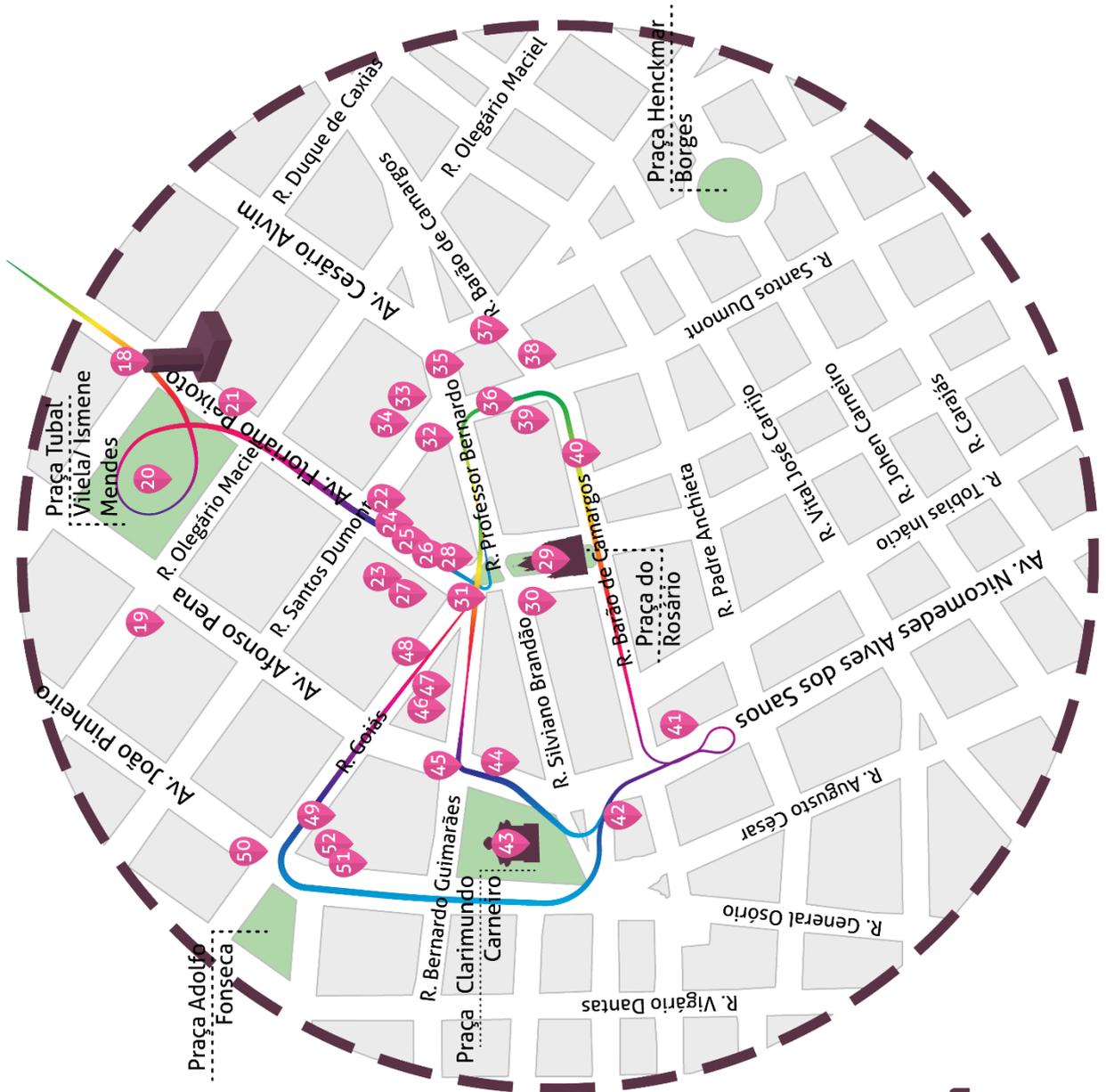
Escala 1:10.000



Fonte: Autor, 2019

MAPA 7: UBERLÂNDIA (MG)

TRAJETO UFU-Praça do Rosário



LEGENDA

- (18) Edifício Chams
- (19) Edifício Tubal Vilela
- (20) Praça Tubal Vilela/Ismene Mendes
- (21) Hotel Presidente
- (22) Casa Noturna Central Villa
- (23) London Pub
- (24) Antiga sede do Ooze Bar
- (25) Antiga sede do bar Rock n' Beer
- (26) Fábrica Espetaria e Bar
- (27) Antiga sede da Nash Pub
- (28) Sonveteria da Bicota
- (29) Igreja do Rosário/Praça do Rosário
- (30) Antiga sede do Clube 110
- (31) Ed. Guiomar de Freitas Costa ("Gaiola de Ouro")
- (32) Rua Professor Bernardo
- (33) Open House Rock Bar
- (34) Ooze Bar (Sede atual)
- (35) Posto Ipiranga "Tio Patinhas"
- (36) Rua Santos Dumont
- (37) Rua Barão de Camargos
- (38) Antiga sede do Clube 185
- (39) Galpão Café e Bar
- (40) Santuário Bar
- (41) Ovelha Negra Pub Bar
- (42) Alfaiataria Pub
- (43) Praça Clarimundo Carneiro
- (44) Antiga sede do Cinema It
- (45) Rua Bernardo Guimarães
- (46) Antiga sede do Clube Belgrano / Atual sede do BUG CLUB
- (47) Antiga sede do Clube Belgrano / Atual sede da Velvet Club
- (48) Rua Goiás
- (49) Atual sede do Clube Belgrano / Groove Pub
- (50) Avenida João Pinheiro
- (51) Banca Bar
- (52) Oculto Bar



Escala 1:4.000

0 100m 300m

Fonte: Autor, 2019



23

22



26



29



38



33

34



40





LEGENDA

- 20 Praça Tubat Vitela/Isimene Mendes
- 22 Casa Noturna Central Villa
- 23 London Pub
- 26 Fábrica Espetaria e Bar
- 28 Sorveteria da Bicota
- 29 Igreja do Rosário/Praça do Rosário
- 31 Ed. Guiomar de Freitas Costa ("Gaiola de Ouro")
- 33 Open House Rock Bar
- 34 Ooze Bar (Sede atual)
- 36 Antiga sede do Clube 185
- 39 Galpão Café e Bar
- 40 Santuário Bar
- 41 Ovelha Negra Pub Bar
- 42 Alfaiataria Pub
- 43 Praça Clarimundo Carneiro
- 46 Antiga sede do Clube Belgrano / Atual sede do BUG CLUB
- 49 Sedes antigas do Clube Belgrano / Groove Pub
- 51 Banca Bar
- 52 O Culto Bar

Fonte: Autor, 2019

3.3 Cidade de homens e país dos espelhos: Distopia/Heterotopia das saunas.

No carro está tocando uma música eletrônica, *house music*⁹⁵, que me deixa mais nervoso do que já estou. Uma mistura de ansiedade e medo que como pesquisador eu já deveria ter afastado de mim. Conto pra mim mesmo novamente que deve ser assim que os antropólogos devem se sentir, mas que com o tempo eles devem acostumar, entendem melhor a técnica. É um sábado à tarde. Ensolarado, mas frio: A previsão do tempo já avisou que na madrugada de hoje será a mais fria do ano. Quatro graus celsius para ser exato. Talvez não tenha sido o melhor dia que escolhi para fazer meu trabalho de campo, mas hoje pelo menos terei companhia, o que me deixa mais tranquilo para desbravar o terreno do outro.

Olho pela janela e não vejo quase ninguém na rua. Passando pela Avenida João Naves de Ávila, observo apenas as pessoas na Praça Sérgio Pacheco, correndo, se alongando. Me pego pensando em como as pessoas se divertem de forma diferentes, como cada um leva seu estilo de vida. Será que aqueles que estão ali, atletas e famílias, têm ideia da dinâmica que acontecia a poucos metros dali? Quantos desses pais de família poderiam estar lá a uma hora dessas? O motorista faz uma conversão à esquerda, e numa rota labiríntica, logo viramos novamente em uma ruela estreita. No caminho apenas casas me rodeiam e me lembro que em alguma rua dessas vi há pouco tempo uma casa com a porta aberta, a luz colorida piscando dentro dela e um outdoor do lado com uma silhueta feminina. Deve estar perto dali, pois as ruas se pareciam muito.

O motorista fala muito, e no caminho nos perguntara de nossos planos para o dia e de onde somos. Penso que a partir daqui poderia falar qualquer coisa, inventasse qualquer plano de fundo. Poderíamos ser dois jovens indo encontrar amigos para ir em direção ao culto da igreja, ou então dois executivos em uma pausa na viagem de trabalho. Enquanto continuamos ouvindo sua *House Music*, resolvemos responder de forma atravessada, sem que muita coisa precisasse ser revelada, até que então ele diz: “Muito obrigado pela viagem, tenham uma ótima tarde, fico feliz de leva-los a seu destino”. Como assim nosso destino? O nervosismo e a possibilidade de parecer um estranho fizeram com que a viagem passasse rápido. Mal deu tempo de ajustar meus óculos, trocar a lente pelas de pesquisador observador. Agradecemos a viagem enquanto pego uma bala no compartimento ao lado do câmbio. Saímos do carro e meu amigo avisa: “É aqui”.

“Aqui onde?” – Penso eu. Só consigo enxergar casas que já foram iguais, resquícios de uma vila operária que hoje em dia mantém sua individualidade marcada pelas diferentes cores e puxadinhos. Do outro lado da rua, um Hotel Escola infantil, onde a Turma da Mônica anuncia: Arte de Sonhar. Por um momento penso se não seria ali o melhor disfarce para o lugar que estávamos indo. A arte de sonhar e ser quem fora de lá, do mundo dos sonhos, a sociedade condena. Meu amigo

⁹⁵ *House music* é um estilo de música eletrônica com as batidas variando entre 118 a 135 bpm.

aponta para uma casa e me pergunta: “Senti o cheiro?”. Sim, senti. Um cheiro de eucalipto, bem suave, mas ainda assim eucalipto. É indiscutivelmente esse o lugar.

Reconheço o número na porta da casa e lembro de ser o mesmo número pelo qual o lugar se identifica. Já vi essa estratégia outra vez, em clubes, onde o logotipo do estabelecimento é o próprio número do logradouro, porém nenhum clube que já visitei era camuflado como ali. Fiquei me imaginando tempos atrás, quando a internet e as mídias digitais não eram tão presentes e o conhecimento espacial era transmitido no contato direto, no boca-a-boca, em classificados. Andando da praça até a ruela, da ruela para outra rua cheia de casas parecidas até tentar achar algo que me indicasse aonde estaria o meu destino final. O número destacado de preto na porta seria o suficiente para que eu e homens de todos os planos de fundo identificassem que ali era uma sauna, sem necessidade de GPS ou evento no *Facebook*. É como fazer parte de uma sociedade secreta, um clube maçônico um pouco às avessas. As formas de contato, pelo olhar, pela conversa, a localização secreta da sede misteriosa, a vida dupla. Alternativas criadas por homens que vieram antes de mim e que não tinham os privilégios que hoje eu, meu amigo e outros homens tem. E se falando de homens e privilégios, isso é até uma coisa rara.

Pela fachada, qualquer um que não sabia o que se passava ali, qualquer pessoa “fora do meio”⁹⁶ enxergaria uma casa como as outras, suas paredes de tijolo à mostra, seus telhados assobradados com arremates delicados em formato de folhas nas arestas, suas grades no muro principal, uma garagem, uma árvore na calçada e um portão entreaberto pelo qual entramos. Lá dentro, no entanto, já nos deparamos com outra grade. Me toco então que o portão encostado e a casa padrão nada mais são que parte de uma cenografia, montada para que ali, uma sauna pudesse passar despercebida no ambiente da vizinhança, longe dos olhos de defensores da boa moral e dos bons costumes, sendo talvez denunciada apenas pelo vai-e-vem de homens chegando e saindo a todo tempo, além do leve cheiro de eucalipto. Chegamos até a grade e tocamos o interfone. Depois de alguns segundos as portas de metal se abrem.

As grades se localizam em apenas um pequeno espaço que algum dia teria servido de garagem, e após a passarmos damos de cara com a porta de entrada aberta à direita, o terceiro dos portais desde que chegamos aqui. Sinto que à cada porta o vapor parece estar mais perto, e com ele a libido, um cheiro de desejo acompanhado por olhares furtivos se aproxima mais. Me sinto sendo sugado, enquanto Magali, Mônica e o resto da turma e a “Arte de Sonhar” vão ficando lá fora. Entramos em uma sala fechada e pequena, em nossa frente uma parede vermelha e uma escultura

⁹⁶ “Fora do meio” é uma expressão comumente utilizada para descrever homossexuais que não se engaja em um tipo de manifestação de sexualidade que é entendida como “assumida”. O uso da expressão no texto tem como objetivo fazer um jogo de palavras, pois homens heterossexuais e mulheres, que estão devidamente FORA do meio gay masculino não reconheceriam o lugar, enquanto em contradição, os gays “fora do meio” são conhecidos pela apropriação de lugares como a sauna para suas socializações, por permitir um ambiente de maior sigilo e anonimato

que evoca uma representação clássica do corpo masculino. Me lembro das termas romanas, talvez os descendentes em potencial daqueles lugares, de homens e para homens que se curavam e higienizavam pelo calor do vapor, usando pouca ou nenhuma roupa, como o busto indicava. Ao nosso lado um balcão, onde um senhor nos cumprimenta. “Sejam bem-vindos, como vocês estão? Hoje é até as 23 horas e o preço é 25 reais”. Pagamos e recebemos duas toalhas e uma chave cada um, a minha de número 22. Entramos pela porta à direita e encontramos um espaço menor ainda... Duas portas agora na minha frente. Meu amigo já conhece o lugar e me guia: “É por aqui”.

Entramos num vestiário com cerca de 120 escaninhos, e me lembro na hora do aviso afixado na grade de entrada, talvez um dos únicos que deflagrem a natureza do lugar: “Lotação máxima: 46 pessoas”. Fico imaginando o porquê de tantos escaninhos, mas logo penso que ali, onde os corpos se interagem por outras regras, talvez as leis de física também não são aplicadas. Naquela outra dimensão espacial, dois corpos ou mais talvez ocupem o mesmo espaço. O vestiário é um quarto todo fechado onde todas as paredes são ocultas pela presença dos nichos, exceto uma onde está afixado um grande espelho. Além de nós dois, outros dois homens estão na sala. Sigo meu amigo em todo o ritual, como se estivesse sendo iniciado naquela seita.

Trocamos de roupa, fico de sunga, um dos caprichos que me dou como pesquisador *voyeur*, e por cima dela me envolvo com uma das toalhas que foi me entregue. A toalha é como um uniforme, a vestimenta típica daquele lugar, como uma variação da toga romana. Imagino que não usar a toga significaria estar despido ou estar fora. Coloco minhas coisas no meu armário e consigo perceber que há às vezes, olhos que me observam pelo espelho. Quando estamos prontos saímos do vestiário e entramos pela outra porta que havia avistado ao entrar. Um quarto escuro, de um lado cadeiras de praia e um quadro onde um modelo masculino se toca. Do outro lado, um outro espelho toma conta da parede e acima uma televisão que passa a programação de sábado da TV aberta. Mais dois portais se abrem, um totalmente escuro e outro claro, onde consigo enxergar outros dois aposentos à frente. Percebo então que para lá se encontra o bar, enquanto no portal escuro da esquerda está o *dark room*.

“Vamos aqui primeiro, vou te mostrar como é”, diz meu amigo me mostrando a parte escura da casa. Pela luz tremeluzida da televisão no outro aposento consigo enxergar mais três caminhos. À minha frente um banheiro, ao lado esquerdo outro quarto escuro e à minha direita uma estreita escada. Subimos por ela e vemos que lá há uma sala de vídeo com cadeiras dispostas onde um vídeo de pornografia gay passa. A sala está vazia pois a sauna não está aberta hoje há muito tempo. Descemos e vamos então para o outro quarto, que é maior, mas divididos em pequenas cabines, cada cabine com uma maca. Nesse momento me guio mais pelo tato que pela visão, que não me ajudaria muito naquele momento. Enquanto exploro o quarto, um grande silêncio me informa que todas as cabines estão vazias, ou todos corpos são silenciosos. A escuridão me faz sentir observado,

como se estivesse em um templo gótico permeado pela sombra e em busca de uma luz que fosse divina.

Voltamos à primeira sala, que também exhibe outra escultura masculina na parede e seguimos logo para o bar, descendo um lance de escadas após. Do lado direito dois *barmans* se dividem em um balcão preparando bebidas enquanto alguns homens conversam em seus banquinhos ao lado do bar, do esquerdo algumas outras pessoas sentadas em cadeiras, tomando cerveja e prestando atenção na tevê. As paredes sempre cheias de informação: De um lado uma tevê que passa a mesma programação da tarde, na parede do bar uma outra tevê que toca músicas *pop* e mostra seus videoclipes. Oposta a ela, um outro espelho. Mais à frente vejo outra porta e ao lado um jardim de inverno onde um rapaz da minha idade fuma seu cigarro observando quem sai e chega.

Resolvemos pedir uma cerveja, para ficarmos ali sentados enquanto nos habituamos com o ambiente. É aí que consigo parar para observar o que existe além das arquiteturas. Enquanto bebemos, pessoas vem e vão da porta que entramos até a outra ao lado do jardim de inverno. Homens de todos os tipos. Baixos, magros, gordos, altos, brancos, negros, jovens e idosos. Me lembro das descrições que havia elaborado para o motorista que nos trouxe até aqui... Quantos desses seriam jovens a caminho do culto, quantos executivos à trabalho? Desde que entrei então, penso que talvez o desconhecido não seria agravante de um medo maior ali. Olhando aqueles homens, penso que talvez o monstro maior fosse o conhecido. Homens, penso eu, que se parecem e poderiam ser algum tio meu, o porteiro do prédio que visito, algum engenheiro civil casado com quem já trabalhei. Enquanto penso nas possibilidades aqueles homens não parecem estar surpresos ou com medo do que observo. Às vezes alguns nos olham, cumprimentam os *barmans*, outros passam direto. Estão acostumados, nessa dimensão de cá não há mundo “de fora”.

Converso com os *barmans*, pergunto desde quando lá é aberto. Esse ano estão comemorando vinte anos de funcionamento. Comento que é um recorde, que muitos outros lugares já abriram, fecharam e eles ainda continuam ali. Um deles concorda e se lembra de algumas boates que já fecharam enquanto eles continuam de pé. Do bar um homem de óculos conversa com a gente. Diz que é médico e não é de Uberlândia e que queria dicas de onde sair à noite, de qual balada nós iríamos. Pergunto que tipo de música ele gosta, ele responde que falaram para ele de um bar, Banca, mas que não sabia se era bom mesmo. Que as baladas que tocavam *House* já não existiam em Uberlândia, que se a gente conhecia alguma poderíamos falar para ele. Logo lembro de nosso motorista falante e fico imaginando uma festa de *house* em seu carro. “A música está boa?”, “O ar está frio?”, “Quer uma bala?”. Falamos para o médico de óculos escuros alguns lugares, “se você quiser bar, tem o Banca e tem o F5”, “balada que toque eletrônico hoje tem a Velvet, talvez” – digo. “Não, não é mais Velvet lá, é?” – Meu amigo comenta. “É sim, voltou a ser Velvet”, respondo.

Ele fala que não gosta de ambientes onde ele se sente mal, onde a música não agrada ou que ele sente inseguro, indefeso. “Aqui por exemplo... Tem anos que não venho, mas sempre volto, não sei se já falei, mas sou médico, viajo muito, aqui me sinto seguro, e às vezes venho e não é nem pra ir para lá” – Completa, apontando para o *dark room*. “É importante se sentir bem, acolhido nos lugares. Aqui dá gente de todo jeito. Eu estava na casa de meus tios, me sentindo preso, daí eu vim para aqui”. Pergunto a ele e aos *barmans* se o ritmo aumenta na sauna quando a noite chega. Um *barman* responde que sim, enquanto o médico me fala que o ritmo é aquele mesmo por ali, que enquanto uns vão embora outros chegam. Atrás do balcão, o *barman* nega fazendo uma cara de desaprovação, dando a entender que o médico estava errado.

Terminamos a cerveja e quero conhecer a sauna, que imagino que seja do outro lado da porta à esquerda do bar. Entramos então numa sala rodeada de duchas onde alguns homens tomam banhos gelados, o que faço também, para que meu corpo não receba um choque térmico. A sala revestida em cerâmica dá para mais três portas, duas delas com pequenos visores para visualizar seus interiores. Uma sauna à vapor, onde nada se consegue enxergar pelo visor, outro banheiro e uma sauna seca.

Entramos na sauna seca, menor e mais apertada. Quando entramos, a sala fica em um momento de silêncio, até nos sentarmos. A sauna tem uma pequena arquibancada onde as pessoas se sentam e é toda revestida de madeira, exceto pela parede oposta à arquibancada, que enquadra outro espelho. Os assuntos dos homens que lá já estavam são triviais, o que me passa a impressão de serem um grupo de amigos. Discutem sobre a frequência na sauna, sobre festas na cidade e demais temas variados.

Uma das dificuldades metodológicas que percebo logo de início tem relação com a conexão com aqueles atores sociais. Sou alguém de fora do *pedaço*⁹⁷, um curioso que entrou naquela dimensão para estudar os espaços pela experiência do outro. Como então relatar a experiência do outro sem que a minha própria não seja tomada? Penso mais a respeito disso quando ao me sentar olho pra frente e encaro o espelho. Além de mim e meu amigo, enxergo outros rostos, de homens plurais que também me olham às vezes. Evito o contato direto do olhar, mas o ambiente força uma interação íntima sem que nenhum centímetro de corpo seja tocado. Ao mesmo tempo que todos estão de cara para uma parede, em um lugar quente e enclausurado, sem contato físico com ninguém, basta olhar para frente, para o espelho, para perceber o quanto a intimidade e o contato está próximo, como se a pessoa ao lado estivesse mais longe de você até que o próprio reflexo dela te encara, em uma situação que desafia os conceitos de proxêmica⁹⁸. O espelho elimina a barreira

⁹⁷ Aqui, a atribuição de “pedaço” é feita segundo as considerações de Magnani (2005).

⁹⁸ A proxêmica é o estudo das relações humanas com o espaço físico e o contato com outro ser. O antropólogo Edward Twitchell Hall (1989) desenvolveu o estudo de como há dimensões espaciais mínimas a serem

física da parede que nos confina, e ao mesmo tempo nos encurrala, obrigando a vez ou outra, haver uma troca furtiva de olhares. Logo me lembro de Foucault (2001) e de como descreve o espelho como uma utopia e heterotopia ao mesmo tempo. O espelho permite a me ver ali, em um espaço irreal e virtual, do outro lado em uma dimensão que eu não estou, mas que me está sendo mostrada enquanto sou, respiro ofegante e me observo dentro da sauna. Um lugar utópico, mas também heterotópico, pois o espelho ainda existe, é real, e me mostra com clareza o espaço aonde estou, e todos os corpos que ali ocupam. Preciso fazer esse movimento de me olhar em uma dimensão virtual e utópica para me perceber ali, diante daqueles homens, tão próximo, em uma relação tão íntima, mas também tão distante.

Pessoas entram e saem da sauna, e quando os bancos ficam cheios, alguns homens ficam de pé, ao lado do espelho, mantendo um contato ainda mais forçado pelo espaço. O assunto às vezes cessa, parte do grupo sai, outros entram, conseguimos ouvir cochichos e quando conversamos, percebemos que outros se calam para observar a conversa. Por fim o calor já é muito e a dificuldade de respirar me faz querer sair. Tomar outra ducha e dar outra volta, agora que a casa já está mais cheia. Vamos até a sala de cinema subindo as escadas e lá já encontramos um outro ambiente.

Além do escuro que aguça o sentido tátil, o cuidado seria necessário pois entre aquelas paredes estreitas agora algumas pessoas se escoravam, criando uma outra argamassa, mais grossa, feita de corpos vivos e pulsantes. Ficamos lá por algum tempo e meu amigo decide fazer um passeio sozinho. Desço logo depois e resolvo esperar ali mesmo, ao lado onde o programa da tarde de sábado passava. Quando sento em uma das cadeiras de praia percebo que também ali o espelho estava estrategicamente posicionado. Ali teria uma visão completa de quem estaria a meu lado, além de conseguir visualizar o movimento de ida e vinda das cabines até a sauna. Tenho a impressão de ouvir alguns gemidos enquanto a televisão anuncia “Se ele conseguir acertar a bola vai ganhar quinhentos mil reais, é agora ou nunca.”.

Penso agora em como as paredes, naqueles lugares mais íntimos e menos sociais que o bar, são assim como o espelho, parte importante da interação daqueles homens. Escorados e imóveis, como se pudessem ficar invisíveis ou então fazer parte da própria parede, ser a parede sólida e neutra, que encerra e delimita ambientes. Se as paredes são os corpos, os espelhos são os olhos, que a tudo e todos observam. A disposição arquitetônica desses lugares então são a espacialização do sigilo, da discrição e do *voyeurismo*, em uma simbiose com os corpos que ali se manifestam.

Resolvo ir novamente à sauna, mesmo agora com o clima esfriando. Outro banho, as mesmas constatações. Percebo que muitos ficam nas duchas após até terminarem o banho, mais

consideradas no contato social, de acordo com a intimidade da relação ou função da comunicação com outros interlocutores

uma vez nos cantos, escorados nas paredes aguardando contatos. Entro na sauna que dessa vez está mais cheia. Alguém ocupa o lugar de três pessoas, sem intenção de se mover. E as pessoas respeitam aquele espaço, como se entre homens não existisse ali uma disputa de território. É um espaço extremamente masculinizado, onde os vestígios do feminino são facilmente evaporados pelo calor da sauna. Meu amigo chega me procurando e decidimos voltar ao bar, tomar mais uma cerveja.

Sentamos perto do bar, que agora já está mais cheio com grupo de amigos reunidos. Ainda vimos pessoas que vão e vem e às vezes ali ficam. Os *barmans* conversam com alguns e chamam muitas pessoas pelo nome em uma intimidade de quem se conhece há anos. Meu amigo decide dar mais uma volta enquanto termino a cerveja ali no bar mesmo. Enquanto prepara uma caipirinha, um *barman* também me pede desculpa pelo encontro anterior, com o médico, que por fim não havia parado de conversar. “Às vezes vem umas pessoas assim aqui, só querem atenção, bebem demais, usam alguma droga, mas no fundo só estão carentes.” Me mostra as bebidas no balcão, quatro tipos de bebida diferente. “Tudo isso aqui é dele, mas deu trabalho, teve que ir embora, tinha deixado as toalhas jogadas no chão, pedimos pra recolher e ele fez uma cena”. Pergunto se a frequência é muita de pessoas como ele lá. “Gente como ele assim são poucas, agora médicos tem uns cinco que frequentam aqui.” Tenta contar nos dedos nomeando cada um. Pergunto se o turno dele é do início ao fim, o que me confirma contando que no sábado é cansativo, das quatorze da tarde até as vinte e três da noite. “Você então já deve ter visto de tudo aqui”, digo. “De tudo e mais um pouco”.

Logo vira para o outro rapaz que trabalha com ele no bar e pergunta: “Seus amigos sabem que você trabalha em uma sauna gay?”. “Claro que sabem, eles me conhecem, conhecem minha família, é até engraçado.”. Pergunta também como fica com as namoradas, o que ele responde que se dá um jeito. “É engraçado, um dia um amigo meu falou para os pais deles que trabalho em uma sauna e o pai dele já sabia que era aqui. Nunca vi o pai dele por aqui, mas a gente estranha né? Saber assim com tanta propriedade.” Um outro rapaz do bar dá a ideia: “Você tem é que trazer seus amigos aqui”. “Tenho mesmo, seria no mínimo engraçado!”.

Nesse momento meu amigo volta e só então percebo que duas horas já se passaram, e que daqui mais algumas oito segundo as previsões, os termômetros chegariam a quatro graus. Duas horas que me pareceram uma tarde toda, mas ao mesmo tempo foram breves, como os encontros fortuitos no *dark room*. Resolvemos então seguir nosso caminho. Nos despedimos das pessoas do bar, enquanto mais pessoas chegavam e outras saiam. Na troca de roupa no vestiário, com mais pessoas entrando e outras saindo, entre elas um senhor que aparentava ter seus oitenta anos, percebo mais alguns olhares, agora já familiarizado. Voltamos ao corredor e me perco: Não sei por qual porta entramos e qual iremos sair. Na meia-luz do bar ou na escuridão do *dark room* consigo me guiar, já na claridade, vestindo mais roupas que apenas uma toalha, o espaço labiríntico me confunde.

Ao sair para a rua novamente, passando pela grade, me sinto novamente atravessando um portal entre dois mundos. Um de toalhas, vapor e olhares furtivos, outro de casas vigiadas por câmeras, postes de iluminação falhando e carros andando pela rua. Uma experiência pela qual tinha um pouco de conhecimento por já ter vivido como gay não assumido, no armário. Me sinto parte agora de dois mundos diferentes. Um de câmeras de vigilância, escolas infantis com murais da Turma da Mônica, e outro de toalhas, espelhos e bustos masculinos esculpidos nas paredes. Sinto que ali, agora a metros de distância, existe sim essa outra cidade, embora não ideal, invisível, acessada apenas por aqueles que sabem os códigos.

Essa cidade pode ser imaginada como um mundo subterrâneo, com seus espaços escuros e de clareiras, silenciosos e muito barulhentos. Nessa cidade as paredes têm olhos de espelhos, se comunicam através deles, e são enclausuradas, próximas umas das outras formando lugares labirintos onde pouca luz consegue entrar, ou então separadas, criando lugares para diferentes tipos de socialização. Uma heterotopia, um lugar-outro que contesta o espaço que vivemos fora dela. É uma heterocronia também, pois na medida que as pessoas entram e saem, do começo da tarde ao fim da noite quando a sauna fecha, a edificação se torna apenas mais uma casa no bairro. O calor da sauna, o banho, as cabines e as esculturas desnudas, todos aqueles elementos me remetiam mesmo a um tipo de cidade distópica⁹⁹, em um mundo que não existem mulheres. O poder ainda se encontra em todos os lugares, e se articula de forma certa. Os espaços do olhar, da paquera são encerrados, encurralados e que te forçam a manter contato visual e físico, enquanto os destinados à troca, às intimidades, são escuros, também confinados, para que mesmo ali naquela cidade sem mulheres, os corpos se misturassem e a confusão visual e tátil fizessem seu trabalho. Penso melhor e percebo que isso não é apenas uma distopia. A sauna é um lugar real, representação da cidade na ausência de mulheres e também de parte do poder hegemônico que condena alguns tipos de manifestação de masculinidade.

Nesse vai-e-vem de distopias e heterotopias, me lembro novamente do espelho que representa uma dimensão real e imaginária e penso como toda a sauna é um espelho grande. A partir do momento que entramos por aquelas grades, nos tornamos reflexos, passamos do mundo formal da dimensão daquela cidade para um mundo que refletia com maior clareza, mesmo com os espelhos embaçados de vapor, como era nossa sociedade. Quando entramos no carro, a primeira pessoa que vimos fora do *país dos espelhos*¹⁰⁰ é nossa motorista, uma mulher depois de tantos homens, que não estava ouvindo *house music* e nos oferece outra bala. Penso comigo se passava na cabeça dela em

⁹⁹ Distopia é o nome que se dá a representações que são a antítese da utopia, relações imaginárias que fogem do conceito do ideal e do libertário. Muitos clássicos literários são exemplos do que se pode considerar como literatura distópica, como *Admirável Mundo Novo* (1932) de Aldous Huxley, ou *1984* (1949) de George Orwell.

¹⁰⁰ O *país do espelho* é utilizado aqui como figura de linguagem para evocar o livro de mesmo nome, *Alice no país dos espelhos* (1871) de Lewis Carroll, uma ficção fantástica que dá continuação à viagem de Alice ao *País das Maravilhas* (1865).

que lugar estávamos, e como a vida na cidade é interessante por ter a potencialidade de abrir dimensões para outros espaços urbanos, invisíveis a alguns olhos menos atentos e *entendidos*. Alguns lugares frios, outros quentes e com cheiro de eucalipto.

Considerações Intermediárias

No meu entendimento, colocar sob o título de “Considerações Finais” o último texto desse trabalho daria abertura para demonstrar que a pesquisa acaba aqui, como se o estudo de apropriações por pessoas *queer* estivesse abordado por entre esses escritos em sua universalidade e no entanto, entendo esse trabalho como um pequeno passo (dado de salto alto) no meio de uma multidão, reunida em uma grande parada de pesquisadores que estudam as relações de espaço, gênero, sexualidade e sexo.

O espaço é uma dimensão intransponível, impossível de ser desconsiderada nas relações humanas, da mesma forma que as próprias sociabilidades humanas devem se fazer presentes nos estudos sobre espacialidades. Não existe arquitetura sem pessoas, e não existem pessoas sem o espaço. Essa multidão precisa se encontrar, dar as mãos, para que um trabalho maior, integrado, seja desenvolvido. Para que juntos todos mostrem para o restante da sociedade e comunidade científica como os corpos são múltiplos e particulares, e por isso não devem ser tratados da mesma forma no projeto de espaços.

A principal vontade que desejo registrar, logo de cara, é a necessidade da arquitetura e urbanismo e seus profissionais, professores, alunos, projetistas, urbanistas, paisagistas, gestores de projeto, reconhecerem a multiplicidade necessária a ser contemplada em projeto e discurso de cidade. É preciso perceber que dentro da cidade há outra infinidade de cidades. Invisíveis, escondidas, escancaradas. Cidades essas que se conflitam o tempo todo, se contradizem e relatam a necessidade de ser entendidas por muitas perspectivas amplas, de naturezas diferentes. Essas cidades podem ser percebidas, entendidas e praticadas quando percebemos a forma como o espaço urbano é construído e também, como o mesmo é subvertido, nesse recorte por meio de uma corporificação *queer*.

Comecei o trabalho caracterizando a sociedade ocidental contemporânea, e em específico, como a dimensão política altera a lógica que o espaço é construído. Para a manutenção de seu poder, as classes sociais favorecidas se apropriam do planejamento das cidades, definindo desde sua setorização espacial e vetor de crescimento até fatores mais subliminares e difíceis de serem percebidos como a forma que o arquiteto transfere para o construído os controles de gênero e sexualidade. O resultado disso é percebido em como a cidade formal, em especial as de grande e médio porte, são articuladas.

Dentro dessa lógica, as disciplinas de arquitetura e urbanismo devem ser percebidas como grandes aportes que auxiliam a produção de segregação e manutenção da ideologia dominante a se consolidarem. São ciências predominantemente masculinas, do seu ensino, execução até o discurso, reproduzindo a cidade de forma desigual e segregada de acordo com a necessidade de sua elite.

Essa excelência no domínio de corpos e do espaço é facilitada pois há certo consenso de que a produção de arquitetura e urbanismo é feita de forma neutra, absolvida de discursos e intenções, feita para um denominador comum. No entanto, fazendo um percurso de uma dimensão macro para o micro, da forma como as cidades se desenvolveram e foram estruturadas até como se dá a disposição de divisórias em banheiros públicos e coletivos, é possível perceber que esse denominador comum é na maioria das vezes, o “homem racional”, do homem vitruviano ao Modulor de Le Corbusier, que serve de medida universal para os espaços. A escolha da figura do homem como imagem de como a cidade deve ser construída e metrificada não é então, apenas representativa e sugere também que qualquer manifestação espacializada que se difere ao que a norma propõe e projeta, da cidade à divisória dos banheiros é negada.

O produto espacial fabricado para o “homem racional” como denominador comum atesta como a representação do poder em nossa sociedade não é etérea, fluida e abstrata. É possível perceber através de articulações políticas que a cidade é comandada por figuras masculinas, homens heterossexuais, brancos, cisgêneros, de alto poder econômico, espaços projetados e encomendados por homens de poder para outros homens de poder. A construção formal do urbano é refletida pela história de dominação dos povos e por estruturas como a misoginia, o machismo e o patriarcalismo. É preciso se atentar e aprofundar então em como a desigualdade social espacializada faz parte de um mecanismo de poder que procura garantir a supremacia de alguns corpos específicos na cidade, e que esta é moldada para atender as necessidades da elite.

Uberlândia é um grande exemplo de como corpos com esses atributos dominam o espaço. Seu histórico de políticos que investiram no fomento do mercado e da especulação imobiliária, além da demarcação espacial de destaque seja pela atribuição de nomes de homens de poder suas vias e praças ou pela edificação de grandes construções que impõem o domínio de seus donos em lugares estratégicos da cidade. A influência de políticos como Tubal Vilela ou Virgílio Galassi reverberam na cidade através da atribuição toponímicas em importantes espacialidades como a Praça Tubal Vilela e o Centro Administrativo Virgílio Galassi.

Da forma como o poder se manifesta, pessoas que fogem à norma imposta em um amplo espectro de dissidências em gênero, sexualidade, raça e etnia, poder de consumo, mobilidade dentre outros fatores são invisibilizadas no que é considerado como cidade formal. Mulheres, negros, pessoas com necessidades especiais, travestis, lésbicas, bissexuais, homens trans, corpos *queer* no geral, além de muitas outras identidades não se reconhecem nesse espaço formal e recorrem de mecanismos de subversão para a sua afirmação na dimensão pública urbana. Dos bordeis aos *dark rooms*, a assepsia e frigidez atribuídas à dimensão pública são subvertidas e refutadas por aqueles corpos que clamam suas necessidades, vontades e prazeres no espaço urbano.

A centralidade da Praça do Rosário mantém essa carga histórica de ocupação marginal desde o assentamento do povoado de Uberabinha. Seus primeiros habitantes, a comunidade negra e pobre da cidade que foi despejada para a periferia como forma de não atrapalhar a vida social das elites ali firmaram uma fundação de bases fortes, da cultura congadeira, que resiste até os dias de hoje na cidade. A instalação de bordeis nas décadas de 1940 e 1950 também atestam como o que se tornou uma zona de boemia podia ser considerado uma “válvula de escape” para mulheres que não se encaixavam ou eram expulsa da vida familiar patriarcal, e para homens que tinham a mobilidade de transitar entre esses espaços de moral cristã à libidinagem.

Heterotopias do prazer, ocupadas em temporalidades específicas e ao mesmo tempo esvaziadas quando chegava o dia. Essa *mancha de lazer* que se constituiu deve ser lida também como uma representação clara de como o homem no poder conseguia transitar por espaços formais e marginalizados sem a necessidade de barganhas. Enquanto o centro era dividido entre os caminhos das “filhas de Eva” e os outros, das “mães de família”, os homens conseguiam ter acesso total ao espaço, demarcando ainda mais como as estruturas de poder e gênero há muito tempo se manifestam espacialmente.

O espaço deve servir então à necessidade e vontade dos corpos daqueles que os comandam. Se são esses masculinos, heterossexuais, cisgêneros, assim também o espaço será. A divisão entre o que deve ser sagrado e casto ou profano e safo se aplica a aqueles que não detém o poder, como mulheres ou negros. Não há para o homem que representa o poder, barreiras ou *pedaços* que não possam ser apropriados por ele. E assim acontece muitas vezes, até em situações como o desmantelamento da zona boemia no fim da década de 1950 para a promoção de novos empreendimentos imobiliários naquele lugar que já não era periferia. As próprias estratégias higienistas de “limpar” o espaço considera também que alguns tipos de corpos “sujam” a cidade, tendo então que ser expurgados daquelas regiões.

Se tratando da ocupação *queer* no Brasil, é de clara percepção como o poder reflete as ideologias do dominador quando acontece um câmbio de costumes dos colonizadores para os indígenas. As evangelizações católicas e a Santa Inquisição são exemplos de como o espaço e o costume são definidos pelo poder que o regem. Tribos que mantinham relações diferentes do padrão ocidental de sexualidade e gênero foram taxadas como anormais, selvagens e impuras, além de serem dizimadas do território brasileiro. O espaço de sociabilidades *queer* do Brasil colônia até a proclamação da República então é o da punição, do degredo e também da eliminação.

Embora após a dissociação de Estado e Igreja a formação republicana tenha abandonado algumas questões de controle na performatividades de gêneros e sexualidades, as formas de controle da sociedade foram atualizadas, agora com o auxílio de mecanismos como o poder disciplinar e o biopoder descritos por Foucault. Instituições que controlam e regulam o corpo e o

comportamento humano, com a permissão das ciências e da medicina, que substituíram a figura de Deus. O manicômio, o hospital, as escolas e em um paralelo maior, toda a cidade, funcionam de modo a padronizar as individualidades e minimizar as diferenças de acordo com o que a ideologia dominante acha adequado para a sociedade. A prisão passa também a ser outro local de autoridade para os corpos dissidentes, subjugando-os por “atentar à boa moral”.

As formas de controle e apreensão dos corpos são tentativas de eliminar a resistência e ocupação que aconteciam (e ainda perduram) para a realização plena de sociabilidades dissidentes. Em uma dessas tentativas de controle da sexualidade e do gênero nas cidades, em 1969 na cidade de Nova York, onde corpos *queer* tomavam seus espaços reunindo em bares e demais espacialidades específicas, uma batida policial resultou no movimento que ficou conhecido por revolucionar e legitimar a ocupação *queer* da cidade. A rebelião de Stonewall representa 50 anos de luta, destacando a importância de se fazer resistência ativa nos espaços, contestando as autoridades e posteriormente, marchando em direção a uma cidade que considere os direitos de populações diversas.

É necessário entender pelo legado de Stonewall que as mudanças estruturais da sociedade são ainda realizadas ativamente no espaço público, assim como em outras cidades como Uberlândia e suas próprias Paradas do Orgulho. A cidade deve ser vista como local de todos e de cada um, apropriada para necessidades diversas que variam de corpo a corpo. Precisamos escutar as histórias que a cidade conta. Nesse primeiro capítulo estudo os processos históricos que mapeiem as dinâmicas presentes em escalas que variam de todo território brasileiro até a centralidade da Praça do Rosário em Uberlândia além de suas recusas e resistências. É importante entender o passado dos espaços e dos corpos que os ocuparam para analisar o presente e propor para o futuro. Foi através da contextualização histórica que pude perceber padrões em como o poder lida com as dissidências enquanto ao mesmo tempo constrói espaços por uma ideologia da dominação, excluindo aqueles que não contemplem sua lógica. Também se fez presente pelo levantamento histórico, a contraposição de corpos que resistiram à essa forma de fazer cidade, criando espaços invisíveis, ocultos e de resistência para a própria sobrevivência.

Percebendo o que está sendo construído e o que existe de dinâmica em tempo presente, o segundo capítulo se dedica a analisar de que forma as normas do espaço concebido são subvertidas pelas ações de sujeitos dissidentes da hetero-cis-normatividade no recorte espacial escolhido, a centralidade da Praça do Rosário. Aqui então abriu-se um leque à minha frente com muitas possibilidades de estudo, *pedaços, manchas, circuitos, trajetos*, heterotopias do prazer, lugares de consumo e intermédios de espaços.

Primeiro há aqueles invisíveis ou ocultos, os armários fechados, apropriações descendentes daquelas anteriores a Stonewall, fugazes, anônimas e discretas. Encontros furtivos em banheiros

públicos, flanâncias pelas saunas e *dark rooms*. Depois há aqueles espaços assumidos, dos clubes, que mostram sua identidade própria da fachada até a ocupação das ruas. Também as apropriações temporárias e de militância das paradas de Orgulho anuais e a diversidade que elas agregam e, finalizando, os espaços digitais que funcionam tanto como intermediários aos físicos quanto expansões do armário, onde pessoas não assumidas conseguem interagir com segurança.

São espacialidades variadas, que atendem a públicos razoavelmente diferentes entre si, e que possuem dinâmicas extremamente específicas. No entanto, em um prospecto geral que faz um paralelo entre todas as espacialidades, há também muitas semelhanças necessárias de ser ponderadas, para que entendamos os caminhos que as subversões e apropriações espaciais por pessoas *queer* tem tomado.

O espaço subvertido é minado de identidades múltiplas que ora se unem, ora se repelem, como no caso das paradas. Essas identidades buscam representações dentro do sistema de poder que as contemplem de melhor forma, enquanto as próprias espacialidades e suas gestões, procuram se relacionar a identidades específicas para permanecerem ativas. Isso é de fácil percepção quando colocamos em paralelo estabelecimentos como o clube e a sauna. Enquanto o clube mantém um apelo comercial forte e é frequentado principalmente por homens gays jovens, as saunas são espaços desviatórios, com a presença muito maior de homens gays mais velhos.

De um lado podemos perceber com clareza o que Foucault classificou como o “triumfo do capitalismo”, pois uma espacialidade que mantinha seu histórico de ocupação marginal, sujeito a abordagens policiais a qualquer momento, atualmente fazem parte da cidade de forma integrada, apropriado ao espaço. Embora a visibilidade espacial seja mérito conquistado e forma de resistência visível do que resiste às normas impostas, pode também ser enxergada como uma própria apropriação da sociedade de consumo. As boates e clubes de hoje em dia se tornaram “nichos de mercado”, e identidades homossexuais se tornaram públicos-alvo do capitalismo. A própria sobreposição da imagem e publicidade sobre a arquitetura relaciona a isso, em sua própria interpretação dos galpões decorados de Venturi, Scott-Brown e Izenour. Os clubes são lugares onde a exposição sexual é limitada, enquanto nas saunas e *dark rooms* a performance sexual é encorajada.

Do outro lado então, em lugares como as saunas e *dark rooms*, o público é diferente e a divulgação não se faz tão presente como nos clubes. Homens gays, bissexuais e até que se consideram heterossexuais se utilizam desses espaços como um lugar de performance da sexualidade hermético, protegido pelas relações de anonimidade. A linha entre sociabilidades de afeto e sexo é tênue e mesmo acontecendo em espaços setorizados, se confundem em relações que desafiam a esfera do íntimo, do público e do coletivo.

Nas paradas, momentos anuais da celebração das dissidências, a tomada dos espaços da rua legitima a atuação política daqueles corpos. É pela ocupação espacial que o restante da cidade consegue capturar um feixe de luz do holofote que brilha iluminando todas apropriações espaciais feitas por pessoas *queer*. Diferentes subculturas e identidades reunidas pela festa e pelo clamor de direitos e visibilidade, mesmo que a mistura desses grupos não seja efetiva na maioria das vezes. Esse fato comprova como a delimitação de uma “comunidade” que seja *queer* ou LGBT se caracteriza como quase impossível, pois no mundo contemporâneo onde as identidades não são estanques e podem ser tomadas, mais de uma, por diferentes grupos, existem demandas e necessidades diferentes entre cada um. Um grupo de travestis por exemplo, não tem as mesmas necessidades de outro grupo de lésbicas, por exemplo.

As heterotopias do prazer que se convertem temporariamente espaços como os banheiros públicos e parques se relacionam muito ao espaço das saunas, embora não tenham dificuldades de acesso determinado pelo consumo. São espacialidades territorializadas e desterritorializadas em poucos espaços de tempo, apropriadas por indivíduos que conhecem seus códigos, seus modos de operar. Em lugares de alto fluxo, entre homens de diferentes classes sociais e planos de fundo. Sujeitos à vigilância, ao controle político e policial baseado na conduta moral, ocupações transviadas que correm risco a todo tempo.

Por último, o contato pelas espacialidades digitais. São elas também recortadas por identidades múltiplas, que se simulam ou negam. Locais de contato prévio, mas também de extrema liberação para indivíduos que não conseguem se manifestar no espaço físico das cidades. Espaços anônimos, discretos e sigilosos, ligados extremamente a sociabilidades sexuais, assim como nas saunas. Todos os tipos de ocupações aqui abordados e analisados na centralidade da Praça do Rosário são de naturezas muito diferentes, mas de toda forma carregam consigo particularidades capazes de serem percebidas em todos lugares.

No começo de minha pesquisa, ao estudar sobre as apropriações espaciais *queer* que se localizavam primeiramente ao meu redor e tinham importância para minha rede de sociabilidade e construção de identidade, relatei com certa ingenuidade e idealização espaços que faziam parte do meu convívio. Porém, ao longo desses dois anos de estudo, uma preocupação com o resultado final começou a se agravar, pois comecei a perceber uma característica que colocava em prova a minha identidade como pesquisador e validade do objeto estudado. Notei que os espaços que descrevia não se diferenciavam muito daqueles outros que criticava. Os clubes por quais iniciei minha construção de sexualidade e gênero, apesar de manter uma base forte de resistência à lógica que a cidade era construída, também se relacionavam muito ao consumo e um tipo específico de ator social como público. Foi necessário então me deslocar de posições confortáveis e entender como eram outros espaços experienciados por corpos *queer* que eram diferentes dos meus.

Comecei então a estudar e experienciar espaços que não faziam parte do meu convívio, e tentar prestar mais atenção no outro e na forma que ele se apropria de seu entorno. Percebi que saunas, aplicativos de relacionamento, banheiros públicos mantêm diferenças muito grandes do que os clubes oferecem, em uma lógica muito mais emergente e desviante, pois não estão baseadas no consumo. Ficou evidenciado para mim então como parte de ocupações *queer* foram apropriadas pelo próprio poder e capital, criando relações “normalizadoras” em relação ao que a sociedade heterocentrada vive. As identidades localizadas nos clubes não eram as mesmas verificadas nas saunas e ambas tinham sobreposições nas redes sociais e aplicativos. Até nas paradas senti diferença, entre a minha primeira e segunda. Comecei a perceber também que, apesar da diversidade, os corpos que estavam lá não eram vistos na cidade que eu frequentava, nos clubes que ia, nos espaços que andava.

Eu próprio, me constituindo como um corpo *queer*, me senti estranho àquelas espacialidades, deslocado. O espaço sexualizado, de corpos velhos, diferentes do meu, também gordos, pobres e de diversidades que não encontrava nos clubes, me fez entender que mesmo questionando a lógica hegemônica que divide em oposições binárias os indivíduos *queer* e heteros-cisnormativos, minha própria identidade partia de julgamentos que a mim foram impostos pelo poder e as elites.

O fato de não frequentar espaços de sexo, de exposição e sigilo e considera-los difíceis ou perigosos eram consequências de preconceitos internalizados por minhas vivências dentro da zona de conforto. Experimentar e entender que os espaços são múltiplos como os corpos e suas vontades e prazeres foi de extrema importância para verificar como o poder age no espaço e em nossos corpos, nos levando a acreditar e criar predisposições e estereótipos que julgam e patologizam o outro.

No entanto, caminhando por esses espaços, pelos livros ou dentro da sauna, reconheci também que mesmo naqueles em que o consumo não se configurava como sociabilidade principal, também havia o poder penetrado e ancorado em suas estruturas. Mesmo me deslocando de meus *pedaços*, percebi que haviam nos *pedaços* alheios, indícios que ali também havia a latência de um domínio que é submetido à nossa sociedade. Ao descrever minhas experiências e revisões bibliográficas, percebi a ausência de muitos outros corpos nesses espaços que percorri. O feminino, o lésbico, o transexual. A percepção de experiências *queer* realizada por mulheres nesses espaços registrados é quase nula e como afirma Cortés, pode dar indícios de como as sociabilidades lésbicas (e femininas como um todo) não se espacializam como as gays. Nas saunas e *dark rooms* não existe presença feminina, como se fossem lugares representativos e exclusivos das performances de masculinidade e do “ser” homem. Nas redes sociais e aplicativos isso se torna mais evidente, pois além da presença feminina ser (quase) nula, a masculinidade e, principalmente, a heteros-

cisnormatividade é encorajada, pelos apelos de corpos “machos”, “no sigilo”, que não sejam “afeminados”.

Em uma análise mais aprofundada, consigo me lembrar da relação da rua e prostituição mantida por transexuais e travestis, além de relatos de amigas sobre espaços lésbicos (ou a falta deles) em Uberlândia. Cortés também explica como o espaço é vivenciado de forma oposta por homens gays e mulheres no geral em relação a luminosidade e temporalidade noturna, o que faz com que as experiências na cidade para homens e mulheres sejam de extrema diferença¹⁰¹, o que se valida na ausência de registros espaciais de mulheres na cidade focados em sociabilidades de afeto e sexo.

Todavia, também entendo essas limitações como uma falha em meu deslocamento como pesquisador e corpo *queer*, seja pela condicionante temporal ou pela complexidade de averiguar tais situações. O fato é que eu, como homem, me percebi estudando espaços específicos de homens, e por meio de considerações feitas por outros pesquisadores (também homens), legitimei a improbabilidade de corpos femininos e de mulheres subverterem o espaço, fato que pra mim comprova em todos aspectos a subjugação do machismo, misoginia e patriarcalismo internalizados até mesmo em corpos *queer* como o meu e principalmente, como essas estruturas são espacializadas. Essas reflexões também me trouxeram conflitos em relação a meu lugar (de fala) sobre espaços que não enxergo. Qual é a minha posição, como homem *queer* no estudo e visibilidade de espacialidades apropriadas e subvertidas por mulheres e corpos femininos? Apontar a ausência desses registros é suficiente em meu papel de agente crítico de transformação espacial? Por questões como essas se faz necessário a inclusão de corpos *queer* variados explorando, estudando e apropriados as espacialidades da cidade. Corpos que relatem as suas próprias experiências na cidade, e que tentem compreender com mais propriedade o lugar e apropriação do outro. A necessidade de pesquisas vem da emergência de produzir espacialidades que sejam diversas e contemplem atores sociais de diferentes planos de fundo.

Considero também que em relação às visibilidades necessárias para o entendimento de sociabilidades *queer* na cidade não dizem respeito apenas a divulgar e fazer conhecidos todos os tipos de experiências espaciais de corpos *queer* na cidade, mas também clamam àqueles territórios de sigilo e anonimato, que necessitam de proteção e respeito para continuarem a existir. O estudo de espacialidades subvertidas pela corporificação *queer* não deve ter como objetivo a criação de uma “cidade *queer*” estanque, onde todas pessoas possam realizar suas sociabilidades de forma mais

¹⁰¹ Para mais detalhes, ver: MERLI, Giovanna Augusto. Lugar de mulher é na cidade: desenho urbano para inclusão de gênero na cidade de Uberlândia. 2018. 167 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.1440>

ampla e visível, mas sim a compreensão mínima da complexidade e contradições desses espaços para entender qual a melhor forma de manutenção dos mesmos, sem que sejam apropriados pela hegemonia e pela cultura de consumo.

Outra mudança de direção que a pesquisa sofreu ao longo do tempo se deu na estrutura e metodologia aqui utilizadas. No princípio havia sido decidido pela utilização de uma abordagem etnográfica que pretendia analisar as sociabilidades outras de forma imparcial e objetiva. A escrita estritamente em terceira pessoa (que ainda pode ser verificada em partes mais técnicas e de revisão bibliográfica do texto) e a utilização da “observação invisível” na elaboração dos relatos etnográficos do terceiro capítulo seriam recursos utilizados para que os resultados não fossem contaminados pela experiência do autor.

No entanto, ao me aprofundar no estudo das estruturas de poder que subjugam os corpos dissidentes e o restante da sociedade, percebi que tomando esse partido entraria no risco de estar reproduzindo impressões semelhantes ao discurso atribuído à própria arquitetura e urbanismo, de neutralidade e tecnicismo. Correria o risco de registrar minhas impressões de forma parcial ocultadas pela falácia do “pesquisador neutro”. O deslocamento de meus lugares e zonas de conforto e o estudo de espacialidades dissidentes que não fazem parte da minha rede de sociabilidades foi de extrema importância para me despir da “fantasia” de neutralidade, pois percebendo que há muitas estruturas de poder internalizadas em nossas perspectivas, consegui compreender que estaria indo contra os próprios mecanismos que critico em meu trabalho, reproduzindo-os sem ter essa a intenção. Decido então trilhar por um caminho da experiência absorvida, em abordagens metodológicas semelhantes à de estudos etnográficos aqui utilizados como referência, como o livro *Entre Vapores e Dublagens* de Fernando Pochay (2017) ou no trabalho *Entre amores e vapores* de Élcio Santos e Pedro Pereira (2016).

Caminho sempre entre essas “duas dimensões” do espelho, ora evidenciando fatos com uma prosa mais científica e ausente de narrador, ora marcando minha presença no texto. Principalmente no terceiro capítulo, me utilizo de recursos narrativos diversos para melhor representar meus fluxos de pensamento enquanto exploro as espacialidades descritas. Figuras de linguagem e elementos fantásticos são inseridos para que as questões abordadas nos capítulos anteriores fossem observadas de forma mais explícita. Existe uma grande simbiose entre as revisões bibliográficas, análises com o que é experienciado, demonstrando como questões observadas em outras apropriações espaciais *queer* são também observadas na centralidade da Praça do Rosário.

A exploração das espacialidades constituídas pelas experiências de grupos queer em Uberlândia se fez importante também para que, além de legitimar a forma de ocupação espacial de atores sociais dissidentes à norma, que o espaço urbano e central da cidade fosse sentido por perspectivas menos racionalistas ou técnicas como poderiam ter sido experienciado caso o trabalho

apresentasse apenas dados e resultados. Uma grande dificuldade da arquitetura e do urbanismo, assim como de seus profissionais, é a de representar a vitalidade e presença de corpos em seus espaços. Por mais que a cidade seja feita de massas de concreto e aço, cacos de vidro, fiações, árvores, edifícios públicos, históricos, abandonados, subutilizados, apropriados e subvertidos, é a junção coletiva de corpos em movimento, de emoções, prazeres, vontades, expectativas, medos, opressões, libertações, que definem realmente a potência do que é **arquitetura e urbanismo**.

Referências Bibliográficas

ANGROSINO, Michael V. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Bookman: Artmed, 2009. 138 p. (Coleção pesquisa qualitativa). Inclui bibliografia, índice e glossário. ISBN 9788536320533 (broch.).

BARROS, Heleno Felice de. **Privação de sentidos: álibis no judiciário - São Pedro de Uberabinha (1891-1930)**. 2004. 150 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História.

BATISTA, Guilherme; CARNEIRO, Márlon. **Entrevista concedida ao autor**, 16 de maio de 2018. (A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice deste trabalho).

BAUMAN, Zygmunt; VECCHI, Benedetto. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. 729 p., il. Bibliografia: p. 727-728.

BRASIL. Instituto de Geografia e Estatística. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência do Censo Demográfico 2010**. Acesso em: 21 jul. 2019. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=sobre>

_____. Instituto de Geografia e Estatística. **História & Fotos de Uberlândia**. Acesso em: 21 jul. 2019. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uberlandia/historico>

_____. Instituto de Geografia e Estatística. **População estimada do município de Uberlândia em 2018**. Acesso em: 21 jul. 2019. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uberlandia/panorama>

BRASILEIRO, Jeremias. **O ressoar dos tambores do Congado: entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955 2011)**. 2012. 194 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

CABRAL, Julia. **Mulheres fazem abaixo-assinado para alterar nome de praça em Uberlândia (MG)**. Matéria publicada no jornal eletrônico Brasil de Fato. 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/03/13/mulheres-fazem-abaixo-assinado-para-alterar-nome-de-praca-em-uberlandia-mg/>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

CARDOSO, Ivan. **Hélio Oiticica, entrevista a Ivan Cardoso**. Folha de São Paulo, São Paulo, 16 nov.1985.

CARVALHO, Flávio de. **A moda e o novo homem: Dialética da Moda**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010. 304 p.

CASTELLS, Manuel. **The city and the Grassroots**. Los Angeles: University of California Press, 1983.

CATALÁ, Josep M. Enquanto a cidade dorme. In: COSTA, Carlos; BUITONI, Dulcilia Schroeder (Org.). **A cidade e a imagem**. Jundiaí: In House, 2013. p. 51-110.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 125 p., il. (Primeiros passos, 13).

CLUB. **Cambridge Dictionary**, setembro de 2018. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/club>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

CORTÉS, José Miguel G. Políticas do espaço: arquitetura, gênero e controle social. São Paulo: Ed. SENAC, 2008. 215 p., il., 23 cm. Inclui bibliografia. ISBN 9788573597639 (broch.).

CRUISING PAVILION. Disponível em: <<http://www.cruisingpavilion.com/>>. Acesso em agosto de 2018.

DAVI, Edmar Henrique Dairell. **Homofobia: intolerância, medo e ódio em Uberlândia - 1988/2001**. 2004. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 237 p. ISBN 8585910178.

É PRECISO uma batida em regra na “rua Sem Sol”. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, n.4.693, p.66, 19 fev. 1957.

FELLET, João. **Minha Casa, Minha Vida piorou cidades e alimentou especulação imobiliária, diz ex-secretária do governo Lula**. 2018. Matéria publicada pela BBC Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44205520>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

FONTES, Adriana Sansão. **Intervenções Temporárias Marcas Permanentes: A amabilidade nos espaços coletivos das nossas cidades**. 2011. 256 f. Tese Doutorado) - Curso de Doutorado em Urbanismo, UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

FOSTER, Hal. Construção de Imagens. In: **O Complexo Arte-Arquitetura**. São Paulo: Ubu, 2017. p. 19-39.

FOUCAULT, Michel. **Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e política da identidade**. (Entrevista originalmente publicada como "Michel Foucault, une interview: Sexe, pouvoir et la politique de la identité"). The advocate, n° 400, 7 de agosto de 1984, pp. 26-30 ("Michel Foucault, an interview: Sex, power and the politics of identity"; entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, 22 de junho de 1982; F. Durant-Bogaert, trad.

_____. **Outros espaços**. In: Ditos e Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 411-422.

_____. **História da sexualidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007. 3 v. (Biblioteca de filosofia e história das ciências, 15). Inclui índice. ISBN 9788570380753 (broch. : v.2).

_____. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. De espaços outros. **Estudos Avançados**, [s.l.], v. 27, n. 79, p.113-122, 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142013000300008>.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 302 p., il. ISBN 9788532605085 (broch.).

FRANK, Gustavo. **O que é poc? Conheça a gíria usada pela comunidade LGBT na internet e vida**. 2019. Matéria retirada do portal Universa - UOL.. Disponível em:

<<https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2019/06/08/o-que-e-poc-conheca-a-giria-usada-pela-comunidade-lgbt-na-internet-e-vida.htm>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

FREITAS, Bruno. **CIDADE, GÊNERO E SEXUALIDADE: Territorialidades LGBT em Uberlândia, MG.** 2016. 192 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Geografia, UFU: Uberlândia, 2016.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. Mesmo no carnaval baiano, cada macaco no seu galho. **Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, p. 3-3. maio/junho 1978.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: Ed. da UNESP, 2000. 541 p., il. Inclui bibliografia e índice. ISBN 8571393176 (broch.).

GRINDR. **Sobre | Grindr.** Disponível em: <<https://www.grindr.com/br/about/>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

GUIMARÃES, Carlos; MOTA, Núbia. Gaiola de Ouro. **Almanaque Uberlândia de Ontem e Sempre,** Uberlândia, Ano 8, n. 15, p.46, jul. 2018.

HALL, Edward Twitchell. **A dimensão oculta.** 3. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1989. 180 p., il. (Ciências sociais). Bibliografia: p. 173-180.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HALPERIN, David. Michel Foucault, Jean Le Bitoux and the gay science lost and found: an introduction. **Critical Inquiry,** v. 37, n.3, p. 371-380, 2011. <https://doi.org/10.1086/659349>.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 1993.

HOMOSSEXUAIS tem novo “espaço livre”. **Correio de Uberlândia.** Uberlândia, jul. 1991

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

JACQUES, Paola Berenstein. Notas sobre Cidade e Cultura. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas; ROCHA, Renata (Org.). **Políticas Culturais para as Cidades**. Salvador: Edufba, 2010. p. 161-166.

_____. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012. 331 p. Inclui bibliografia. ISBN 9788523208707 (broch.). <https://doi.org/10.7476/9788523208707>.

JACQUES, Paola Brenstein ; VAZ, Lilian Fessler. Territórios Culturais na Cidade de Rio de Janeiro. In: JEUDY, Henry-Pierre. JACQUES, Paola Berestein (org.). **Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais**. Salvador: EDUFBA; PPG – AU/FAUFBA, 2006.

JACQUES, Andrés. Grindr Archiurbanism. **Log: Observations on architecture and the contemporary city**, Nova Iorque, n. 41, p.74-84, out. 2017.

KAPPEL, Lucas Borges. **O processo de mudança de marca: o rebranding da Algar Telecom**. 2014. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

KOOLHAAS, Rem. Definitive Instability: The Downtown Athletic Club. In: **Delirious New York: A Retroactive Manifesto for Manhattan**. Nova York: The Monacelli Press, 1994. p. 152-159.

_____. **Elements of Architecture: Toilet**. Veneza: La Biennale di Venezia, 2014.

LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura**. Trad. Ubirajara Rebouças. São Paulo: Perspectiva, 1973.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008. 143 p. Tradução de Rubens Eduardo Frias.

LOOZ, Pierre Alexandre de. **Dark Rooms: sex rigorously drafted into architectural service**. 2009. Matéria da revista bienal de entretenimento arquitetônico PIN-UP. Tradução do autor. Disponível em: <<http://pinupmagazine.org/articles/dark-rooms>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

MACEDO, Amanda Pereira et al. **Caso Ismene Mendes: O legado classista, machista e fascista da ditadura civil-militar.** Uberlândia: Edufu, 2016. Relatório 1 da Comissão da Verdade do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

MACRAE, E. Em Defesa do Gueto. In; **Novos Estudos CEBRAP.** Vol. 2, nº 1, abril de 1983. pp. 53-60. (Palavras-chave: Homossexualidade; Identidade Homossexual; Militância Política; Movimentos Sociais)

_____. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: COLLING, Leandro (Org.). **Stonewall 40+ o que no Brasil?** Salvador: Edufba, 2011. p. 21-35.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**, [s.l.], v. 17, n. 2, p.173-205, nov. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-20702005000200008>.

_____. **Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole.** In: Na metrópole: textos de antropologia urbana [S.l: s.n.], 2008.

_____. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, [s.l.], v. 15, n. 32, p.129-156, dez. 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832009000200006>.

MAIA, Helder Thiago Cordeiro. **Acorda Alice, Aluga um Filme Pornô – Uma leitura dos banheiros masculinos da UFBA.** Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 30 – 36, 2012. <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.3.i1.030036>.

MATOS, Thiago C. **A dinâmica espacial gay na região da Avenida Paulista: o caso da Rua Frei Caneca.** 2015. 85 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MÉSZÁROS, I. A Teoria da Alienação em Marx. São Paulo: Boitempo, 2006.

MISKOLCI, Richard. 2009. "**O armário ampliado** - notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet". Gênero, vol. 9, n. 2. Niterói: IEG, p. 171-190.

_____. 2015. Discreto e fora do meio: Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos Pagu**, [s.l.], n. 44, p.61-90, jun. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4449201500440061>.

MONTANER, Josep Maria. **As formas do século XX**. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2002. 263p., il. Inclui bibliografia e índice. ISBN 8425218977 (broch.).

MORALES, Suelen. **Após 3 anos da tragédia em Santa Maria, casas noturnas se preocupam com as normas de segurança**. 2016. Matéria publicada no portal “A Crítica”. Disponível em: <<http://www.acritica.net/editorias/geral/apos-3-anos-da-tragedia-na-boate-kiss-casas-noturnas-se-preocupam/160907/>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

MOREIRA, Carlos Cezar. **A discriminação racial do negro em Uberlândia**. 1990. 85 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1990.

MOREIRA, Jorgeanny F. R. **Do movimento social à festa: As microterritorialidades festivas e efêmeras da parada LGBT em Goiânia Goiás**. 2015. 313 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos Sociais e Ambientais, UFG: Goiânia, 2016.

MOURA, Gersa Gonçalves. **Condomínios horizontais/loteamentos fechados e a vizinhança (in)desejada: um estudo em Uberlândia/MG**. 2008. 270 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

NEUFERT, Ernst. **Arte de projetar em arquitetura**. 18. ed. rev. e ampl São Paulo: Ed. Gustavo Gili, 2013. 567 p., il. Possui bibliografia e índice. ISBN 9788565985086 (enc.).

OLIVEIRA, Júlio César de. **Ontem ao luar: o cotidiano boêmio da cidade de Uberlândia (MG) nas décadas de 1940 a 1960**. Uberlândia: EDUFU, 2012. 175 p., il. Inclui bibliografia. ISBN 9788570782939 (broch.).

OLIVEIRA, Kaita Queiroz de. **Cultura e cidade: a Praça Tubal Vilela na memória e vivência de moradores (Uberlândia: 1940-2002)**. 2002. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

PACHECO, Rafael Araújo. **A influência das elites e das políticas públicas na configuração do espaço urbano: uma crítica a partir do setor leste de Uberlândia (MG)**.

2015. 149 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. **Pulsão invocante e constituição de sociabilidades clementes**: notas sobre karaokê numa sauna em Fortaleza. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 33., 2009, Caxambu. Anais... São Paulo: ANPOCS, 2009.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe**, [s.l.], n. 2, p.1-11, 8 out. 2014. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/pontourbe.1890>

PINHONI, Marina. **Parada LGBT reuniu 3 milhões na Paulista, segundo organização**; veja o que deu certo e o que deu errado. 2019. Matéria publicada no portal de notícias G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/06/24/parada-lgbt-reuniu-3-milhoes-na-paulista-segundo-organizacao-veja-o-que-deu-certo-e-o-que-deu-errado.ghtml>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

POCAHY, Fernando Altair. **Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento**. Salvador: Devires, 2017. 194 p.

PRECIADO, Paul B. **Basura y Género**, Mear/Cagar. Masculino/Femenino. Bilbao: Amasté, 2002.

SAFFIRE, William. **ON LANGUAGE; People of Color**. 1988. Matéria publicada no Jornal New York Times em 20 de nov. de 1988. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1988/11/20/magazine/on-language-people-of-color.html>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

SANTOS, Élcio Nogueira; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Amores e vapores: sauna, raça e prostituição viril em São Paulo. **Revista Estudos Feministas**, [s.l.], v. 24, n. 1, p.133-154, abr. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n1p133>.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. 176 p.

_____. **Elogio da lentidão**. Folha de São Paulo, São Paulo, 11 mar. 2001.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, v. 28, p. 19-54, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 362 p.

SILVA, João P. G. **As políticas públicas de Planejamento e o Desenvolvimento Urbano de Uberlândia (MG)**. 2014. 161 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Geografia, UFU: Uberlândia, 2014.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Uberlândia: Da Boca do Sertão à Cidade Jardim. **Sociedade e Natureza**. Uberlândia, ano 9, n. 18, p. 95-104, jul./dez. 1997.

STEINEN, Karl von Den. **Entre os aborígenes do Brasil Central**. São Paulo: Departamento de Cultura, 1940. 713 p. Prefácio de Herbert Baldus e Tradução de Egon Schaden. Separata renumerada da Revista do Arquivo n. XXXIV e LVIII.

TAMASHIRO, Dustin. **Coming Out**. 2014. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20141019231535/http://www.glbtc.com/social-sciences/coming_out_ssh.html>. Acesso em: 14 jul. 2019.

TRAVESTIS-PROSTITUTAS têm clientela de alto nível. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, mar. 1990.

TREVISAN, João Silvério. Dois travestis, uma advogada: três depoimentos vivos sobre o sufoco. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, p. 7-9. jan. 1980.

_____. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade**. 4. ed. São Paulo: Objetiva, 2018. 552 p. Inclui bibliografia. ISBN 978-8547000653.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe**, [s.l.], n. 11, p.1-13, 1 dez. 2012. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/pontourbe.300>.

VENTURI, Robert; BROWN, Denise Scott; IZENOUR, Steven. **Aprendendo com Las Vegas**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. 219 p.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, c2001. 373 p., il. Inclui bibliografia. ISBN 8585445750.

Apêndices

A entrevista com os designers do estúdio Farândola ocorreu no dia 16 de maio de 2018 em Uberlândia, de forma presencial. O registro oral foi feito pelo autor e redigido a seguir. No dia 26 do mesmo mês a mesma entrevista foi aplicada ao designer Márlon Carneiro, dessa vez de forma escrita, para reiterar e cruzar os pensamentos do estúdio sobre as questões abordadas. Segue em ordem, a entrevista oral e depois, a escrita.

1.1 Entrevista Oral - Estúdio Farândola

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUeD - UFU Uberlândia. 16 de maio de 2018.

Nome: Márlon Carneiro

Nome: Guilherme Silva Batista

Idade: 29

Idade: 27

Profissão: Designer gráfico e ilustrador

Profissão: Designer gráfico e ilustrador

1. Há quanto tempo existe o Estúdio Farândola e como ele surgiu?

R: O estúdio existe a 6 anos e surgiu da iniciativa de três amigos que trabalhavam separadamente para diferentes agências e resolveram concentrar o trabalho em um estúdio de ilustração.

2. Qual o perfil do cliente de vocês?

R: O cliente do Farândola é um cliente jovem, que tem contato com a cultura pop, com o não-tradicional, o colorido, com a internet e memes, seja na publicidade como clubes, festas de república, ou por festivais de música alternativa como o Festival Timbre e o Mineiro Beat. Mas também abrange diferentes categorias e pessoas diferentes, como um “encontro de violeiros” por exemplo. O fato de a diversidade ser nicho de mercado na contemporaneidade auxilia para que mais de um público procure o estúdio, pela utilização de material não convencional e colorido.

3. Vocês consideram que a marca de vocês está relacionada a um consumo ou imagem LGBT? E se sim, conscientemente?

R: O trabalho do escritório está muito relacionado a uma imagem não-tradicional, fora do convencional. Por esse motivo grande parte da clientela é do público LGBT. O estúdio mais preza pela diversidade e uma mensagem de igualdade que levanta bandeiras restritas às causas LGBT. O Farândola desde seu início teve integrantes gays, e se deparou logo após mudar para a segunda sede do escritório, com um ato de depredação na fachada do edifício, contendo utilização de linguagem baixa para uma tentativa de reprimir o estúdio por meio da sexualidade. Os integrantes então decidiram pintar de vez a fachada com o uso marcante de cores, o que deu início ao trabalho dos murais e fachadas pintadas que hoje são grande parte do serviço do escritório.

4. Quando começou a relação do Farândola com os clubes LGBTs em Uberlândia?

R: A relação dos clubes começou desde o início. Os integrantes frequentavam os lugares, tiveram participação na criação da marca do Clube 185 e fizeram os primeiros trabalhos de comunicação visual de eventos para o 185, com a impressão de flyers, em uma arte de formato diferente do atual, e posteriormente da criação da imagem e divulgação dos trabalhos do Clube Belgrano.

5. Na sua experiência, como vocês consideram o apelo da publicidade para os clubes LGBTs de Uberlândia hoje em dia?

R: Há relativamente pouco apelo para a publicidade nos clubes LGBTs em Uberlândia atualmente. Poucos clubes como 185 ou Belgrano se utilizam de profissionais de uma comunicação visual mais complexa para a sua divulgação. Quando existe, a abordagem é muito relacionada a uma “cultura pop”, instantânea, da internet, com o uso de “memes”. A produção de publicidade para as boates é feita semanalmente, muitas vezes relacionando conteúdos que aparecem em destaque na internet e na cultura pop na semana anterior.

6. Existe para vocês uma relação entre comunicação visual e arquitetura? Como isso acontece no trabalho de vocês?

R: A comunicação visual, no caso das pinturas nas fachadas são uma forma de grito dos edifícios para serem notados. Os clientes que procuram os trabalhos de mural geralmente precisam de dar destaque a seus edifícios, muitas vezes degradados, e não dispõem de recursos para um trabalho mais complexo em arquitetura. A identidade e comunicação visual então agem como uma maquiagem para o edifício, escondendo as paredes infiltradas ou mal rebocadas. Os trabalhos de murais, sejam internos ou externos também, sugerem um público ou clientes jovens.

7. Para vocês espaço interfere na comunicação, ou a comunicação visual interfere no espaço?

R: A comunicação divide as pessoas, cria “público-alvo”, enquanto a arquitetura tem o poder de unir, já que o espaço é utilizado para todos. Porém a arquitetura por si só não tem capacidade de passar mensagens explícitas como a comunicação. Com os murais é possível estampar prédios com mensagens específicas, que caibam a públicos específicos, existindo ainda a possibilidade de reinventar o mural e com ele, a mensagem contida. Os espaços minimalistas que hoje estão em moda na arquitetura podem tender a ser impessoais e sua utilização em massa, com o cimento queimado e às vezes um jardim vertical, faz o conceito virar *mainstream*.

8. Para vocês como a arquitetura desses clubes modifica ou interfere em suas utilizações, intervenções ou ocupações?

R: A forma como as boates de hoje funciona são como caixotes pretos fechados. Mesmo sendo pequenos e abafados, o público aparece pela música e pela bebida. É justamente o fato de serem esses simulacros que permitem a utilização de pessoas do meio LGBT. A arquitetura desses lugares geralmente são como a própria sociedade impõe como postura aos gays: por fora são discretos, sem detalhes ou decoração, enquanto por dentro bem decorados ou irreverentes. Há, porém, algumas novas abordagens, como no clube Belgrano, onde o fumódromo é na rua, e o sistema de controle da casa é feito por pulseiras que te permitem transitar de dentro para fora do clube. Esse artifício faz com que o espaço das ruas se torne a balada. Durante determinado tempo a própria rua é utilizada por pessoas que estão na boate ou fora delas, criando uma relação espacial diferente do caixote preto fechado. Isso traz prós e contras. O contato com ambientes externos faz com que mais pessoas possam aproveitar do espaço das boates com conforto, sem precisamente estarem confinados, fazendo-os “sair da bolha de convívio”, embora pela rua ser pública, a própria parcela que frequenta os clubes está vulnerável pelo que acontece nela, e por quem nela passa. Achamos que essa situação das boates saírem do caixote e irem para o espaço aberto é o que irá acontecer, e caso se popularize talvez criem mais espaços de conforto e segurança para as pessoas da boate na rua.

9. A comunicação visual produzida por vocês para os clubes se destina a alguma faixa etária - grupo social - gênero específicos?

R: É possível perceber que os clubes que se utilizam da comunicação visual que oferecemos vem de jovens empresários que trabalham para sua faixa etária (dos 18 a 30 anos aproximadamente). É importante notar também que no caso das boates LGBT, o apelo é muito maior para o público gay masculino e que apesar de alguns clubes como o Belgrano possuírem eventos focados para o público gay feminino, ainda há uma grande parcela de pessoas não contempladas no que é considerado LGBT. Através do trabalho com Pablo Vittar (direção de arte do clipe Todo Dia, por exemplo) o estúdio teve mais contato com o mundo drag e suas peculiaridades e performatividades.

10. Como a imagem ou comunicação visual pode contribuir para uma cidade mais igualitária?

R: A comunicação é um meio de expressão que pode ser utilizado para passar mensagens. Se há a possibilidade de utilizar de um letreiro de LED de 4x3m como um flyer, porque não uma fachada, porque não em cores de tom forte e conteúdo alegre, pop? Quanto mais a comunicação aborda a diversidade e não se segrega em públicos diferentes, mais se agrega as pessoas e se ganha para a sociedade.

11. Como a arquitetura e urbanismo pode contribuir para uma cidade mais igualitária?

R: A arquitetura pode contribuir com uma cidade mais igualitária quebrando os muros, fazendo com que a rua seja um espaço habitado, por pessoas diferentes, sem rótulos, que deixem de existir cada vez menos apenas caixotes escuros e surjam bares em que o contato com a rua é intenso, como é o caso do Banca.

12. Seria o espaço ao ar livre, da rua, da fachada pintada do clube e dentro dele, com os lambes-lambes, um espaço de museu revisitado?

R: Seria ótimo. No começo de nosso trabalho as comunicações que criamos tinham formato para a impressão de pôsteres, em tamanho grande e artes mais complexas para a decoração dos clubes. Atualmente, com a internet e os públicos desses lugares já definidos, as imagens utilizadas como comunicação são espalhadas apenas virtualmente, em formatos diferentes e artes mais rápidas produzidas semanalmente. As próprias fachadas são elementos de reconhecimento muito mais para os próprios frequentadores que objetos de exposição na rua, embora esse seja um bom discurso.

13. Gostariam de acrescentar alguma coisa?

R: É importante ressaltar que o uso da cor é algo vivo e que destoa tanto em comunicação quanto arquitetura. É preciso dar destaque para os espaços e para a arte não convencional. É preciso fazer com que cidades que tem apego pelo tradicional como Uberlândia possam cada vez mais ter produções alternativas como o caso do Estúdio Farândola.

1.2 Entrevista Escrita - Estúdio Farândola

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUeD - UFU Uberlândia. 26

de maio de 2018.

Nome Completo: Márlon Carneiro

Idade: 29

Profissão: Designer gráfico e ilustrador

01. Há quanto tempo existe o Estúdio Farândola e como ele surgiu?

R: O estúdio surgiu em 2012 logo após nos formarmos na faculdade. Eu, Guilherme e o Aion estudávamos juntos nos últimos anos e já participávamos de alguns projetos juntos. O Aion e o Gui já eram freelancers e atendiam várias empresas, principalmente agências de publicidade. A decisão surgiu numa conversa em um café. A ideia era reunir todos esses clientes que os meninos já tinham para começar. Eu trabalhava em uma agência especializada em TI e produção online. Pedi demissão e entrei nessa aventura.

02. Qual o perfil do cliente de vocês?

R: Nunca traçamos exatamente esse perfil. Mas acredito que atendemos em grande parte agências de publicidade que buscam principalmente ilustração, que é nosso foco. Além disso, temos uma procura grande por criação de identidade visual, principalmente por pessoas mais jovens abrindo seu próprio negócio. Se fosse para estimar em faixa etária, acredito que seria em torno dos 20-35.

03. Vocês consideram que a marca de vocês está relacionada a um consumo ou imagem LGBT? E se sim, conscientemente?

R: Atualmente, pelo tempo que estamos no mercado, acredito que as pessoas nos associam sim mais conscientemente à uma imagem LGBT, porque nunca escondemos isso. Mas ao mesmo tempo o estúdio não foi criado com essa intenção especificamente. Já tivemos pessoas hetero trabalhando conosco e isso nunca influenciou negativamente nosso trabalho. Se somos todos gays no estúdio, acredito que foi por afinidade ou mero acaso, apesar de que hoje temos uma consciência maior de que daremos preferência para artistas LGBT ou mulheres, mas isso não é uma regra fechada.

Nossos clientes são muito variados, alguns vão especificamente nos procurar por sermos LGBT, mas a maioria não. O estilo de ilustração do estúdio é o principal motivo da procura, ainda.

Em 2014 a fachada do estúdio foi vandalizada com pichações claramente homofóbicas e direcionadas pra gente. Não foi aleatório e até hoje não sabemos quem ou o porquê, até mesmo porque nunca foi um estúdio ativista por assim dizer (não por não acreditar no ativismo, mas até então não éramos tão maduros nesse sentido). Esse episódio teve um lado positivo pelo menos: por termos que repintar a fachada, isso despertou nosso interesse em trabalhar com tinta e spray, e hoje, esse é um dos nossos principais ramos de atuação.

04. Quando começou a relação do Farândola com os clubes LGBTs em Uberlândia?

R: Nós éramos frequentadores dos clubes, até antes mesmo de serem especificamente LGBT, então acabamos conhecendo os futuros donos. O Guilherme já trabalhava desde o início da comunicação do 185 que foi a plataforma principal para o estúdio, pois criávamos os flyers ilustrados das festas semanais. Naquela época foi uma novidade, tanto pelo formato ilustrado, quanto pela qualidade gráfica. E nós gostamos muito de criar para evento, ou seja, a “fórmula do sucesso”. Com a boa recepção dos flyers pelo público e pelos donos das baladas logo foram aparecendo outros clientes do mesmo perfil, principalmente pela rede de amigos que essas pessoas tinham. Atendemos outras casas e festas aqui em Uberlândia e outras cidades do Brasil. Hoje, de clube, estamos apenas com o Belgrano.

05. Na sua experiência, como vocês consideram o apelo da publicidade para os clubes LGBTs de Uberlândia hoje em dia?

R: Acho que as casas em Uberlândia têm uma comunicação bem atrelada ao público que frequenta. 185, 110 e Belgrano apelam mais para uma cultura pop jovem que consome divas pop, funk e bastante internet. As demais, pelo pouco que sei, já tem um apelo mais eletrônico, mais "sóbrio" e, na minha visão, "tradicional" pois ainda mantém um estilo gráfico de 15-10 anos atrás, que destaca o DJ e geralmente tem um apelo mais sexy, enquanto as baladas mais jovens abusam de memes e etc.

Sem dúvidas, a internet é o principal meio de divulgação dessas casas, por isso as peças acabam se adaptando aos formatos das redes sociais. Não vejo muitos lugares atualmente que trabalham com pôsteres impressos, por exemplo.

06. Existe para vocês uma relação entre comunicação visual e arquitetura? Como isso acontece no trabalho de vocês?

R: Com certeza. Não tenho muitos conceitos para discutir isso do ponto de vista da arquitetura, mas, no nosso caso que trabalhamos com fachadas, o espaço público para a ser nossa "tela". Saímos um pouco do computador e nosso trabalho acaba tendo mais visibilidade também, principalmente quando são paredes externas. Apesar de nossos trampos serem mais comerciais, eles também identificam um local ou passam uma mensagem (mesmo q essa mensagem tenha passado pelo crivo de cliente anteriormente).

07. Para vocês o espaço interfere na comunicação, ou a comunicação visual interfere no espaço?

R: Acho que é uma relação mútua. O espaço por si também comunica e nosso trabalho complementa uma ideia, conceito, mensagem. Quando pensamos em uma parede, temos que pensar muito no espaço em volta, no público que vai visualizar aquele trabalho, no cliente. São várias camadas de significado. E claro, a comunicação também interfere em um espaço. Uma parede vazia comunica bem menos que um mural e acho que é esse o motivo que os clientes nos procuram, ou seja, buscam ressignificar um espaço, seja para atrair mais clientes ou para deixar uma sala de funcionários mais descontraída.

08. Para vocês como a arquitetura desses clubes modifica ou interfere na sua utilização, intervenção ou ocupação?

R: Sim. Os clubes em Uberlândia hoje têm essa coisa do "caixote" né, um quadrado pequeno para dançar. Isso acho que tá ligado um pouco com o próprio público desses lugares (pensando em 185 e Bel), ou seja, jovens nos seus 20 anos querendo gastar pouco e dançar a noite toda. A estrutura tendo o mínimo de organização, estética e preço bom é o suficiente para esse pessoal, não penso que são exigentes. O bel se diferencia pelo fato de você poder sair para a rua, isso é bom pois você tem mais liberdade, caso se canse da música, queira fumar, etc. E isso criou um ambiente novo na

rua, pois as pessoas se encontram e ficam por lá mesmo que não tenham entrado na balada. Com seus perigos à parte, porque a rua é movimentada de automóveis, é interessante explorar essa liberdade.

09. A comunicação visual produzida por vocês para os clubes se destina a alguma faixa etária - grupo social - gênero específicos?

R: Sim. Essas casas possuem públicos mais jovens (arrisco dizer 20-30 anos) e pessoas que estão conectadas com cultura pop e internet. Isso porque as casas sempre exploram lançamentos musicais recentes, memes, etc. Tanto nos temas das festas, como na comunicação. E, também por uma característica do estúdio, abusamos das ilustrações e cores, para chamar atenção e ao mesmo tempo diferenciar uma festa da outra.

10. Como a imagem ou comunicação visual pode contribuir para uma cidade mais igualitária?

R: Muito ampla essa questão. Mas pensando pelo viés LGBT eu acredito que é possível educar e também entreter com o uso desses flyers, pôsteres, murais, etc. Um mural colorido na porta de uma balada gay é uma forma de mostrar que estamos nos espaços públicos também. Flyers de festa podem ser uma crítica social também. Enfim, é um assunto bem amplo.

11. Como a arquitetura e urbanismo pode contribuir para uma cidade mais igualitária?

R: Penso que reunindo diferentes tipos de pessoas em um mesmo local. Permitir a circulação de pessoas com segurança e que elas possam trocar experiências diferentes naquele local. Nesse caso eu penso que também é muito importante ações políticas que viabilizem o uso desses espaços.

12. Seria o espaço ao ar livre, da rua, da fachada pintada do clube e dentro dele, com os lambes, um espaço de museu revisitado?

R: Sim, são ótimos exemplos. Acho que é importante tirar também esse véu de intocabilidade que alguns espaços tendem a passar a outras pessoas, como por exemplo os museus. Criar formas q isso seja claramente acessível, daí é um trabalho conjunto entre comunicação e arquitetura e urbanismo.

1.3 Levantamento de Dados – Aplicativo *Grindr*

O *Grindr* foi escolhido para realizar a amostra por ser, além do primeiro aplicativo do tipo a utilizar de informações georreferenciadas para a localização de corpos *queer* ao redor de um *smartphone*, também o mais utilizado para “conectar pessoas gays, bi, trans e *queer* no mundo inteiro” (GRINDR, 2019), atualmente com mais de dez milhões de usuários em todo o mundo (JAQUES, 2017). A coleta de dados foi realizada na Praça do Rosário em uma sexta-feira, no período noturno, entre 22:00h e 23:00h, para que pudesse ser realizada uma análise concomitante ao funcionamento dos clubes aqui estudados.

Fotos de Rosto	
Não	61,96%
Sim	38,04%
Total Geral	100,00%

Altura e Peso	
Não	35
Sim	57
Total Geral	92

Garotos de Programa	
Não	89
Sim	3
Total Geral	92

Estado Civil	
Exclusivo	1
N/A	62
Solteiro	29
Total Geral	92

Idade	
18 a 25	29
26 a 35	21
36 a 45	3
46+	1
N/A	38
Total Geral	92

Etnias	
Branco	18
Índio	1
Latino	5
Mestiço	6
N/A	59
Negro	3
Total Geral	92

Portes Físicos	
Comum	19
Grande	6

Solicita Sigilo	
Não	85
Sim	7
Total Geral	92

Solicita Foto	
Não	70
Sim	22
Total Geral	92

Tem Local	
N/A	85
Não	1
Sim	6
Total Geral	92

Status de HIV	
N/A	65
Negativo	24
Negativo, usando PreP	3
Total Geral	92

Gêneros	
Homem	18
Homem Cis	6
Mulher Trans	1
N/A	67
Total Geral	92

Busca (%)	
Agora	23,91
Amigos	22,83
Contatos	18,48
Conversa	30,43
Encontros	31,52
Relacionamento	16,30
N/A	54,35
Total Geral	92

Posição Sexual	
Ativo	13
N/A	51

Magro	11
Musculoso	1
N/A	47
Torneado	8
Total Geral	92

Passivo	6
Versátil	8
Versátil Ativo	7
Versátil Passivo	7
Total Geral	92

Tribo	
Discreto	12
Garotos	6
Malhadinho	2
N/A	65
Nerd	3
Papai	1
Sóbrio	1
Urso	1
Urso/Nerd	1
Total Geral	92

